

BRIEF
DPB
0001357

ALBANO BELLINO

ARCHEOLOGIA CHRISTÃ



Egreja de S. Miguel do Castello (Guimarães), onde foi baptisado el-rei D. Affonso Henriques fundador da monarchia portugueza

LISBOA
EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL
Sociedade editora

LIVRARIA MODERNA — *95, Rua Augusta, 95* || TYPOGRAPHIA — *35, Rua Ivens, 37.*

MDCCCC

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/archeologiachri00bell

ALBANO BELLINO

Archeologia Christã

DESCRIPÇÃO HISTORICA DE TODAS AS EGREJAS,
CAPELLAS, ORATORIOS, CRUZEIROS E OUTROS MONUMENTOS
DE BRAGA E GUIMARÃES

PUBLICAÇÃO COMMEMORATIVA
DO JUBILEU UNIVERSAL DO ANNO SANTO

ILLUSTRADA COM 66 PHOTOGRAVURAS
DOS MONUMENTOS RELIGIOSOS MAIS NOTAVEIS
DAS DUAS CIDADES DO MINHO



LISBOA
EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL
Sociedade editora

LIVRARIA MODERNA — 95, *Rua Augusta*, 95
TYPOGRAPHIA — 35, *Rua Ivens*, 37

MDCCCC

DO MESMO AUCTOR

INSCRIPÇÕES E LETTREIROS da cidade de Braga e algumas freguezias ruraes. *Typ. Occidental, Porto.*

INSCRIPÇÕES ROMANAS ineditas de Braga. *Typ. Lusitana, Braga.*

DISCURSO proferido no Atheneu Commercial de Braga. *Imprensa Henriquina, Braga.*

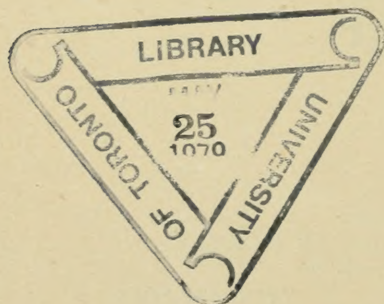
AQUI (versos). *Typ. Silva Caldas, Guimarães.*

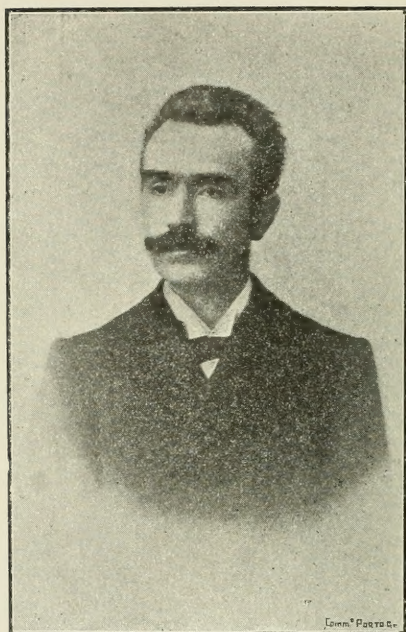
NOVAS INSCRIPÇÕES ROMANAS ineditas, de Braga. *Typ. Lusitana, Braga.*

CARTAS sobre epigraphia romana. *Typ. Lusitana, Braga.*

QUESTIONARIO ARCHEOLOGICO. *Imprensa Henriquina, Braga.*

CATALOGO das moedas romanas, celtiberas e wisigothicas, pertencentes á Sociedade Martins Sarmento. *Typ. A. J. da Silva Teixeira, Porto.*





Albano Bellino

AO

Instituto de Coimbra

Offerece grato

O Auctor

ADVERTENCIA

> Descends du haut des cieux, auguste verité
> ....
> *Henriade,* chant I.



o segundo Congresso Internacional de Archeologia Christã, realisado em Roma desde 17 a 25 de abril findo, sob a presidencia de Mgr. Duschene, obtive inesperado incentivo para dar publicidade a este meu trabalho commemorativo do Jubileu Universal do Anno Santo, ultimo do seculo XIX, proclamado pelo incomparavel Pontifice Leão XIII (Joaquim Pécci), o diplomata distincto, o santo e sabio Chefe da Egreja Universal, tão justamente considerado a mais lidima gloria do Pontificado Romano!

Quando ha annos a imprensa portugueza, sem distincção de crenças partidarias, o saudava por mais uma vez empregar em favor da fraternidade humana toda a força moral de que dispõe, dizia o *Jornal de Lisboa:* «Na sua mão de octogenario brilha o diamante do annel de S. Pedro com uma intensidade que illumina todo o mundo!». E' que em todo o mundo os louvores tributados ao venerando velhinho despertam enthusiasmos, mesmo entre aquelles a quem por vezes terá repetido as palavras do seu pre-

decessor Alexandre III dirigidas a Frederico Barbaroxa, imperador da Allemanha, para lhes assegurar que tentam em vão destruir a barca de Pedro, pois não sossobrará ao impulso do vento rijo que de contínuo a persegue:

«Niteris in cassum navem dissolvere Petri :
Fluctuat; ast nunquam mergitur illa ratis».

N'estas breves palavras quero que fique exarado o testemunho da minha admiração pelo actual representante de Jesus Christo na terra.

*

Para que geralmente se reconheça a utilidade d'este trabalho historico, unico no genero, nada mais será mister que a sua leitura attenta.

Vale muito, muitissimo, a critica auctorisada, imparcial e justa, por semelhar a luz que alumia e não queima; e tambem não vale pouco a verrina da mediocridade invejosa que denuncia o merecimento alheio e diverte a populaça avida de distracções banaes. Portanto prometto nada oppor aos desfavoraveis conceitos que se façam do presente livro, salvo se houver de contestar affirmações inexactas.

Não conseguirá deleitar pelo aprimorado do estylo, porque á sua elaboração presidiu especialmente o desejo de o tornar instructivo pelos factos e reflexões que apresenta, mas provará á saciedade que trabalhei com extrema dedicação, com desusado esforço para, como nos demais estudos que até hoje tenho dado á estampa, fornecer aos curiosos da especialidade a citação de factos ineditos, ou quasi de todo ignorados, não lhes occultando nem pervertendo a verdade, que *la verita xe una sola*, diz o proverbio veneziano, e esta, na opinião do escriptor inglez Goldsmith, impõe á Historia o dever de delinear egualmente o justo e o injusto.

Todos os que se interessam a serio pelas cousas do passado

affirmam, e com razão, que nem sempre o estudioso de gabinete lhes conquista o agrado em seus trabalhos historicos, não obstante serem estes por vezes considerados primorosos na fórma; por isso eu procuro proporcionar-lhes apreciaveis elementos de estudo, apresentando aqui numerosas photogravuras dos principaes monumentos de que me occupo e o resultado das minhas investigações que mais connexão têem com o assumpto.

As referencias historicas illucidativas dos muitos monumentos sagrados de importancia archeologica ou artistica — pregoeiros da crença das gerações extinctas — e ainda dos seculos a que cada um pertence, foram colhidas de preferencia nas obras dos escriptores catholicos mais considerados, como Josephi Binghami *(Origines sive Antiquitates Ecclesiasticae)*, e do Abbade Ducreux, conego da egreja de Auxerre, a quem Pio VI enviou um Breve de approvação á sua preciosa *Historia do Christianismo*, que mais que nenhuma outra consultei.

D'esse Breve, dado em Roma a 27 de setembro de 1775, recortarei o seguinte:

«Tum ex ipsa operis fronte, cum ex iisdem tuis litteris perspicué profecto cognovimus quam praeclarum consilium tuum fuerit suscipiendae Christianorum rerum enarrationis, quaque institeris viã, ut omnia aptē dilucidèque, ac ex Historiae legibus nativo colore describeres et quae corrupta ac temerata recentiorum Auctorum audacia ac fraude fuerant, ad purissimos originis fontes, ac ad veritatis suae speciem revocares.»

Norteado por estas palavras de Pio VI a proposito da carta e plano da obra de Ducreux, egualmente procurei caminho seguro para referenciar varios successos com exactidão e clareza, *pintal-os com as suas côres naturaes e restabelecer, recorrendo ás fontes mais puras, muitas verdades historicas.*

Foi este o unico fim que tive em vista quando no decurso d'este meu trabalho citei varias passagens da Historia, pouco ou nada edificantes. Ninguem de são criterio poderá pôr em duvida o bem que resulta do confronto dos actos bons e maus para podermos abraçar contentes a causa da virtude e da fé, embora

repellindo com energia abusos e incoherencias de quem por dever a defende. «Da confusa amalgama de bem e mal, de justos e precitos, sae mais radiosa a gloria divina.»

Os synchronismos que dou de cada seculo tendem a esclarecer o leitor sobre algumas occorrencias mais notaveis e sobre o caracter dominante de cada epocha para mais facilmente determinar os costumes.

Sem prejuiso do titulo d'esta obra faço, nos logares competentes, levissima referencia aos monumentos profanos e a tudo quanto numa e noutra cidade possa chamar a attenção do visitante curioso.

Este livro deve portanto offerecer vantagens como guia de quem se proponha examinar de perto o que nos resta de passadas glorias.

Interessei-me quanto pude por evitar omissões de egrejas, capellas, oratorios, cruzeiros e outros monumentos de arte christã pertencentes ás duas cidades do Minho — Braga e Guimarães. De tudo o que existe dou aqui noticia historica desenvolvida e conscienciosa.

Das freguezias ruraes dos dois concelhos vão os oragos em grupos. As egrejas e capellas, na sua maxima parte, são destituidas de merecimento architectonico ou archeologico.

*

Termino com este os meus trabalhos do seculo que expira e que me lega recordações muito gratas: deu-me o berço risonho e enflorou quasi continuamente a minha adolescencia.

O que nasce recebe-me desde pouco mais de meado do quinto periodo da edade adulta e, sem o minimo respeito por esta que é já trinta e oito vezes superior á d'elle, apresenta-me a sepultura para onde, d'aqui a minutos, horas, dias, mezes ou annos, poderei ser levado, como diria Victor Hugo, pela onda que passa, pelo vento que sopra, pela pedra que róla, pela hora que sôa.

Embora! Não devo querer-lhe mal por me *notificar* o predominio que tem n'este enygma — a vida. E para que o porvir, longo

ou breve, seja para mim ditoso, clamarei com Leão XIII na sua bella ode ao seculo que nasce: — Jesus, arbitro do futuro, sorri ao novo curso da edade que surge!

«Jesu, futuri temporis arbiter,
«Surgentis aevis cursibus annue».

Depois forcejarei por continuar a colher os fructos da paz da consciencia para que esta alma, solta dos laços terrenos, vôe ao seio do Eterno abençoada por quantos me comprehendem ou sabem que espero e confio na productibilidade da sementeira do bem.

«Quae enim seminaverit homo, haec et metet.»

31 de dezembro de 1900
Remate do seculo XIX

ALBANO BELLINO.

Se tornar-se christão póde este mundo
Sem que milagre houvesse que o movesse,
Não conheço milagre mais profundo

DANTE (*Trad. do C. de S.*)

DATA da origem da humanidade a crença na vida futura. O homem primitivo, dando largas ao natural desejo de investigar, progredir e viver feliz, foi levado a concebel-a pelos multiplos phenomenos de que a natureza o cercava, e os quaes elle instinctivamente attribuia a um ente desconhecido que lhe inspirava respeito e adoração. Era a primeira religião com seus mysterios, base de todas as religões do mundo!

N'esses periodos — paleolithico e neolithico — existiu em primeiro logar o culto fervoroso do sol e da lua, (SOLI . ET . LVNAE, ou, como se lê na inscripção de Melide (Collares): SOLI . AETERNO LVNAE); o dos animaes, e ainda o dos mortos queridos (necro latria), prestando-se a estes todas as honras funebres, e dando-se-lhes condigna sepultura para que de modo algum lhes faltasse o ambicionado repouso.

Era então ponto de fé que a sagrada trepanação, *ante* ou *post mortem,* expulsava do enfermo os maus espiritos, a que se attribuia a morte, ou facilitava a entrada da alma no corpo; que depois d'este havia um outro mundo onde os que partiam encontravam uma vida egual á que deixavam ou quiçá melhor, e que na sepultura, junto do cadaver, deviam ser depostas offerendas para que o extincto protegesse ou não vexasse os vivos! As offerendas

juntavam-se utensilios e armas, todos os objectos de que o morto mais necessitava para a continuação do seu mister n'aquelle outro mundo feliz! *(Rel. na Lus. por J. L. de Vasconcellos).*

Entre as muitas superstições curiosas, que a idolatria inalteravelmente manteve, encontramos as familias e as tribus a venerarem, como deuses protectores, as almas boas dos seus antepassados.

Originaria da Grecia, a religião polytheista, esplendorosa no culto, divertida e tolerante, conquistou sem custo o agrado do povo-rei, esse grande povo que nenhum outro excedeu ou excederá jámais na civilisação material e na riqueza, como ainda hoje por toda a parte o demonstram numerosos vestigios d'esses tempos.

O Capitolio em Roma e o Templo de Serapis no Egypto sobresaiam pela sua magnificencia aos demais Templos pagãos. Entre nós tambem os romanos, que no anno de 51 antes da nossa era, mais de dois seculos depois de entrarem na Hispania, dominaram a Lusitania, erigiram aos seus deuses muitos Templos de que nos dão noticia authentica as inscripções lapidares. Em Evora ainda agora podem ser admirados estes restos venerandos que em 1860 se encontravam profanados por uma construcção ameiada, assente sobre as columnas corinthias, provavelmente desde o seculo XV. *(Vidé gravura a pag. 3.)*

Artemidoro, geographo grego, estuda então no Promontorio Sagrado os costumes religiosos dos barbaros e os seus ritos — Gaulezes, Germanos e Celtas — que os romanos baniram por completo depois de livremente os permittirem aos povos que conquistavam.

Os judeus professavam grande aversão aos idolos, porque esta religião contrariava em absoluto as doutrinas moraes do Antigo Testamento e todos os actos do culto prescriptos pelo proprio Deus verdadeiro, os quaes podem ser encontrados desde o Genesis ao livro II dos Machabeus.

Micheas, o sexto dos doze prophetas menores, vaticinou o nascimento do Messias em Bethlem quando ainda a religião polytheista possuia, com seus altares e sacerdotes, Templos magestosos consagrados ás divindades pagãs que só na ordem inferior attingiam o numero de vinte mil, segundo Doëllinger, auctor das *Origens do Christianismo.*

Isaias, um dos quatro prophetas maiores, predisse que Jesus nasceria d'uma Virgem: «*Ecce virgo concipiet, et pariet Filium, et vocabitur nomen ejus Emmanuel*».

Tudo isto se realisou.

Esse fulgente sol que despontára alfim n'um pobrissimo esta-



Templo de Diana

bulo de Bethlem, dissipou por completo as trevas do paganismo [1]; e a humanidade soffredora anteviu na vinda do Messias o termo de todas as vexações a que a reduzira a fereza dos potentados, porque n'aquelle tempo predominava a tyrannia dos soberanos sobre a humildade dos vassallos, a oppressão dos poderosos sobre os fracos, a ambição desmedida, a corrupção da virtude e da justiça, tudo quanto o christianismo condemnou, estabelecendo de vez os meios conducentes á verdadeira felicidade humana.

A humanidade curva-se na presença do grande Apostolo, ouve-o enlevada pela simplicidade das suas parabolas, pela sublimidade da sua doutrina, pela bondade da sua moral; acclama-o propheta e rei; e, embora alguns homens o declarem embusteiro e amotinador do povo, levando-o por isso ao supplicio dos escravos, a mesma humanidade guarda as suas doutrinas em que encontra a objectivação da verdade e da justiça, e adora a cruz, onde vê o labaro santo da paz e do amor [2].

---

[1] Affirma Mosheim que os primeiros christãos não conservaram a memoria do nascimento de Christo; santificavam apenas a sua resurreição e a descida do Espirito Santo no pentecostes. E de facto só em 532 é que um monge de reduzida estatura — *Dyonisius Exiguus*, — pertencente á egreja romana, e natural da Scithia, fixou o dia 25 de dezembro do anno de Roma 753. Vejamos, porém, como os differentes auctores divergem n'esta materia.

Clemente de Alexandria dá-nos o Natal em maio; Euzebio e Santo Epiphanio no dia 6 de janeiro de 42. Outros crêem que no calculo de Dyonisio Exiguo se commetteu um erro de 4 annos, verificado pela data do fallecimento de Herodes, conhecida com exactidão chronologica, devendo portanto admittir-se que Jesus Christo nasceu em 749 e morreu aos 36 annos de edade. Cesar Cantu quer que a era vulgar seja contada do anno 747 de Roma, 40 da era Juliana, 39 do reinado de Augusto, 25 depois da batalha de Accio, 35 do reinado de Herodes na Judéa, sendo consules em Roma Caio Antistio Veter e Decimo Lelio Balbo. Dá portanto um atrazo de 5 annos, 9 mezes e 7 dias.

Calmet e Jansens notam a differença de 5 annos e 6 dias. Tertuliano e Santo Ireneu citam o anno 41 do reinado de Augusto. Dannemayr nota uma differença de 4 annos.

Domingos Magnan, no seu *Problema de anno nativitatis Christi*, Roma 1772, encontra a differença de 8 annos. Alzog citando S. Lucas:

«Anno quinto decimo imperii Tiberii Caezaris, procurante Pontio Pilato Judæam, tetrarcha autem Galilaeæ Herode (Antipas), Philippo autem fratre ejus tetrarcha Ituraeæ etc. sub principibus sacerdotum Anna et Caipha: factum est verbum Domini super Joannem, Zachariæ filium, in deserto. Et venit in omnem regionem Jordanis, prædicans baptismum pœnitentiae in remissionem peccatorum».

O anno 15 do reinado de Tiberio corresponde ao de 750. É portanto impossivel saber-se hoje ao certo o dia, mez e anno em que nasceu Jesus.

[2] Em Aquilla, cidade Italiana, foi achada no anno de 1820 a sentença de Poncio Pilatos condemnando Jesus Christo á morte. Estava dentro d'um vaso,

E, com effeito, a cruz que a morte do Salvador consagrára, não tardou a ser adorada por numerosos fieis que a faziam repetidas vezes com a mão direita sobre a testa e sobre o peito.

Funda-se a Egreja de Jesus Christo, e a mythologia pagã foi desde logo perdendo os seus melhores seguidores. Em Roma o christianismo recrutou os primeiros e mais dedicados adeptos entre a multidão enorme dos escravos e dos opprimidos, aos quaes o novo culto garantia a trilogia santa:—Liberdade, Egualdade, Fraternidade—, a rehabilitação, emfim, para uma vida independente e pacifica, inteiramente opposta á dos gladiadores que ainda mesmo nas proximidades da morte saudavam, por dever, no amphitheatro e no circo, o imperador tyranno:—*Ave Cæzar, morituri te salutant!*

Não mais se impacientariam os que aspiravam á classe dos libertos, horrorizados pela lei Sempronia que prescrevia a punição de uma familia escrava quando apenas um dos seus membros perpetrasse o crime.

Por isso até ao seculo III, em que a Egreja estabeleceu o *catechumenado*, a inscripção dos adeptos do christianismo no respectivo catalogo attingiu extraordinario desenvolvimento pela fa-

---

encerrada em caixa de ébano, e é gravada n'uma lamina com esta inscripção em hebreu:

EGVAL LAMINA FOI ENVIADA A CADA TRIBV

Conserva-se na capella de Caserta, Bispado de Napoles, o vaso e a sentença de que aqui dou copia:

«Ao decimo setimo anno do Imperio de Tiberio Cezar, e vigesimo quinto dia do mez de março, na cidade Santa de Jerusalem, sendo Annaz e Caifaz sacerdotes e sacrificadores do povo de Deus, Poncio Pilatos, governador da Baixa Galliléa, sentado na séde presidencial do Pretorio condemna a Jesus de Nazareth, a morrer n'uma cruz entre dois ladrões, visto que os grandes e notaveis testemunhos do povo dizem:

I.º Que Jesus é seductor; II.º Que é sedicioso; III.º Que é inimigo da lei; IV.º Que se diz falsamente filho de Deus; V.º Que se diz falsamente Rei de Israel; VI.º Que entrou no templo seguido de grande multidão e com palmas na mão. Ordena ao primeiro Centurião, Quirilio Cornelio, o conduza ao logar do supplicio. Prohibe a todas as pessoas, pobres ou ricas, que impeçam a morte de Jesus. Assignados como testemunhas, Daniel Robani, Phariseu, Thomaz Zorobatel, Raphael Robani, Capet.

Jesus sairá da cidade de Jerusalem pela porta Struenea».

Ha entre nós uma tradição curiosa que explica do seguinte modo a origem do antigo costume de se enfeitarem de flores e ramos, no dia 1.º de maio, as casas de habitação: Pilatos e Caifaz tendo sido avisados de que Jesus se escondia n'uma casa a cuja porta havia uma giesteira florida, enviaram de noite ao logar os soldados da Judéa com ordem de prenderem o Redemptor. A madrugada rompeu, e, á porta de todas as casas appareceu, por milagre, uma giesteria florida!

cilidade da operação que apenas consistia no baptismo a que se procedia em virtude de testemunharem publicamente as suas crenças. Para este e outros fins as reuniões tinham logar nas catacumbas onde se julgavam a coberto da perseguição inimiga.

Todavia a nova religião do crucificado teve de luctar com os poderosos elementos da civilisação antiga e com os preconceitos da religião preponderante.

Se exceptuarmos Gallieno (253-268) que permittiu por um edito o livre exercicio da religião aos christãos, entregando-lhes as egrejas e cemiterios, póde dizer-se que até ao reinado de Constantino Magno o fogo da perseguição não se extinguiu uma vez unica, embora o imperador Alexandre Severo, assassinado por Maximino, e depois d'elle Filippe, o Arabe, se lhes mostrassem extremamente benevolos. Os seus actos criminosos e a adhesão ao rito gentilico, não abonam o qualificativo de christão que a *Chronica de Euzebio* dispensa principalmente a Filippe, o Arabe, julgando-o o primeiro de todos: «*Philippus primus omnium ex romanis imperatoribus christianus fuit*».

É certo que o christianismo dilatou o seu imperio desde o fim do reinado de Septimio Severo (anno de 211) até esta data; mas nem por isso se póde crêr que os imperadores Caracalla e Geta, Macrino, e Heliogabalo, concorressem voluntariamente para os progressos da Egreja. Os christãos aproveitavam, como lhes cumpria, esses periodos de tempo que os imperadores destinavam á defeza dos interesses mais caros; mas, fechado que fosse o Templo de Jano, os furores da perseguição recrudesciam a ponto de se exigir a renovação do edito de Septimio para que as egrejas fossem immediatamente fechadas e destruidas. Não esfriavam, porém, os perseguidos e caminhavam cada vez mais alentados pela fé na defeza do ideal sublime. Oh! se a Egreja não fôra uma instituição divina e se a promessa de Jesus Christo «... *et portae inferi non prævalebunt adversus eam*» pudesse offerecer duvida, as luctas quasi sem treguas dos christãos com as differentes seitas nos primeiros seculos e ainda nos subsequentes, a simonia, a incontinencia, os desatinos emfim d'aquelles a quem foi confiada a defeza de quanto interessa ao Dogma e á Moral, todas essas innumeraveis desgraças teriam ha muito promovido a ruina do grandioso edificio que, a despeito das perseguições continuas, já transpoz incolume a longa serie de mil e novecentos annos.

Com effeito, não sómente os perseguidores da Egreja tentavam destruil-a; muitas vezes os mesmos, que deviam contribuir para a preservar de desordens disciplinares, eram, pelos esforços que empregavam para a destruir, argumento seguro da origem divina da instituição de Jesus e a prova provada da indefectibilidade d'aquellas palavras — *non vraevalebunt*.

A historia é e deve ser a narração fiel dos factos, não uma descripção apaixonada em que predominem as intenções reservadas. É por isso forçoso dizer-se que empregar meios illicitos para se levar a effeito a eleição do Papa João XII aos dezoito annos de edade e a de Bento IX aos doze, é descurar intencionalmente o bom governo da Egreja, ou antes, contribuir para o augmento dos seus revezes, que já então (955 e 1033) não eram poucos nem pequenos. As leis ecclesiasticas, não prevendo os desastrados effeitos de algumas determinações, auctorizaram meios de averiguação e repressão que accusavam restos bem evidentes da tyrannia pagã. Outra cousa não eram os *Ensaios,* que consistiam em levar aos logares celebres, pelos milagres, o accusado sem prova testemunhal, para alli prestar seu juramento; em conhecer pelo duello de que lado estava a justiça; em tomar na mão um ou mais ferros em braza e leval-os até certa distancia; em lançar a uma tina cheia de agua fria o individuo, completamente nú, com os pés e as mãos atados, reconhecendo-se-lhe a innocencia no caso de ir ao fundo; e finalmente em conservar-se o accusado de joelhos deante de uma cruz, com os braços estendidos, emquanto se celebrava o officio divino ou a resa do Psalterio.

Estes *Ensaios* tambem se denominavam *Juizo de Deus,* pela confiança que os julgadores depositavam no esclarecimento da verdade e da justiça por intervenção dos milagres. Felizmente o Papa Honorio III condemnou e prohibiu esta pratica originaria d'uma lei wisigotica.

No seculo XIII exerceu-se a repressão com um rigor de tal ordem, que os inimigos da Egreja encontraram n'essa medida uma arma de combate da qual jámais largam mão. Abalisados escriptores catholicos procuram justificar o estabelecimento do Tribunal da Inquisição, demonstrando a necessidade de então se recorrer a um remedio energico para ser applicado aos grandes males da epocha, por isso que se julgava inefficaz o esbulhamento dos dominios dos soberanos, protectores dos Albigenses, o incendio das cidades mais notaveis e o assassinato dos habitantes d'estas!

Como é sabido, estas medidas rigorosas tiveram o seu inicio no terceiro Concilio geral de Latrão, em 1179, devendo-se ao Papa Innocencio III a idéa da instituição do Tribunal, em que os Commissarios tinham por encargo descobrir os herejes «segundo a fama publica e denuncias particulares», para *obrigar* os infieis a receber o baptismo e os herejes ao regresso á Egreja! Estes actos violentos de desenterrar os herejes sepultados em sagrado, de lançar os vivos ao fogo, etc., provocaram a consternação e a revolta, a ponto de serem assassinados entre as maldições do povo os inquisidores e immediatamente suspensa a Inquisição.

O poder civil que, por permissão dos Papas, se ingeria em

assumptos disciplinares da Egreja, teve tambem grande quinhão nas responsabilidades d'estas scenas de tristissima memoria.

O Papa Lucio III, que em 1184 presidiu ao Concilio de Verona, reuniu n'aquella assembleia os dois poderes, ecclesiastico e civil, para accordarem no modo de ser fundado o Tribunal da Inquisição.

Annos depois pedia-se o restabelecimento da antiquissima lei hespanhola, creada para a extirpação do arianismo, a qual no *Fuero-Real*, liv. 4, tit. 1.º, diz: «Firmemente prohibimos que homem nenhum se faça hereje, nem tenha a ousadia de receber, nem defender, nem encobrir hereje nenhum, de qualquer heresia que seja; mas a qualquer hora que saiba que alguem é hereje, o faça logo saber ao bispo da terra, ou aos que as suas vezes fizerem, e ás justiças dos logares, e todos sejam obrigados a prendel-os e a arrecadal-os: e que os bispos e prelados da Egreja os julguem por herejes, aos quaes queimem se não quizerem tornar á fé e fazer o mandamento da Santa Egreja». (Hist. Verd. da Inq. por D. Francisco Xavier G. Rodrigues, pag. 318).

O Tribunal foi primeiramente fundado em Languedoc e na Hespanha, onde os Albigenses e Valdenses fizeram a sua apparição e progrediram assombrosamente no fim do seculo XII, espalhando por todas as povoações principaes a sua seita, composta de duas ordens bem differentes, exactamente como a dos Manicheos. Uma occupava-se da vida contemplativa, com seus erros sobre a Eucharistia e a Penitencia; outra, pelo contrario, mantinha a libertinagem e o vicio, pretextando a sua opposição aos designios do mau principio, Auctor das cousas creadas, para dirigir ultrages á Natureza.

O Bispo de Lisboa, Agapito, foi encarregado, por Bulla de Gregorio XI, datada de 17 de janeiro de 1376, de nomear «por esta só vez» um inquisidor Franciscano, cabendo a sorte a Frei Martim Vasques. Exerceu a judicatura inquisitorial (Inquisidor geral do Reino), desde 1539 a 1578, o Cardeal Infante D. Henrique, Arcebispo de Braga, tendo então 22 annos de edade. O Tribunal foi estabelecido por elle na cidade de Coimbra, exercendo depois o mesmo cargo o licenceado em direito canonico D. Antonio Dias Cardoso, conego da Sé de Braga[1].

---

[1] O escudo ou emblema do Santo Officio tinha ao centro uma cruz verde sobre campo escuro, e aos lados o ramo de oliveira, symbolo de paz, e a espada da Justiça. Na orla o versiculo: *Exurge, Domine, et judica causam tuam* (Levanta-te, Senhor, e julga a tua causa). A Inquisição accrescentou-lhe: *memor esto improperiorum tuorum, eorum qui ob insipiente sunt tota die* (tem presente os teus ultrajes, ultrajes que te fazem de continuo uma gente insensata).

Os Albigenses obstinados eram entregues á Inquisição e á Cruzada, que então se publicou em Roma contra a terrivel seita, exterminando-se de vez, ao cabo de 20 annos de lucta, pouco depois de se descobrir o meio de os queimar aos centos.

Aos excessos da Inquisição talvez fosse preferivel a adopção de meios persuasivos, tão consentaneos á indole do Evangelho e ao conceito de S. Thomaz de Aquino que julgava a Fé «ao mesmo tempo dom de Deus e effeito da persuasão». Era a lição da philosophia nominalista fundada no principio de que a fé não passa de uma simples opinião, quando não seja apoiada na razão. Elle, o celebrado Anjo das escholas, dizia como Santo Agostinho «que ninguem póde crer sem querer, que a vontade não se póde constranger, que a instrucção é o unico caminho que conduz seguramente á convicção, e que de nada vale a profissão exterior do Christianismo quando a Fé não domina egualmente o espirito e o coração».

Os barbaros ignorantes e grosseiros do seculo VII, que depois da sua conversão pela prégação dos missionarios desempenhavam, por condescendencia dos christãos, os cargos espirituaes mais elevados, não cessaram de enfraquecer, com os vestigios das suas crenças passadas, a religião de Jesus.

Adalberto, por exemplo, obteve a incorporação de alguns Bispos na sua classe, captando a sympathia do povo supersticioso, mormente do sexo feminino, que em grande massa o seguia julgando-o um segundo Christo. Elle apregoou-se santificado e, como S. João Baptista, *purificado* por Deus no ventre maternal; que um anjo lhe havia trazido reliquias maravilhosas para operar prodigios, obtendo de Deus quanto desejasse. Distribuia as unhas e o cabello, como reliquias, por todos os que o seguiam. Só a elle proprio consagrava oratorios e altares, o que deu logar ao abandono dos templos, porque os fanaticos preferiam adorar as cruzes que Adalberto levantava nos campos, nas estradas e nas proximidades das fontes. Aos penitentes affirmava, na confissão, que conhecia todos os seus peccados, não lhe escapando os mais occultos pensamentos. Os Concilios baldadamente procuravam destruir as praticas supersticiosas que os barbaros introduziram na Egreja. Adivinhações e agouros como os do paganismo romano, cujos Aruspices *(ab aris inspiciendis)*, inspeccionando as entranhas das victimas; e os Augures vendo a forma como os frangos sagrados comiam e observando o vôo e o canto das aves *(avis et inspicio)* conjecturavam o futuro; tudo lhes merecia credito.

Aplacavam os Manes immolando victimas sobre os tumulos, e as festas eram por elles celebradas com a degolação dos animaes em honra de qualquer santo, proximo das egrejas ou oratorios da sua invocação. Estes restos do paganismo persistiram du-

rante seculos na egreja christã, e ainda hoje o nosso povo mais crente commette desacatos religiosos que seria necessario reprimir, se a intenção não fosse, como é, digna dos maiores respeitos.

O que fica exposto ácerca dos barbaros conversos explica em parte o aforismo frequentemente applicado pelo nosso povo: — *nunca de mouro bom christão.*

*

* *

Eu creio que os melhores e mais importantes serviços prestados pela Inquisição á Egreja consistem na extirpação dos feitiços, maleficios, encantamentos, sortilegios, necromancias, e de toda essa horda de fanaticos e forjadores de milagres, que desde o seculo II tão graves embaraços crearam aos progressos da religião christã. Já o Antigo Testamento e leis civis d'aquelle tempo comminavam contra elles penas graves. Os embustes da freira Maria da Visitação, dominicana de Evora, que apresentava, como sendo abertas milagrosamente, as numerosas chagas do seu corpo, não foram tolerados, e a embusteira teve de confessar que as abria propositadamente.

Os benzedores e feiticeiros que faziam vigilias nas egrejas ficavam sujeitos á pena da marcação na testa com dois *FF*, unidos, á similhança do que determinavam as leis de 22 de março de 1449, e 26 de fevereiro de 1523, mandando a primeira ferrar nas faces e a segunda marcar com um *L* na espadua os ladrões de Lisboa, e com um *P* os do Porto. As leis antigas tambem applicavam aos roubadores dos objectos sagrados que se guardavam nos templos a pena de orelha cortada ou fendida. S. Luiz, rei de França, ordenou «que todo e qualquer ladrão, pela primeira vez, fosse desorelhado; pela segunda, lhe cortassem um pé e pela terceira o enforcassem».

*

* *

Discute-se e apregoa-se a incompatibilidade da sciencia com a religião de Jesus, affirmando-se que esta combate pelo obscurantismo e pelo retrocesso, negando a sua approvação ao resultado das modernas investigações scientificas em que a intelligencia do homem por vezes se tem affirmado d'um modo verdadeiramente assombroso! Mas a verdade é que a religião christã não se responsabilisa pelos actos d'aquelles que ainda agora se julgam no periodo quinhentista.

A Egreja não repugna de forma alguma o esclarecimento da verdade, desde que aos novos descobrimentos da sciencia não falte absoluto rigor historico. Por exemplo, não é dogma de fé a data

do começo do mundo, porque não ha no Genesis referencia á edade da especie humana; por isso já hoje a Egreja condescende com os que affirmam que existia ha muitos milhares de annos quando Jesus Christo nasceu, e que os dias da creação do mundo não representam realmente o periodo actual de vinte e quatro horas.

Desde Cuvier, que em 1821 defendeu a theoria dos dias-periodos referindo-se aos *seis* que Deus gastou para crear o mundo, assim se interpreta com a approvação dos theologos essa palavra *dia*, embora não tenha sido possivel até hoje determinar a duração exacta de cada um dos periodos. Não ha pois antinomia entre a sciencia com provas e a fé catholica, porque Deus, considerado a propria Verdade, é auctor d'uma e d'outra, e a crença glorifica-se com os vôos da intelligencia humana por effeito da liberdade de investigação de que a sciencia não prescinde. Assim o comprehende uma grande parte do clero illustrado que devotadamente se dedica aos estudos pre-historicos. O Bispo de Châlons-sur-Marne, monsenhor Meignan, os padres Delaunay, Bourgeois e Lambert affirmam que existe a concordancia das novas descobertas pre-historicas com o livro de Moysés.

Muito respeitado dos catholicos era Chabos, notavel homem de sciencia, fallecido na França em outubro de 1889, o qual procurou provar que o homem appareceu sobre a terra ha dez mil annos, ou sejam mais quatro mil do que os que até hoje nos davam os chronologistas que interpretaram erradamente a Biblia. A geologia e a paleontologia têem auxiliado os archeologos na classificação das ossadas humanas encontradas de mistura com objectos de uso domestico, nos terrenos quaternarios antediluvianos, bem conservados pelos saes calcareos.

Depois do seculo VIII, em que teve principio a philosophia escholastica, encontraremos o Papa Silvestre II a estabelecer, no seculo X, o ensino da geographia, mathematica e astronomia, escrevendo para esse fim alguns tratados. Aqui temos nós uma prova da protecção da Egreja ás sciencias naturaes.

Ouçamos agora o padre Arduin quando diz: «estou longe de partilhar do receio dos sabios que julgam encontrar no Genesis a doutrina da fixidez das especies».

Outros auctores de renome julgam o transformismo applicavel ao homem, sem prejuizo da revelação. O padre dr. Maisonneuve, d'Angers, declara que as idéas evolucionistas não estão condemnadas pela Biblia»; e Santo Agostinho *(De Genesi, L. VI)* accrescenta que «no acto da creação deu Deus aos elementos as razões causaes, em virtude das quaes se desenvolveram mais tarde os diversos phenomenos da materia inorganica e da vida organica».

O desenvolvimento da anthropologia mereceu a Nadaillac estas palavras: «Não póde suppor-se que o Creador, ao principiar a sua

obra, dotasse alguns seres, sahidos de suas mãos, d'um poder modificador, de plasticidade, como lhe chamou Gaudry?... Esta concepção parece ser mais *religiosa,* se assim o posso dizer, do que suppor o Omnipotente a proceder por creações bruscas e successivas, retocando e modificando a sua obra atravez do tempo e do espaço, como o oleiro amassa a argilla e forma o conorno da estatua». (Cons. sobre a missão do padre, pelo bacharel tem theologia Joaquim Luiz da Assumpção.)

SYNCHRONISMOS DO SECULO I

A Egreja de Jesus Christo teve principio com a instrucção que elle proprio ministrára durante quarenta dias, depois da sua ressurreição, aos Apostolos [1] e Discipulos, ácerca do governo d'ella, dos sacramentos, doutrina e cultos; com a descida das cento e vinte linguas de fogo ás 9 horas da manhã do dia de Pentecostes (dia 50), symbolisando o espirito, a luz e a caridade; com os tres mil ouvintes das prégações de S. Pedro que abraçaram contentes a fé e o baptismo; com os cinco mil judeus conversos pelo milagre da cura d'um còxo á porta do Templo; com os milagres da morte dos conjuges Annanias e Saphira, da sombra de S. Pedro e da roupa branca de S. Paulo, prodigios estes que tanto assombro causaram aos herejes Simão, Himeneo, Ebion, Menandro e Cerintho, philosopho judeu, natural de Antiochia, que primeiro aggrediu a divindade de Jesus.

S. Lucas escreveu o livro sagrado — *Actos dos Apostolos* —, trinta annos depois da ascenção de Christo; e em 42 estabeleceu em Roma a sua cadeira o glorioso filho de Bethsaida que o Homem-Deus constituiu cabeça visivel da sua egreja.

Prégou Jesus a egualdade, a fraternidade e o amor para que os costumes dos povos se humanisassem; e d'ahi nasceu a commiseração dos ricos para com os pobres manifestada por occasião das solemnidades nas egrejas em que havia permanente a *Meza do Senhor*. Alli, e outras vezes nos adros, os abastados e os miseros realisavam conjunctamente, a expensas dos primeiros, seus banquetes em honra do Salvador.

---

[1] Apostolos, entre os Hebreus, eram os cobradores das contribuições para reparos do Templo, os quaes ao mesmo tempo zelavam a observancia da lei de Moysés. S. Paulo disse que era Apostolo «não instituido pelos homens, mas sim por Jesus Christo».

No anno de 51, segundo diz Fleury, celebrou-se em Jerusalem o primeiro Concilio *(Jerosolymitanum)* para serem desobrigados, da circumcisão e das cerimonias das Leis de Moysés, os gentios que acceitavam o Evangelho. Ainda hoje os principes da Egreja precedem de uma cruz o seu nome, como era de uso na assignatura dos Concilios. Até á data da publicação do Codigo Civil Portuguez as pessoas que não sabiam escrever traçavam com a penna uma cruz no encerramento dos documentos publicos a que assistiam como testemunhas, valendo qual se fôra o verdadeiro nome, pois aquelle signal feito pelo proprio, era tido como um juramento solemne. Este signal fazia-se no meio do nome que outro escrevia, v. g.:—De José ✠ da Silva.

N'este seculo apparece-nos um grande numero de virgens que se consagram a Deus *(Sanctimonialis fœmina, quæ Deo, continentiæ, et integritatis votum vovit)*; intitulavam-se *Virgo-Dei*, e *Deo-vota*, usavam trajes modestos e viviam na companhia dos paes. Os seus nomes estavam inscriptos nos livros da egreja para que do patrimonio d'esta fossem soccorridas quando carecessem dos meios de subsistencia, e eram por isso denominadas *Virgens canonicas*.

Frequentes vezes os paes as offereciam a Deus, por devoção, em tenra edade. As muitas lapides funerarias conhecidas em Portugal com a designação *Famula Dei,—Famula Christi—Ancilla Christi—Ancilla Dei*, dão testemunho seguro da propagação d'estas virgens.

No seculo IV os povos barbaros guerrearam e quasi de todo extinguiram a instituição das *virgens claustraes*, que era composta das do seculo primeiro; mas foram indubitavelmente restauradas, porque no primeiro quartel do seculo X, D. Flammula, sobrinha da condessa D. Mumadona, principiou assim o testamento em que ordenou que a conduzissem, doente como estava, da sua villa de Lalim ao Mosteiro de Guimarães: *In Nomine Domini Flammula Deo-Vota*, etc.

A mesma condessa D. Mumadona e sua filha Oneca tambem usavam do referido titulo quando esta resolveu consorciar-se com Guterres Rodrigues, não sendo já então, como primitivamente, julgadas *incestuosas* e *adulterinas* estas uniões conjugaes que os Concilios excommungaram.

A decadencia manifestava-se no uso frequente do titulo *Deo-Vota* por solteiras, casadas e viuvas, vivendo cada uma em suas casas. Desde o seculo XII ao XV houve em Lisboa, Porto, Guimarães, Braga, Santarem, Coimbra e outras localidades do reino, algumas mulheres que, por desgostos da vida, se recolhiam a uma pequena cella, cuja porta era acto continuo fechada a pedra e cal para não mais tornar a ser aberta emquanto a recolhida vi-

vesse! Os alimentos, que de ordinario não passavam de caldo e pão, eram ministrados por uma fresta rasgada na referida porta, assim como a confissão e a communhão. Chamavam-se, por isso, *Emparedadas*. Ao cabido da Sé de Lamego deixou Margarida Affonso, emparedada no claustro d'aquella cathedral e fallecida no anno de 1419, um calice e uma bacia de prata.

Durou quatro annos a perseguição iniciada em 64 por Nero contra os christãos. A de Domiciano, iniciada em 92, terminou ao cabo de egual tempo.

SYNCHRONISMOS DO SECULO II

Não obstante a insistente punição dos christãos, ordenada por Marco Aurelio, imperador de Roma, e a guerra dos Valentinianos, Marcionitas, Encrutitas e Montanistas que dezejavam conciliar as opiniões philosophicas com as verdades christãs, a religião de Jesus progride d'um modo admiravel!

No anno de 120 estabelece-se o uso da agua benta que já no Antigo Testamento era um rito destinado á purificação; e lança-se em pias collocadas á entrada das egrejas para os fies humedecerem os dedos, fazendo com ella o signal da cruz sobre a fronte para que fiquem purificados do peccado venial e Deus attenda os rogos que lhes vão dirigir.

O Papa S. Telesphoro instituiu, em meiado d'este seculo a missa da meia noite na vigilia do Natal.

A perseguição de Trajano contra os christãos durou 16 annos, tendo principio no de 100. A de Hadriano, que principiou em 125, durou 13, tantos como a de Marco Aurelio principiada em 161.

SYNCHRONISMOS DO SECULO III

Foi no anno de 253 que o 3.º Concilio Carthaginense reconheceu o peccado original, decidindo que se baptizassem os innocentes; tambem então se estabeleceram os suffragios pelos defunctos, e as primicias, que eram os primeiros fructos da colheita annual offerecidos pelos fieis aos Bispos e aos padres para que estes dividissem com os diaconos e clerigos inferiores.

A perseguição de Severo durou 9 annos, tendo principio em 202; a de Maximino 3, tendo principio em 235; a de Decio 2, tendo principio em 249; a de Valeriano 3, tendo principio em 257; a de Aureliano 2, tendo principio em 273; a de Deocleciano e Maximiano 25, tendo principio em 286.

SYNCHRONISMOS DO SECULO IV

A violenta e aturada perseguição contra os christãos teve n'este seculo o verdadeiro termo, desde que Constantino Magno, sem companheiro no imperio, restituiu a paz e a liberdade á Egreja. Allude a este facto uma inscripção lapidar da epocha romana, encontrada por occasião da visita da familia real a Braga, em 27 de novembro de 1891, n'um desaterro do campo das Carvalheiras, pacientemente copiada, estudada e publicada por mim, como inedita que era, no meu livro *Inscripções Romanas*, pag. LVII.

Essa inscripção, bastante gasta do tempo, diz o seguinte:



LEITURA:

PACIS ET QVIETIS AVCTORI LIBERTATIS RESTITVTORI
ET VICTORI HOSTIVM D · N · FLAVIO CONSTANTINO
MAXIMO · · · · INVICTO · AVG · ÆMILIVS MAXIMVS · · ·

VERSÃO: — A nosso senhor Flavio Constantino Maximo... invicto, augusto, auctor da paz e tranquillidade, restituidor da liberdade e vencedor dos inimigos *(consagra)* Emilio Maximo...

As duas ultimas linhas estão de todo apagadas; mas a parte legivel da inscripção leva-me a crêr que o imperador Constantino

prestou a Braga algum serviço importante. D'elle são tambem milhares de pequenos bronzes que na cidade e suburbios a cada passo apparecem.

A inscripção refere-se talvez ao anno de 312, em que o imperador Constantino, para combater o arianismo que após a morte de Ario (anno de 111) tanto se radicou entre nós, creou novas circumscripções ecclesiasticas tornando consular a Provincia da Galliza.

Foi celebrado no anno de 314, em Ancyra, metropole da Galacia, o Concilio *Ancyranum* que num dos 25 canones (o nono) determina «que se um Diacono, no instante de receber a Ordem, declarou que não póde viver no celibato, póde casar-se depois, sem por isso ficar interdicto das suas funcções; mas, se não fez esta declaração, não póde já cuidar em casar-se ou se o fizer deve renunciar o Diaconato».

O imperador Constantino assistiu ao Concilio geral de Nicéa que durou desde 19 de junho a 25 de agosto de 325. Um manuscripto do Vaticano, a que allude Riccioli (Chronol. Reform. IX, 4) mostra que o Synodo de Nicéa, a que presidiu Osio em nome do Papa S. Silvestre, tem a data de 19 de dezembro de 636 da era grega, que corresponde a 16 de junho de 325.

Foi n'este Pontificado que o arianismo começou (anno de 319). Os paternianos (Venustianos) «que attribuiam ao diabo a formação das partes inferiores do corpo humano, permittindo o uso d'ellas para toda a sorte de crimes», foram condemnados em 367 no Concilio primeiro *Romanum;* e o regulamento sobre o celibato dos padres diaconos fez-se a 6 de janeiro de 386.

A alleluia durante o anno, o credo e a confissão geral na missa, tudo foi determinado pelo Papa S. Damazo, natural de Guimarães, a quem o seu secretario S. Jeronymo deu a denominação de *Vir egregius et eruditus in Scripturis.* Nasceu este notavel Pontifice em Guimarães, fallecendo (seg. Onuphrio Veronense) no anno de 384. Quasi todos os auctores o denominam *Damasus Vimaranensis.*

Kebedo, conego Toletano do principio do seculo XVI, diz que Guimarães foi antigamente cidade: «*Inter Viscellae, et Avi confluentis, Vimaranensis est civitas, sancti Pontificis Damasi quondam patria*».

Esta opinião é corroborada por um arrendamento que el-rei D. Fernando fez em 1382 de todos os direitos e emolumentos de Entre Douro e Minho ao seu contador João de Santarem «com obrigação de levar os rendimentos á CIDADE DE GUIMARÃES, para se pagar o soldo e a quantia aos que a devem haver». (Eluc. p. 277).

O costume de celebrar Matinas á noite, Laudes e Prima de manhã, Tertia, Sexta e Nôa durante o dia, e Vesperas á tarde não deve ser anterior ao presente seculo.

Nas Escripturas e livros dos padres dos tres primeiros seculos, não se encontra o nome de Santa Anna, avó de Jesus Christo, prova evidente de que nem tudo aproveitava á historia d'aquelles tempos em que o proprio nascimento do Redemptor foi tido como um acontecimento destituido de importancia.

Com a sagração da basilica Lateranense por S. Silvestre Papa teve esta ceremonia principio no anno de 314, applicando-se a todas as egrejas onde no anno immediato foram, pela primeira vez, collocadas as imagens dos santos. Isto deu logar a que os judeus principiassem a odiar os idolos, por julgarem mal entendido que os christãos venerassem nos seus templos homens que elles martyrizavam como criminosos incorrigiveis. O filho de Santa Helena aproveitou este feliz ensejo para proscrever a idolatria, a que a Escriptura chama abominação, mandando demolir os seus Templos ou entregando-os aos christãos para o seu culto.

Os Donatistas foram tambem obrigados a restituir as egrejas que occupavam, pois Constantino assim o determinou com os seus primeiros editos publicados contra os herejes no anno de 316. Aos Bispos concedeu muitas basilicas, para serem por elles destinadas ao culto christão, e mandou então edificar a monumental basilica Lateranense ou Aurea. Até este tempo, os ministros da Egreja, querendo distinguir-se dos sacerdotes de *Isis* e de *Serapis,* que rapavam á navalha o rosto e a cabeça, aparavam amiudadas vezes a barba e os cabellos, que apenas se conservavam compridos em signal de ignominia. O quarto Concilio Carthaginense, no anno de 398, dispoz num dos seus canones que os clerigos não fossem cabelludos nem lampinhos, exigindo por isso que conservassem o costume de aparar os cabellos: *clericus nec comam nutriat, nec barbam radat.*

Pelos mosteiros e ermos, os monges e os anachoretas, interpretando exageradamente a resolução do Concilio, rapavam por completo a cabeca e deixavam crescer muito as barbas. Os monges leigos do seculo VII, que se salientavam no saber e na virtude, eram promptamente nomeados sacerdotes e Bispos. Como os Prescillianistas apenas rapassem o alto da cabeça, usando cabelleira grande, o quarto Concilio Toletano, celebrado em 630, resolveu «que todo o clero, sem distincção alguma, tosquiada a parte superior da cabeça, só na inferior e pela raiz das orelhas deixasse um circulo de cabellos mais compridos, em modo de corôa orbicular e redonda, sem se referir á barba». Adoptaram esta corôa os monges de ordens sacras que rapavam á navalha o resto da cabeça. Fóra de Roma, foram estas corôas e barbas alteradas no seculo IX.

Punham e depunham as barbas e o cabello sobre o altar ou juncto das imagens os individuos que no seculo X, em presença

da communidade e dos parentes, se faziam monges, para d'este modo provarem e jurarem que de todo se entregavam a Deus.

Quantas vezes, no seculo VII, se offereciam ao mosteiro por *um dos seus cabellos*, cortado pelo abbade juncto do altar, para que Nosso Senhor o acceitasse em signal de escravidão? Era frequente essa pratica.

Os godos, que julgavam o cabello comprido um indicio de honra, não consentiam que os penitentes usassem cabello e barba senão aparados. Em Portugal, foi el-rei D. Fernando quem primeiro cortou o cabello e fez a barba. O nosso D. João de Castro, com um simples pêlio d'ella, deu penhor das sommas enviadas a Diu; e no seculo XII os sellos de cera continham uma porção de pontas da barba para que a escriptura ou contracto ficasse firme e valiosa.

A prohibição de *serviços manuaes e negocios forenses* ao domingo, foi pela primeira vez decretada pelo imperador Constantino, exceptuando os trabalhos agricolas, a que só em 585 o Concilio de Macon poz termo, impondo aos delinquentes graves penas corporaes.

Por estes e outros meios, a Egreja promovia o exterminio das praticas pagãs, decretando nos seculos immediatos, do V ao VIII, a prohibição do culto das pedras. Ainda no seculo XVI as constituições do Bispado de Lamego nos mostram um Bispo da Diocese a ordenar que as procissões deixem de ir a outeiros e penedos, logares afamados pelos vestigios que conservavam do viver e crêr de povos anteriores ao nascimento de Christo, os quaes prestavam grande culto aos idolos. Os iconoclastas, como o Bispo intruso de Hieraple chamado Xenaias Persa, diziam «que os anjos sendo espiritos não podiam ser pintados com corpo, que era fazer affronta a Jesus Christo pintal-o ou fazer a sua imagem, porque só a adoração em espirito lhe podia ser agradavel. Que era uma invenção pueril representar o Espirito Santo em uma pomba».

A lei antiga já prohibia as imagens, mas parece que com o unico fim de não serem confundidas com os idolos, pois é certo que Salomão mandou fazer para o seu Templo duas grandes imagens de Seraphins. O Concilio de Elvira deliberou que nas egrejas todas as imagens fossem portateis, para poderem ser conduzidas a logares occultos, como succedeu por occasião da entrada dos mouros na peninsula, em que os fieis fugiram com ellas, enterrando umas e escondendo outras nas grutas de altos montes, onde mais tarde o seu *apparecimento* deu logar ás romarias que ainda hoje se realisam com caracter accentuadamente pagão. O cap. III das actas do primeiro Concilio de Braga, celebrado em 411, diz que os Bispos Lusitanos resolveram esconder os «corpos

ou reliquias dos santos, tomando nota dos logares e cavernas» *(de locis et speluncis)*, onde ficassem, entregando-se d'isso um relatorio minucioso «para que se não perdesse a memoria d'ellas com o decurso do tempo». O costume era já antiquissimo: Jeremias, como se lê no L. II dos Machabeus, cap. II, subiu a um monte e escondeu numa espelunca o Tabernaculo, a Arca e o Altar do incenso *(Invenit locum speluncæ et Tabernaculum et Arcam et Altare incensi...)*. Exceptuando um limitado numero de fieis que vão ao local amortalhados, sem fala, de joelhos, descalços, não estando a isso habituados, conduzindo vellas e outros objectos de cera representativos da parte affectada do corpo, madeixas de cabello, um tourinho, ou outras quaesquer promessas feitas aos santos quando, por sua intercessão, alcançam de Deus alguma graça temporal ou espiritual, exceptuando estes, as romarias são para o nosso povo, não uma prova publica da sua fé, mas um meio facil de se distrahir ou satisfazer a curiosidade propria; jogos, tocatas, descantes immoraes como os que dirigem ao Santo Precursor, petiscos, vinho verde e doces, desordens premeditadas de longe com promessa de se liquidarem na romaria de tal, tudo isto são, entre nós, as romarias, uma imitação avariada das peregrinações que nos primeiros tempos da Egreja se effectuavam em occasiões de calamidades publicas, sendo a mais notavel a que se dirigia a Jerusalem, de visita aos logares santos, e a mais celebre a que *ia a Roma* (Romahia = origem da palavra Romaria?) visitar os sepulchros dos apostolos S. Pedro e S. Paulo. Esta devoção era vivissima no anno de 836, em que todos os peregrinos se confessavam nas vesperas da partida.

Das romarias e do transporte das reliquias originaram-se as procissões, parecendo que a primeira, digna de tal nome, fosse a ceremonia da trasladação da Arca, de Cariathiarim para a casa de Obededom e d'alli para a cidade de Hebron.

SYNCHRONISMOS DO SECULO V

O Concilio Viennense, celebrado em 474 por S. Mamerto, metropolitano de Vienna, no Delfinado, estabeleceu o jejum e as ladainhas menores para ser impetrado o auxilio do ceu contra os barbaros, inundações, terremotos, esterilidades, etc. Foram ainda instituidas, no segundo Concilio Bracarense, cap. 9, outras ladai-

nhas para o principio da quaresma; e no decimo setimo Toletano, cap. 9, para todos os mezes do anno *pro statu Ecclesiæ, et incolumitate Principum.*

Entre nós, no seculo VII tiveram o seu inicio os *Ladarios,* que se tornaram frequentes, fazendo-se estes votos «para suspender a justa vingança de Deus irado». S. Gregorio Magno instituiu, no dia de S. Marcos (anno de 590), as *Ladainhas maiores* para se pedir a Deus o termo da peste inguinaria ou *bubonica.* Chamavam-se das cruzes, porque estas e os altares estavam cobertos de preto, e os fieis que tomavam parte n'ellas vestiam-se de lucto, descalçavam-se e abstinham-se da carne e do vinho. Desobrigaram os penitentes da lei da confissão publica dos seus peccados, sujeitando-os apenas á auricular e secreta, e determinou-se que a penitencia publica nunca fosse imposta a qualquer dos conjuges sem consentimento do que ficasse isento.

A Egreja não approvou o Concilio Seleuciense, de Seleuca na Persia, que o metropolita Nestoriano Barsumas celebrou em 485, e no qual se permittia o matrimonio aos padres e aos monges (Assemani, Biblioth. Orient. tom. III). Babueu condemna a decisão de Barsumas perante os Nestorianos que no referido anno tambem reuniu em Concilio; porém o metropolita irado celebrou, ao cabo de 10 annos, (em 495), tres conciliabulos—Napetense, Seleuciense e Adriense—confirmando n'elles a heresia e todos os decretos do seu Concilio anterior. Esta confirmação foi ainda secundada em 499 pelo Concilio *Persicum* celebrado por Hoseo, metropolita de Nisibe.

O virtuosissimo Arcebispo de Braga, D. Frei Bartholomeu dos Martyres (1559-90), desejando remediar os males do seu tempo, declarou-se em franca opposição ao celibato dos padres, valendo-lhe esse louvavel zelo pela moralidade do seu rebanho gravissimos dissabores.

Está hoje averiguado que a nossa mais antiga obra lithurgica —O Sacramentario—é devida ao Pontifice Gelasio (anno de 492). Divide-se em 3 volumes contendo todo o ceremonial da Egreja, missas para o decurso do anno, modo de ministrar Sacramentos, etc., etc.

Os Bispos do seculo V, não podendo transportar-se a todos os logares da Diocese, crearam os seus delegados que denominaram Bispos coadjutores, modestos ecclesiasticos que tempo depois se elevaram, por desleixo dos superiores, parecendo na auctoridade os proprios Bispos. A consequencia d'estes excessos foi a abolição total da Dignidade nos seculos X e XI.

Terminou com a invasão dos Arabes o convento de conegos regrantes de Santo Agostinho, fundado na Sé de Braga pelo Bispo S. Profuturo, quando as Provincias romanas eram entregues aos

barbaros que assolavam a Hespanha, mais tarde conquistada pelos godos.

SYNCHRONISMOS DO SECULO VI

N'este seculo os reis visi-godos governavam toda a Hespanha. O setimo dos 13 canones estabelecidos por 10 Bispos reunidos no Concilio de Tarragona (*Tarraconense*) aos 6 dias de novembro de 516, manda começar na noite de sabbado a observancia do domingo.

Charvet, na sua historia da egreja de Vienna, pag. 118, diz-nos que a consagração das viuvas chamadas *Diaconisas* foi abolida pelo 21.º canon do Concilio Epaonense (de Albon, Diocese de Vienna), celebrado pelo Bispo santo Avito, desde 6 a 15 de setembro de 517.

A *Diaconisa* era, na Egreja primitiva, uma mulher com certo grau ecclesiastico que substituia o diacono, especialmente em actos do culto para o sexo feminino.

No I.º Concilio Bracarense, celebrado por Lucrecio, Bispo de Braga, no dia 1.º de maio de 563. Theodomiro, rei Suevo, e todos os seus subditos, foram definitivamente convertidos á fé catholica. deliberando-se, por essa occasião, fazer manter o antigo systema de baptisar; ordenar aos diaconos que usem a estola sobre o hombro e não escondida sob a tunica, parecendo subdiaconos; «que os sacerdotes, que não comiam carne por evitar a suspeita de heresia de Priciliano, os obriguem alguma vez a hervas cosidas com carne; e se desprezarem este preceito pela suspeita d'estes herejes, serão excommungados e totalmente privados do officio sacerdotal. Que os corpos dos defunctos de nenhum modo se sepultem dentro nas egrejas dos Santos, mas, quando fôr necessario, da parte de fóra junto do muro da egreja, aonde não é tanto de extranhar; porque suas cidades até nosso tempo guardam firmissimamente este privilegio; que do circuito dos seus muros a dentro se não sepulte o corpo de qualquer defuncto em nenhum modo, quanto mais o deve ter a reverencia dos martyres veneraveis».

O pagamento dos dizimos foi ordenado, como esmola, em carta-circular escripta pelos Bispos, depois de encerrado o segundo Concilio Turonense, no dia 17 de novembro de 567.

Sob a presidencia do Bispo S. Martinho de Dume, e achando-se presente o de Briteiros, que se chamava Maybom, celebrou-se no primeiro de junho do anno de 572 (18 das kalendas de janeiro da era de 610), o segundo Concilio Bracarense, determinando

«que os catechumenos concorram á purificação do exorcismo vinte dias antes do baptismo, ensinando-se-lhes o symbolo *Credo in unum Deum;* que não se consagre egreja sem primeiro se lhe fazer patrimonio para serviço d'ella, confirmado por doação em escripto, porque não é culpa leve, antes é temeridade consagrar uma egreja sem cêra e sem renda para sustentação, etc.; que aos que levam meninos ao baptismo não se receba alguma cousa senão quando o queiram dar por sua devoção; que seja suspenso das ordens pelo seu Bispo todo o sacerdote que consagrar no altar não estando em jejum».

Os christãos, que desprezaram o costume do pagamento dos dizimos á egreja, foram ameaçados com pena de excommunhão expressa no quinto canon do segundo Concilio Matisconense, a 23 de outubro de 585. Tambem n'elle foi prohibido o baptismo fóra do tempo da Paschoa, sem motivo justificado.

A disciplina ecclesiastica, bastante descurada n'este seculo, mereceu a Recaredo, rei godo, a maxima attenção, a ponto de requerer que sobre o assumpto fossem feitos 23 canones no terceiro Concilio Toletano, celebrado em 6 de maio de 589, e no qual o mesmo rei declara que todos os godos abjuraram o arianismo, e que elle, por si e em nome dos seus subditos, fazia profissão de fé. A 5 de novembro do anno immediato e 1 de novembro de 592, os Concilios Hispalense 1º, de Sevilha, e Cæsaraugustanum, de Saragoça, occuparam-se desenvolvidamente dos arianos conversos.

Em 598 são os sacerdotes, diaconos e subdiaconos, rigorosamente obrigados ao celibato.

Uma determinação do Concilio de Epona, celebrado em 517, exigia que todos os altares fossem de marmore.

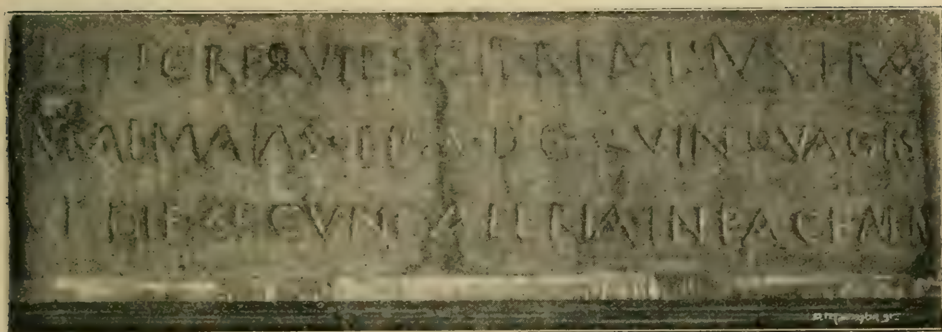
O Papa S. Gregorio Magno (anno de 590), para evitar que o espirro continuasse a fazer victimas, como por occasião da grande epidemia, indicou aos fieis a conveniencia de no mesmo acto pronunciarem as palavras *Dominus tecum,* ainda hoje em uso entre nós. A origem da saudação do espirro vem de tempos remotissimos. Os Gregos diziam: *Jupiter o conserve;* e os Romanos: *salve,* como presentemente em Monomotapa (Africa) e na America.

O mesmo S. Gregorio Magno concedeu a Santo Agostinho o uso do Palio, unicamente para a celebração da missa. A sua origem vem dos sacerdotes pagãos. No *Ceremonial Romano,* L. I, cap. V, encontra-se o seguinte: «O cuidado de fazer e conservar os Palios pertence aos Subdiaconos Apostolicos, que cuidam em mandal-os fabricar da maneira seguinte: — As freiras do Mosteiro de Santa Ignez e os Religiosos que alli assistem, offerecem todos os annos dois cordeiros brancos sobre o altar da dita egreja no dia da festa da Santa, quando na missa solemne se canta o

Agnus Dei. Aquelles dois cordeiros se entregam com certas ceremonias a dois conegos da egreja de S. João de Latrão, os quaes cuidam em os mandar alimentar até chegar o tempo de se lhes cortar a lã; e d'ella se fabricam os Palios.

Estes são uma especie de estolla da largura de tres dedos, que consta de 4 cruzes negras e de outras tantas pontas, das quaes duas descem pelo peito e outras duas pelas costas do Prelado até á cinta; no fim das quaes prendem umas pequenas laminas de chumbo. Este Palio mette-se pelo pescoço, porque é formado, quasi, como em circulo.»

INSCRIPÇÃO WISIGOTHICA



A pag. 85 do meu livro *Inscripções e Lettreiros*, encontra-se zincographada a inscripção wisigothica de que presentemente dou photogravura. Apresentava então uns leves erros de copia provenientes das successivas camadas de tinta de oleo que no decorrer do tempo lhe applicaram com o fim de egualar a lapide, que é de silex escuro, á còr alvissima da parede da sacristia da egreja de S. Vicente, onde se encontra embebida.

Essas camadas de tinta, que posteriormente mandei raspar e lavar, tomavam alguns traços dos caracteres, que são finos, alterando por isso a leitura. A versão portugueza d'esta lapide, que mede $1^{m},40$ de comprimento por $0^{m},41$ de altura ou largura, é como segue:

«Aqui descança Remismuera, desde o primeiro de maio de 618, dia de segunda-feira, em paz, amen.»

O eminente escriptor e epigraphista madrileno sr. Padre Fidel Fita, a quem no dia 18 de fevereiro de 1896 enviei copia photographica, estudou magistralmente esta lapide no *Boletin de la Real Academia de la Historia de Madrid*, tom. XXVIII, correspondente a março d'aquelle anno, dizendo:

«O nome da defunta é teutonico. O seu primeiro elemento sáe do nome de *Remisol*, bispo de Vizeu, que assistiu ao 2.º Concilio de Braga, (anno de 572), no de Remismundo, rei suevo, e n'ou-

tros. A photographia permitte conjecturar que o segundo elemento seja *mutera,* por ter algum traço de ligadura de T com E, em cujo caso vem á memoria o allemão *mutter* (mãe)».

Esta inscripção lapidar é, sem duvida, o monumento authentico mais antigo do christianismo em Braga. Por isso todos nós devemos tributar-lhe o respeito a que tem jus.

Quando a copiei, para a publicar em primeira mão, semelhava uma taboleta de madeira com as lettras avivadas a tinta preta e alteradas em parte, de modo que ninguem lhe podia entrar, como dizia o velho sacristão.

Convenci immediatamente os mezarios de S. Vicente de que estava alli uma inscripção de valor, obtendo d'elles auctorização para ordenar a lavagem que não foi pouco difficil.

Ao lado esquerdo d'ella está outra lapide em que se lê que no anno de 1565, por occasião da reedificação da egreja, appareceu nos alicerces antigos a referida inscripção wisigothica. Esta lapide quinhentista mostra bem gravados estes dois disticos latinos:

OBRVTVS.ANT.QÆ.LATVIT.PENETRALIB.ÆDS,
ERVTVS.ECCE.NOVA.CERNITV.ÆD.LAPIS
IN.LVCEM.REDT;DATA.CVM.SACRARIA DV
ET.NOVA PRO.VETERI.E.FVIT.ARA.DMO
M.D.LX.V.

Os lusitanos professaram livremente a religião christã no tempo do rei suevo Hermenerico; e de tal modo a crença se propagou, que no anno de 464 poucos suevos havia que não fizessem parte do gremio da egreja catholica. Theodomiro, acclamado em 558, abjurou, dois annos depois, o arianismo a que conseguiu pôr termo em 563, por occasião de convocar o 2.º Concilio Bracarense. Seu filho Ariamiro succedeu-lhe em 570, prestando á causa do christianismo relevantissimos serviços. Este teve tambem um filho de nome Eburico, que por intimação de Endeca foi monge do mosteiro de Dume, sendo o mesmo Endeca obrigado, no anno de 585, a seguir egual caminho. Foi então que o successor Leovegildo uniu o reino á monarchia gothica.

A veneranda inscripção lapidar wisigothica data das proximi-

dades do estabelecimento da religião de Mafoma (islamismo) por Abul Kasen Ibn Abdallah Mohammed, natural de Meca.

*

Desde os tempos primitivos a humanidade tributou aos mortos a mais rendida veneração e respeito. No primeiro periodo da epocha pre-historica (paleolithico), eram os cadaveres inhumados de cócoras, e só no segundo periodo (neolithico) teve principio a incineração que não se adoptou geralmente. N'uma caverna da montanha de *Hor* foi inhumado Aarão, filho de Amrão e de Jocabed, e irmão de Moysés, com 123 annos de edade. A sua morte era annualmente commemorada com jejuns pelos judeus.

Os egypcios guardavam em urnas, nas suas casas, os cadaveres embalsamados, e os gregos e os semiticos inhumavam e cremavam os seus.

Entre os romanos o costume da cremação durou até ao tempo do imperador Graciano, (anno de 367), que o prohibiu de vez.

Gallieno havia publicado um edito ordenando a entrega dos cemiterios e egrejas aos christãos; porém, no anno de 381, reconhecendo-se que era nocivo á saude publica o costume das inhumações nos templos, publicou o imperador Theodosio Junior uma constituição prohibindo-as alli e nas cidades. (Vid Acta SS. tom. 3, pag. 44). Foram então iniciadas nas casas de campo e á margem das vias publicas, terminando muitas das inscripções sepulchraes com esta supplica meiguissima e poetica:

ORO VT PRAETERIENS DICAS :
SIT TIBI TERRA LEVIS
A CINERIS QVOQVE FLORES LEGANTVR

«Rogo-te que digas quando por aqui passares: A terra te seja leve, e de flôres se cubram as tuas cinzas».

Foi nas catacumbas de Roma (conhecidas minas de piçarra —*puzzollana*—de que se fazia o cimento), que os christãos tiveram as primeiras egrejas e os primeiros cemiterios denominados *coemeteria* (dormitorios) ou cryptas; e porque se reuniam n'estes logares occultos eram conhecidos dos seus perseguidores pór *lucifugos* (inimigos da luz) como nos diz Minucio Felix, ou geralmente *christãos,* de Christo, ou de *chrest* (pobres).

Aqui o espaço da sepultura era pago quando a preferissem proximo das dos martyres, sendo estes contractos effectuados com os coveiros (Fossores), segundo se deprehende da inscripção de uma sepultura comprada por Artemisio para dois cadaveres. O systema das inhumações em cavidades (sepulturas) abertas nas

paredes dos caminhos interiores das catacumbas, que ainda no anno de 350 funccionavam, adopta-se presentemente nos muros interiores dos nossos cemiterios, dando-se á sepultura o nome da sua origem — catacumba.

Uma das sete maravilhas do mundo, o tumulo de Mausolo, rei de Caria, construido por ordem de sua irmã e esposa a celebre Artemisia II, legou o nome a todos os monumentos funerarios. Por seu turno o nome da rainha *Artemisia* ficou tambem memorado pelas formosas flores d'esta planta composta que desabrocham na quadra triste do Outomno.

Os christãos, confiados na resurreição, não queriam ser cremados nem consentiam que nas sepulturas fosse gravada a palavra *enterrar*. Por isso diziam sempre *depositar*. Os amigos e os parentes do morto, para annualmente poderem effectuar, no dia proprio, a commemoração funebre, embebiam na argamassa da campa anneis, conchas, moedas, etc. Uma das muitas inscripções encontradas diz:

M · ANTONIVS · RESTITVTVS
FECIT · YPSO CEV SIBI · ET SVIS
FIDENTIBVS · IN · DOMINO

«Marco Antonio Restituto fez esta sepultura subterranea para si e sua familia, que confiam em Deus».

Tambem nas catacumbas foi encontrada esta do coveiro Diogenes, sem duvida mais moderna:

DIOGENES FOSSOR IN PACE DEPOSITVS
OCTABV KALENDAS OCTOBR ·

Outras inscripções christãs terminavam com os dizeres:— *Vive no Senhor e roga por nós* — *Vive em paz* — *Consola-te e possa o teu espirito gosar do eterno bem* — *Christo Senhor Omnipotente, consolae seu espirito em vós,* etc., etc.

Quasi sempre eram laconicas como por exemplo esta do sepulchro de Santa Philomena, existente no museu de Latrão:

PAX TECVM FILVMENA

Por occasião dos anniversarios dos martyres, sepultados nas catacumbas em numero de oitenta mil, e mais quarenta e cinco Bispos, celebrava-se junto das sepulturas o Officio Divino e fazia-se uma homilia aos fieis que alli se reuniam em grande numero, collocando-se sobre pilares de pedra a lampada do azeite aromatisado. S. Gregorio Magno presenteou a rainha Theodolinda,

da Lombardia, com alguns tubos de zinco cheios de *azeites* das lampadas dos Papas martyres.

Aos fieis, que difficilmente concorriam á communhão em virtude da grande distancia que mediava entre as portas de Roma e as catacumbas, foi permittido levarem, muito embrulhada, no seio ou numa pequena caixa de ouro pendente do pescoço, a Eucharistia para a distribuirem pelos amigos em jejum.

Crê-se que datam do seculo II os cemiterios christãos, e do meado do V a notação da era nas lapides funerarias. Por isso deve ser considerada apocrypha esta do anno 77 que Vaseo nos dá no tom. I como achada na Biscaia: — «*Bellila Hispana serva Jesu Christi requierit in Domino. Obiit aera 115 hoc est anno Domini septuagesimo septimo*».

Pertence ao ultimo quartel do seculo IV esta inscripção lusitano-christã, a mais antiga da Peninsula, existente no Museu de Merida, a qual tem no alto o monogramma de Christo:

P
X
LVPERCVS
FIDELIS · RE
CEPTVS · IN · PACE
VIXIT · AN · XXX

Refere-se a um Luperco fiel que foi recebido na eterna paz do Senhor aos 30 annos de edade.

É muitissimo antiga a formula: *Receptus in pace*.

O monogramma no alto indica a epocha em que o imperador Constantino Magno concedeu a paz e a liberdade á Egreja (anno de 330). Por essa occasião os fieis edificaram um grande numero de Templos nos quaes os imperadores e reis, os Bispos e os demais ecclesiasticos começaram a ser inhumados junto dos monumentos dos martyres, tornando-se por fim extensiva a todos os fieis esta especial concessão.

As sepulturas apresentavam então varios emblemas mysticos e as formulas: *Requievit in pace Domini* — *Tibi detur pax a Deo*.

Algumas tinham na parte superior a primeira e a ultima lettra do alphabeto grego Α Ω, alludindo ás palavras de Christo: «*Ego sum Alpha et Omega, principium et finis.*»

Sendo revogada a lei das doze taboas, que Theodosio Junior fizera executar, os terrenos vedados junto das basilicas chamaram-se *dormitorios*, do verbo *koimáo*.

O canon 18 do Concilio de Braga celebrado em 563 prohibiu expressamente as inhumações nas egrejas, permittindo-se apenas que fossem effectuadas junto dos seus muros.

Desde o pontificado de S. Gregorio Magno até ao Concilio de

Trento nunca os padres deixaram de propugnar pelo estabelecimento dos cemiterios, mas é possivel que já no seculo XI principiassem de novo as inhumações nas egrejas. No mosteiro benedictino de Paço de Sousa, freguezia do Douro, foi sepultado em capella particular, na era de 1182 (anno de 1144) o nosso Egas Moniz, filho de Muninho Hermigues, descendente de nobreza neo-gothica.

No seu tumulo gravou-se esta inscripção:

HIC ⁝ REQVIESCIT ⁝ FYS ⁝ DEI ⁝ EGAS ⁝ MONIZ ⁝
VIR ⁝ INCLITVS ⁝
ERA ⁝ MILLESIMA ⁝ CENTESIMA ⁝ 2XXXII ⁝

Para este seculo XII ha ainda muitos outros exemplos; e para o immediato não faltam documentos comprovativos como o do mosteiro de Tarouca, onde se lê que Martinho Annes e sua mulher Elvira Pires foram sepultados pouco depois de 1228, no referido mosteiro, tendo feito ambos uma doação aos monges. No seculo XIV faziam-se as inhumações proximo dos altares e simultaneamente nos adros.

O velhissimo costume de tosquiar a cabeça e a barba aos defunctos terminou no seculo XVI.

Quando em 1832 Portugal foi flagellado pelo cholera, procedeu-se á benção de alguns terrenos para n'elles se fazerem enterramentos, porque então não havia entre nós cemiterios publicos. O Direito canonico admitte o enterramento nas egrejas, mas não deixa de preferir que sejam procurados os cemiterios. O Ritual Romano, (tit. 6, cap. 1, n.º 9) diz: «Ubi viget antiqua consuetudo sepeliendi mortuos in cœmiteriis, retineatur; et ubi fieri potest, restituatur».

Até ao anno de 1835 todos os enterramentos se effectuavam nos recintos e adros das egrejas, nos cemiterios privativos dos hospitaes militares (Reg. an. ao Alvará de 27 de março de 1805, secção 3.ª, tit. VII, art. 25), e nos das Misericordias (Alvará de 18 de outubro de 1806, § 12). Havia para as communidades religiosas o privilegio de poderem dar sepultura aos seus membros nas cercas e nos claustros dos seus conventos. Os decretos de 21 de janeiro de 1834 e 21 de novembro de 1836, destinaram uma capella da egreja de S. Vicente de Fora para jazigo de Reis e Principes. Como providencia geral foi pela primeira vez determinado, em decretos datados de 21 de setembro de 1835 e 8 de outubro do mesmo anno, que se criassem cemiterios em todas as povoações do reino, sendo de dois metros quadrados o espaço minimo de cada sepultura, cinco palmos de profundidade, quatro de largura e dez de comprimento. Este decreto diz no seu 1.º artigo:

«Em todas as povoações serão estabelecidos cemiterios publicos para n'elles se enterrarem os mortos».

A esta medida do governo, fiscal da hygiene e salubridade publica, dizem tambem respeito muitas portarias, entre as quaes as de 24 de janeiro de 1872; 17 de dezembro de 1866; 17 de novembro de 1868 e 29 de maio de 1877, que mandam designar os «espaços de terreno sufficientes para o enterramento dos individuos que não professem a religião catholica, ou foram privados de sepultura ecclesiastica, em relação ao logar em que houverem de ser sepultados, vedando-se por um pequeno muro com entrada propria»; que antes de 10 annos não poderão ser abertos alicerces ou feitas excavações dentro dos cemiterios que tenham sido fechados. O legislador não preveniu, como convinha, a remoção das ossadas depois de findo aquelle prazo. Por isso com razão ordenou S. Carlos, no Concilio provincial de Milão «que em todos os cemiterios houvesse uma casa de abobada chamada *Ossoario,* para n'ella serem guardados os ossos que se fossem tirando das sepulturas».

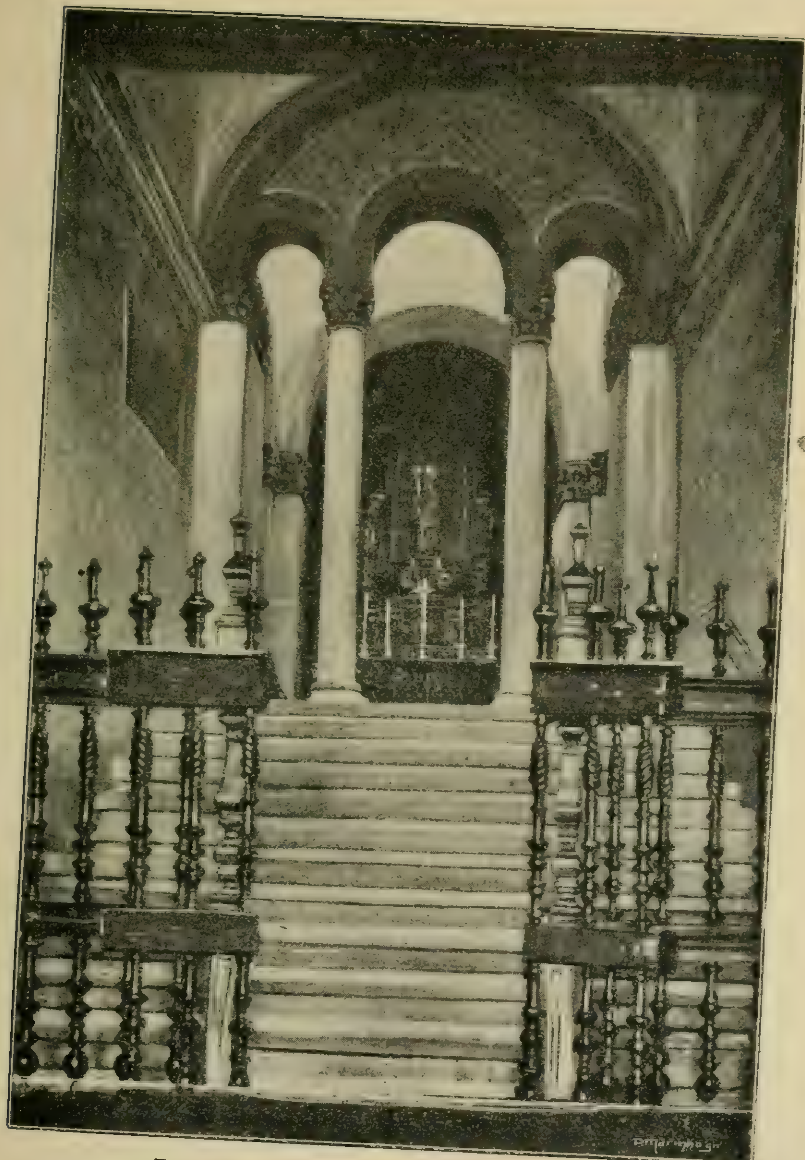
E concebido nos seguintes termos o relatorio do decreto de 21 de setembro de 1835:

Senhora: — Muitas providencias executivas se tem determinado em diversos tempos para acabar com a pratica supersticiosa de enterrar os mortos dentro dos templos — pratica offensiva do respeito, e veneração devida aos logares sagrados em que se adora a Divindade. Estas providencias não produziram o desejado effeito, porque lhes faltava o caracter solemne de medida geral, e porque se não tornaram responsaveis ou os executores, ou os que se oppozessem á execução das ordens. Outra rasão se deu sempre para illudir taes providencias, e rasão plausivel. A auctoridade, que vedava os enterros nos templos, não tornava effectivos os estabelecimentos dos cemiterios, ou apenas lhes designava porções de terreno, abertas e devassadas por animaes, com escandalo dos fieis, que não podiam supportar que fosse tratado com irreverencias o jazigo dos mortos. Estes inconvenientes eram ainda encarecidos pelo interesse d'aquelles que lucravam com a pratica funesta á saude dos seus concidadãos, vindo assim a fazer um trafico da pestilencia, e da morte, que quanto mais frequente, mais proveitoso lhes era! Eis os motivos porque durou por tantos seculos este abuso vergonhoso, — a ignorancia da edade media o transformou em dever de religião, cedendo a suggestões insidiosas dos que derramavam a fatal crença de que alcançariam a gloria das almas aquelles, cujos corpos jazessem em companhia das imagens dos santos, dentro dos templos sagrados. Mas ainda n'esses tempos de obscuridade e de fereza de costumes a voz da religião esclarecida e livre de prejuizos soou contra taes praticas, prohi-

bindo-as, posto que sem effeito, porque desgraçadamente os costumes podem mais do que as leis: e porque os ditames de poucos homens illustrados se perdem no meio da cegueira geral. Nos Concilios de Braga em 663, de Meaux em 845, de Tribur em 895 e de Reims em 1117, foram condemnados os enterros dos mortos nos templos. Em epochas posteriores repetiu-se a mesma condemnação; mas só foi dado á illustração dos povos, sob governos justos e zelosos do bem da communidade, extirpar um mal, origem de immensos males, e que tanto mais difficil era de desarraigar, quanto se fundava em noções religiosas, mal applicadas, sim, porém uteis á cobiça que cega o entendimento, e fecha os ouvidos á voz da humanidade. Auctorisado o governo de Vossa Magestade para provêr á organisação de administração do reino, devia elle prestar a devida attenção a um ramo tão importante d'ella; mandar logo proceder á demarcação dos terrenos para os cemiterios, fazer effectiva a ordem em tempo determinado; indicar as circumstancias dos logares designados; tornal-os proprios para o fim a que são dispostos; ordenar as ceremonias ecclesiasticas, segundo a pratica da egreja; apromptar os meios necessarios para o acabamento das obras em certo praso, commettendo o negocio aos primeiros agentes da administração. Pareceu tambem necessario provêr a uma circumstancia importante. Muitas familias estão de pósse, por direito adquirido, de jazigos particulares para os membros d'ellas; a piedade filial, um dos caracteres mais salientes da moral publica, venera esses logares; porque n'elles se conservam as reliquias de seus maiores; e para que nem similhante respeito se perca, nem sentimentos tão louvaveis sejam contrariados deshumanamente, se concede áquelles, que possuem taes jazigos, egual acquisição de terrenos separados nos cemiterios publicos e que para elles possam transportar os sarcofagos, lapides e despojos mortaes, que tinham nos carneiros que possuiam. Algumas medidas particulares, que agora são omittidas, formarão o objecto de instrucções, que hão de ser enviadas aos governadores civis, e outras, dependentes de circumstancias locaes, elles as darão como melhor convier.

Para preencher tão necessarios fins o governo, pela repartição dos negocios do reino, propõe a Vossa Magestade o seguinte decreto. Secretaria de estado dos negocios do reino em 21 de setembro de 1835.=*Rodrigo da Fonseca Magalhães,* ministro e secretario d'estado dos negocios do reino.

Em 18 de setembro de 1844 ampliou-se a disposição d'um artigo permittindo-se a construcção de jazigos ou carneiros privativos a distancia não inferior a 800 passos do povoado, precedendo para isso licença do governo.



Primitiva capella de S. Fructuoso
(S. Salvador de Montelios)

S. SALVADOR DE MONTELIOS

Entre a cidade de Braga e a suburbana freguezia de Dume, no logar denominado *Montelhos, Montelios* ou, como se lê num documento do seculo IX, *Monte Modico,* construiram os povos romanos, que alli deixaram preciosos vestigios da sua civilisação, a *Torre Capitolina* e um Templo dedicado a Esculapio, deus da medicina.

No proprio local d'este velho Templo pagão, fundou S. Fructuoso, Bispo de Dume e simultaneamente de Braga desde o 1.º de dezembro de 656, em que foi eleito no 10.º Concilio de Toledo, um mosteiro da invocação do Salvador, afim de ser n'elle sepultado, exigindo que os operarios trabalhassem de dia e de noite, continuamente, para que se concluisse durante a sua vida cujo termo sentia approximar-se. E não errou o calculo, porque pouco depois, a 16 de abril de 665, entregou a alma a Deus.

Para evitar desavenças, quiz ficar sepultado no referido mosteiro, a egual distancia dos bracarenses e dumienses, que já em sua vida disputavam a posse do seu cadaver.

E' de suppor que S. Fructuoso christianisasse o Templo de Esculapio, como annos antes succedera ao celebre Pantheon de Roma, e que a presente photogravura nos mostre em parte o que elle foi.

Esses restos venerandos existem numa capella interior da actual egreja de S. Fructuoso, á direita de quem entra, denominação que data da morte do santo Bispo alli sepultado em tumulo de marmore que ainda hoje existe.

Essa egreja, como todas as da epocha, tinha a porta para o occidente, sendo de fórma quadrangular a capella de que me occupo e que mede interiormente 5,37 ao comprimento e á largura. Compõe-se de quatro arcos perfeitos que servem de supporte ás paredes.

O da frente e os dois lateraes téem cada um tres pequenos arcos decorativos sotopostos que descançam sobre columnas de marmore de Extremoz, districto de Evora, as quaes medem 3 metros de altura. D'estes pequenos arcos, o do meio não abrange mais de 1^{m},3, e os lateraes 0^{m},55. Os dois capiteis das columnas da frente são corinthios, os do lado do Evangelho compositos e os da Epistola compõem-se da mesma folhagem ornamental das pilastras.

O facto de assentarem directamente no solo, sem pedestal, os fustes das seis columnas que existem e de se distanciarem tão

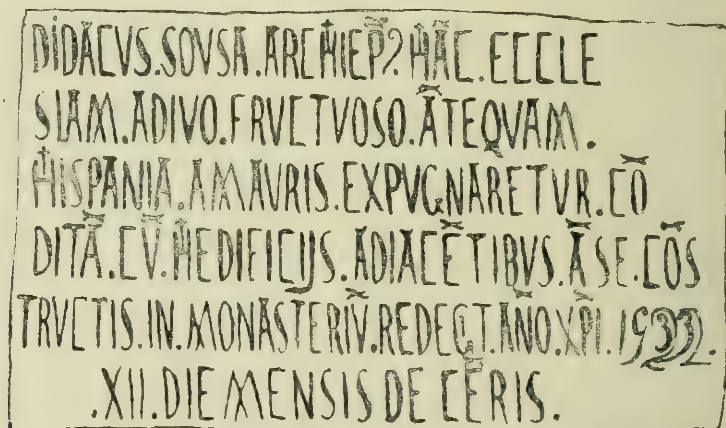


Interior da primitiva capella de S. Fructuoso

pouco umas das outras, faz pensar na divisão interior das antigas basilicas, que eram construcções civis, aproveitadas pelos christãos para o exercicio do culto.

O que me parece fóra de toda a duvida é que esta obra pertence ao segundo periodo da architectura medieval, estylo byzantino com leves modificações. Do que nos diz em 1706 o Padre Antonio Carvalho na sua Chorografia, tom. I, pag. 157, deprehende-se que ainda então existia a egreja com 22 columnas! «Foi este convento (de S. Fructuoso) um dos mais notaveis que teve a Ordem de S. Bento, e o destruiram todo os mouros, *ficando só a egreja que hoje existe, lavrada em fórma de cruz, com vinte e duas columnas de marmore que a sustentam.*»

Faz referencia a essa destruição uma lapide que D. Diogo de Sousa mandou embeber na parede do lado direito da escada de 14 degraus de granito, que do pavimento da nova egreja dá accesso para a vetusta capella. Esta inscripção foi pela primeira vez publicada em 1895 no meu livro *Inscripções e Lettreiros*, e é como segue:


DIDACVS.SOVSA.ARCHIEP?.HÃC.ECCLE
SIAM.ADIVO.FRVCTVOSO.ÃTEQVAM.
HISPANIA.A.MAVRIS.EXPVGNARETVR.CÕ
DITÃ.CṼ.HEDIFICIJS.ADIACẼTIBVS.Ã SE.CÕS
TRVCTIS.IN.MONASTERIṼ.REDEGIT.ÃNO.XPI.1532.
.XII.DIE MENSIS DECẼBRIS.

Por motivo da deserção dos bracarenses, doou el-rei D. Affonso III ao Bispo de Iria, em 883, este mosteiro de S. Salvador de Montelhos e o de S. Martinho de Dume.

As dezeseis columnas que faltam desappareceram com o resto do edificio em 18 de junho de 1728, dia em que teve principio a construcção da actual egreja, com a assistencia do Arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles, fallecido ás 11 horas da noite de 4 de setembro do referido anno.

As cadeiras coraes, com os 14 magnificos retratos de Arcebispos, em tela, e ainda a preciosa estante com incrustações de

metal amarello, pertenceram á Sé de Braga, sendo tudo cedido aos religiosos de S. Fructuoso no anno de 1737, por motivo de então se construirem na cathedral os grandes orgãos e as actuaes cadeiras de pau preto envernizadas e douradas. Os retratos que substituiriam com vantagem os do salão archiepiscopal, represen-tam: — S. Faustinus Marts — S. Profuturus — B. Godinus — V. D. Fr. Bartholomeus a Martyribus vir apostolicus — B. Calidonius — Henricus S. R. E. Card. et Lusit. rex — S. Serenianus — S. Petrus Julianus — Joannes XXI Pontifex Max. — D. Potamius Paenitens — S. Quiricus — S. Paternus — S. Tholobeus.

Ao fundo do côro: — V. D. Laurentius e S. Policarpus. No alto:

BENEDICITE	BENEDICITE
SERVI	SACERDOTES
DOMINI	DOMINI
DOMINO	DOMINO

A tribuna d'esta egreja é de bella talha dourada com columnas torciculadas. Tem no alto a imagem da Conceição e aos lados S. Fructuoso e S. Francisco. No corpo ha os altares de Santo Antonio, Familia sagrada, Senhora das Dôres e S. Domingos.

Existe na sacristia um relicario de prata dourada offerecido pelo Arcebispo D. fr. Agostinho de Jesus, cujas armas tem na base com o seguinte lettreiro:

D. S.
FRVCTVOSO
ARC.º

Contém este relicario um pequeno pedaço do cordão, habito e cabello de S. Fructuoso.

A fachada da egreja é bem esculpturada. A pequena distancia levanta-se um elegante cruzeiro com as armas de D. Diogo de Sousa, em tudo egual ao que ora se vê ao fundo da rua dos Pellames.

*

N'este seculo celebrou-se o quinto Concilio Toletanum (anno de 636) em que o rei Cinthilla diligenciou que alguns canones se occupassem do seu poder para melhor e mais facilmente governar os povos. A este monarcha se deve, em parte, a deliberação tomada no VI Concilio Toletanum, de 9 de janeiro de 638, sobre a elevação dos reis ao throno, para que antes do acto nenhum deixasse de prometter a conservação da fé catholica. No Toletanum VIII, que durou desde dezembro a janeiro de 653, leu el-rei Recesvinto, na presença de 52 Bispos, a sua profissão de fé, promettêndo admittir os quatro Concilios geraes. O 10.º canon de-

termina que a eleição do rei seja sempre feita onde o antecessor morrer, e pelos Bispos e officiaes maiores do Paço que então alli se acharem.

Os peccadores principiaram a ser reprehendidos publicamente desde o XI Concilio Toletanum (7 de novembro de 675) onde tambem se resolveu que fossem presos ou desterrados, pronunciando-se a sentença na presença de 3 testemunhas e sendo em seguida assignada pelos Bispos.

As principaes resoluções do 3.º Concilio Bracarense, que teve logar em 675 sob a presidencia de Leodigio, Bispo de Braga, e do rei Wamba, são as que seguem: «Porque de certas pessoas nos foi referido que offereciam, nos sacrificios do Senhor, leite em logar de vinho, e que tinham para si haver-se de dar ao povo a Eucharistia lançada no vinho para inteireza da communhão. E o porque de todas estas cousas é, que não faltam assim sacerdotes que põe suas eguarias nos vasos do Senhor, e costumam comer n'elles. De outros sacerdotes se nos disse que esquecida a ordem do costume ecclesiastico, costumam dizer missa sem estola, e que nas solemnidades dos martyres lançando reliquias ao pescoço e sentados em cadeiras, eram levados por diaconos. Que muitos sacerdotes sem approvação moram com mulheres. Que outros offerecem vinho espremido da uva no calix do Senhor».

Estes abusos foram então condemnados, declarando-se além d'isso incurso «na lei de penitencia por espaço de seis mezes qualquer sacerdote ou pessoa ecclesiastica que trate com mulheres que não seja sua propria mãe».

N'este Concilio esteve presente, como no segundo, um Bispo de Briteiros chamado Froarico. Parece, pois, fóra de duvida que antigamente existiu no concelho de Guimarães, a cidade episcopal de Briteiros, que comprehenderia toda a aria das tres actuaes freguezias d'este nome: — Santo Estevam, Santa Leocadia e S. Salvador, no meio das quaes se ergue sobranceiro o monte da Citania, tão notavel pelos vestigios que hoje mostra das tres civilisacões que o habitaram, pouco distante do outro denominado do Sabroso, habitado na epocha proto-historica.

E' tradicão que n'esta antiga cidade, séde de bispado, foi sepultado Hermerico rei Suevo, e que os seus Bispos existiram até á destruição da Hespanha. Na divisão da jurisdição dos bispados, feita no Concilio de Lugo (anno de 579), coube ao de Briteiros «desde a ponte de Donim até á ponte de S. João, tendo pelo norte e poente a serra de Espinho, ao nascente Morreira, sul rio Ave.»

Nos Concilios celebrados em 634, 655 e 666, tomaram parte os Bispos de Briteiros Adulfo, Somna, etc. A egreja parochial de Santa Maria de Villa Nova de Sande, que por aquelle tempo se denominava *Mosteiro de Maximo,* era uma das 26 demarcadas

pelo rio Ave *(Avus fluvius)*, pertencentes á *comarca de Briteiros.*

A festa de Todos os Santos, que ainda hoje é celebrada no 1.º de novembro, teve a sua origem na dedicação do templo Pantheon a Nossa Senhora da Rotunda, quando o Papa Bonifacio IV (608-615) o obteve de Fócas.

Bonifacio V (619-625), sentindo approximar-se a morte, quiz presentear Eduino, rei de Northumbria, na Inglaterra, enviando-lhe uma camisa bordada a ouro e uma riquissima capa; e para a rainha Edelburga, um espelho de prata e um pente de marfim encastoado em ouro. Com estes valiosos objectos foram duas cartas, uma convidando Eduino a abraçar a religião christã, e outra felicitando Edelburga por se converter á fé.

Admittiram-se pela primeira vez na egreja os orgãos em tempo do Papa Vitaliano, cujo governo durou desde 30 de julho de 657 a 27 de janeiro de 672.

O titulo de Soberano Pontifice foi pela primeira vez conferido a Theodoro (642-649), no Concilio Africano, celebrado no anno de 646. Anteriormente a esta data apenas os imperadores romanos o usavam com esta alteração: PONTIFEX MAXIMVS (Pontifice Maximo). Os titulos de *Vigario de Jesus Christo* e *Vigario Apostolico*, que os Bispos do seculo IX usavam, passou no XIII para os Summos Pontifices que antigamente se denominavam *Vigarios de S. Pedro*. O costume de beijar os pés ao Papa data do anno de 700.

Santo Agathão (679-682) conseguiu que o imperador de Roma dispensasse a Egreja do pagamento da pesada contribuição a que estava obrigada pela sagração dos Papas, acto este que nem sempre se effectuava dentro de breve prazo depois de serem eleitos: por isso no tempo de Bento II (684-685) a sagração principiou a ter logar seguidamente á eleição do Papa.

No presente seculo VII, a sociedade civil sentiu-se enfraquecida pela deserção dos individuos que se dispunham a povoar os numerosos mosteiros fundados n'aquella epocha. Entre nós os fieis do seculo X legaram aos dos dois seculos seguintes o frequente costume de offerecerem em parte ou no todo os seus bens aos mosteiros e demais corporações ecclesiasticas, ficando por esse facto denominados Oblatos, Offertos, Donatos, Condonatos, Confrades e Familiares, com direito aos bens espirituaes da corporação; e se declaravam que queriam entrar na communidade, ficavam sendo commensaes d'ella, gosando varias regalias que nem sempre foram uteis á causa do christianismo, como o demonstra S. Pedro Veneravel determinando, nos estatutos de Cluni, cap. XLVIII «que não fossem admittidos similhantes individuos ainda que houvessem de trazer á Ordem muitas riquezas temporaes». Não obstante, a missa que em differentes mosteiros era diariamente celebrada *pro Familiaribus*, prova a continuação dos externos, aos quaes

faz referencia o Concilio Lateranense (anno de 1215) no seu cap. LVII, mostrando que só com licença do Prelado do mosteiro poderiam fazer testamento. Denominavam-se *servos dos quatro dinheiros* aquelles que se declaravam escravos do mosteiro com a mulher, filhos e bens, lançando sobre o altar esta moeda que antes haviam collocado na cabeça; e *servos da gleba* por prenderem ao pescoço a corda do sino.

Para remedio de suas almas havia muito quem doasse aos mosteiros *uma pitança* annual. Outros, então, embora raros, deixavam á egreja os seus haveres para que Nosso Senhor lhes perdoasse as mortes que tinham feito!

No X Concilio Tolentino, celebrado em 656, sob a presidencia do Arcebispo Santo Eugenio, instituiu-se a festa da Annunciação que tem logar sete dias antes do Natal. Santo Ildefonso, sobrinho do referido Arcebispo, ordenou que a esta festa fosse dado o titulo de Expectação ou do O', que é a exclamação do principio das Antiphonas maiores. As Cathedraes, as Collegiadas e os Mosteiros deram este nome ao beberete que até ao principio do seculo XV offereciam, n'aquelles sete dias, e o qual constava de *vinhos brancos e vermelhos*, fructas e especies, confeitos, tamaras e passas».

O 18.º Concilio Toletanum, celebrado em 701, foi o ultimo do tempo do rei Witisa, recente successor de Egica. No *Constantinopolitanum* que durou, com reprovação da egreja, desde 10 de fevereiro a 8 de agosto de 754, achavam-se 338 Bispos que todos collaboraram no extenso decreto contra as imagens sagradas. Em Roma determinou-se a 12 de abril de 769 que se anathematizasse o Concilio e que as imagens e reliquias continuassem a receber as honras dos christãos. Occasionavam esta controversia os antigos costumes dos barbaros conversos cuja interferencia nos negocios da Egreja foi altamente ruinosa. Muitos monges ignorantes, como o prova Alcuino em seus escriptos, oppunham-se á confissão auricular estabelecida como dogma, insinuando aos fieis que deveriam confessar-se unicamente a Deus. Classifico-os de ignorantes fundando-me nas determinações dos Concilios d'aquelle tempo que, referindo-se não só a estes mas ao clero em geral, exigiam «que ao menos soubessem explicar o Symbolo e a Oração Dominical aos povos, todos os que fossem promovidos ás Ordens Sacras».

Os regulares distinguiam-se pelos cabellos curtos, tonsura e casula, que era o seu vestuario, pois traziam os seculares um saio e sobre elle uma capa. O habito talar data de 1360. Até ao anno de 255, todos os sacerdotes celebravam o santo sacrificio da missa com os seus vestidos de uso ordinario.

O culto do gentilismo, conservado até este seculo pelos habitantes ruraes (PAGI, pequenas povoações), deu origem á palavra PAGÃO.

Em 789 determinou Carlos Magno que se applicasse a pena de morte a quem infringisse a lei quaresmal que prohibia o uso de vinho, ovos e leite. Muitos fieis evitavam os alimentos cosidos, limitando-se a pão e agua, ou tamaras, nozes e amendoas. S. Macario de Alexandria não dormia e apenas comia aos domingos uma folha de couve crua! Santa Maria Egypciaca passava sem alimentos. Em compensação já havia quem, como Erasmo, respondesse aos que censuravam a irregularidade quaresmal: «Saibam que a minha alma é catholica, mas que o meu estomago é protestante».

A instituição da quaresma, que teve em vista pôr termo ao costume de muitos christãos jejuarem todo o anno, deve alludir aos quarenta dias de duração do diluvio, penitencia de Jonas aos ninivitas, jejum de Moysés, demora de Elias no deserto, ou aos 40 dias e 40 noites do jejum de Christo. Entre nós este jejum ou abstinencia termina com o ultimo dia de *vida* do Judas de Kerioth que, pendente de cordas pelas ruas e largos, é queimado ás 10 horas da manhã de sabbado de alleluia, quando desperta festiva a sinarada.

SYNCHRONISMOS DO SECULO IX

Desde 822 até 886, a cruel perseguição musulmana contra os christãos na Hespanha, que era o centro da potencia arabe no occidente, attingiu o maior grau de intensidade, em virtude da independencia do chefe da nação para com o califa de Bagdad. O fanatismo de Abderrame II, filho de Moavias, foi posto a toda a evidencia com a severidade das suas leis de odio contra os filhos da Egreja catholica, ordenando com o voto do seu Conselho a morte de quem deixasse de respeitar Mafoma. A' vista do seu Paço e a pouca distancia d'elle, funccionavam diariamente numerosas forcas levantadas nos arredores de Cordova, grande e rica cidade peninsular, onde em 852 foi celebrado o Concilio Cordubense a que assistiram varios metropolitas convocados pelo impio Abderrame, que receiava a sublevação dos christãos contra os infieis exaltados, tratando-se especialmente do socego d'estes. O Concilio decretou que, de futuro, ninguem mais se offerecesse ao martyrio.

Estevão VI (896-897) fez trazer á presença do Concilio por elle celebrado, o corpo do Papa Formoso (891-896), Bispo da Diocese do Porto, quando foi eleito para a cadeira de Roma, e, não contente com o desterro que lhe dera em vida, mandou-o revestir com os ornamentos sagrados, sendo em seguida collocado na cadeira patriarchal, como se ainda estivesse vivo; o advogado que lhe nomearam para o julgamento *não poude obstar* a que o morto

fosse novamente condemnado ao degredo (!!!), ao córte de tres dedos, á decapitação e ao lançamento do cadaver ao rio Tibre (H. Ecc. vol. 3, pag. 375), onde no anno de 898 uns pescadores o acharam sendo então solemnemente reconduzido á sepultura dos Papas, por ordem do successor Theodoro que promptamente restabeleceu os clerigos a quem Formoso dera a ordenação.

Esta scena, bastante parecida com a de D. Ignez de Castro. *que depois de morta foi rainha,* serviu talvez de modelo ao vingador do barbaro assassinato, o nosso rei D. Pedro I (o crú).

Hincmar escreveu, no anno de 874, os *Estatutos Synodaes*. em que se faz referencia á agua benta com que desde o seculo II se aspergia o povo, ao pão bento que os fieis recebiam antes da communhão, e á instituição dos Deões das aldeias para inspeccionarem os curas do seu districto e darem ao Arcediago conta de qualquer irregularidade que ao Bispo competisse punir.

Estes curas, posteriormente estabelecidos nas cidades, eram no seu principio o que hoje são os parochos ruraes a quem é confiado o governo das egrejas, com a differença de lhes permittirem trabalhos manuaes, especialmente agricolas, depois de cumpridas as obrigações pastoraes — visita aos enfermos e resa do officio Divino. Os Concilios prohibiam a celebração de missas sem ouvintes e lembravam aos padres a obrigação de resarem quotidianamente as horas canonicas.

O IV.º Concilio geral de Constantinopla, celebrado no anno de 869, refere-se ao antigo costume de, nas vesperas dos Santos Innocentes, ser entregue pelo Chantre ao menino mais novo do côro o baculo episcopal para que ficasse a governar o clero até ao final do Officio do dia immediato. O *Bispo dos meninos* (assim se denominava) visitava então a Cathedral e as egrejas da cidade.

Ainda em 1182 nos diz João Beleth *(L. dos Officios Divinos*, cap. LXXII):

«Depois do Natal quatro grandes bailes se fazem na egreja, a saber: o dos Levitas, o dos Sacerdotes, o dos Meninos e o dos Hypodiaconos, etc.»

Em Inglaterra durou este costume até ao anno de 1530.

O Cardeal Pedro Capuano, Legado Apostolico em França. foi quem primeiro se oppoz a estas costumeiras indecentes. Depois a Faculdade Theologica dirigiu aos Bispos, em 1444, a *Enegelica* em que se refere que na occasião dos officios Divinos entravam na egreja mascarados com danças e cantorias; «uns comiam sopas e gorduras sobre o mesmo altar em que se estava celebrando o incruento sacrificio; jogavam dados, incensavam com pratos de carne e botelhas cheias de vinho, ou com fumo de sapatos velhos, etc.» Em 1145 o Concilio de Ruão anathematisou estes divertimentos improprios da casa do Senhor.

E' de todos conhecido o que a este respeito se passava nas nossas communidades religiosas nos dias 1.º de janeiro e Reis de cada anno; porém essas folganças, além de não terem logar fóra dos conventos, eram respeitosas, nunca immoraes.



Egreja de S. Miguel do Castello (Guimarães) [1]

A architectura singella e tosca d'esta pequena egreja, a espessura das paredes, os modilhões largos e lizos e o proprio remate da porta em desalinho com o da fachada, tudo nos assegura que a sua construcção data dos fins da epocha primordial romano-byzantina, seculo x.

Alguns dos nossos mais notaveis archeologos, como o sr. Vilhena Barboza, descobrem no arco da porta principal a forma ogival, quando apenas existe uma leve elevação no fecho, e crêem por isso que data do seculo xii em que este estylo architectonico, segundo elles, foi introduzido em Portugal. Eu não sei em que se

---

[1] Cópia de photographia do distincto amador bracarense Manuel Carneiro. Esta egreja apparece hoje pela primeira ves photographada do lado norte e de frente.

fundam os que affirmam que entre nós não se adoptou a ogiva antes do seculo XII, julgando possivel que n'esta mesma epocha se construissem edificios religiosos de tão barbaro aspecto, quando pelo contrario se acredita que os soldados peregrinos das cruzadas aprenderam as artes de Byzancio procurando desde logo chamar para Portugal *quem melhor soubesse produzil-as.* Arcos como o de S. Miguel do Castello são mais velhos que os proprios Romanos; e é por isso um erro julgar que tanto estes como os outros povos da antiguidade, que por aqui viveram, só tinham conhecimento do arco de volta inteira. As duas portas lateraes, interiormente rematadas em ogiva, são traçadas de maneira que se diria não terem os nossos respeitaveis antepassados conhecido o uso da regua e do compasso.

A circumstancia de tudo aquillo ser tosco deve estar bem presente a quem fizer a critica d'aquella architectura. Eu insisto que pertence ao seculo X em que os barbaros procuravam imitar ignorantemente as construcções dos romanos.

A ornamentação do primeiro dos dois arcos tumulares, abertos na parte exterior da parede norte, é perfeitamente egual á da porta principal. Em epocha remotissima serviu de sepultura ao Chantre de Coimbra D. Martim Paes, que instituiu capella com duas missas cantadas e quatro resadas. Como porém se perdesse a memoria d'esta instituição, encarregou-se el-rei de prover os seus administradores, sendo em 1658 Jeronyma de Castro, mulher de Gaspar Mendes da Guerra, da casa de Sentiães, freguezia de S. Faustino de Vizella.

O segundo arco, sem ornatos, pertenceu a Joanne Annes Enxate, procurador do numero d'esta então villa de Guimarães[1] instituindo capella para que deixou suas herdades com obrigação de uma missa semanal. O seu testamento, bastante curioso, é como segue, na linguagem da copia que possuo: «Em nome de Deus amen. Saibam todos q̃ eu Joani Anes procurador do numero da V.ª de Guimarães em minha vida e saude com todo o meu sizo e entendimento qual me o Deus deu fasso minha manda e meu testamento em esta guiza, mando a minha alma a Deus e peço e rogo á Virgem S.ª nossa q̃ me queira perdoar e mando enterrar o meu corpo em a igreja de Santa Margarida, seja minha madre e mando á dita igreja para todo o sempre 1 Maravedim de moeda antiga, e q̃ o hajam pelas minhas herdades e outro sim lhe mando 20 libras d'esta moeda q̃ trasem com meu corpo. E mando ao abbade que fôr da dita igreja me faça cantar huma ca-

[1] Guimarães foi elevada á categoria de cidade por decreto de 10 de fevereiro de 1853, recebendo-se a participação de D. Maria II aos 22 de junho do referido anno.

pella des este dia para todo o sempre por as minhas herdades na dita igreja. E mando a qualquer abbade q̃ for da dita igreja 4 maravedis da dita moeda antiga por me fazer cantar a dita capella, e não a querendo fazer cantar, q̃ d'isto não haja nada e q̃ a faça cantar o mays chegado do meu linhagem, e haja estes 4 maravedis, e élejo por substitutos como o direito outorga Affonso Anes do Castello e a Gonçalo Romeu, a Joani q̃ se diz meu filho morrendo o dito Joani sem filho ou filha ou sem neto elles ambos possão haver todos os seus bens e os vendam e deem por minha alma em... virem que comprou, e manda se vendão todos os meus bens e se dem por minha alma, e mando a cada hũ dos sobreditos mil libras a cada hũ por o afam que hí filharem, e mando aos conegos da igreja de Santa Maria da dita villa 70 libras d'esta moeda e que me digam hũa missa officiada e vigilia e me farão honra, e aos clerigos do coro no dito dia 30 libras e aos frades de S. Domingos e de S. Francisco a cada ordem outrotanto pela dita condição, e aos frades do Mosteiro da Costa 50 libras, e aos de S. Trocade e de Souto trinta libras por a dita condição e outro sim lhes mando outro tanto aos 9 dias e outro tanto aos 30 dias, e outro tanto ao anno e mando me obradem hũ anno na dita igreja de Santa Margarida cada dia com 20 soldos antre pão e vinho e candea, e mando ao capellão da igreja de Santa Margarida por dizimos e por falhas q̃ não paguei á dita igreja 20 libras e mando q̃ dem por minha alma aos 9 dias hũa baca por Deos com 100 libras de pão e outro tanto ao mez e outro tanto ao anno, e mando a Thereja minha sobrinha 500 libras para cazamento e aos outros meus sobrinhos e sobrinhas a cada um vinte libras e isto o q̃ me devem. Deveme Fernam Roiz Besteiro 685 libras sob 6 botões e uma colher de prata, e me deve Luiz Miz meu visinho 310 libras d'esta moeda e mais uma alda de panno pardo e devo Affonso Vasques meu visinho 60 libras, e mando ao dito Luiz Miz q̃ lh'as pague d'estas q̃ me deve, e Nicolau Esteves almoxarife da dita villa me tem uma taça de marco e meio a penhor por 260 libras, e mando a dem a Senhorinha Vasques q̃ foi minha mulher a dita taça e todolos outros bens q̃ acharem em minha casa q̃ acharem seus sam e q̃ elle de a mim uma taça de marco e meio de prata e a roupa q̃ me tem Me deu Martim singello 206 libras que me emprestou e mando que lh'as paguem e tenho eu e G.^{lo} Romeu pellos e somagre 72 pelles cabruani e 15 arrobas de somagre e a esto me deve o dito G.^{lo} Romeu duas pelles e 50 libras e do somagre cento e uma libra e meia e eu devo a elle 200 libras e temme uma taça de prata pequena, e anda em sepães 1 boi q̃ é meu e seu, e tenho 12 botões de prata de Vasco Dinis Abbade de Polvoreira por 50 libras e estes botões lancei eu a

penhor a João Geraldes, e que o abbade pague as ditas 50 libras a meus testamenteiros os sobreditos G.^{co} Romeu e Affonso Annes e lhes mando o q̃ já hei mandado e q̃ cumpram este meu testamento por os meus bens e os seus não sejam obrigados e me deve Alvaro Vasques Cizeiro q̃ hora é de Guimarães 1.000 libras desta moeda que hei de haver delle e me tem João Garcia da porta da Frieira uma taça de prata de 1 marco por 200 libras desta moeda e digo q̃ recebi de João Carreira, o aluguer das casas em q̃ morou de 3 annos e os 2 q̃ ellas mais morou hão de fazer seu, mando que de a Gonçalo Romeu 300 libras de papel que é uma resma que eu devo que eu delle recebi e mando q̃ a dita Senhorinha Vasques pague a meus testamenteiros 3.000 libras q̃ paguei a Martim Nz^{o} por razão da partição de seu filho e por esta manda revogo todalas mandas testamentos codecilhos q̃ feitos hei antes d'esta dou e mando q̃ não valhão e valha esta q̃ esta é a minha e postumeira vontade e o assim o outorgo feito foi na dita villa 21 dia de dezembro era de 1436. Testemunhas Gonçalo Romeu, Affonso Pires tabellião mestre Matheus Christovão das Cizas, Estevão Pires e Affonso Roiz Albardeiro e Bartholameu Miz Conego da Costa e João Carreira, e outro e eu Affonso Frz tabellião de nosso Senhor el Rei na dita villa de Guimarães, q̃ este testamento por mandado e outorgamento do dito Joani Anes escrevi e aqui meu sinal fiz q̃ tal é.»

*

O pavimento da egreja está coberto de campas com emblemas grosseiros gravados n'aquellas pedras informes, taes como:— lanças, espadas, machados, cruzes gregas, etc., as quaes devem ser posteriores ao seculo XI. Em frente da porta principal, no espaço que outr'ora teve alpendre, como o denotam os modilhões da fachada, ha algumas d'essas sepulturas, numa das quaes se lê: DE IOAM FRZ · As tres que pude ler no pavimento da egreja dizem:

S.^A DE DAM
IAO DIAS — S DANT.^O IORGE E ERD — S.^A DE P.^O
PIRES
MOSTEIR
O R ·OS

Pertencem á egreja de Santa Margarida todas as oliveiras que a cercam, pois assim foi determinado em sentença proferida a 17 de novembro de 1763.

Os sete modilhões que se destacam em volta da egreja, a par d'uma rigula rasgada a todo o comprimento da parede sul, sem duvida para apanhar as aguas pluviaes, indicam que houve alli um claustro talvez destinado aos frades capuchos da Piedade que

no dia 7 de fevereiro de 1665 lavraram o termo da licença pedida ao D. prior D. Diogo Lobo da Silveira, para possuirem por emprestimo a egreja, onde já celebravam os officios divinos, emquanto não terminavam as obras da construcção do convento. Este termo foi assignado pelos religiosos: — fr. Hieronimo de Villa Real, guardião; fr. João da Barca; fr. Manoel de Verdemilho; fr. Pedro de Beja e fr. Francisco do Porto. Entraram na posse temporaria d'esta egreja no dia 12 de novembro de 1664, e sairam d'alli para o seu convento, que fica a poucos metros de distancia no dia 29 de julho de 1668. Na procissão solemne que os acompanhou á nova casa, encorporou-se o revd.^{mo} Cabido, camara municipal, communidades e um numeroso concurso de povo.

Esta egreja de S. Miguel do Castello (vulgo Santa Margarida) foi sagrada pelo Arcebispo de Braga D. Silvestre no anno de 1239, e reza-se da sua dedicação a 30 do mez de abril: *Ecclesia ista dicata est a Domino Silvestro Archiep. Brach. in honorem beati Michaelis, et S. Martirum Saturnini, Juliani et Baziliae, Fausti et Januarii, era MCC2XXVII.*

A capella mór mede $6^m,40$ por $4^m,40$. Do arco á porta principal, $13^m,80$ por $6^m,20$ de largo. A abertura do arco não excede a $2^m,55$. Sete frestas em fórma de setteiras, incluindo a que se vê sobre a porta principal, fornecem luz á egreja. E' possivel que as tres representem a *Trindade,* assim como as sete frestas os *Sacramentos da Egreja.*

Dentro guarda-se uma grande lapide que mede $0^m,99$ por $0^m,77$, com a inscripção seguinte:

ÆTERNIT : SACR : IMMA-
CVLATISSIMÆ : CONCEP-
TIONI : MARIÆ : JOAN : IV PORT-
VGALL : REX : VNA CVM GEN-
ERAL : COMITIIS : SE : ET RE-
GNA SVA : SVB ANNVO CENS-
V TRIBVTARIA PVBLICE VO-
VIT : ATQVE DEIPARAM IN
IMPERII TVTELAREM ELEC
TAM : ALABE ORIGINALI PR-
ÆSERVATÃ PERPETVO D-
EFENSVRV : IVRAMENTO
FIRMAVIT : VIVERET VT P-
IETAS LVSITAN : HOC VIVO L-
APIDE MEMORIALE PEREN-
NE : EXARARI IVSSIT : ANN:C-
HRISTI M · D · C · XLVI IMPE-
RII : SVI : VI : ANNO 1654 ·

Versão:—Para perpetua memoria. D. João IV, rei de Portugal, juntamente com as côrtes geraes, se consagrou publicamente. e aos seus reinos, á Immaculatissima Conceição de Maria, com o tributo de um censo annual. E firmou com juramento, que defenderia sempre, que a Mãe de Deus, escolhida para padroeira do reino. fôra preservada da culpa original. Para que a piedade dos portuguezes sempre constasse, mandou gravar em pedra esta memoria no anno de Christo de 1646, sexto do seu reinado. Anno de 1654.»

O censo annual era de cincoenta cruzados de ouro applicados á egreja de Villa Viçosa; e o juramento foi feito a 24 de março de 1646. (Domingo de Ramos), na capella real, e pelos cathedraticos da Universidade de Coimbra no sabbado 28 de julho.

A collocação d'esta inscripção lapidar nas entradas das cidades, villas e logares, deve-se ao alvitre de fr. Antonio das Chagas (o Escoto) e á approvação de el-rei que logo commetteu ao seu ministro Antonio de Sousa de Macedo o encargo de a redigir. Quiz fr. Antonio que o juramento real se perpetuasse por este meio. E' notavel que não se encontre em Braga, a Roma portugueza, uma unica d'estas inscripções. E' realmente notavel!

A Camara Municipal não ordenaria a sua collocação? O Cabido da Sé de Braga jurou solemnemente defender a immaculada Conceição, sendo o respectivo auto assignado no dia 24 de fevereiro de 1647 pelo clero, nobreza e povo.

Em Guimarães ainda existem, além d'esta, outra embebida na torre da casa dos Laranjaes, e a do cunhal esquerdo do edificio da Camara.

Para o effeito de se cumprir a resolução real, enviou D. João IV á Camara de Guimarães a seguinte carta:

«Juiz, Vereadores e Procuradores da Camara da villa de Guimarães. Eu El-Rei vos envio muito saudar. para que seja mais notorio a obrigação, que eu, e todos os meus vassallos tem de defender, que a Virgem Senhora nossa foi consebida sem pecado original, Ouve por Bem Rezolver, que em todas as partes, e entradas das Cidades, Villas e Logares de meus Reinos, se ponha em hũa pedra lavrada a inscripção, de que será a copia com esta carta. encomendovos que a façais pôr nas portas, e lugares d'essa Villa, e me avizeis de como o tendes executado. escripta em Alcantara a 30 de Junho de 1654. Rei · ⁝ · para a Camara de Guimarães».

Desde que foi tomada em côrtes esta resolução não mais os nossos monarchas collocaram a coroa na cabeça. Vê-se sobre uma almofada, ao seu lado direito, nas occasiões solemnes.

Fernando III, imperador da Allemanha, fez levantar em 1629. na principal praça de Vienna, uma columna encimada pela imagem da Virgem e contendo uma inscripção latina em que tambem

dedicou e consagrou festivamente á Virgem tudo o que possuia «a sua pessoa, seus filhos, seus povos, seus exercitos, suas provincias».

S. Casimiro, filho de Casimiro III, rei da Polonia, compoz em latim alguns versos encantadores d'entre os quaes especialisarei os seguintes:

Tambem me alcança que seja
Dôce, brando, pio, recto,
Despido de fingimento,
Sabio, casto, circumspecto.

A 8 de dezembro de 1854, Pio IX definiu, como dogma, a Immaculada Conceição de Maria, sendo esta decisão festejada em 9, 10 e 11 de abril do anno immediato.

N'outros tempos o nome de Maria chegou a ser prohibido em attenção ao respeito devido á Virgem Mãe de Jesus.

*

Como parochia tem a egreja de S. Miguel do Castello as honras de *Primaz* de todas as do Arcebispado, por já o ser muito anteriormente á fundação da nossa monarchia. Foi baptisado n'ella o infante, depois rei D. Affonso Henriques, filho do Conde D. Henrique e de D. Thereza, os quaes no seculo XII viviam no visinho castello onde nasceu o referido monarcha. A pia baptismal foi d'alli retirada em 1664, por ordem do D. Prior D. Diogo Lobo da Silveira, achando-se desde então na egreja de Nossa Senhora da Oliveira acompanhada d'esta inscripção em fundo azul e caracteres dourados:

NESTA · PIA · FOI
BAVTISADO · EL
REY · DOM · AFFÕ
SO HENRIQUES · PE
LO ARCEBP.º S · GE
RALDO · NO AN
NO · DO · SÕR 1106

Em virtude das divergencias dos nossos historiadores antigos e modernos ácerca do anno do nascimento de D. Affonso Henriques, deve julgar-se completamente perdida a esperança de se esclarecer esta data da nossa Historia. A Chronica de Duarte Galvão diz que nasceu em 1094; outra opinião em 1106, sendo esta a que se acha gravada na inscripção da pia e a que João de Barros queria que se tivesse por certa; outra em 1108; no Livro de Nôa de Santa Cruz de Coimbra, em 1109; outra opinião, em

1110; Alexandre Herculano, em 1111; e a Chronica contemporanea Gothica em 1113! Nada menos de sete opiniões que n'este momento recordo.

As quatro ultimas põem fóra do acto do baptismo o Arcebispo S. Geraldo fallecido em 1108.

Coube á egreja de S. Miguel do Castello a prerogativa de immediata ao Papa sendo d'este modo isenta da jurisdicção archiepiscopal de Braga.

O orago d'esta egreja teve uma irmandade que ainda em 1664 existia; houve alli tambem a Confraria do Anjo que mandava annualmente celebrar 100 missas, 12 das quaes eram cantadas na primeira quinta-feira de cada mez com responso e procissão de defuntos em volta da egreja, pelos confrades e pelo instituidor d'aquella obrigação.

Estavam encarregados de todo este serviço os 4 capellães que annualmente recebiam de ordenado 1:000 réis!

Na relação das ceias pagas pela Confraria no anno de 1620, figura, como fornecedor, Miguel Francisco Matadiabos, morador na rua da Fonte Nova, hoje rua nova de Santo Antonio, e ainda agora vulgarmente denominada *do Mata-diabos* em homenagem ao *Hercules* taberneiro!

Proximo do arco cruzeiro está uma sepultura rasa, com a figura da morte, que o Abbade Antonio Machado de Oliveira cedeu ao capitão José de Oliveira e Silva e a sua mulher D. Rosa Maria de Sousa em recompensa da *obrigação* que aos 4 de agosto de 1769 fizeram de 300$000 réis para azeite da lampada do S S. que desejavam collocar alli «por o não haver nunca», e uma missa cantada annualmente por intenção dos dois. Como porém a sepultura não fosse do Abbade, o Procurador Geral da Mitra annullou este contrato. O D. Prior D. Domingos de Portugal e Gama auctorisou a referida collocação na «Real Egreja de S. Miguel do Castello», sendo o S S. processionalmente condusido da Insigne e Real Collegiada pelo Chantre dr. Francisco José Pereira, e encorporando-se todas as irmandades, confrarias, Curaria e Cabido, e os frades Franciscanos, Dominicos e Capuchos, aos 5 de junho do anno immediato. Num dos angulos formados pelo arco cruzeiro e corpo da egreja (lado esquerdo), vê-se o *padrão das teigas*, medida do seculo XII, que consiste numa pedra grosseira e mal cortada, contendo ao centro duas cavidades de um e de meio alqueire.

Achando-se em estado de ruina esta pequena egreja, que foi capella real do Conde D. Henrique, o Arcebispo D. José Joaquim de Azevedo e Moura publicou uma portaria annexando a freguezia á de Nossa Senhora da Oliveira. Uma commissão composta dos srs. dr. Francisco Martins Sarmento, conego Aquino, padre

Antonio José Ferreira Caldas e João Pinto de Queiroz, abriu em Guimarães uma subscripção que rendeu 700$000 réis, e obteve do governo o subsidio de 1:200$000 réis, iniciando em 17 de agosto de 1874 uma restauração conscienciosa que em nada prejudicou a architectura antiga.

Em 20 de julho de 1880 foi esta egreja benzida pelo rev. Abilio Augusto de Passos. A pequena distancia, para a frente, fica o pobrissimo albergue de S. Miguel do Castello cuja origem se desconhece.

Na serie dos Abbades de S. Miguel do Castello é conhecido, como o mais antigo, Domingos Tristão apresentado na era de 1383.

A poucos metros de distancia d'esta velhissima egreja, lado do nascente, vê-se o venerando castello fundado pela condessa D. Mumadona que o denominou de S. Mamede, e o qual mais tarde foi alcaçar do Conde D. Henrique e da rainha D. Thereza. Alli nasceu D. Affonso Henriques, fundador da monarchia portugueza. A torre de menagem tem interiormente uma escada que conduz ás ameias de onde se descobre um horisonte vastissimo!

Na humbreira direita da porta d'essa torre gravou-se em 1868 um nome que, por extranho ao monumento, devia ser apagado. E' o nome de *Luiz Vermell,* pintor-esculptor hespanhol que residiu em Braga até o anno de 1870.

No dia 9 de novembro de 1887, a Camara poz em arrematação por 105:000 réis a cobertura metalica; e na sessão do dia 1 de abril de 1889, propoz-se que se organisasse um projecto de melhoramentos em volta d'este castello. Como porém se tratasse d'uma obra honrosa para a terra que justamente se ufana de ser o berço da nossa nacionalidade, não faltou quem logo lhe creasse entraves!

Em 19 de março de 1881 foi este castello classificado monumento historico de primeira classe.

A egual distancia da egreja, para o sul, fica o Paço incompleto dos Duques de Bragança, magestoso edificio construido pelo Conde de Ourem e primeiro Duque de Bragança D. Affonso, filho natural de el-rei D. João I que o estimava muito por se parecer comsigo.

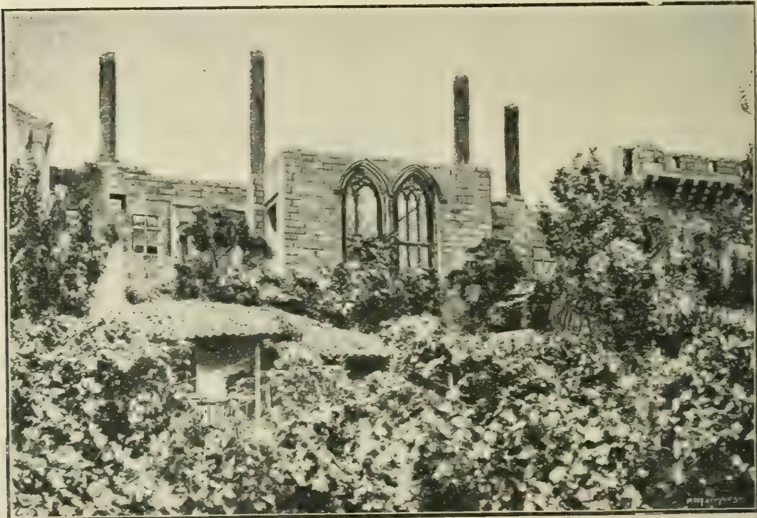
Este D. Affonso era casado em primeiras nupcias com D. Brites Pereira, filha de D. Nuno Alvares Pereira, e em segundas com D. Constança de Noronha, filha do conde de Noronha D. Affonso.

Fallecendo o Duque em Chaves, no mez de dezembro de 1461, sua mulher D. Constança continuou a habitar o Paço de Guimarães em que falleceu a 26 de janeiro de 1480, sendo sepultada na capella-mór da egreja de S. Francisco, onde apenas se guarda a tampa do tumulo com a sua estatua jazente.

Numa parede interior ainda se conserva este portico Joannino, com tres arcos reintrantes sobre columnas de marmore branco, que pertencia á grande sala régia:



Nas costas d'esta grande sala conservam-se as duas janellas que aqui se representam:



E' notavel a solidez das quatro enormes chaminés de tijolo que ha cinco seculos resistem á acção do tempo!

Anteriormente a 1807, em que este edificio principiou a ser occupado pelos corpos militares, recolhiam-se alli as rendas do Reguengo. Para esse fim conseguiu o Almoxarife Jeronymo de Mattos Feijó que a parte habitavel fosse coberta de telha.

Um velho documento dá a seguinte medição do Paço:

«Sendo medido pela parte do norte tem de comprido de nascente a poente 52 varas e meia; confronta d'esta parte com o olival e egreja de S. Miguel do Castello; tem por esta banda um alpendre assentado em 8 pilares de pedra, para cuja parte tem duas portas fronhas com suas escadas de pedra e entrada do celleiro dos mesmos Paços; e medidos pela parte do poente tem de largo de norte a sul 52 varas e meia; parte com o olival da dita egreja, tem para esta parte duas portas, entradas das lojas e uma d'ellas é larga e tem por cima um alpendre telhado e assentado em dois pilares de pedra; e sendo medidos pela parte do sul tem de nascente a poente 52 varas; confronta com o muro das freiras de Santa Thereza, para cuja banda tem muita quantidade de janellas feitas ao tempo antigo com suas cruzes de pedra nos largos d'ellas; e medidos pela parte do nascente tem de norte a sul 53 varas, parte confronta com o muro da villa e roxio que possue Torquato Luiz que fica entre o dito muro e os ditos Paços, e por esta banda tem tres torriões de pedra, e no primeiro torrião tem um escadorio de pedra e tem para esta banda muitas janellas e barandas de pedra, e tem cruzes de pedra pelo meio e algumas estão tapadas e outras abertas entre as ditas janellas, e estão muitas relosias pequenas, e dentro d'estes Paços tem o arco da entrada para o logar aonde foi a capella, e o dito arco está formado sobre 6 columnas de pedra de jaspe ou marmore, tem varias chaminés e arcarias e tem 3 salas cobertas de telha, que actualmente servem de celeiro, e uma cosinha sobradada com suas janellas para a parte de dentro do Palacio, e tem quatro lojeas duas grandes e duas pequenas que servem de celeiro do vinho e mais despejos».

*

Neste seculo X os Concilios Asturicense (946) e Compostellanum (971), viram com magua o clero regular e secular perder a noção dos seus deveres a ponto de varios auctores ecclesiasticos dizerem que «muitos retiros dedicados ao silencio e á oração se converteram em logares de desordem».

Bispos e sacerdotes casavam, dotando os seus filhos com fóros, dizimos, egrejas e outros rendimentos.

Alguns d'esses Bispos ambiciosos conseguiram possuir simultaneamente varias Dioceses.

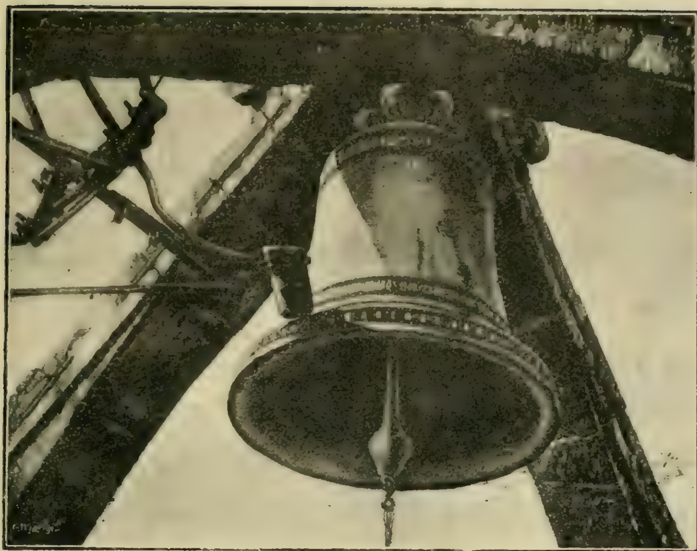
O Arcebispo de Corintho aconselhou a S. Lucas o Moço, solitario do monte de S. Joannico, que tivesse em seu poder um vaso para conservar hostias consagradas com que se desse a si proprio a communhão a miude, e um copo expressamente destinado ao vinho que apoz a communhão devia beber. E' que os anacoretas poucas vezes assistiam á celebração da missa. Seguindo a pratica dos mais antigos christãos, ainda n'este seculo era permittido a cada um commungar debaixo de uma só especie, pelas proprias mãos, restringindo-se a quatro vezes no anno esta devoção!

Os regulamentos dos Concilios prohibiam os consorcios entre parentes até ao 7.º grau e ordenavam a separação dos que existissem com este impedimento.

A disciplina canonica, o jejum e a penitencia publica, relaxaram-se grandemente em virtude de se commutarem as penas estabelecidas pelos canones em romarias, fundações de egrejas e Mosteiros e em muitas outras obras pias.

O Papa João XIII benzeu solemnente em 965 os sinos de S. João de Latrão, dizendo se que por esse facto ficou instituida a ceremonia pelo alludido Pontifice. Alguns dos nossos historiadores, que a julgam mais antiga, fundam-se na prohibição da referida benção dos sinos estabelecida em 789 pelo capitular de Carlos Magno, e nos Rituaes manuscriptos onde se determinam as ceremonias proprias para estas bençãos.

O Papa Silvestre II (Gerbert) foi o introductor dos relogios de pendula e dos algarismos arabes na Europa.



O sino de S. Geraldo

Pendente dos dois arcos ogivaes que se encruzam formando a cupula da torre do lado norte da Sé de Braga, está o sino das horas ou do relogio, vulgarmente denominado *de S. Geraldo,* porque a tradição nos diz que tocava de per si sempre que o santo Arcebispo sahia do Paço Archiepiscopal. Supponho que seja este o sino mais antigo do paiz, e que mais curiosidade offerece pela proveniencia, dizeres e emblemas, entendo que deve ser considerado uma reliquia archeologica de valor.

Quem primeiro se occupou d'este sino foi o Contador d'Argote D. Jeronymo, (1676-1749), nas suas *Memorias de Braga,* livro 6, cap. IV, n.º 544, fl. 357, dizendo-nos que se lia em toda a volta d'elle esta pequena inscripção: — MAGISTER MARTI VALENCIIS ME FECIT ANNO DOMINI MILLESIMO, — sendo esta a versão: «Mestre Martinho me fez no anno de mil do Senhor, em Valença».

Desde então ninguem se deu ao trabalho de reverificar estes dizeres para se evitarem constantes reproducções d'uma leitura inexacta devida ao informador d'Argote, D. Luiz Alvares de Figueiredo, Bispo de Uranopolis e coadjutor do Arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles.

Não se justifica o pouco escrupulo do Bispo em copiar, apenas e muito mal, a primeira linha dos dizeres do sino que no seu tempo

ainda se conservava no campanario entre as torres anteriores a estas, e portanto em optimas condições para um exame seguro. Eu tive necessidade de fazer construir sobre a balaustrada da cupula da torre uma estada de madeira á qual subi cerca das 3 horas da tarde de sabbado 8 de maio de 1897, volteando o sino tres vezes, que tantas são as linhas da inscripção em elegantes caracteres gothicos, e lendo o seguinte, cuja fidelidade garanto:

MAGISTER MATRICALENSIS ME FESIT ANO DNI MILE
SIMO

ECCE CRVCEM DNI FVGIT PARTES ADVERSE VINCIT
LEO DE TRIBV IVDA RRADIX DAVIT ALELVIA

QVINGENTESIMO PRYMO AIVTORIV NOSTRIE IN
NOMINE DNI DEVS INCNE VENIT PRONOBIS CREDO

O diametro do bordo (1^m,07) é egual á altura exterior. A primeira linha, nos hombros, não coube na circumferencia da fôrma terminando por isso debaixo da primeira palavra com as quatro ultimas lettras n'um parallelogrammo.

As palavras *fecit* com um *s*, *anno* com um *n* apenas, *millesimo* só com um *l*, *fugite* sem o *e*, *radix* com dois *rr*, *alleluia* sem um *l*, e ainda outros defeitos na linha ultima, tudo se encontra no sino; e não é isso raro, mesmo nos que foram fundidos no decurso dos seculos subsequentes.

Matricalensis é nome proprio da naturalidade do fundidor ou da localidade onde estava installada a fundição. Provavelmente o proprietario occultava o seu nome por desnecessario ou por então ser unica e de grande fama a fabrica *de Madrigal*, pequena cidade hespanhola que fica distante quatro leguas de Medina-del-Campo, e da qual era natural o celebre pasteleiro Gabriel de Espinosa que, por se apresentar como sendo o desditoso rei D. Sebastião, foi enforcado com o seu cumplice portuguez fr. Miguel dos Santos, no anno de 1595.

Leitura da inscripção: — «Mestre de Madrigal me fez no anno de mil do Senhor. Eis a cruz do Senhor; evitae as partes adversas; vence o leão da tribu de Judá, raiz de David.

Quinhentos e um (numero de sinos fundidos). O nosso auxilio em nome do Senhor. Creio que Deus veiu encarnar por nós».

E' curiosissima a notação do numero de sinos que a fundição

produziu até á data de ser fundido o de Braga! E para que não offereça duvida a allusão do numero 501, lá está a seguir á palavra *quingentesimo* um pequeno sino em relevo, da altura dos caracteres gothicos. A restante pontuação d'esta linha representa um sino-saimão *(signum Salomonis)* que livra das cousas más, a egreja da Sé, um leão e outro emblema.

Por occasião da benção de que fazem parte, depois do canto dos Psalmos, a lavagem interior e exterior do sino com agua benta salgada, as quatro uncões exteriores e as quatro interiores com o santo Chrisma, devia ser nomeado, para a invocação, um santo cujo nome é hoje desconhecido. O de S. Geraldo não, porque como fica dito, o sino é bastante mais velho. O emblema do centro representa um calvario, com S. João e a Virgem.

Ahi fica pela primeira vez copiada e lida toda a inscripção do *sino de S. Geraldo,* que muito contribue para o conhecimento da antiguidade da fundição de sinos na nossa visinha Hespanha, proveniencia d'esta reliquia de um passado remoto, bem digna de estimação.

Este sino e o pequeno calice que se guarda em cofre de marfim no thesouro da Cathedral, loc. cit., teem sempre sido denominados *de S. Geraldo* por se ignorar a procedencia d'um e d'outro. Seguia-se a tradição do sino tocar de per si, e do calice ter servido para o santo celebrar as missas. Nada mais se procurou averiguar, não obstante haver no calice e no sino inscripções que muito me auxiliaram para apurar da verdade.

Sabe-se que os musulmanos conquistaram e arruinaram a cidade de Braga em 716, demorando-se por estes sitios quasi 300 annos. Os Bispos bracarenses, que durante o seculo VIII, procuravam o conforto do Paço, eram perseguidos com insistencia a ponto de os obrigarem a refugiar-se nas Asturias, assim como as familias gradas da epocha a procurarem sitios elevados onde se fortificavam para alli residirem com liberdade e socego. Por isso a velha cidade de Braga ainda em 859 se conservava arruinada, porque então D. Affonso o Casto, como consta das actas do Concilio de Oviedo, ao mesmo tempo que aconselhava com interesse a restauração das Cathedraes destruidas, doava á egreja de Lugo a cidade e Bispado de Braga com as egrejas e freguezias proximas, entrando n'esse numero das que os Arabes conservaram para agradar aos christãos pobres que ficaram sob o seu dominio com o fim de lhes cultivarem as terras, S. Pedro de Maximinos, S. Fructuoso com a torre Capitolina, S. Vicente e outras mais afastadas (... concedo civitates Bracarensem videlicet Metropolitanam cum suo Episcopatu, et in circuitatis... Ecclesia Sancti Petri, Sancti Fructuosi, turrís Capitolina, Sancti Vincentii cum villis suis Infidias, etc.), confessando que a este procedimento nada honroso, com que

procurava a salvação das almas, o obrigavam os mouros irrequietos (quia docus est quod nunc pro animarum salute necessitate paganorum compulsi facimus).

Sobre a conservação das egrejas pelos Arabes existia em 1642, no cartorio de Lorvão, como dizem Purificação e Brito, o documento seguinte:

«Alboacem, filho de Mahumet Athamar, filho de Tarife, a rogo dos christãos, fiz esta firma conforme o seu costume — O — e deram-me pela confirmação dous bons cavallos, e eu lhes confirmei tudo o sobredito. — Paguem os christãos dobrado tributo dos mouros. — Das egrejas por cada uma 25 pezos de boa prata, e as episcopaes 100, e os mosteiros 50. — Os bispos christãos não amaldiçoem os reis mouros, e se tal fizerem sejam mortos. — Os sacerdotes não celebrem suas missas senão com as portas fechadas: fazendo o contrario paguem 10 pezos de prata. — Os mosteiros, que estão em meu territorio e senhorio possuam seus bens em paz, e paguem os sobreditos 50 pesos. — O mosteiro das montanhas, que se chama de Lorvão, não pague pezo algum; porque com boa vontade me mostram onde trazem veados, e fazem aos mouros bom gazalhado, e nunca achei naquelles, que ahi moram mentiras nem má vontade; e possuam em paz e boa quietação todas as suas herdades... e vão e venham a Coimbra com toda a liberdade, de dia e de noite, quando quizerem, e comprem, e vendam sem pagar direitos; com tal condição que não saiam fóra de minhas terras sem minha licença. Carta de lei na era dos christãos 722 (de Christo 734), e segundo os arabes 147 aos 13 da lua Dulhija (lua de dezembro).»

Fallecendo em 999 Bermudo II, foi immediatamente acclamado rei de Leão seu filho Affonso, de 5 annos de edade, e a direcção dos negocios publicos entregue aos Condes de Castella Sancho Garcez, e da Galliza Menendo Gonçalves. N'este anno de 1000, em que El-Mansur venceu o Conde de Castella, ordenou o da Galliza Menendo Gonçalves a fundição do sino em Madrigal, offerecendo o, com o pequeno calice e outros objectos, a Santa Maria de Braga que, sem duvida, já então aqui tinha reedificada a sua egreja. (...offerimus cruce, CALICE et patena argentea, SIGNUM DE METALLO, libros perfectus, etc.) A Galliza, que durante muitos seculos teve Braga por capital, foi por Estrabão e Ptolomeu denominada: Kallaecia.

Seguiu se-lhe em 1065, como benemerito de Braga, cuja cidade principiou a reedificar, e da sua Sé Cathedral, que protegeu, obrigando as familias nobres a restituirem ao Bispo as rendas que possuiam, D. Garcia rei da Galliza e de Portugal, tão notavel pela coragem com que em 1073 venceu, entre a cidade de Braga e o rio Cavado, o grupo capitaneado pelo Conde Nuno Menendes.

Seu irmão D. Sancho II de Castella, que o privára do reino, nomeou em 1067 Bispo de Braga D. Pedro II, o ultimo da série dos Bispos e o primeiro que usou *Dom*.

Durante o governo d'este Prelado floreceu muito a Cathedral Bracarense pela restauração de antigos direitos e regalias e por numerosas doações que os povos lhe fizeram.

Na collecção dos retratos do Paço archiepiscopal existem, do seculo XI, mais dois Bispos anteriores ao D. Pedro, sendo Sigefredo em 1060 e Julião em 1038. D'essa collecção, que segue composta de 123 retratos, apenas pódem ser considerados authenticos desde D. Lourenço, visto ser inventada a pintura a oleo, no seculo XIV, por João Van-Eyk (1370-1441), o celebre fundador da eschola flamenga. O retrato de D. fr. Bartholomeu dos Martyres foi pintado em sua vida pelo pintor portuguez Antonio Maciel, de ordem do Arcebispo D. fr. Agostinho de Jesus, que lhe succedeu na cadeira Bracarense:

BISPOS

1	S. Pedro de Rates	anno	45,	barba	e	mitra
2	S. Basileu M	»	60,	»	»	»
3	S. Ovidio	»	95,	»	»	»
4	S. Policarpo	»	131,	»	»	»
5	S. Sereniano	»	200,	»	»	»
6	S Faviano	»	230,	»	»	»
7	S. Felix	»	245,	»	»	»
8	Grato	»	260,	»	»	barrete
9	S. Secundo	»	263,	»	»	mitra
10	Calidonio	»	268,	»	»	barrete
11	S. Narciso M	»	270,	»	»	mitra
12	Paterno I	»	275,	»	»	barrete
13	B. Salomão	»	299,	»	»	aureola
14	Senagrio	»	300,	»	»	barrete
15	S. Lioncio	»	326,	»	»	mitra
16	S. Apolonio	»	328,	»	»	»
17	Idacio	»	366,	»	»	barrete
18	Lampadio	»	381,	»	»	»
19	S. Paterno II	»	392,	»	»	mitra
20	S. Profuturo	»	405,	»	»	aureola
21	Pancracio	»	410,	»	»	barrete
22	Balconio	»	448,	»	»	»
23	Valerio I	»	456,	»	»	»
24	Idacio II	»	494,	»	»	»
25	Castino	»	524,	·	»	»
26	Valerio II	»	525,		»	»
27	Profuturo II	»	526,	»	»	»
28	S. Ausberto	»	527,	»	»	mitra
29	S. Juliano	»	538,	»	»	»
30	Eleuterio	»	550,	»	»	barrete
31	Lucrecio	»	569,	»	»	»
32	S. Martinho de Dume	»	583,	»	»	mitra

33 S. Benigno	anno	588,	barba	e	mitra	
34 Pantardo	»	589,	»	»	barrete	
35 S. Tobeu	»	612,	»	»	mitra	
36 Julião II	»	646,	»	»	barrete	
37 Potamio	»	656,	»	»	»	
38 Manucino	»	660,	»	»	»	
39 Pancracio	»	661,	»	»	»	
40 S. Fructuoso	»	665,	»	»	mitra	
41 S. Quirico	»	681,	»	»	»	
42 S. Leodicisio	»	683,	»	»	»	
43 Fiuva I	»	684,	»	»	barrete	
44 Faustino	»	694,	»	»	»	
45 S. Felix Torquato	»	714,	»	»	»	
46 S. Victor M.	»	734,	»	»	descoberto	
47 Eronio	»	730,	»	»	barrete	
48 Hermenegildo	»	737,	»	»	»	
49 Thiago I	»	738,	»	»	»	
50 Ferdisendo	»	746,	»	»	»	
51 Arcarico	»	780,	»	»	»	
52 Argimundo	»	823,	»	»	»	
53 Nostrano	»	832,	bigode	e	pera,	barrete
54 Dulcidio	»	842,	»	»	»	»
55 Gladila	»	863,	»	»	»	»
56 Argimiro	»	899,	»	»	»	»
57 Theodomiro	»	910,	»	»	»	»
58 Silvanacto	»	930,	»	»	»	»
59 Hero	»	942,	»	»	»	»
60 Gonçalo	»	950,	»	»	»	»
61 Hermenegildo	»	969,	»	»	»	»
62 Julião	»	10[illegible]8,	»	»	»	»
63 Sigefredo	»	1060,	»	»	»	»
64 D. Pedro II	»	1079,	»	»	»	»

ARCEBISPOS

65 S. Geraldo	anno	1099,	barba	e	mitra	
66 D. Mauricio	»	1110,	bigode	e	pera,	barrete
67 D. Paio Mendes	»	1118,	»	»	»	»
68 O B. D. Godinho	»	1135,	»	»	»	»
69 D. João Peculiar	»	1139,	»	»	»	»
70 D. Martinho Pires	»	1189,	»	»	»	»
71 D. Pedro S.	»	1210,	»	»	»	»
72 D. Estevão Soares	»	121[illegible],	»	»	»	»
73 D. Sancho I	»	1226,	»	»	»	»
74 D. Silvestre Godinho	»	1229,	»	»	»	»
75 D. Gualterio	»	1240,	»	»	»	»
76 D. João Egas II	»	1244,	»	»	»	»
77 D. Martinho Giraldes	»	1259,	»	»	»	»
78 Papa João XXI (D. Pedro Julião)	»	1272,	»	»	»,	solideo
79 D. Sancho	»	1275,	»	»	»,	barrete
80 D. Ordonho	»	1276,	»	»	»	»
81 D. Frei Tello	»	1280,	»	»	»	»
82 D. Martinho de Oliveira	»	1313,	»	»	»	»
83 D. João de Soalhães	»	1318,	»	»	»	»
84 D. Gonçalo Pereira	»	1325,	»	»	»	»

85	D. Guilherme	anno	1350,	bigode	e	pera,	barrete
86	D. João Cordolaco	»	1365,	»	»	»	»
87	D. Vasco	»	1371,	»	»	»	»
88	D Lourenço	»	1397,	»	»	»	»
89	D. João Garcia	»	1397,	»	»	»	»
90	D. Martinho de Miranda	»	1416,	»	»	»	»
91	D. Fernando	»	1416,	»	»	»	»
92	D. Luiz Pires	»	1467,	»	»	»	»
93	D. João de Mello	»	1480,	»	»	»	»
94	D. João Galvão	»	1480,	»	»	»	»
95	D. Jorge da Costa	»	1486,	sem barba,			barrete
96	Cardeal D. Jorge da Costa (Irmão)	»	1488,	»	»		»
97	D. Diogo de Sousa	»	1532,	»	»		»
98	Cardeal D Henrique	»	1537,	»	»		»
99	D. Diogo da Silva	»	1541,	»	»		»
100	O S. D. Duarte	»	1543,	»	»		»
101	D. Manuel de Sousa	»	1549,	»	»		»
102	D. Frei Balthazar Limpo	»	1558,	»	»		»
103	D. João Affonso de Menezes	»	1587,	»	»,		descoberto
104	D. Frei Bartholomeu dos Martyres	»	1590,	»	»		»
105	D. Frei Agostinho de Jesus	»	1617,	»	»,		barrete
106	D. Affonso Furtado de Mendonça	»	1625,	»	»,		descoberto
107	D. Rodrigo da Cunha	»	1627,	»	»		»
108	D Frei Aleixo de Menezes	»	1630,	»	»		»
109	D. Sebastião de Mattos de Noronha	»	1636,	»	»		»
110	Cardeal D. Verissimo de Lencastre	»	1677,	»	»		»
111	D. Luiz de Sousa	»	1689,	»	»		»
112	D. José de Menezes I	»	1692,	»	»		»
113	D. João de Sousa	»	1697,	»	»		»
114	D Rodrigo de Moura Telles	»	1704,	»	»		»
115	D. José II	»	1741,	»	»		»
116	D. Gaspar	»	17[illegible]0,	»	»		»
117	D. Frei Caetano Brandão	»	1790,	»	»		»
118	D José III	»	1806,	»	»		»
119	D. Frei Miguel da Madre de Deus	»	1815,	»	»		»
120	Cardeal Figueiredo da Cunha e Mello	»	1843,	»	»		»
121	D. José Joaquim d'Azevedo e Moura	»	1856,	»	»		»
122	D. João C. d'Amorim Pessoa	»	1876,	»	»		»
123	D. Antonio José de Freitas Honorato	»	1883,	»	»		»

Actualmente preside aos destinos da Archidiocese bracarense o ex.^mo^ rev.^mo^ sr. D. Manuel Baptista da Cunha, n.º 124 da serie e 11.º do nome.

As datas foram por mim fielmente copiadas dos quadros; referem-se, umas á nomeação e outras ao fallecimento de cada Prelado, com bastantes erros que convém corrigir. Por isso entendo que devo aqui dar para cada numero as que designam a duração completa: N.ºs 1–37 a 44; 19–400 a 409; 21–410 a 414; 22–415 a 448; 31–560 a 570; 32–570 a 583; 34–583 a 590; 36–633 a 646; 37–653 a 656; 40–656 a 665; 42–675 a 683; 43–678 a 684; 44–687 a 693; 45–693 a 714; 64–1067 a 1079; 65–1096 a 1109; 66–1110 a 1119; 67–1119 a 1137; 69–1139 a 1175:

68-1175 a 1188; 70-1191 a 1209; 71-1210 a 1212; 72-1213 a 1228; 74-1229 a 1244; 76-1244 a 1255; 77-1259 a 1271; 78-1272 a 1277; 79-1275 a....; 80-1276 a 1279; 82-1292 a 1313; 83-1313 a 1325; 85-1349 a 1350; 86-1365 a 1373; 88-1371 a 1397; 90-1398 a 1403; 91-1416 a 1467; 92-1467 a 1480; 93-1480; 96-1483 a 1488 e 1501 a 1505; 95-1488 a 1501; 97-1505 a 1532; 98-1533 a 1540; 99-1540 a 1541; 101-1544 a 1549; 102-1550 a 1558; 104-1559 a 1590; 105-1587 a 1609; 108-1611 a 1617; 109-1636 a 1641; 110-1671 a 1677; 111-1677 a 1690; 112-1692 a 1696; 113-1696 a 1703; 114-1704 a 1728; 115-1741 a 1756; 116-1758 a 1789; 117-1790 a 1805; 118-1806 a 1813; 119-1815 a 1827; 120-1840 a 1855; 121-1856 a 1875; 122-1876 a 1888; 123-1883 a 1898.



Egreja Cathedral de Braga

Desconhece-se a origem da Sé de Braga, não obstante abalizados historiadores, fundando-se principalmente no que diz Flavio Dextro, presumirem que date dos primeiros tempos da religião christã. Na opinião d'aquelle historiador a Hespanha foi a primeira Provincia que no mundo, depois da Judea, Galilea e Samaria, abraçou a fé de Christo, por motivo de S. Thiago levantar em todas as cidades um grande numero de egrejas, creando primeiro Bispo de Braga S. Pedro de Rates que constituiu primaz de

todos os outros [1]: «Hispania prima Provinciarum mundi post Judeam, Galileam, et Samariam, in partibus Occidentalibus Christi fidem amplexa est, ejusque gentilitas ad fidem conversa fuit, veræ primitiæ cæterarum gentilium, nam et Jacobus, S. Zebedæi filius peragratis urbibus Hispaniæ, multis que erectis Ecclesiis, et Episcopis creatis, ex Advenis Petrum Bracharæ primum reliquit.»

Esta opinião é porém impugnada por escriptores de auctoridade, como fr. Miguel de Santa Maria, da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho, na sua obra *Voz da Verdade,* em que se esforça por contestar a vinda de S. Thiago á Hespanha. Mostra que no seculo XI o Papa Gregorio VII escreveu a D. Affonso e D. Sancho, reis de Hespanha, o seguinte que transitou em julgado: «Como o Apostolo S. Paulo signifique que veiu á Hespanha, e depois conste que foram mandados para instruir aos povos de Hespanha 7 Bispos por S. Pedro e S. Paulo, os quaes destruindo a idolatria, fundaram a christandade, plantaram a religião etc. E assim como não duvidaes que d'aqui recebestes o principio da religião catholica...»

Do Registo das Epistolas Decretaes dos Summos Pontifices, tom. 3, epist. 64, tambem consta que «foi S. Paulo quem deu principio á religião catholica em Hespanha». Santo Isidoro, Doutor da egreja, no livro *De Ortu, et obitu Patrum* diz que «S. Paulo prégou no Occidente e em Hespanha, aonde Christo não tinha sido antes nomeado». S. João Chrisostomo (Homilia 70, in Mathaeum, cap. 22), mostra que os Apostolos, fieis ás ordens do Divino Mestre se conservaram por largo tempo na Judea não obstante serem feridos e açoutados pelos Judeus, até que os expulsaram (Apostoli praedicaverunt judaeis, longoque temporis spatio caesi, et flagellati in Judaea manentes, ac demum ab ipsis propulsi in gentes profecti sunt).

S. Jeronymo e outros auctores affirmam que S. Thiago Maior, filho de Zebedeu e irmão de S. João, foi cedo sentenciado á morte e degolado por ordem de Herodes Aggripa, no anno de 44. Por isso é tida por verdadeira a noticia da distribuição dos Apostolos: pela Asia Menor, S. João; pela Scythia, Santo André; pelos Parthos, S. Thomé; pela Asia Maior, S. Philippe; pelas Indias, S. Bartholomeu; pela Ethiopia, S. Mathias; pela Persia, S. Simão; por Epheso, Grecia, Provença e em ambas as Hespanhas, Saulo ou S. Paulo, etc.

D. Rodrigo Ximenes, Arcebispo de Toledo, acceitando a opinião de Fleuri sobre o culto do corpo de S. Thiago em Compos-

---

[1] O jesuita rev. Jeronymo Romano de la Higuera diz que S. Pedro, 1.º Bispo de Braga, era judeu de nação e que lhe chamavam *propheta Samuel, o moço*, ou Malachias o velho, pela gravidade dos seus costumes e *fermosura do rostro.*

tella no VIII.º seculo, o qual foi para alli conduzido, não admitte comtudo que as regalias da egreja Compostellana sejam consideradas superiores ás da sua, e diz na presença do Papa e dos numerosos prelados que se achavam presentes no Concilio Lateranense: «Se é certo que S. Thiago foi o primeiro que prégou a fé nas Hespanhas, eu leio sómente que elle recebeu o poder de prégar na Hespanha; mas que prégando primeiro na Judeia e na Samaria, Herodes o fez degolar em Jerusalem: como, pois, podia elle prégar em um paiz onde nunca entrou jámais?».

Na opinião d'este prelado hespanhol, perdeu S. Thiago a vida antes de se dirigir á Peninsula.

Ha tambem quem sustente que S. Paulo não pôde, como promettêra na epistola aos Romanos, vir da Italia sugeitar á lei evangelica os povos das Hespanhas, porque o seu apostolado difficil, complicadissimo, o obrigou a partir para Colosso.

Todas estas divergencias teem contribuido para se acreditar que S. Pedro de Rates não foi, como geralmente se diz, o primeiro Bispo de Braga, dando-se como certo um tal Sinagrio a que succedeu S. Leoncio, natural de Constantinopla, fallecido em Guimarães a 19 de março de 326, quando regressava do Concilio de Nicea. Assim o refere Juliano: «Sanctus Leontius Bracharensis Pontifex rediens ex Concilio moritur Guimaranii in Gallecia, quae tunc dicebatur Appollonia 19 Martii, anno 326».

Esta opinião, muitas vezes combatida, como todas as que têem origem no Chronicon Juliano, prejudicaria um pouco a antiguidade da origem dos prelados Bracarenses, no caso de alguem poder provar que o alludido Sinagrio não pertence ao numero consideravel dos duvidosos.

A meu ver, pouco ou nada importa que, em vez de S. Thiago, viesse á Hespanha S. Paulo, comtanto que a proeminencia da Primazia de Braga se mantenha, embora como a resolveu o Papa Urbano II que fez Primaz de toda a Hespanha D. Bernardo Arcebispo de Toledo, permittindo comtudo que o de Braga continuasse no goso do mesmo titulo e respectivos direitos, os quaes consistem no uso da cruz dobrada e na auctoridade de presidir e fazer pontifical em differentes Provincias.

*

Diz-se que o templo de Isis, a que faz referencia uma lapide romana, ainda hoje existente nas costas da capella de S. Geraldo, estivera no logar que hoje occupa a egreja Cathedral. De facto os templos dedicados á deusa Isis eram sempre construidos nas praças do mercado, como refere Vitruvio (*De Architectura,* liv. I, cap. 7), e os homens do commercio d'aquelle tempo realizavam ao que parece, as transacções no referido local, porque na parede,

interior do altar do transepto da Sé, lado do Evangelho, encontrou ha bastantes annos o mestre pedreiro Manuel Fernandes, uma base de estatua que tinha numa das faces esta inscripção dedicada ao deus do Mercado:

GENIO
MACELLI
FLAVIVS
VRBICIO
EX VOTO
POSVIT
SACRVM

Versão: — «Flavio Urbicio consagrou, por voto, este monumento ao genio de Macello».

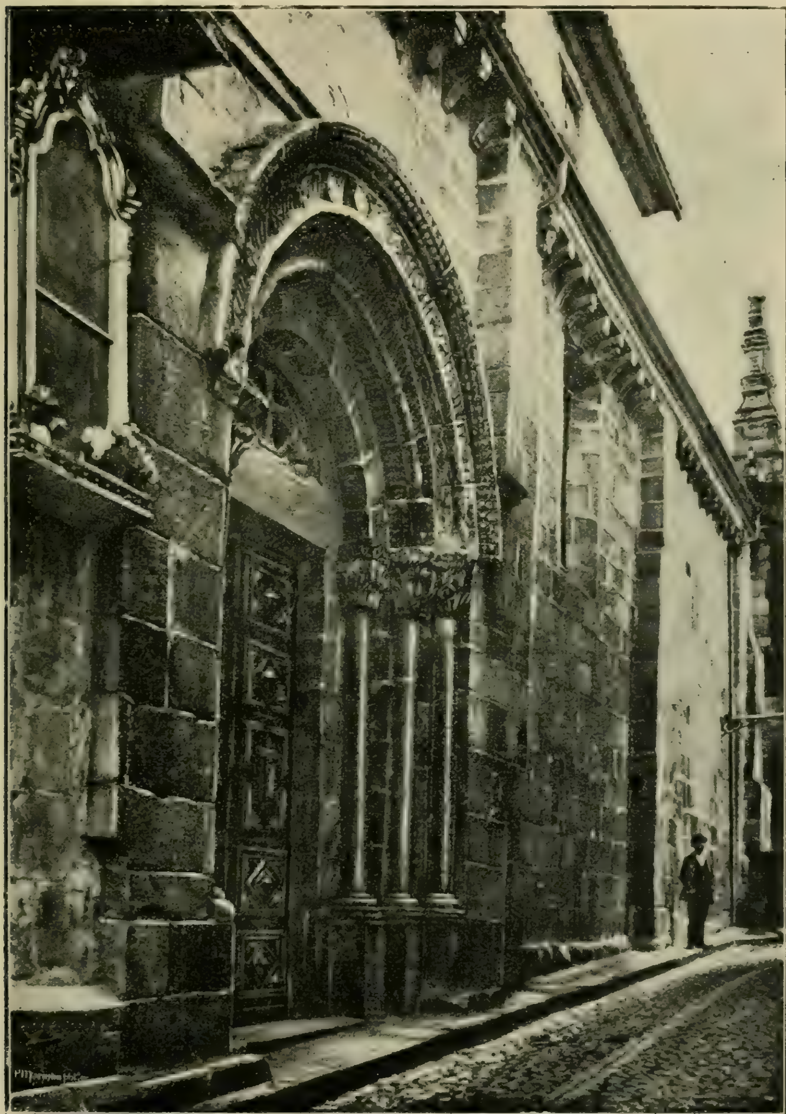
Em frente á porta principal da Sé descobriu-se, á profundidade de um metro, por occasião da abertura da rua do mesmo nome, um lageado muito bem construido e ainda algumas sepulturas e ossadas humanas junto da rua do Cabido. O padre Torquato de Azevedo (Ant. Guimarães), referindo-se ao templo de Isis, diz que este idolo foi destruido por effeito da prégação de S. Pedro de Rates *que logo dedicou o mesmo templo* á virgem Nossa Senhora collocando n'elle a sua imagem. No 1.º Concilio Bracarense denomina-se a egreja cathedral de Braga—*Fanum Sanctae Mariae;* esta denominação de *templo*, n'aquella epocha, póde indicar que o edificio pertenceu á divindade gentilica.

Consta de velhos documentos, considerados authenticos, que esta egreja fôra metropolita da Galliza, destruindo-a os Arabes quando em 716 se apoderaram de toda a cidade, dois annos depois da perda da Hespanha por effeito da celebre batalha de Guadalete, em que el-rei D. Rodrigo foi derrotado (11 de novembro de 714).

Em principios do seculo XI, cedendo ás instancias do Bispo de Lugo e Iria, ordenára D. Garcia, rei da Galliza e de Portugal, a segunda restauração em honra de *Santa Maria de Braga,* interrompendo-se esta obra e a da reedificação da cidade, por motivo das luctas travadas entre o mesmo monarcha e seu irmão D. Sancho II, rei de Leão, que depois a impulsionou, nomeando seguidamente Bispo de Braga D. Pedro, promotor solicito dos seus progressos, como consta do livro *Fidei.*

Morto D. Sancho, succedeu-lhe no throno D. Affonso que não tardou em depor o antistite bracarense. Foi reedificada e ampliada esta egreja pelo Conde D. Henrique, pae do fundador da nossa monarchia, no anno de 1103, presidindo á egreja Bracarense o successor d'aquelle ultimo Bispo D. Pedro, o seu primeiro Arcebispo S. Geraldo. D'esta reedificação, a que tambem pertencia a capella-mór, hoje substituida, apenas restam: — o formoso arco perfeito ornamentado, com os respectivos fustes e capiteis antigos,

que o Arcebispo D. Diogo de Sousa conservou quando lhe sotopoz o de volta de sarapanel que hoje fórma a porta principal, antigamente dividida ao centro; a lateral:



Porta lateral da Sé de Braga

chamada do *Sol*, por ficar da parte do sul, mudada em 1780 quando no seu logar primitivo se construiu o altar de Santa Barbara, um pouco mais acima, como ainda hoje se nota na parede exterior que defronta com o rocio de Traz da Sé ; o friso que por este lado assenta sobre modilhões com figuras exquisitas ; e interiormente os arcos e columnas das tres naves, tudo de granito



Nave central da Sé de Braga

fino levemente pintado e dourado e hoje coberto a cal, exceptuando os capiteis que, como pude verificar, foram barbaramente desfeitos a picão e substituidos pelos que ora tem, compositos, de madeira dourada! Tudo mais é posterior.

Pelo lado norte vê-se, entre a egreja da Misericordia e a capella de D. Gonçalo Pereira, um lanço de muralha ameiada com uma porta ogival do tempo de D. Diogo de Sousa (1505-1532) cujo brasão se acha embebido um pouco a cima do fecho.

Ao lado direito da referida porta, que em 1891 recebeu um accrescimo de $0^m,90$ á altura, tirando-se-lhe os degraus do lado de dentro, vê-se numa das pedras esta inscripção romana fragmentada que tem de comprimento $1^m,15$; altura 0,44 e a lettra $0^m,12$:

CONDITVM. SVB
IMP. CAESARIS
PATRIS. PATRI E

Encontra-se fóra da lapide, a seguir á terceira linha, um E apocrypho. Emilio Hübner, o sabio berlinez, diz que «o resto da inscripção estava sobre outra pedra do mesmo tamanho da existente, ou ainda sobre duas», e suppõe que formavam a architrave de um *sacellum*. O celebre epigraphista Mommsen completou-a assim: «Conditum sub *divo ex jussu* imp. *(eratoris)* Caesaris *Augusti divi* filii patris patri *(ae) Pontificis Maximi*».

Allude a um pequeno templo sem cobertura construido por ordem do imperador Cesar Augusto, filho do Divo, sendo pae da patria e Pontifice Maximo.

Não é, como alguem presume, o titulo do orago da Sé de Braga *Nossa Senhora da Assumpção*.

Em antiquissimos documentos latinos e ainda na *Doação* do Mosteiro de Pombeiro, datada do anno de 1059, e n'outra, de uma herdade, pelo Conde D. Henrique em 1103, encontra-se invariavelmente o titulo de *Santa Maria de Braga*.

São consideraveis no numero e na qualidade as doações, privilegios e regalias com que os monarchas e Pontifices enriqueceram esta egreja Cathedral antiga. A Diocese de Lisboa deixou de ser sua suffraganea quando el-rei D. João V creou alli o Patriarchado auctorizado para esse fim pelo Pontifice Clemente XI, aos 7 de novembro de 1716.

As suas avultadissimas rendas, que eram divididas por egual entre as mezas arcebispal e capitular, foram-lhe cerceadas no anno de 1165, pelo Arcebispo D. João, o Peculiar, determinando que áquella pertencessem duas partes e a esta uma.

Para que esta e as demais rendas da Mitra podessem arrecadar-se integralmente, obteve D. Diogo de Sousa um alvará data-

do de 1524, privilegiando esta cobrança como fazenda real, sendo esse privilegio renovado em 9 de agosto de 1777 pela rainha D. Maria a seu tio o Arcebispo D. Gaspar de Bragança, que levantára o sequestro feito pelo seu antecessor D. José a todas as rendas dos conegos, encontrando elle menos *dez moedas* em ouro no caixão que então estava em poder dos frades carmelitas. D. José foi nomeado Arcebispo de Braga por seu irmão el-rei D. João V, a 11 de fevereiro de 1739, em virtude da renuncia do rev. Antonio dos Reis, da Congregação do Oratorio de Lisboa, para o cargo que el-rei lhe dera de governador do Arcebispado quando, por motivos ponderosos, ordenára, em 1737, que fossem obrigados a viver á distancia de 40 legoas de Braga sete conegos revoltosos.

*

Antes de me occupar do interior d'este vasto edificio religioso, vejamos o que nos offerece de curiosidade historica toda a sua fachada hoje composta de tres estylos architectonicos.

O arco perfeito, a que D. Diogo sotopoz, com as suas armas, o de sarapanel que forma a porta principal, pertence, como o do lado sul da egreja, ao primeiro quartel do seculo XII, e tem analogia com o da antiga porta da egreja de Villar de Frades. E' como elle adornado de esculpturas que representam pelicanos, sereias e muitos outros animaes mythologicos. Na parte superior tem, em toda a volta, uma cinta de xadrez, e as columnas são baixas e delgadas com capiteis de figuras e folhagem longa. A' sua esquerda está cravada na parede uma inscripção gravada em marmore, memorando a consagração da Archidiocese ao Sagrado Coração de Jesus, no anno de 1886.

E' como segue :

A. D. MDCCCLXXXVI, POSTBI DIE ID. MAI., QUAM MAXIMA AC SPLEN
DIDISSIMA SOLEMNITATE DICATA EST EA ARCHIDIŒCESIS SS. COR JESU
SUB FAUSTIS AUSPICIIS EXC.MI AC REVD.MI D. D. ANTONII JOSEPHI DA
FREITAS HONORATO, ARCHIEPISCOPI AC DOMINATORIS BRACARÆ AUGUSTÆ,
HISPANIARUM PRIMATIS, QUI AD HOC FESTUM PERAGENDUM ARDENTIS
SIMUM STUDIUM IMPENSAMQUE OPERAM NAVAVIT.
AD PUBLICAM AC PERPETUAM REI MEMORIAM HUJUS ARCHIDIŒCESEOS
CATHOLICI, PERGRATI AC PERLUBENTES, HOC MONUMENTUM PONI CURARUNT

Um pouco abaixo d'ella encontra-se, fazendo parte da velha construcção, esta lapide romana muito gasta do tempo :

Versão: — A Aulo Caelio Flacco, filho de Tito, da tribu Quirina.

Na extremidade norte está embebida outra grande lapide de pedra de Ançã, com esta inscripção referente á segunda sagração da Sé, em 28 de julho de 1592, pelo Arcebispo D. fr. Agostinho de Jesus, por não apparecerem documentos da sagração anterior:



ANNO DNI. 1592 DIE VERO 28 IVLIJ DNVS FRATER AVGVSTINVS DE IESV ORDINIS HEREMI-
TARS. AVGVSTINI ARCHIEP. ET DNVS BRACHARÆ AVGVSTÆ HISPANIAR. PRIMAS HANC EC-
CLESIA IN HONORE BTÆ. MÆ. SEMPER VIRGINIS CONSECRAVIT ET IN EIVS ALTARI MAIORI
HAS RELIQVIAS REPOSVID. DE LIGNO SANCTÆ CRVCIS DE SPINEA CORONA DNI
DE SVIDONE EIVS. DE MAPPA VLTIMÆ CENÆ DE MIRRHA DNI DE FÆNO IN QVO NAT?
IACVIT DE CAPILLIS CAMISIA ET VESTE BÆ. MÆ. VIRGINIS ITEM RELIQVIAS SANCTOR APOSTO
LOR ANDRÆ IACOBI BARTHOLOMEI, MATHIAE ET LVCÆ ET SANCTOR MARTIRV STESTEPHAN
I LAVRENTII, VINCENTII, ANASTASII, CLEMENTIS, SEBASTIANI, DIONISII E BLASII -
VALENTINI, CHRISTOPHORI, MAVRITII, COSMÆ, ET DAMIANI, ET SANCTOR CONFES-
SOR GREGORII, AVGVSTINII, NICOLAI, MARTINI, ROCHI ET NICOLAI DE TOLENTINO ET SANCTO
RV VERGINII, ET MARTIR CATARINÆ, AGATÆ, APOLONIÆ ET SVSANÆ AC S. M. MAGDALENÆ,
QVADRAGINTA ITEM DIES, IN FORMA ECCLESIÆ CONSVETA CVNCTIS FIDELIB' IPSÆ EC
CLESIA IN DIE ANNIVERSARIO DEVOTE VISITANTIB' DE VERA INDVLGENTIA CONCESSIT.

Desde 1488 a 1501, o Arcebispo D. Jorge da Costa II, irmão do Cardeal de Alpedrinha, mandou construir a abobada de pedra que fórma o portico; e o seu successor D. Diogo de Sousa, (1505 a 1532), collocou lhe no alto, em pequenos baldaquinos, sete estatuas esculpturadas em granito fino, representando o Anjo da Guarda, S. Pedro, S. Paulo, S. Martinho, S. Fructuoso, S. Geraldo e S. Pedro de Rates.

Esta abobada de pedra, com elegantes nervuras, tem do lado sul um arco ogival rendilhado, egual em tudo aos dois que na frente ladeiam o da entrada, que é de volta perfeita. Todos quatro estão vedados desde 1722 com as curiosas grades de ferro batido e vasado, estylo Renascença, que o Arcebispo D. Diogo de Sousa, mandou fazer para os arcos da capella-mór, que tambem foi feita á sua custa no primeiro quartel do seculo XVI, e das qua-

tro que formam o transepto. Foi D. Rodrigo de Moura Telles, quem ordenou a transferencia, e D. Gaspar de Bragança quem as fez cortar em 1784 assentando-as sobre a balaustrada de granito que lá se vê.

A expensas da fabrica da Sé, e sendo fabriqueiro o conego Bento da Silva Telles, encanou-se no anno de 1739 a agua do chafariz do Paço Archiepiscopal para os dois gigantes da abobada do portico, prestando-se com esta obra um bom serviço ao publico, que se aproveita d'aquella agua potavel. E' de simplissimo gosto architectonico a parte superior da fachada, com as respectivas torres que rematam em dois arcos ogivaes cruzados, semelhando as cupulas duas coroas imperiaes.

Entre uma e outra torre, vê-se a estatua da Virgem, com o menino ao collo, esculpturada em granito e collocada dentro de um nicho com cupula conchoidal. Sobre este nicho pousa um globo encimado pela cruz primacial. Esta imagem foi benzida á 1 hora da tarde de 4 de novembro de 1724 pelo Arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles e acto continuo elevada áquella altura em quanto os musicos entoavam na egreja a ladainha. Em cada face das torres, ha duas sineiras bem rasgadas, excepto na da frente da torre sul, por estas serem reduzidas a uma bastante larga para a collocação do sino grande, tão grande e tão pesado que já lhe calcularam 165 arrobas. Tem em volta os dizeres seguintes:

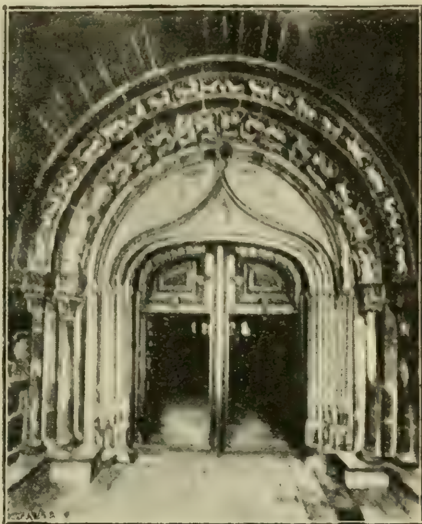
IHS MARIA IOZE 1797
FEITO * SENDO * ARCEBISPO * DESTA * DIOCEZE
O EX.MO ER.MO S.OR D FREI CAETANO BRANDAM
E FABRIQVEIRO O R. JOÃO CAETANO DE OLIV.RA BARROS

Esta alteração contribuiu por certo para o deslocamento de algumas pedras que lá se vêem gateadas de ferro. A fachada foi construida a expensas do Arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles (alma generosa e grande em corpo demasiado pequeno), principiando os trabalhos em fevereiro de 1723 e terminando em 4 de novembro do anno immediato.

Sobre as duas janellas quadrilongas existem as armas do referido Prelado, que dispendeu com toda a obra 4:400$000 réis e mais 3:200$000 réis com os sinos que então ficavam na frente. As primeiras torres d'este velho edificio, que por certo datavam da reedificação feita pelo Conde D. Henrique, cederam, como outras construcções robustas da provincia, ao impulso violento de um tremor de terra, no anno de 1138. Na fachada da antiquissima capella de S. Lourenço da Ordem, sita nos limites da proxima freguezia de Dume, existe, embebida á direita da porta, uma gran-

de pedra com desenho em relevo representando a antecedente frontaria da Sé que fôra feita a expensas de D. Diogo de Sousa.

A actual egreja da Sé, toda pavimentada de granito e com varias sepulturas brazonadas, occultas sob os taburnos de madeira que as cobrem d'um e outro lado da nave central, mede desde o arco cruzeiro á soleira da porta principal, 53^{m}, 20 por 18^{m},10 de largo no corpo.


Porta principal da Sé de Braga

Por occasião das obras de 1780 accrescentaram-se os dois altares de S. Bento e Santa Barbara construidos nas duas antigas portas de communicação com o claustro e rocio de Traz da Sé, abrindo-se então as actuaes, alguns metros abaixo, junto das paredes sobre que se erguem as torres. No alto da que dá para os claustros appareceu em setembro de 1722, quando se caiava a egreja, uma pedra quadrada cheia de letras, como diz a *Gazeta de Lisboa*, «com muitas abreviações», as quaes Pedro da Cunha Souto Maior, alcaide-mór, mandou limpar e copiar do seguinte modo:

ERIT
PRESVLIS HVIVS, SECVLS
MEMORANDA FVTVRIS ⁝ ·
SEDIS ET ANTIQVI MAGANIMOS PIE
PRIMATES VETERES REPAR ATQVIS MAGIOR CVI
RVGASO MATERI ANNO SINTETER VÕE
ERA · ⁝ ⁝ · QVINGENTESSIMA PRIMA ·

Essa pedra desappareceu por occasião da obra da nova porta, ignorando-se o paradeiro d'ella. Parece que se refere a melhoramentos feitos na Sé pelo Bispo do anno de 463, que era Valerio I.

A commissão de obras de 1780 legou-nos de si tristissima memoria. A ella se deve o estucamento das naves, cujos tectos eram de madeira de cedro, como ainda se pode ver junto do anteparo, onde se lêem os dizeres seguintes:

S. PETRVS RATENSIS ARCHIEPISCOPVS BRACHARENSIS.

Para este fôrro das tres naves e do transepto mandou D. Diogo

de Sousa cortar a madeira no *souto* que então havia desde o castello e campo de Santa Anna ao largo de S. João.

Actualmente ha no corpo da egreja, lado do Evangelho, os altares de Nossa Senhora da Conceição, de Nossa Senhora do Loreto, de S. José e de S. Bento. No lado da Epistola:—S. João Baptista, S. Sebastião, S. Rodrigo e Santa Barbara, todos com quadros a oleo devidos ao pincel de João Glamma Stroberle, pintor da eschola romana, o qual nasceu em Lisboa no anno de 1708. Nos intervallos dos altares foram collocadas em 1780 as estatuas dos Apostolos e Doutores da egreja, tamanho natural, representando S. Paulo, S. Thiago Maior, S. Thomé, S. Filippe, S. Matheus, S. Mathias, Santo Ambrosio, S. Jeronymo, S. Pedro, S. André, S. João, S. Thiago Menor, S. Bartholomeu, S. Simão, S. Gregorio Papa e S. Agostinho.

A nave central é composta de doze arcos, tendo os quatro ultimos interceptados pelo côro que o Cabido de 1737 mandou fazer, enriquecendo-o em 1757 com as cadeiras de pau preto dourado. Os orgãos actuaes, que substituiram os anteriores feitos a expensas de D. Diogo de Sousa, construiram se em 1737 (lado do Evangelho) e 1738 (lado da Epistola), sendo seu auctor o religioso Franciscano *F. R. Simon Fontanus Gallencianus*. No alto, sobre as estatuas da Fé, Esperança, Caridade, Religião, Concordia e Fortaleza, vê-se uma aguia com estes dizeres numa fita:

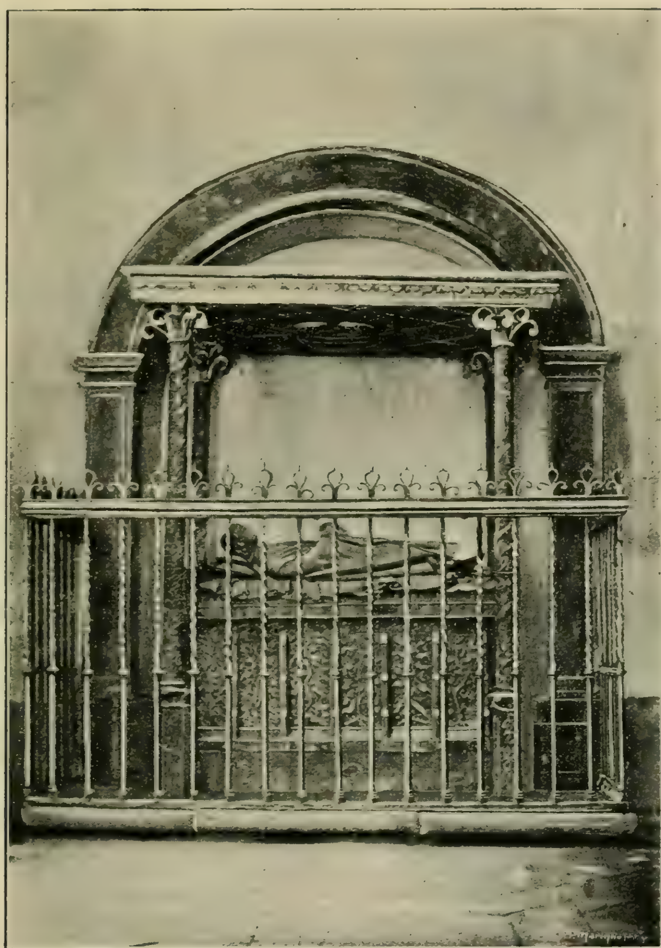
QVIS VIDIT HVIC SIMILE? e outra aguia com estes: QVIS AVDIVIT VNQVAM TALE?

Referem-se á magestade da obra: *Quem viu aqui semelhante? Quem ouviu jamais egual?*

Encostados ás columnas do arco primeiro d'esta nave, existem dois pulpitos de marmore rosado, sendo o da Epistola obra de D. fr. Agostinho de Jesus e o do Evangelho de D. Rodrigo de Moura Telles, como o indicam os respectivos escudos.

A' direita de quem entra vê-se, dentro de um arco aberto na parede, o precioso tumulo de cobre dourado, que encerra os restos mortaes do infante D. Affonso, filho primogenito de el-rei D. João I, que, tendo nascido em Santarem a 30 de julho de 1390, falleceu em Braga a 22 de dezembro de 1400, com 10 annos de edade, por occasião da estada aqui de seu augusto pae, sepultando-se na Sé «entre as duas columnas que dividem a nave do meio da do Evangelho, começando do cruzeiro», como diz D. Rodrigo da Cunha em principio do seculo XVII. *(Vide gravura a pag. 75).*

Annos depois foi trasladado para o referido tumulo de cobre que sua irmã a infanta D. Izabel, casada em 1429 com Filippe V, *(o Bom)* Duque de Borgonha e Conde de Flandres e de Henao



Tumulo de cobre dourado (Phot. do sr. João San Romão)

(Hainaut) lhe mandou para Braga, collocando-se «detráz da columna a que arrima o altar de Nossa Senhora do Rozario, por baixo do pulpito, e defronte de onde primeiro esteve enterrado».

Quando seria d'alli trasladado para o arco onde se encontra? Provavelmente por occasião das grandes obras de 1780. Está estendida sobre o tumulo, em tamanho natural, a figura do infante com as mãos cruzadas sobre o peito. Falta-lhe a perna direita, roubada como os quatro leões que sustentavam o tumulo, o ca-

chorro que a figura tinha aos pés e os dois anjos que se viam em adoração aos lados da cabeça! O docel que cobre o tumulo é sustentado por quatro columnas lavradas e tem ao centro as armas de Portugal, e não se lhe descobrem vestigios do outro escudo de flores de lis. D. Rodrigo da Cunha achou tão gasto do tempo o lettreiro que cercava o tumulo, que não lhe foi possivel lel-o.

E' de suppor que dissesse: «Aqui jaz o infante D. Affonso de Portugal, a quem Deus perdoe; filho do nobre rei D. João de Portugal, o primeiro, e da rainha D. Filippa; falleceu aos 22 de dezembro de 1400».

O que porém unicamente lhe resta numa linha de caracteres gothicos que lhe toma a frente e um dos lados, é o seguinte que fielmente copiei:

AQVI YAZ O YNFANTE DON AFONSO
DE PORTVGAL A QVEM DE ········ FYLHO
DO NOBRE REY DOM YOAN DE PORTVGAL

Ao lado esquerdo fica a pia baptismal, ricamente esculpturada em pedra de Ançã, representando na base dois leões a devorar creanças. A esculptura deve ser quinhentista. A porta que junto d'ella communica com o claustro, tem a servir de soleira a pedra tumular de D. Fernando da Guerra, neto de el-rei D. Pedro I por bastardia, fallecido a 26 de setembro de 1467, e sepultado na capella de S. Geraldo, que elle reedificára, mandando collocar n'ella o tumulo que encerra os restos venerandos do santo.



Na frente d'este sarcophago lê-se:

BEATI
GERALDI
CORPUS

A sepultura de D. Fernando elevava-se 0^{m},90 acima do pavimento, e a pedra que a cobria tinha em relevo a estatua jacente do Prelado, em pontifical, e a toda a volta este lettreiro gothico:

AQVI JAZ O MVITO NOBRE SENHOR
D· FERNANDO ARCEBISPO DE BRAGA· E
BISNETO DELREI D· PEDRO· E FINOV AOS
XXVI DE SETEMBRO DE MCCCCLXVII·

O Arcebispo D. fr. Agostinho de Castro, trasladando para a referida capella de S. Geraldo os ossos dos seus predecessores D. Diogo da Silva e D. Manuel de Sousa, mandou cortar o tumulo alinhando a tampa com o ladrilho!

Reedificando-se pela terceira vez a capella no anno de 1712, foi a referida pedra applicada ao capeamento do altar que era de granito; e demolido este em dezembro de 1780, data das grandes obras, para ser substituido por outro de madeira, foi logo nos principios do anno immediato menospresada, virando-se para a terra a estatua!

Por privilegio datado de 1443, o infante D. Pedro, regente do Reino, coutou ao referido Arcebispo «as perdizes com seus ovos, condemnando quem as caçasse por cada perdigão, perdiz ou ovo, vinte reaes brancos; e que á distancia d'uma legua, meia acima da ponte de Guimarães e meia abaixo, ninguem pescasse no rio Este, sob pena de pagar por cada peixe 10 reaes brancos».

E' obra de D. João de Sousa, Arcebispo que foi de Braga desde os annos de 1696 a 1703, a actual sacristia onde se guarda o thesouro. Tem ao centro, em frente do primoroso relicario, a sua sepultura que elle proprio mandou fazer com a seguinte inscripção gravada em marmore:

S DE D · JOAM DE
SOUSA · X · DO NOME
E · CXI · EM Nº ARCBº
PRIMAS E SENHOR
DE BRAGA

No mesmo sitio esteve primitivamente a capella fundada pelo Arcebispo D. João Martins de Soalhães, fallecido em 1325 e sepultado n'ella a seu pedido. D. Diogo de Sousa, vendo que a sacristia da Sé, então do lado norte, era acanhada e muito falta de luz, estabeleceu-a no anno de 1511 onde ora é, recolhendo os ossos do fundador n'um sarcophago de pedra que fez embeber na parede da referida capella com estes dizeres na frente:

HVC TRANSLATA SVNT OSSA
DÑI IOANNIS DE SOALHÃES
ARCHIEPISCOPI BRACHARENSIS
ANNO SALVTIS 1511

Com a reedificação da capella tudo isto desappareceu. Conserva-se alli o thesouro que possue bastantes preciosidades, como por exemplo:

— Uma collecção de doze quadros em papel representando os bustos dos Apostolos, magistralmente desenhados, sendo dignos de especial menção os de S. Matheus e S. João. Na extremidade inferior d'estes quadros lê-se, em caracteres miudos: — *Johann Baptista Piazzetta Venetus delineavit. Johann Lorenz Haid Sculpsit.*

Outro quadro em papel representando o nascimento de Christo. Tem a marca: — *London — Alex. Van Haecken feci.*

— Os pequenos sapatos que D. Rodrigo de Moura Telles usava nas solemnidades da Sé, medindo $0^m,10$ de altura no tacão e $0^m,19$ de comprimento!

— A cabeça de S. Fortunato, com alguns ossos, e estes dizeres no cofre:

SACRVM CAPVT RESTAVRATVM
CV PAVCIS OSSIBVS S · FORTVNATI · M ·

— A de S. Candida:

SACRVM CAPVT RESTAVRATVM
CV PAVCIS OSSIBVS S · CANDIDÆ · M ·

— Uma custodia de prata dourada, com profusa cravação de brilhantes avaliados em *vinte mil cruzados.*

— O pequeno calice de prata dourada, denominado de S. Geraldo, com esmalte e lavores, copa hemispherica e estes dizeres na base em duas linhas circulares:

+ IN NNE DNI MENENDUS GUNDI SALUI
+ ET TUDA DOM NA SUM ·

Este calice, que mede $0^m,11$ de altura, foi offerecido pelo Conde da Galliza Menendo Gonçalves que tambem fez restituir á egreja bracarense todos os seus bens até então invadidos. Guarda-se num cofre cylindrico de marfim que figurou na exposição retrospectiva de arte ornamental, de Lisboa, em 1882, achando-se assim descripto no respectivo cathalogo:

«Cofre hispano-arabe de marfim. Altura $0^m,19$. E' de fórma cylindrica; a tampa convexa com ferragens de cobre dourado. Em volta da tampa uma inscripção arabe. Ornamentação em baixo-relevo representado fitas entrelaçadas, arcos de volta de ferradura, figuras humanas, aves e outros animaes». *(Vide gravura a pag. 79).*



Calice de S. Geraldo e o respectivo cofre

E' esta a inscripção:

بسم الله بركة من الله ويمن وسعادة للحاجب سيف الدولة اعزه

الله مما امر بعمله على لدى الغا ا..... عامرى *

No *Archeol. Portug.*, vol. I, pag. 273 e II, 204, o sr. David Lopes traduziu-a do seguinte modo: — Em nome de Deus. A benção de Deus, felicidade e fortuna sejam com o hágibe Seifadaula — glorifique-o Deus! — por ter mandado fazer esta obra ao seu servidor..... amirita.

— «Baculo de cobre dourado. Altura $0^{m},24$. A crossa representa uma serpe com a cabeça atravessada pela cruz». Denomina-se de Santo Ovidio por constar que appareceu no seu sepulchro.

— «Calix de prata dourada com sua patena. Altura $0^{m},33$. Copa hemispherica adornada com seis figuras de anjos sustentando os emblemas da Paixão, e na parte inferior outras seis sustentando outros tantos tintinabulos. O nó decorado com arca-

rias gothicas, tem debaixo de baldaquinos as estatuetas de seis Apostolos. Base dividida em doze gomos, dos quaes os maiores têm em baixo-relevo as figuras de Apostolos, excepto um, que tem um escudo com as armas do arcebispo D. Diogo de Sousa, e a data de 1509. Nos seis gomos menores, ornatos esmaltados. Entre a copa e o nó, e entre este e a base ha dois anneis com o mesmo genero de esmalte. No bordo exterior da copa, lê-se: HIC EST CALIX SANGVINIS MEI NOVI ET ETER · A patena tem no meio da face inferior a figura do cordeiro esmaltada; na face superior S. João Baptista; á roda em caracteres gothicos: DO VOBIS PACEM RELINCO VO PACEM MEAM · Fins do seculo XV ou principios do seculo XVI».

— Dois cofres de prata dourada em que se guardam as cabeças de S. Martinho de Dume e S. Thiago Interciso.

— Outro cofre de prata dourada contendo as reliquias a que se refere a lapide da sagração. Tem na frente quatro estatuetas de santos da Ordem franciscana.

— Um relicario de prata dourada, elegante e bem lavrado, contendo parte do santo lenho. Tem na frente onze diamantes e na base uma pequenina placa com as armas do Arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles, que o offereceu, e estes dizeres em volta:

RODER · ARCH · PRIMAS · HISPAN ·

— Um calice de prata dourada offerecido por el-rei D. Filippe. Na base tem as armas d'este monarcha, e em toda a volta esta inscripção com pontos triangulares:

ELREI · FELIPE · DEV · ESTE · CALEZ · AESTA · CASA

— Uma cruz de prata dourada com os dizeres seguintes:

SALVE CRVZ PRETIOSA QVAE IN CORPORE X DIC

— Uma estatua de prata representando Nossa Senhora com o menino. O Arcebispo D. Lourenço (1371-1397) usou-a sobre o murrião, em logar de pluma quando na memoravel batalha de Aljubarrota luctava com denodo ao lado de el-rei D. João I.

Vae na gravura que representa o corpo incorrupto do Prelado-guerreiro.

Assenta sobre uma peanha do mesmo metal feita em 1653, como se lê n'esta inscripção gravada na face posterior:

DON IGNACIO DEA PRIMAS E M^{EL} PR^{A} DE
MELLO MANDARÃO FAZER ESTA SNAR SENDO
JUIZES NO ANNO DE 1653.

A palavra *Senhora* deve ser substituida por *Peanha*. O estylo da esculptura da imagem e a circumstancia de não poder d'este modo applicar-se ao murrião denunciam o erro do gravador.

Esta estatua, a de Santo Antonio, da Senhora da Abbadia e de S. Nicolau, todas quatro de prata, escaparam milagrosamente á rapacidade dos invasores francezes.

— Frontal com sanefa, bordado a matiz e ouro em alto relevo, representando, nos quatro retabulos que as tres faxas dividem, os doze Apostolos primorosamente bordados. Veio da India e offereceu-o á Sé el-rei D. Manuel. Faltam-lhe os coraes e as pedras preciosas que o ornavam em grande quantidade. Existe, da mesma procedencia, a casula, o manipulo e a estola, representando o desenho d'este bordado: folhagens, conchas, estrellas, passaros e flores.

— Dois pontificaes completos, branco e vermelho, industria franceza, offerecidos pelo Arcebispo D. Gaspar de Bragança (1758-89).

— Frontal e paramento completo, bordado a ouro em relevo, industria italiana.

— Paramento completo, bordado a ouro no Recolhimento da Tamanca, em Braga, e offerecido por D. fr. Caetano Brandão.

— Outro paramento completo, vermelho, que pertenceu ao mosteiro de Tibães, tambem bordado na India. Apenas se faz uso d'elle no dia de S. Geraldo.

Além d'estes objectos ha ainda dois pares de jarrões da India, muito apreciaveis, numerosas reliquias e as pratas do serviço de pontifical que são muitas e valiosas.

*

Nas duas extremidades do transepto da egreja estão os altares do Senhor da Agonia (Evangelho) com a urna que encerra o corpo de Santo Ovidio, o Bispo bracarense a quem Jeronymo Roman dedica os seguintes versos por ter baptisado e preservado da morte as nove filhas de C. Atilio:

> Gaude Sacerdos Ovidi
> Tu bracharencis Pontifex,
> Qui meruisti filias
> Tot ad polos transmittere.

e o da Senhora das Angustias (Epistola) com a urna que encerra o corpo de S. Crescencio.

Aos lados da capella-mór ha quatro capellas sendo a primeira actualmente consagrada ao Coração de Jesus e guardando-se n'ella os ossos de S. Thiago Interciso, para alli trasladados do thesouro pelo Arcebispo D. fr. Agostinho de Castro.

A urna, que primitivamente apresentava esta inscripção:

AQVI ESTÁ O CORPO DE SANT-IAGO INTERCISO, PERSIANO DE NAÇÃO, QVE DE ROMA TROVXE PERA ESTA S.TA EGREJA DE BRAGA O ARCEB · D · MAVRICIO, PELOS ANNOS DE 1110 · E NO DA ERA DO SENHOR 1606, O COLLOCOV NESTE TVMVLO O ARC · D · FR · AGOSTINHO DE JESV DE BOA MEMORIA, NO SYNODO QVE CELEBROU NO MEZ DE OVTVBRO DO DITO ANNO, ESTANDO TÉ ENTÃO NO THESOVRO DESTA SE, NO COFRE GRANDE DAS RELIQVIAS.

tem agora apenas os dizeres seguintes:

OSSA
BEATI JACOBI
INTERCISI

A segunda capella é dedicada ao Sacramento. O frontal do



Frontal do altar do Sacramento

seu altar compõe-se de uma só peça de riquissima talha, representando num primoroso figurado em relevo a Sagrada Eucharistia condusida pelo Vigario de Christo em um carro triumphal que arrasta presos muitos hereges e despedaça outros sob as rodas. Na frente caminham os crentes enthusiasmados, empunhando palmas e tocando trombetas. Ao centro tem estes dizeres: ECCLESIA PER S. EUCHARISTIAM TRIUMPHANS.

A terceira tem a invocação de S. Pedro de Rates. No seu altar ha um cofre de madeira a vestir outro de pedra onde em tempo se gravou a inscripção:

AQVI JAZ O CORPO DE S · PEDRO MARTYR
DICIPVLO DO APOSTOLO S · THIAGO TRESLADADO
DA EGREJA DE RATES POR D · BALTAZAR LIMPO
ARCEBISPO DE BRAGA A ESTA SEPVLTVRA QVE SE
LHE FEZ PERA MAIOR VENERAÇÃO E POR SER O
PRIMEIRO PRELADO DESTA EGREJA AOS 17 DE
OVTVBRO DE 1552.

Na frente do cofre de madeira lê-se:

BEATÌ
PETRI DE RATES
CORPVS

Os azulejos d'esta capella e, certamente, os das demais da Sé, foram pintados por Antonio de Oliveira Bernardes, cujo nome se acha no lado esquerdo, e no direito um breve de altar privilegiado para todos os dias, concedido pelo Papa Gregorio XIII a D. fr. Bartholomeu dos Martyres, no anno de 1575.

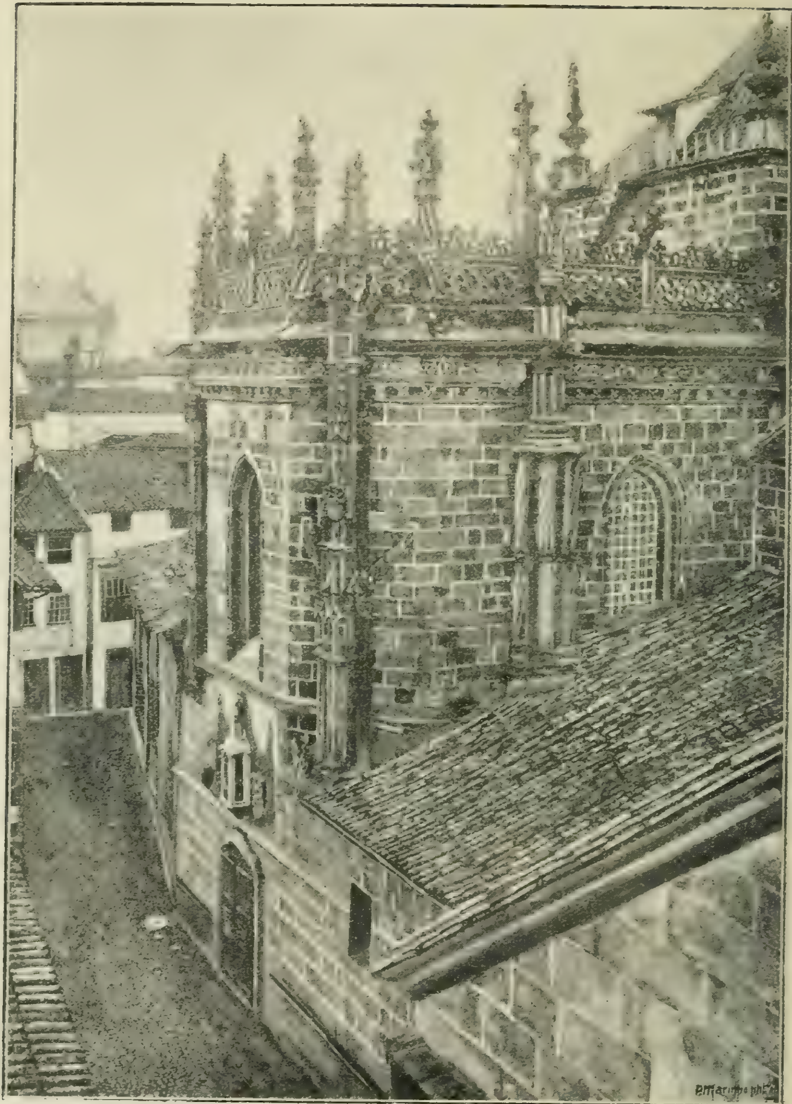
A quarta é da invocação de Nossa Senhora da Roza.

Tem tambem sobre o altar um cofre de madeira a vestir outro de pedra onde esteve esta inscripção:

AQVI ESTA O CORPO DE S · MARTINHO
ARCEBISPO QUE FOI DESTA SANTA EGREJA
DE BRAGA PELOS ANNOS DE 574 O QVAL
O ARCEBISPO D. FR. AGOSTINHO DE JESVS
DE BOA MEMORIA NO SYNODO QVE CELEBROV
NO MEZ DE OVTVBRO DO ANNO DE 1606 TRES
LADOV DA EGREJA DE DVME NA QVAL PRIMEIRO
FOI BISPO E NELLA ESTAVA SEPVLTADO E O
COLLOCOV NESTE TVMVLO.

O cofre de madeira apenas diz:

S. MART. DVMIENS.
ARCHIEP. BRACH.
SACRA OSSA



Exterior da Capella-mór da Sé

Exteriormente a capella-mor da Sé recommenda-se pela elegancia da esculptura, correcção e pureza do estylo architectonico. O Arcebispo D. Diogo de Sousa, que occupou com extraordinario zelo e inexcedivel patriotismo a cadeira archiepiscopal de Braga desde 1505 a 1532, vendo prestes a cair em ruinas todo o edificio da sua Sé Cathedral, e muito particularmente a capella-mor construida a expensas do Conde D. Henrique, illustre progenitor do nosso primeiro monarcha D. Affonso Henriques, ordenou o côrte de madeiras no souto que então occupava todo o espaço comprehendido entre o actual campo de Santa Anna e o largo fronteiro á egreja parochial de S. João, dando principio a obra de reparação no corpo do vasto templo e reconstruindo a capella mor, cujo trabalho correu sob a direcção de artistas Biscainhos, moradores numa das nossas ruas que ainda os faz lembrados. Os contrafortes ornados de columnas rematam em elegantes coruchéos a que se associam os do formoso parapeito rendilhado que coroa em toda a volta o edificio por sobre a cornija bellamente ornamentada. Tem tres grandes janellas ogivaes, e por baixo da do centro uma imagem de *Nossa Senhora do Leite* esculpturada em pedra de Ançã, com o escudo de D. Diogo de Sousa na peanha e á sua esquerda, e o de el-rei D. Manuel á direita, repetidos ambos no alto do edificio e no interior da mesma capella-mor, provavelmente para D. Diogo testemunhar ao monarcha a muita consideração que lhe votava, e á qual el-rei correspondia, como nos fins da vida lh'o demonstrára nomeando-o um dos seus testamenteiros. Ao rés do chão abriram posteriormente o arco onde se exhibe durante a semana santa um dos passos da via-sacra. O cemiterio que D. Diogo construira junto da Sé, tambem certamente occupou esta rua onde em 1867 foi encontrada uma sepultura com alguns ossos humanos.

Esta capella-mor mede interiormente 10,56 de comprido por 6,73 de largo. A abobada de pedra, coberta de nervuras, está pintada a *fingir o que é,* si vera est fama, para evitar o desagradavel effeito do granito gasto e falto de homogeneidade na côr!

O baldaquino de madeira, na abside, fez-se em tempo do Arcebispo D. João Chrisostomo de Amorim Pessoa. Tem no alto as suas armas. Collocaram alli a preciosa imagem da Virgem e conserva-se ainda o altar mor, tudo de pedra de Ançã como o retabolo que tivera dourado e com estatuas, considerado um dos melhores da Hespanha, e do qual hoje restam alguns fragmentos numa loja escura do claustro. Na demolição effectuada em tempo de D. Gaspar de Bragança appareceram reliquias de S. Victor, S. Alexandre e S. Marianno.



Altar mór da Sé

O altar-mór, que representa em baixo-relevo Jesus Christo e os Apostolos aos pares, foi cortado no lado direito... para que se não julgue que o reinado da insensatez é exclusivo de uma ou de outra epocha! Provavelmente este vandalismo data da reconstrucção da capella-mór, pois no thesouro ainda hoje se conserva o já citado frontal que el-rei D. Manuel mandou comprar na India com as dimensões exactas do mesmo altar cortado, para o qual o offereceu. A facear com este altar-mór, lado do Evangelho, esteve desde 1513 até maio de 1877, o tumulo em que o Arcebispo D. Diogo de Sousa mandára encerrar os restos mortaes do Conde D. Henrique, fallecido em Astorga no anno de 1112 e sepultado a seu pedido na Sé de Braga, assim como os da rainha D. Thereza, fallecida em Coimbra no 1.º de novembro de 1130, transportada para aqui por ordem de seu filho D. Affonso Henriques, e ambos primeiramente sepultados na capella sagrada (onde presentemente se encontram *de regresso* em dois tumulos) mandada construir pelo referido seu filho n'aquelle sitio que servira de cemiterio aos reis suevos catholicos. A inscripção que D. Diogo mandou gravar no tumulo é como segue:

D. O. M.
DOMINO HENRICO HVNGARORVM REGIS
FILIO PORTVGALLIAE COMITI DOMINVS
DIEGVS SOVSA ARCHIEP VIRO CLARISSIMO
AQVO PORTVGALLIAE REGES ESSE REGNVMQ
ACCEPISSE CONSTAT DE REPVBLICA CHRISTIANA
PATRIAQ SVA OPTIME MERENTI POSVIT ANN.
A' CHRIST NA *MDXIII.*

«A Deus de toda a bondade e grandeza. D. Diogo de Sousa Arcebispo, levantou esta sepultura ao Conde D. Henrique, filho de el-rei da Hungria e Conde de Portugal, no qual este reino e seus reis tiveram principio. Anno de 1513».

A 28 de novembro de 1598 o Arcebispo D. fr. Agostinho de Jesus fez abrir este tumulo na presença dos conegos, cirurgiões, etc., sendo então encontrados os restos de dois cadaveres dos sexos masculino e feminino, envoltos num grande panno de damasco. Os ossos femininos de D. Thereza, foram separados, depositando-se no tumulo que D. Diogo de Sousa tinha destinado para sua sepultura collocando-o do lado da Epistola sem comtudo o aproveitar, e gravou-se-lhe a inscripção:

D. O. M.
REGINAE TARESIAE ALFONSI CASTELLAE
ET LEONIS REGIS IMPERATORIS NVNCVPATI
FILIAE COMITIS HENRICI VXORI DIDACVS A SOVSA
ARCHIEPISCOPVS BRACHAR HISP PRIMAS M·P·AN.
A CHRISTO NATO *MDXIII*

«A Deus de toda a bondade e grandeza. D. Diogo de Sousa, Arcebispo de Braga, Primaz das Hespanhas, levantou esta sepultura á rainha D. Thereza, filha de D. Affonso rei de Castella e Leão, chamado o imperador, mulher do Conde D. Henrique. No anno de 1513».

Em maio de 1877 foram estes tumulos, de $1^m,60$ de comprido, removidos para a capella dos reis, assim denominada por ser construida a expensas de D. Affonso Henriques sob a invocação de S. Thomaz e posteriormente de S. Lucas, onde se conservam com as estatuas jacentes sobre a tampa.

A capella-mór da Sé foi noutros tempos sepultura de homens notaveis como os Condes Alvito Nunes, ferido quando os Normandos aportaram com 150 navios a Villa do Conde no anno de 968; e Menendo Gonçalves, offerente do sino e calice denominados de S. Geraldo. No dia 4 de junho de 1756 tambem aqui foi sepultado o Arcebispo D. José, filho de el-rei D. Pedro II, como o indica a inscripção gravada em campa de marmore. As duas grandes lampadas que pendem da abobada, e que teem a data de 1815, vieram do convento de Tibães em 1834, por occasião da extincção das Ordens religiosas. E' da mesma procedencia a banqueta e o pequeno orgão que defronta com o coreto nos segundos arcos da nave central. Este orgão e coreto foram mudados de entre os primeiros arcos, onde cada um assentava sobre quatro columnas de que ainda hoje ha signaes nos taburnos que cobrem o pavimento, em tempo de D. João Chrisostomo de Amorim Pessoa.

O claustro hoje ajardinado foi cemiterio da Misericordia até 16 de outubro de 1724 em que o Arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles o inutilisou ordenando a remoção das ossadas para o

adro da egreja de S. João do Souto. Datam d'essa epocha as actuaes arcadas, só agora (desde abril de 1899 a novembro de 1900), fechadas de abobada de tijolo e rematadas por uma balaustrada de cimento. O fingimento da abobada, a imitar granito, é maravilhoso. Alem da capella dos reis, a que já me referi, tem este claustro mais a de Nossa Senhora da Piedade ou de Jesus, fundada por D. Diogo de Sousa, em 1513, para sua sepultura, como se deprehende da seguinte inscripção:

ESTA CAPELA MANDOV FAZER
O ARCEBPO DO D I.º DE SOVSA PERA
SVA SEPVLTVRA E DE SEVS IRMÃOS
AS PESSOAS CAPITVLARES DESTA E
GREIA QVE SE NELA QVISERE LAN
CAR-FOI FEITA NA ERA DE 1513.

Em arco aberto na parede do lado da Epistola acha-se o tumulo d'este grande Prelado com a sua estatua jacente, de pontifical, e na frente esta inscripção:

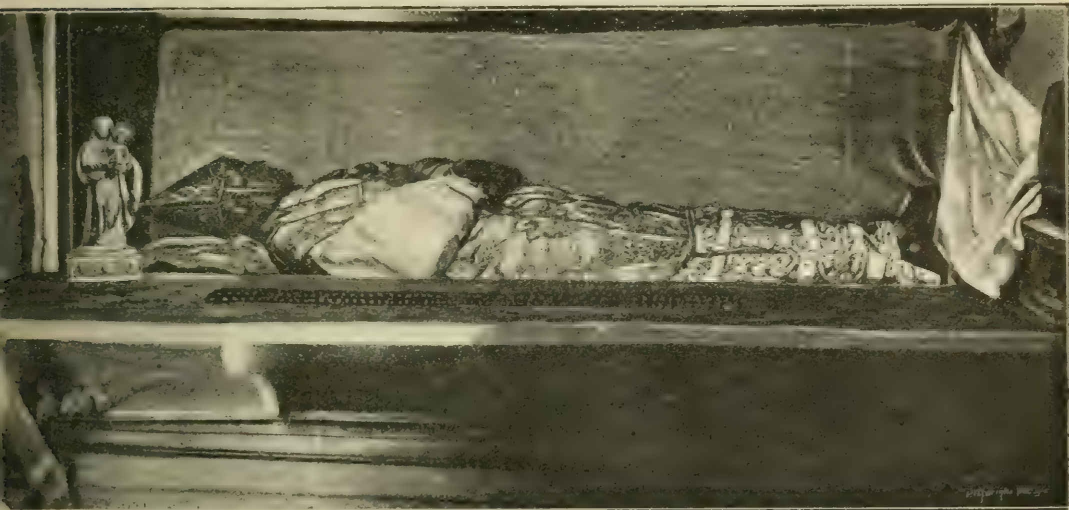
AQVIIAZ DOM DIOGVO DE SOVSA ARCEBISPO DE BRAGA FILHO DE IOAO
ROIZ DE VASCOCELOS SOR DE FIGVEIRO E DO PEDROGÃO
E DE DONA BRANCA DA SILVA SVA MOLHER O QVAL ELREI DOM
JOAÕ SEGVNDO MANDOV POR EBAIXADOR A ALEXADRE PAPA
SEXTO A LHE DAR SVA OBEDIENCIA E ELREI DOM MANOEL TENDO
O FEITO CAPELAO MOR DA RAINHA DONA MARIA SVA MOLHER
O MADOV DAR SVA OBEDIECIA AO PAPA IVLIO SEGVDO E EL REI
DOM JOAÕ TERCEIRO O FEZ CAPELAÕ MOR DA RAINHA DONA
CATERINA SVA MOLHER O QVL FEZ ESTA CAPELA PERA
SVA SEPVLTVRA VIVEO LXXII ANNOS E FALECEO A
XVIIII DIAS DO MES DE IVNHO DA ERA DE 1532
E TRESLADADO DO MEIO DA CAPELLA AOS XXII DE FEVRº DO
ANNO DE 1812 ANNOS SENDO ADMINºR O THEZRO MOR MANOEL
JCNº DE MATTOS SZA CARDOZO

Do lado do Evangelho, em logar correspondente, está o tumulo de D. fr. Caetano Brandão. Ao centro tem a sepultura do

chorado Arcebispo D. Antonio José de Freitas Honorato, fallecido em cheiro de santidade, a 28 de dezembro de 1898, como se prova com as numerosas offerendas dos devotos.

A capella denomina-se *Misericordia velha* por aqui ter sido fundada esta santa instituição.

As capellas de Nossa Senhora do Livramento, de Santa Luzia, Santa Catharina e Senhor da Paciencia, e a já referida capella dos reis onde se venera o corpo incorrupto do Arcebispo D. Lourenço que a 8 de agosto de 1391 fez testamento instituindo



Corpo incorrupto do Arcebispo D. Lourenço

aqui uma capella onde mandou construir o seu tumulo com estatua jacente, de pontifical, a que elle proprio fez um golpe na face com a sua espada. Esse tumulo ja não existe. No testamento ordenou a seu filho Vasco Lourenco «q̃ pera esta capella lhe trouxesse seu corpo, em caso q̃ morresse fóra de Braga nestes Reynos, nos de Castella, Leão, Navarra, Aragão,, Frãça, Frãdes, Allemanha, Italia, Toscana, ou Roma». Tem no tumulo esta inscripção:

AQUI JAZ D. LOURENÇO NATURAL DA LOURINHAM
ARCEBISPO DE BRAGA A Q FOI PROMOVIDO NA
ERA DE 1411, E MORREU NA ERA DE 1436

Ha ainda a communicar com este o claustro de S. Geraldo ou S. Amaro, com seis capellas reformadas em 1766, dedicadas ao

Espirito Santo, Senhora da Boa Memoria, Santo Amaro, Senhor da Piedade ou S. Pedro Martyr, que tem ao lado um côro denominado dos morcegos, onde diariamente resam dois minoristas que percebem 80 réis, o dobro do que o instituidor estabeleceu, por então serem 4 os coreiros; de Santo Antonio e das Almas com esta inscripção em lamina de metal:

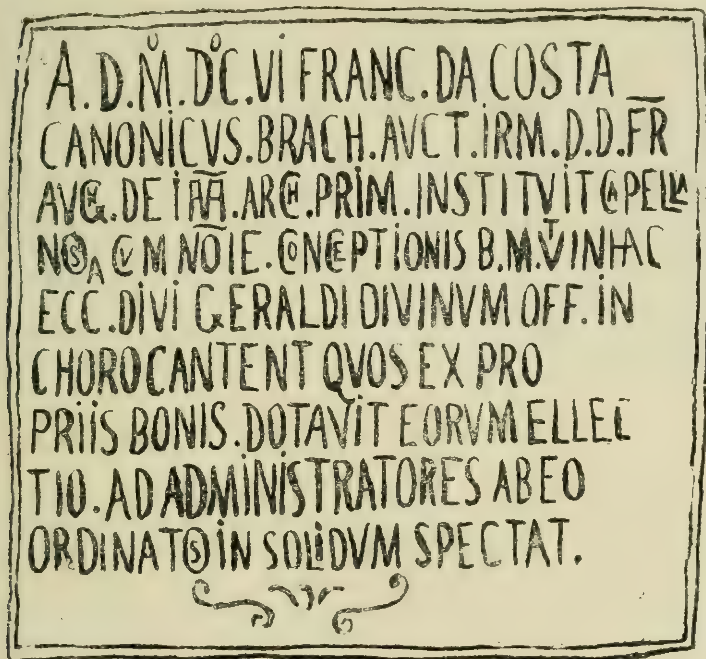
AQVI SE HAM DE DIZER OS RESPON_
SOS PERPETVOS POLLA ALMA DANNA FR3
QE DEV DES MIL RS DE IVRO E HV PRATo
DE 23 MIL RS A' CONFRARIA D SANTIS
SIMO SACRAMENTO E CINCO MIL
RS D IVRO A' D NOSA SNARA D ROSARIO
DSTA SANTA SE E D QVAES SAM OBRIGA
DAS A MANDAR DIZER AS MESMAS CON-
FRARIAS NO FIM D CADA M DAS MISSAS COFo
ME AS DOACOENS ANNO 1625

No alto da parede interior da capella da Boa Memoria, lado esquerdo, pude ler, por indicação do dignissimo sacristão-mór da Sé o sr. Antonio Maria Lopes da Silva, esta inscripção lapidar em caracteres gothicos, embebida junto de um arco de pedra que se dirigia da parede da Cathedral para o referido claustro:

ESTE ARCO : MANDOV :
FASER : LOPO AFONCO :
CONEGO : DE BRAGA :
ERA : MCCCCQVI.

Ao fundo da capella de S. Geraldo, que tem ao lado esquerdo da porta principal uma imagem de S. Nicolau toscamente esculpturada em granito mas com a qual o povo tem grande devoção.

depositando ao seu lado promessas que faz a Santo Ovidio, pois não acredita que seja S. Nicolau, ha na parede esta lapide referente á dotação de 240:000 réis, feita em 1606 pelo conego Francisco da Costa para uma capella de 5 capellães que resem em côro e celebrem diariamente missa em louvor da Conceição da Virgem:



Na *Hist. Eccl. de Braga,* por D. Rodrigo da Cunha (vol. II, pag. 131), lê se o seguinte a proposito de ter sido sepultado n'esta capella o famigerado alcaide-mór de Coimbra D. Martim de Freitas, fallecido em Braga quando se dirigia a Compostella: «Jazia na capella de S. Geraldo, um pouco afastado da sepultura do santo, dentro na parede d'aquelle mesmo lado. Tinha a pedra que fechava o seu moimento tres flores de lis. Mudaram-se os seus ossos, quando em tempo do arcebispo D. Frei Agostinho de Castro a capella se azulejou, pera outra sepultura posta no chão ao pé da antiga».

Ao centro, proximo do altar, vê-se a sepultura rasa do Arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles, e na sacristia um bello quadro em tela, com o retrato do alludido Prelado ao centro, e em volta

d'elle entre flores, os desenhos de quantas egrejas, conventos e demais edificios mandou construir e restaurar: São os seguintes: Egreja de Santa Quiteria, convento de S. Bento de Vianna. Sanctuario da Senhora da Apparecida, Paço de Braga, Egreja dos Terceiros, Penha de França, S. Vicente, Bom Jesus de Fão, convento de Barcellos, Aljube de Braga, S. Sebastião, Santa Maria Magdalena, convento dos Remedios, Chafariz do Paço, Guadalupe, convento de Chaves, aljube de Valença, Hospital de Braga, Congregados, aljube da Torre. Ao fundo do quadro: — D. Rodrigo M. Telles Ar. de B. Prim. das Hesp., premeditando grandezas eguaes ao seu animo, illustra o Arcebispado com sumptuosos edificios para sua memoria e funda em 1723 n'esta Cathedral a irmandade das Almas, de que foi juiz perpetuo.

D. Rodrigo exigia que a imagem do santo do seu nome fosse sempre collocada nas egrejas ou capellas que construia.

Das paredes interiores da capella pendem oito grandes quadros a oleo allusivos á vida de S. Geraldo, todos com a rubrica EGEAS que de certo nada tem com o pintor inglez EGG (1816-63). O maior, que representa os ultimos paroxysmos do Santo, tem ao fundo estes dizeres:

S. GERALDVS INDIE SVI OBITVS ROGANDO
DIXIT FAMILLIARIBVS, ECAETERIS ADSTANTIBVS:
QVI DEVM DILLIGVNT, POTV, ET CIBO, ET LVXVRIA
ABSTINERE PERENE.

O numero de conegos d'esta Cathedral era de 34; presentemente apenas conta 10.

Ha na *caza das mursas* uma simples cruz de madeira com desenho a oleo, bastante correcto, representando Christo na agonia.

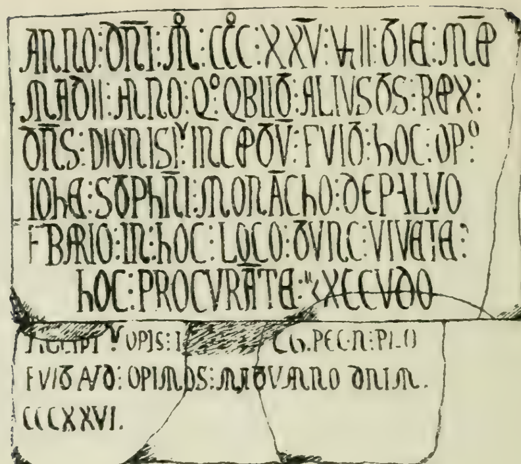


Capella de Nossa Senhora da Gloria (Braga)

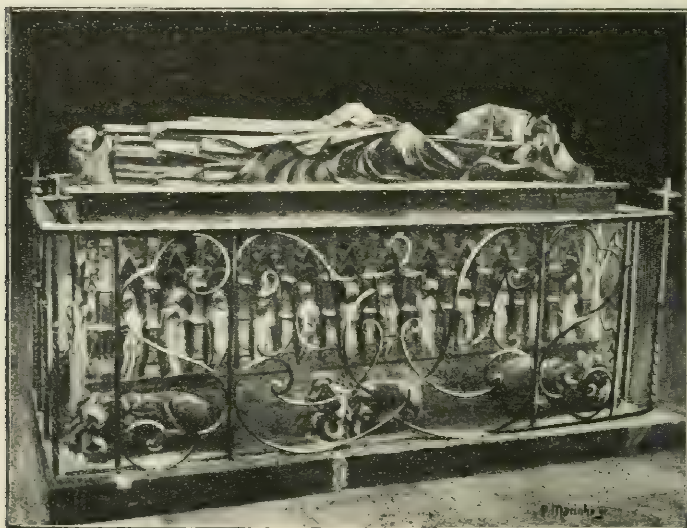
Contigua á capella de S. Geraldo existe esta que o Arcebispo D. Gonçalo Pereira fez construir em 1330, e juntamente o castello ameiado que lhe serve de sacristia, concluindo-se toda a obra a 27 de abril de 1334 no local que era occupado pelas *Casas do Conselho,* pertencentes á egreja de Braga.

Instituiu-lhe então seis capellães obrigados a resar quotidianamente em côro o Officio Divino em favor do Papa João XXI, que lhe concedeu o breve para a fundação da capella; de el-rei D. Diniz e de seu filho D. Affonso III; dos reis seus successores; dos prelados que lhe succederem e de todos os seus parentes.

Nas costas da capella de S. Geraldo, ainda se conservam estas duas lapides de jaspe com inscripções gravadas em caracteres gothicos. *(Vide gravura a pag. 94).*



O fundador entregou a administração da capella aos Deões da Sé, exigindo que fossem portuguezes de nascimento, bem como seus paes; e em caso contrario que o encargo passasse para os Chantres.



Tumulo de D. Gonçalo Pereira

Em 1336, dois annos depois da conclusão da capella, ordenou a construcção do seu formoso tumulo ao centro, com a estatua jacente, de pontifical, pintando-se-lhe posteriormente em volta estes dizeres:

EM MARÇO DE 1537 ERA ADMINISTRADOR
DA CAPELLA O DEÃO D. CARLOS.

Hoje, numa cinta de madeira, tem a inscripção seguinte:

1348
AQUI JAZ O ARCEBISPO D. GONÇALO PER.^A AVO DO CONDE
ESTABEL DE PORTUGAL D. NUNO ALVARES PEREIRA, DO
QUAL PROCEDE O IMPERADOR CARLOS QUINTO, E EM
TODOS OS REINOS DE CHRISTAONS DA EUROPA OU OS
REIS, OU RAINHAS DELLES, OU AMBOS &. REFORMADA
PELO DEÃO ADMINISTRADOR D. LUIZ NO ANNO DE 1789.

Os modilhões da frente e do lado direito indicam que esta capella teve alpendrada.

A meio da vidraça que existe sobre a porta, conserva-se um vidro antigo pintado a côres vivas representando a Virgem com o menino nos braços. Tem na parte inferior estes dizeres: TOTA PVLCR ES AMICA MEA.

Este vidro precioso é bem digno de ser preservado por uma grade de arame.



Collegiada de Guimarães

No primeiro quartel do seculo x (anno de 929) a Condessa D. Mumadona Didaz e seu marido D. Hermenegildo Gonçalves Mendes, Conde de Tuy e do Porto e governador da Provincia de

Entre Douro e Minho fundaram na quinta de *Vimaranes*, patronimico do nome Guimarães, um templo que dedicaram á Virgem, ao Salvador do Mundo e aos Apostolos. Viuvando a Condessa, fez logo construir junto do templo um mosteiro benedictino duplex com o fim de terminar alli os poucos dias que lhe restavam de vida. O infante Ranemiro concedeu-lhe a permissão e offereceu-lhe a quinta de Creximir (Creixomil), na era de DCCCC2XIIII (anno de 926).

Das palavras da doacão do castello de S. Mamede, que a Condessa fez construir em 957, ao seu mosteiro duplex «para defensão dos frades e das freiras», em data de 4 de dezembro da era de 1006 (anno de 968), mostra-se que a egreja de Nossa Senhora da Oliveira está realmente situada na sobredita quinta de Vimaranes a pouca distancia do Monte Latito sobre que assenta o referido castello: «Quorum baselica sita est in iam dca villa Vimaranes territorio urbis Bracharae aud procul ab alpe latito, inter bis alveis vehementibus Ave, & Avizella.»

Em virtude da prohibicão de S. Gregorio Papa sobre a habitação de frades e freiras no mesmo mosteiro *(Iam nullo loco Monachos permitimus in uno Monasterio habitare, sed nec ea, quae duplicia sunt: et si quid tale est religiosus Episcopus mulieres in suo loco manere studeat, Monachos autem aliud Monasterium edificare)*, foram ellas retiradas em 1089. Em 1103 o Conde D. Henrique organizou a Collegiada dando-lhe o titulo de capella-real.

A actual egreja foi construida no mesmo local da primitiva a expensas de el-rei D. João I em memoria da batalha de Aljubarrota (14 de agosto de 1385), sendo encarregado da obra o mestre pedreiro e vedor, que havia sido, das obras de el-rei D. Fernando, João Garcia, de Toledo, que lhe deu principio a 6 de maio de 1387, concluindo-a em 1393 (?), como se lê na seguinte lapide de marmore embebida na frente da egreja, ao lado esquerdo da porta principal:

1— ERA DE MILICCCCCEXXV ANOS : SEIS DIAS ⁝ DO
MES ⁝ DE ⁝ MAYO · FOI COMECCADA · ESTA : OBRA :
2— POR : MANDADO · DELREY ⁝ DOM IOHÃO ⁝ DADO : PELA
GRACA ⁝ DE · DEOS AESTE REINO DE ⁝ PORTVGAL
3— FILHO DO MVY ⁝ NOBRE ⁝ REY ⁝ DON PEDRO ⁝ DE ⁝ POR
TVGAL ⁝ ESTE BO REY : DON IOHAN ⁝ OVE ⁝ BATALHA
4— REYAL ⁝ EN CANPO : CO ELREY ⁝ DON IOHÃO DE
CASTELLA NOS CAMPOS : DE · ALIVBAROTA ⁝ I FOY ⁝
5— DELA VENCEDOR : I ⁝ A HONRA DA VICTORIA : QVE
LHE DEV A VIRGE S MARIA MANDOV FAZER ESTA :
6— OBRA : DA QVAL FOY MEESTRE : POR SEV MANDADO :
IOHAN GARC. : ⁝ MESTRE · EN PEDRARIA ⁝ I ⁝ FOY ·
7— ACABADA ⁝ : : : 3 DIAS DO MES DE ⁝ : : : : : ⁝ EPA DE ·
MIL : ICCCC31 ⁝ : : ⁝ ANOS · : : : : :

Esta inscripção é hoje pela primeira vez publicada na integra [1].

As copias conhecidas são imperfeitas como a que o Cabido de 1608 mandou gravar em granito, um pouco acima da primitiva, que se acha bastante gasta do tempo e de tal modo mutilada na extremidade inferior que já hoje é inteiramente impossivel conhecer-se ao certo o anno e o mez da conclusão da obra em que se empregaram 100 homens castelhanos que el-rei fez prisioneiros. O altar-mór foi sagrado a 23 de janeiro de 1400.

No primeiro degrau da porta principal collocou-se, em 15 de julho de 1891, uma lamina quadrilatera de metal amarello com as seguintes lettras e algarismos:

N P
79

«Nivelamento de precisão, placa 79 em numero». Ordenára esta collocação um emissario do governo que foi a Guimarães em serviço da commissão geodesica, demorando-se alli 2 dias para o alludido fim.

A porta de pau-ferro, que era pintada de verde, foi raspada e envernizada em março do anno corrente, mostrando no alto em lettras e algarismos de metal amarello a seguinte data: ANNO 1727.

Da elegante janella gothica, rasgada sobre esta porta e hoje inutilisada por enchimento grosseiro de granito, resta ainda a moldura vasada em pedra de Ançã e profusamente ornada de festões, baldaquinos, estatuetas e bustos em duas ordens. Na primeira, principiando pelo lado direito, ha seis bustos, cada um com seu livro aberto, lendo-se no do frade dominico em caracteres eguaes aos da inscripção em marmore:

SANTA . . . . DEEV PREDICAMVS

No livro segundo: — SANTVS:SANTVS:SANTVS:DOMINVS
No livro terceiro: — SANTVS:SANTVS:SANTVS:DNS DEVS
Nos livros quarto e quinto: — SANTVS:SANTVS:SANTVS:DOMINVS
No livro sexto (frade franciscano): — SANTE:FRANCISCE:VIDI:DOMINVM:IN:LINO —

Na segunda ordem tem seis estatuetas, uma das quaes sustenta nas mãos uma fita com estas palavras da saudação: — AVE GRATIA PLENA DOMINVS TECVM.

---

[1] Illescas, no livro 5.º da sua Hist. d'El-rei D. Affonso 6.º, cita uma escriptura de Pombeiro em que se mostra que D. Affonso, sogro do Conde D. Henrique, viveu por algum tempo junto do Mosteiro de Guimarães.

Esta janella tem a toda a largura, voltada para o interior da egreja, uma grande estatua jacente esculpturada em pedra de Ançã, com barba comprida e gorro na cabeça que recosta na mão esquerda sobre dupla almofada onde ainda se lê em pequenos caracteres gothicos:....EIVS ACENDET ET REQVIE *(sic)*.

Provavelmente esta estatua esteve voltada para a rua, antes do barbaro enchimento da janella, pertencendo á arvore de Jessé que com seus ramos formasse o caixilho da vidraça. Ficava assim perfeitamente de harmonia com o estylo do terceiro periodo ogival ou gothico flammejante.

Que bello effeito produziria uma restauração n'este sentido!

E' notavel o silencio que a este respeito guardam todos os historiadores da Collegiada, principalmente o conego Gaspar Estaço (1625); e os padres Torquato d'Azevedo (1692) e Antonio Carvalho da Costa (1706).

Na frente da pedra sobre que se acha estendida a estatua restam ainda estas lettras:

PO......GO DA SILVE...

Pertencem ao nome do D. Prior D. Diogo Lobo da Silveira, fallecido em 1666, o qual provavelmente ordenou a pintura e douramento da estatua e columnas das humbreiras da janella quando, um anno antes da sua morte, mandou abrir dois dos quatro oculos do enchimento.

A isto se refere do seguinte modo um inventario antigo existente no archivo:

«Fizeram-se duas frestas no côro de cima, ovadas com suas vidraças. Fizeram-se mais duas na capella mór... e n'estas quatro se pozeram grades de ferro e vidraças e se pozeram mais vidraças em outras... e redes de arame em todas por conta de Gonçalo Francisco Infanção e sua mulher Ignez Dias Villas, moradores na sua quinta da Porcarice, que mandou fazer o D. Prior *D. Diogo da Silveira* no mez de março e maio de 1665».

A desastradissima obra do enchimento da janella estava portanto concluida anteriormente a 1665 e abriram-lhe depois tres oculos por ser insufficiente o maior que fica ao centro a fornecer luz ao orgão construido em 1838-41, como se lê dentro do respectivo someiro do lado esquerdo:

FEITO POR LUIS ANTONIO DE CAR
VALHO GUIMARAENS, NATURAL DES
TA VILA NO ANNO
DE 1838

Na tampa do mesmo:

À HONRA E GLORIA DE DEOS E SUA
MAY MARIA SS.ma FOI MANDADO ACABAR
ESTE ORGÃO POR ORDEM DO ILL.mo R.mo CA
BIDO DESTA VILLA.
POR IOSÉ ANTONIO DA CRUZ, EM 7 DE
SETEMBRO ANNO DE 1841

Dentro do someiro do lado direito:

FOI REFORMADA TODA ESTA IGREIA
E FEITO ESTE ORGÃO POR ORDEM DO
ILL.mo E R.mo CABBIDO DE N. S. DA OLI
VEIRA, DEBAIXO DA INSPEÇÃO DO
ILL.mo CONEGO IOÃO BAPTISTA SAMPAIO
NO ANNO DE 1838

Na tampa do mesmo:

À HONRA E GLORIA DE SANTA MARIA
DA OLIVEIRA FOI MANDADO ACABAR
ESTE ORGÃO POR ORDEM DO ILL.mo E R.mo
CABIDO DESTA V.A POR IOZE ANT.o DA
CRUZ ANNO DE 1841.

A primeira e terceira d'estas inscripções referem-se á construcção do orgão pelo vimaranense Luiz Antonio de Carvalho Guimarães em 1838 e á condemnavel reforma da egreja, iniciada em 14 de junho de 1830, da qual tambem nos ficou a pilastra e capitel Jonico no cunhal esquerdo da fachada!

O tecto d'esta egreja Collegiada era todo de vigas bem lavradas. Hoje está estucado e os capiteis das naves desfeitos a picão como os da Cathedral de Braga!

A segunda e quarta dizem que 11 annos depois foi concluido o orgão por José Antonio da Cruz, official do já então fallecido Carvalho Guimarães. Junto da porta lateral norte existe um tumulo de granito com esta inscripção em caracteres ligados:

AQVI IAZ IGNES DE GVIMARÃES MER, DO LDO, IOÃO DE VALLADARES
BISNETA DE MARTINHO DE GES Fo, DE DOM FERNANDO DA GVER
RA BISNETO DEL REY D. P.o O CRV; E DA SRA, DONA IGNES DE CASTRO
E VALLADARES. MORREO A 8 DE SETEMBRO 1634

No painel do altar de Santa Anna lê-se o seguinte psalmo:

VENTVROSO AQVELLE QVE ESPERA
DE VOS O SEO SOCCORRO

No do altar da Virgem da Conceição:

CYNODO
CELEBRADO NA SANTA SÉ DE BRAGA
14 DE IVNHO DE 1646

Evidentemente está errada esta data, porque o Synodo foi celebrado em 1636 pelo Arcebispo D. Sebastião de Mattos de Noronha que occupou a cadeira bracarense desde 5 de setembro do referido anno (dia em que tomou posse) até 1641 em que falleceu prisioneiro na *torre de S. Julião,* reconhecendo n'aquella hora extrema o crime que praticára de traição á patria e pedindo por isso que o seu corpo fosse sepultado em campa rasa no adro de qualquer egreja «para que não ficasse memoria do que tinha sido».

N'este Synodo foi dado o juramento seguinte:

«Promettemos e juramos, todos os que n'este Synodo estamos congregados, em nossos nomes e de nossos successores, de sempre termos e guardarmos, e defendermos, que a Virgem Maria Nossa Senhora foi concebida sem macula de peccado original, na forma das Constituições e Breves Apostolicos passados sobre esta materia».

Os dois altares restantes são dedicados ao Espirito Santo e a S. Nicolau, e, por uma rubrica que se lê na margem inferior d'este ultimo painel, foram pintados em 1848 pelo fallecido lente da academia de bellas-artes, de Lisboa, sr. Joaquim Raphael.

No friso do arco da antiga capella de S. Nicolau acha-se gravado o seguinte:

ESTA CAPELLA MANDARÃO FAZER OS ESTVDANTES
DESTA VILLA NO ANNO DO SENHOR DE 1663

E' toda abobadada de pedra, apainelada, e não tem culto desde que construiram na sua frente o altar da mesma invocação.

A capella-mór, que na reedificação da egreja ficara acanhadissima, foi ampliada, tanto quanto o espaço o permittia, por ordem do principe D. Pedro (depois rei D. Pedro II) que para esse fim concedera, aos 6 dias d'outubro de 1677, as sobras da nova contribuição. Esta obra ficou concluida em 1682 [1].

Por occasião d'essa reforma desappareceu uma pedra sepulchral que estava debaixo do degrau da porta da sacristia, e na qual se lia o seguinte:

[1] Padre Caldas, *Guimarães*, pag. 18.

AQUI IAZ PERO
AFFONSO. . . . .
DE GVIMARAES E
ABBADE DE SAM
GONSALO DE AMARANTE [1]

A segunda linha pode ser completada com a palavra CONEGO, porque os houve na Collegiada beneficiados que ao mesmo tempo tinham abbadias, como se deprehende de uma notificação dos Estatutos de 1405.

No alto da tribuna venera-se a devota imagem da Virgem da Oliveira que se representa de mãos postas. A corôa de uso é de prata dourada e foi feita no anno de 1563, data que se lê num dos seus arcos.

Acha se actualmente no museu esta antiquissima esculptura a que el-rei D. João I recorria nos transes mais difficeis do seu reinado: Os sabios e o caruncho têm-lhe feito estragos; aquelles *escavacando-a* para se averiguar a qualidade da madeira, o que não puderam conseguir até hoje, e este roendo-a grandemente pela parte posterior.



E' ponto averiguado que nos primeiros tempos christãos as imagens da Virgem eram de preferencia esculpturadas em pau de pereira, symbolo da fecundidade. O saudoso padre Caldas [2] pergunta se esta imagem será a mesma que a Condessa D. Mumadona e seu marido o Conde D. Hermenegildo Mendes retiraram da Mesquita de Ceres (posteriormente capella de S. Thiago hoje extincta) para a collocarem no altar maior do templo que fundaram. Não deixa de ter logar esta pergunta, embora seja forçoso acreditar-se que, em tal caso, a esculptura não se conservou até agora isenta de retoques.

---

[1] Gaspar Estaço, pag. 130.
[2] *Guimarães*, vol. II, pag. 13.

Os revolucionarios de 1792 queimaram em Chartres uma antiquissima imagem da Virgem que se venerava com romarias e promessas abundantes na Sé Cathedral d'aquella cidade franceza, e a qual se representava assentada numa cadeira, tendo sobre os joelhos o menino Jesus que amparava com as mãos. Media 4 palmos de altura e, pela sua muita antiguidade, o povo chamava-lhe a *Virgem dos Druidas.*

A velhissima imagem da Collegiada vimaranense mede exactamente os 4 palmos de altura (0m, 88) e conserva ainda vestigios da posição da de Chartres. O vestido é coberto de panno bem collado e com pintura antiga em ramagem. Ora sendo, como creio, do mesmo pau de pereira esta esculptura, e attendendo ás demais circumstancias que exponho, não se poderá duvidar da sua origem remota e de que fosse esta a esculptura aproveitada por D. Mumadona e marido.

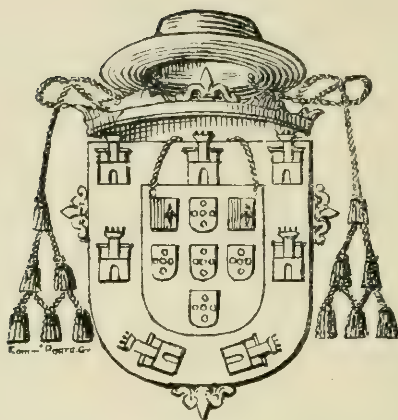
Existe na tribuna uma pequena caixa de madeira, forrada de veludo, sobre a qual é collocada a custodia em dias de exposição do Sacramento. Foi exteriormente enriquecida de grossos arabescos de ouro. Dentro lê-se em caracteres miudos:

ANNO
1662
PRODE GES
D D.º
LOBO

Fez-se no anno de 1662 sendo D. Prior de Guimarães D. Diogo Lobo da Silveira.

Havia n'esta Collegiada 28 conegos que, como os de Braga, usavam solideo. Tinham além d'isso o titulo de capellães reaes, que ainda agora usam.

Sobre a porta do palacio do priorado encontra-se o seguinte brazão dos D. Priores: *(Vide gravura a pag. 104).*



DEO HONORE
1576

Certamente a data allude á collocação das armas *por honra a Deus,* e não á construcção do espaçoso edificio que parece mais antigo, talvez o mesmo que serviu de aposentadoria a el-rei D. João I, quando este monarcha, auxiliado por Affonso Lourenço de Carvalho, tomou a então villa de Guimarães a Aires Guedes da Silva que a defendia em favor de Castella.

Por honra de Deus! dizem as palavras latinas gravadas sob o brazão dos Dom Priores de Guimarães, divisa assaz parecida com a dos padres da Companhia de Jesus — *Ad majorem Dei gloriam* — (para maior gloria de Deus).

Por honra a Deus! diria em 1091 o Conde D. Henrique depois de apresentar n'esta Collegiada Insigne o seu primeiro Prior Dom Pedro, predecessor do doutor Pedro Amaral ou Amarello, fisico mór de el-rei D. Affonso Henriques aperfeiçoador da Collegiada, e ultimo Abbade dos antigos monges com quem ainda continuou a viver em rigorosa clausura.

Por honra a Deus! repetirão ainda os que não desconhecem que desempenharam este cargo altamente honroso muitos sabios illustres e nobres distinctissimos, entre os quaes 2 principes da casa de Bragança; e que d'alli chegaram a sahir 1 Pontifice, 3 Cardeaes, 9 Arcebispos e 18 Bispos, motivo seguro por que os Dom Priores de Guimarães mereceram a classificação de primeiras pessoas do reino.

Apresentavam *in solidum* um grande numero de egrejas e eram emfim considerados Bispos d'esta *pequena Diocese,* por se isentar da jurisdicção Archiepiscopal, tornando-se immediata á Santa Sé Apostolica, a sua Insigne e Real Collegiada.

Assim o indica a seguinte concordata celebrada em 1216 por intermedio dos Arcediagos de Çamora e Astorga, aos quaes Innocencio III commetteu o encargo de apaziguar o Arcebispo de Braga Dom Estevão Soares da Silva, concordata confirmada por Honorio III e, trese annos depois, em 1229, pelo Cardeal Sabinense, legado *a latere*, determinando-se:

«Que os priores fossem prelados ordinarios, da egreja de Guimarães, e tivessem jurisdicção nos beneficiados e clerigos d'ella, como a teem os bispos e sómente reconhecessem os arcebispos de Braga como metropolitanos; mas que não podessem os priores conhecer dos casos, que por direito merecessem deposição ou suspensão perpetua; e que emtudo o mais fossem os priores como bispos suffraganeos, tendo nos seus conegos e porcionarios, aquella jurisdicção que qualquer bispo tem nos seus e na sua diocese».

O Cardeal infante D. Henrique foi quem primeiro violou este accordo na parte referente á visitação, seguindo-se em 1550 D. fr. Balthazar Limpo que entrou á força na egreja arrombando as portas e o sacrario!

Reorganisando-se em 8 de janeiro de 1891 a Collegiada de Guimarães que, como todas as do reino, havia sido extincta, foi provido no logar de Dom Prior o sr. Dom José d'Andrade Sequeira, fallecido em 1894, substituindo-o em 20 de junho de 1895, o actual sr. Dom Manuel d'Albuquerque, ao qual foi conferida a posse no dia 28 de setembro immediato.

E' o primeiro do nome e, como supponho, o sexagesimo-quinto da serie.

*

No florescente museu da Collegiada guarda-se uma lapide de pedra de Ançã que o antiquario sr. João Lopes de Faria ultimamente encontrou numa loja escura do claustro. E' toda ornamentada em volta e tem no alto as armas de D. João I e da rainha D. Filippa. Os caracteres da inscripção, ainda inedita, são gothicos miudos como os da lapide da frente da egreja. Mede 0,52 em quadrado e é esta a copia fiel:

✝ ERA DE MILICCCCXXXIX ANOS ⁝
XXIII DIAS DO MES DE IANERO ⁝ DIA
SANTO YLEFONSO ⁝ FOY SAGRADA ESTA E
GRESA ⁝ POR MANDADO DO MVY NOBR
E REY DON IOHAN DE PORTVGAL ⁝ E DAM
VY NOBRE RAYNHA ⁝ DONA FELIPA SVA MV
LHER FILHA DEL DVQ DE LENCASTRE ⁝ I SAG
ROA O BISPO DO PORTO DON IOHAN DAZANB
VJA ⁝ ESTA OBRA FEZ IOHAN GARCIA MESTRE

Refere-se á sagração da egreja, pelo Bispo do Porto D. João d'Azambuja, aos 23 de janeiro de 1401.

Fica ao fundo da nave da Epistola a capella do Sacramento, instituida pelo conego Gonçalo Eanes, com seu custoso e elegante sacrario de prata lavrada. Nas portas apresenta em primoroso relevo as duas passagens biblicas: — O maná do deserto e a Parabola das bodas; e além d'isso os seguintes textos de S. Lucas e do Exodo gravados em caracteres miudos:

EGO PLVAM VOBIS PANES DE CÆLO (sic)
EXOD IE·
BEATVS QVI MANDVCAVIT PANEM
IN REGNO DEI· LVC. 14.
ISTE EST PANIS QVEM DOMINVS DEDIT
VOBIS AD VESCENDVM· EXOD. XVI.
MANHV QVIT EST HOC
EXOD. XVI.
HOMO QVIDAM FECIT CAENAM MAGNAM
& VOCAVIT MVLTOS. ET MISIT SERVVM
SVVM VT VENIRENT S· LVC. XIV.
EXICITO· IN PLATEAS ET PAVPERES·
AC DEBILES ET CÆCOS INTRODVC HIC
LUC. 14.
VXOREM DVXIT ET IDEO NON POSSVM
VENIRE· LVC. 14.
VILLAM EMI, ET NECESSE HABEO
EXIRE, ET VIDERE ILLAM· LVC. 14.
JVGA BOVM EMI, ET EO PROBARE ILLA
ROGO TE HABE ME ESCVSATVM· LVC. 14

O altar tem um frontal de prata ricamente ornamentado, e os seguintes textos gravados, allusivos á Eucharistia:

ACCIPITE· ET· CO
MEDITTE· HOC EST
CORPVS· MEVM·
MATH. 26

QVI ENIM· MAN
DVCAT· ET· BIBIT· IN
DIGNE· IVDICIVM· SI
BI· MANDVCAT
CORINTH. II

HIC EST PA
NIS· DE CÆLO D
ESCENDENS·
IOAN. C. 6

PROBET· AVTEM
SE· IPSVM· HOMO
ET· SIC· DE PANE· ILO
EDAT· AD CORINT. I. I.
ANNO 1735

Dispendeu-se com o sacrario e frontal a quantia de 1:476$002

reis. As mezas de 1705 e 1706 destinavam as sobras da festa para se dar principio ao frontal, pois o sacrario era então de madeira prateada; por fim resolveram applical-as a este, dando-lhe logo principio, e mandaram tambem fazer um prato e um jarro do mesmo metal. Em 1708 levantou-se a quantia de 89$603 réis para pagamento de obras effectuadas na capella e sacristia, reservando-se n'esse anno a primeira verba para se fazer o frontal.

No anno immediato, sendo juiz Luiz Pimenta de Tavora e Lemos, applicou-se á construcção do sacrario a quantia de 100$000 réis. Em 25 de maio de 1711 foi adjudicada a obra ao ourives Hieronymo Lopes Moreira, sendo depois este substituido por Francisco Cardoso de Macedo em 7 de julho de 1720. O sacrario era encimado por uma esculptura de prata representando Christo resuscitado, a qual em 1788 foi substituida pela actual custodia radeada. Da obra do frontal encarregou-se, em maio de 1735, o ourives João Pereira Ribeiro; não cumprindo porém a promessa que fizera de o concluir até á vespera do Natal, nem ainda até 15 de agosto do anno immediato, a meza encarregou da conclusão o artista Francisco Teixeira.



Em 1686 construiu-se na sacristia uma pequena capella interiormente azulejada na qual é muito venerado o verdadeiro retrato da Virgem, conduzido de Roma para aqui por D. Payo Domingues D. Prior de Guimarães e Deão de Evora, nos fins do seculo XIII. Este D. Payo determinou ao seu procurador num pergaminho escripto em Coimbra a 14 de março de 1295 *(secundo idus maii era* MCCCXXXIII), que désse 4 soldos da moeda velha [1] a cada conego que no dia de paschoa cantasse deante do mesmo retrato a antiphona *Regina Coeli* e a *Salve Regina;* 2 soldos a cada sacerdote; um a cada diacono ou sub-diacono, e seis dinheiros (65 réis ?) a todo o mechanico.

[1] Sendo de ouro valia cada um 320 réis ; e de prata 10 réis.

A tradição diz-nos que este retrato é copia fiel do que se venera na egreja de Santa Maria Maior, em Roma, [1] pintado por S. Lucas; e na verdade essa tradição é bem acceita por todas as pessoas que conhecem o original e o nosso.

Lê-se ao fundo da tela:—ORA PRO NOBIS. S. MARIA.

Na mesma sacristia guarda-se uma caixa de madeira contendo o santo sudario. Na face interior da tampa tem esta inscripção:

1—ESTA CAIXA E SANTO SUDAIRO MANDOV
FAZER DOM DIOGO LOBO DA SILVEIRA EMDIG
2—NO PRIOR DESTA REAL COLLEGIADA DE NOSSA
SR.ª DA OLIVEIRA ANNO DE 1664.

Tambem aqui esteve o antigo e precioso thesouro com estes dizeres nas portas:

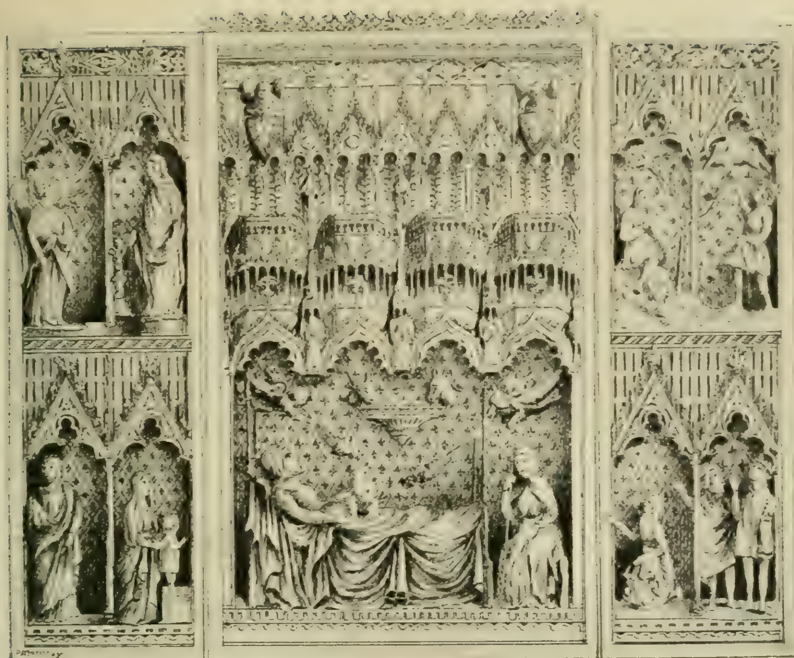
PVLCHRA VT LVNA — ELECTA VT SOL

Hoje todos esses objectos constituem o nucleo do florescente *museu de archeologia christã*, fundado numa das salas da casa capitular, por deliberação do illustrado Cabido, que em 22 de dezembro de 1898 reunira para este fim sob a presidencia do sr. conego dr. Antonio Julio de Miranda, encarregando de todo esse trabalho o então Thezoureiro-mór sr. conego Alberto da Silva Vasconcellos, que no dia 6 de janeiro do anno immediato, auxiliado pela dedicação enthusiastica do antiquario João Lopes de Faria, removeu para alli todos os objectos de valor, dispondo-os com a melhor ordem possivel. Descreverei aqui os principaes, transcrevendo parte do que a este respeito publiquei no «Echo de Guimarães», semanario vimaranense de que era redactor habilissimo o meu particular amigo padre Gaspar da Costa Roriz [2].

---

[1] Esta egreja foi primeiramente denominada basilica Liberiana, pelo nome do Papa que a consagrou; depois Santa Maria Maior por ser o principal sanctuario da Virgem; de Nossa Senhora das Neves pelo milagre da sua origem no meado do seculo IV; Santa Maria do Presepe, por se trasladar de Bethlem para aquelle sitio o presepe em que nasceu Jesus.

[2] O primeiro numero d'este excellente jornal publicou-se em 31 de dezembro de 1899.



Triptyco ou oratorio de prata dourada

E' este um dos mais preciosos monumentos que figuraram na exposição retrospectiva de arte ornamental, de Lisboa, e em cujo catalogo foi assim descripto: «Triptyco de prata dourada de estylo gothico. Altura 1m,35c. Largura 1m,23. Na parte principal a Virgem num leito, tendo junto, sobre a roupa que a cobre o Menino Jesus. Proximo do leito S. José.

Em plano superior as cabeças dos animaes do presepe e dois anjos com thuribulos. Cobrem o leito quatro arcos ogivaes; junto d'elles estão cinco anjos empunhando brandões, debaixo de baldaquinos. Elevam-se sobre os arcos quatro corpos architectonicos fenetrados. Do alto de cada um dos lateraes debruça-se um anjo sustentando um escudo com o brazão das armas reaes portuguezas. As outras partes do triptyco tem cada uma quatro nichos occupados por estatuetas, que representam a Annunciação, e Visitação de Santa Izabel, Apresentação, Adoração dos Pastores e Adoração dos Reis. Fins do seculo XIV ou principios do seculo XV.»

Alguns dos nossos escriptores como o P. Torquato de Azevedo, P. Antonio Carvalho. Vilhena Barbosa, Oliveira Martins e

outros, dizem que este oratorio ou triptyco, proveio do saque das tendas do rei de Castella na memoravel batalha de Aljubarrota. offerecendo-o o nosso rei D. João I á Virgem da Oliveira quando aqui veio a pé agradecer-lhe a intercessão no vencimento da alludida batalha. Oliveira Martins, na *Vida de Nun'alvares*, accrescenta que do referido saque recebeu mais o nosso monarcha os balsões e bandeiras de Castella, uma Biblia que foi para o côro de Alcobaça, um relicario precioso e o proprio sceptro Castelhano de crystal engastado em ouro com lavores delicadissimos, que Nun'alvares deu para o convento do Carmo, por elle fundado em Lisboa. Gaspar Estaço (*Varias Ant. de Port., pag. 177, cap. 481-1625*), que foi conego da Insigne e Real Collegiada e que deu publicidade ao seu trabalho primeiro que nenhum dos outros, affirma que «o retavolo de prata do presepio de Christo nosso Senhor, q̃ nos dias solemnes se põe no altar maior», foi feito da prata que el-rei D. João I offereceu, producto do seu peso quando, como diz o livro dos milagres, veio a pé dar graças á Senhora da Oliveira, entrando na sua egreja e dizendo: «Sr.ª eu confesso e quero que todos saibam, q̃ eu por vossa virtude sómente venci esta batalha, e que no ponto e hora em que estava pera nella entrar dei hum grande espirro, o qual houve e tomei por mui grande agouro, pelo qual cessei por entonces hum pedaço de mover pera ella, no qual espaço me deitei de bruços e non sei se dormindo, se acordado, porê posto en mui grande pensamento e agonia vi en visam aquesta vossa casa tal quejanda hagora vejo, com aquesta oliveira, e veiome ao entendimento que eu por exemplo do primeiro Rei me devia encomendar a vos e haver por tomadas as minhas armas da vossa mam, pelo qual eu logo votei e prometti de fazer o que hagora faço dizendovos en minha oraçam, Eu vos peço Sr.ª de grande merce assi como vos ao ditto Rei dom Affonso fostes principio daqueste reino, seiais a mi vosso devoto defenson d'elle. E entonces lhe mandou pôr as dittas armas encima do seu altar dizendo, Vós Sr.ª mas destes, vós as tomai e guardai».

A opinião de Gaspar Estaço foi reproduzida em 1731-32 pelo Academico José Soares da Silva nas *Memorias para a historia de Portugal*, e tem a corroboral-a o *Inventario* feito em 1527 onde se lê textualmente: «Hum retabollo de prata dourada q̃ deu elrey Dom Joham da boa memorya quando venceu a batalha Reall e veio visitar nossa Sr.ª a q̃ se encomendou na dita batalha o qll en chygando aa dita Igia armado de todas armas como elle andava na dita batalha e cõ a lança e laudell o qll está aquy e aquy o deixou por devaçam de nossa Sr.ª se pesou apta da qll pta se fez o dito retabollo e dose appllos e quatr.ºº anjos de pta e quatro septros e hua caldeyra cõ seu essope e hum tbollo com sua naveta a qll pta toda q̃ se aquy nomea afora o retabollo, le-

vou elrei Dom A.º pa Castella e o dito retabollo foy remydo pr ceys centos cruzados segundo se verá pllo est q̃ lla envia ho arced.º a sua senhorya. q̃ dizem a villa e termo pagou este dn.º. etc».

O Arcediago era então Pero Machado, vigario e provisor do Dom Priorado, e Dom Prior Sebastião Lopes. A falta de documentos coevos não auctorisa ninguem a resolver a questão.

E digno de ponderação este *Inventario* antigo, visto ser feito numa epocha em que a batalha de Aljubarrota não contava ainda mais de 142 annos.

E' verdade que um objecto como o tryptico, em fórma de pequeno e pobrissimo armario de madeira sem ornatos exteriores e com argolas de ferro para facilitar a remoção, não indica. a meu ver. seguramente. que tenha sido feito para ser exposto numa egreja ampla. em determinados dias, como de antigo costume, a 8 de setembro e 25 de dezembro de cada anno. Será por isso mais acceitavel a opinião dos que o julgam tomado a D. João I de Castella, n'aquelles tempos em que as grandes victorias se alcançavam com uma fé viva na protecção do céo?

Que duvida? Assim como D. João de Portugal se apresentava de cruz vermelha sobre o peito com escudos de S. Jorge, e o Condestavel de estandarte representando em todo o campo o Christo, S. João, Santa Maria, S. Jorge e S. Thiago; o môço rei Castelhano, que na occasião da batalha tanto necessitava dos desvellos da sciencia medica, poderia ter feito transportar para a sua tenda o alludido altar, a fim de melhor se encommendar a Deus e encorajar a sua gente que, no ardor da batalha, ao grito continuo de — Portugal e S. Jorge!, teria de oppor o de — Castella e S. S. Thiago! O proprio Estaço, descrevendo os ornamentos e peças de prata offerecidos á Virgem da Oliveira por D. João I de Portugal, diz: «hum anjo grande dourado que está en geolhos, de vinte, e hum marcos, que foi tomado na batalha, e fôra da capella del Rei de Castella.»

O que não offerece duvida é que este rico objecto, ou a prata de que se fez, foi offerta de D. João I de Portugal, como o indicam as suas armas nas extremidades superiores. Pesa este oratorio 7 arrobas e 23 arrateis, e foi concertado, limpo, dourado e esmaltado, por dois italianos que appareceram em Guimaraes no verão de 1798 dispendendo-se com esse trabalho a verba de 50:000 réis. As portas são exteriormente pintadas, representando no alto dois anjos com uma fita em que se lê: GLORIA IN EXCELSIS DEO; e ao fundo algumas ovelhas e quatro pastores, um dos quaes toca uma gaita de fólle. Ordenou esta pintura o cardeal infante D. Henrique, Arcebispo de Braga, na visita de 9 de outubro de 1537, pelas palavras seguintes: «...e mandaraam pintar as portas do reta-

bollo de prata da parte de fóra, de boa pintura, o que compriraam até pascoa de resurreiçam sob pena de quatro cruzados.»

O Cabido ligou pouca importancia ao caso, tendo de soffrer nova ordem na visita de 12 de setembro do anno immediato.

CRUZ PROCESSIONAL GRANDE

(Vide gravura da pagina seguinte)

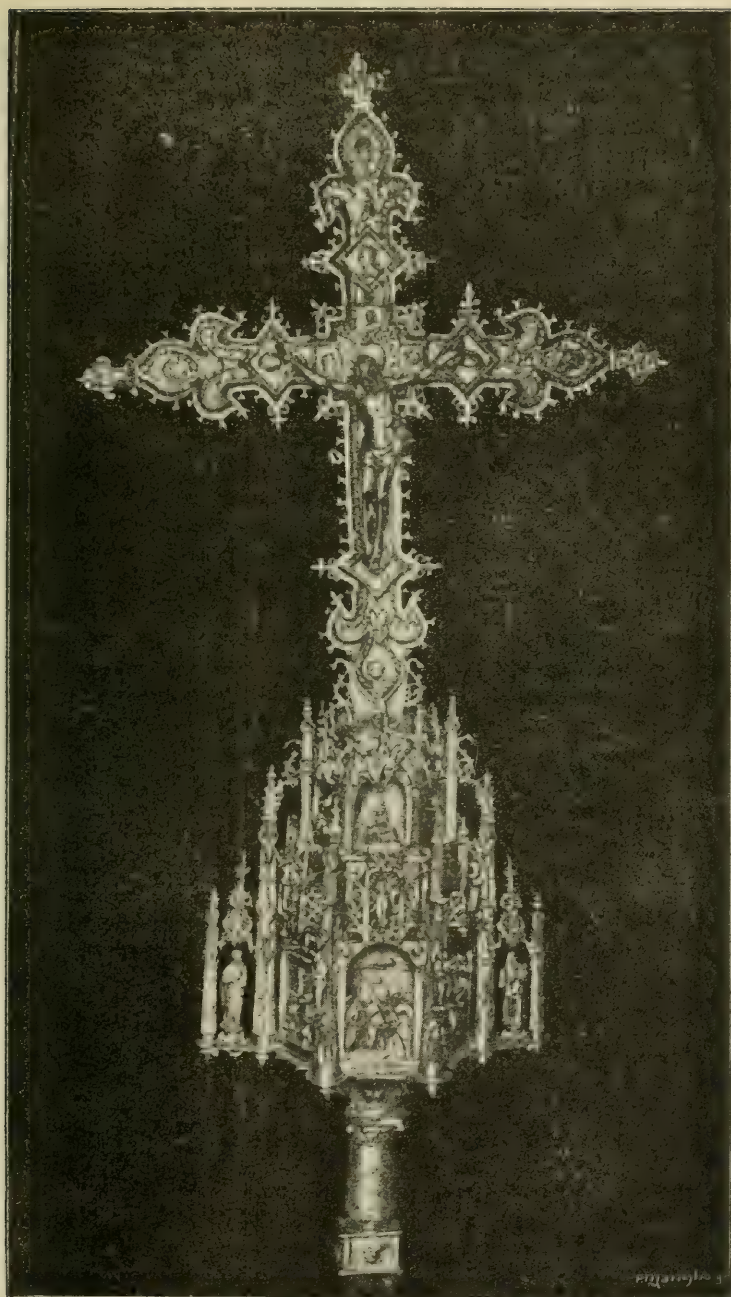
E' toda de prata, estylo gothico, obra executada a buril. Offereceu-a o conego Gonçalo Eannes depois de 1527, visto não existir ainda então descripta no *Inventario,* e antes do fim de 1540. pois o seu testamento foi aberto no dia 28 de setembro d'este anno «em sua casa onde jazia morto».

Do *Inventario* de 1631 consta que «esta obra se acabou de fazer com mais *sessenta mil réis* que a fabrica deu para esse fim.» Desconhece-se, infelizmente, o nome do artifice e a sua naturalidade, ou residencia. O que fica demonstrado é que a cruz não foi unicamente feita a expensas do conego offerente, como todos os historiadores nos dizem. Este facto deverá ser attribuido á sua morte occorrida quando a obra se achava ainda em via de conclusão.

Tambem esta cruz foi concertada, limpa, e dourada em parte pelos dois alludidos italianos, dispendendo-se com esse trabalho a verba de 7$200 réis. O douramento do rosto e mãos das estatuetas desappareceu quando em 1880 se mandou limpar a cruz.

Antigamente sahia nas procissões da camara e agora apenas apparece na do *Corpus Christi*. Acha-se assim descripta no catalogo da exposição de Lisboa:

«Cruz processional de prata. Altura 1^{m},55. Largura na base 0.46. A base, cuja fórma é a de uma pyramide hexagona, assenta sobre uma columna adornada no pedestal com carrancas, no fuste com festões e cabeças de anjos, no capitel. A parte inferior da base é distribuida em seis secções adornadas com tropheus, arabescos e chimeras. O corpo da base tem tres ordens de nichos. sendo os da primeira e terceira ordem encimados por baldaquinos e separados por feixes de pilares com estatuetas e baldaquinos na parte inferior e terminados por coruchéus. Os nichos, com a forma de concha na sua parte superior, contém baixo-relevos. que representam passos da vida de Christo, a Virgem e os Evangelistas. De cada lado, na parte inferior, destaca-se um nicho maior. com as estatuas de Moisés e de David. Exteriormente muitas outras estatuetas e arcarias adornam o corpo da base. A columna e as differentes faces do corpo da base são do estylo do renascimento. As arcarias, pilares e baldaquinos, que são um como re-



Cruz processional grande

vestimento, téem o estylo gothico. A haste e os braços, rematados em rosaceas, terminam á maneira de flores de liz, e são cobertos de cabeças, bustos e outros ornatos de estylo da renascença. A figura de Christo é de prata dourada. O reverso é similhantemente ornamentado. Seculo XVI».

Não se encontra em todo o paiz outro exemplar egual. A junta de parochia de Montelavar e a confraria do Sacramento em Bellas, possuem cada uma a sua cruz processional de prata, de egual estylo, mas de inferior trabalho e dimensões. A que mais se approxima d'esta é a da Sé do Funchal que ainda assim mede menos. $0^m,36$ de altura.

Outra «cruz processional de prata, estylo gothico, muito coberta de ramos de carvalho e cujas extremidades terminam em flor de liz. Servem-lhe de base dois castellos sobrepostos, dos quaes o primeiro é guarnecido de pilastras terminadas em coruchéus. Altura $0^m,82$. Seculo XV».

Esta cruz pertenceu á antiga confraria da egreja de S. Miguel do Castello (vulgo Santa Margarida) e diz-se que no tempo da invasão franceza fôra escondida numa caixa entre o centeio d'um campo.

O conego José Martins Gonçalves que por occasião da referida invasão era abbade de S. Miguel do Castello, entregou-a por escriptura publica feita na nota do D. Priorado em 24 de outubro de 1818, ao abbade seu successor João Machado de Araujo Amoroza, declarando que a conservára sempre em seu poder desde a referida epoca. Tem de pezo nove marcos com cinco onças e meia.

Sendo annexada a freguezia de S. Miguel do Castello á Collegiada em 16 de dezembro de 1872, a cruz foi alli recolhida seguidamente á publicação da portaria do Arcebispo de Braga. El-rei o sr. D. Fernando, assaz perito n'estas questões de arte, manifestou o seu alto apreço por esta cruz que tem no reverso gravada a figura do Padre Eterno, acompanhada da legenda : — DEO PATRE ONIPOTENT *(sic)*.



É de estylo gothico, esta cruz, composta de duas faces ligadas por levissimo rendilhado, tendo em toda a volta e pelo centro uma ornamentação simples mas bastante vistosa e apreciavel. Mede de alto 0^{m},88 e peza trinta e seis marcos. Do douramento apenas restam alguns vestigios. A base é hexagona formada por dois corpos sobrepostos, em arcos ogivaes, separados por pilastras. Ao centro por traz da imagem de Christo, tem um baixo relevo que representa a prisão; um pouco acima a imagem da Virgem da Conceição; nos braços dois escudos, e quasi ao fundo a Virgem da Espectação. Por sobre a cabeça de Christo tem a seguinte inscripção em caracteres gothicos:

JESUS:NASARE
NUS:JUDEORUM

Ao centro do reverso tem gravada a imagem do Padre Eterno

com os emblemas dos quatro evangelistas; no alto o Pelicano: nos braços os mesmos dois escudos do anverso e em baixo o Lazaro (?) saindo do tumulo.

Esta cruz foi limpa, concertada e dourada no anno economico de 1881-82 dispendendo-se com o seu trabalho 129$830 réis. O conego José Bento Ribeiro Agra encarregou-se de ordenar a compostura que foi confiada ao ourives José de Sousa Dias.

Cabe a este a *gloria* de deslocar algumas peças, substituir inhabilmente outras que faltavam, e a pregagem, que era de prata, por belmazes amarellos ou pequenas tachas de pregar cintas de sóccos!

CUSTODIA DE PRATA DOURADA

Depois da grande cruz processional é este um dos mais apreciaveis objectos do recente museu da Collegiada. Tem no catalogo a seguinte descripção:

«Altura 0^m,80. A parte superior é formada por uma arcaria gothica dividida por quatro feixes de pilares, formando baldaquinos, sob os quaes estão as estatuetas dos quatro Evangelistas. Remata esta parte uma cimeira do mesmo estylo, sobre a qual se vê o fragmento de uma cruz. A parte média contém o ediculo, rendilhado por fóra, e por dentro, na face anterior, ornado com cabeças de seraphins. A face posterior é rendilhada exterior e interiormente. Aos lados dois grandes feixes de pilares com quatro baldaquinos e tres estatuetas dabaixo de cada um, rematados por cimeiras do mesmo estylo, e ligados á parte superior e á parte inferior por ornatos. A base da parte média é dividida em quatro taboleiros, e cercada por um acroterio rendilhado. A face inferior é dividida por seis gomos com ornatos similhantes. Na peripheria da base elevam-se quatro anjos tocando instrumentos, os quaes se firmam sobre pendores com tintinabulos, bem como os feixes de pilares. Falta um d'estes tintinabulos. A parte inferior termina por uma aba hexagona, sustentada em quatro ornatos, á maneira de misulas, e com a seguinte inscripção na face superior:

ESTA COSTODIA FOI ACABADA
NA ERA DE 1:5:3:4.

O nó consta de arcarias formando baldaquinos, dois dos quaes abrigam estatuetas de santos. Na parte superior ha um annel hexagono com vestigios de esmaltes. Da parte inferior pendem tres pingentes e falta um quarto. O nó descança sobre seis dragões, similhantes ao do calix. A base é distribuida em oito gomos, cujas superficies são ornadas com figuras de santos.

Nos intervallos, losangos esmaltados. A peripheria rendilhada.

A base descança sobre um emmolduramento, contornado por um festão de louro, e sustentado por tres animaes de phantasia, faltando um quarto, e sobre garras apoiadas em espheras. Seculo XVI.»

A pequena cruz da cimeira existe exposta numa vitrine com os demais objectos do museu. Ao grande feixe de pilares do lado esquerdo da face posterior falta uma estatueta, e ao do lado direito da parte anterior, outra. A base não é, como se diz, distribuida em oito gomos mas em quatro, com o mesmo numero de figuras de santos nas superficies e os dizeres seguintes: S ELISABET — S PETRVS — S IOANES — O MATER DEI MEM.

Esta custodia peza vinte e cinco marcos e meio e foi offerecida pelo conego Gonçalo Eannes, o mesmo que offereceu a cruz grande. A tradição diz-nos que esta obra foi executada pelo grande vimaranense Gil Vicente.

Em tal caso occorre perguntar se a cruz processional tambem será obra do mesmo glorioso filho de Guimarães.

CALICE DAS CAMPAINHAS

Este calice de prata dourada, que tem de pezo oito marcos menos uma onça, foi offerecido pelo Chantre Fernando Alvarez, no seculo XVI. «Altura $0^{m},31$. Copa hemispherica, adornada com seis figuras de anjos que sustentam os emblemas da Paixão, e na parte inferior, com outros seis, sustentando outros tantos tintinabulos. O nó adornado com arcarias gothicas, contendo as estatuetas de seis santos cobertos por baldaquinos. Baze dividida em doze gomos, dos quaes os maiores tèem em baixo-relevo figuras de santos: Nos seis gomos menores ha ornatos esmaltados. Entre a copa e o nó, e entre este e a baze, dois anneis com o mesmo genero de esmalte. No bordo exterior da copa lê-se em caracteres gothicos: HIC EST CALIX SAMGVINIS MEI NOVITE (sic). Seculo XVI». É egual ao da Sé de Braga, feito em Roma, o que não admira, porque aquellle serviu de modelo a este. Mede menos de altura $0^{m},02$, e deixa ver no interior da copa a martellagem do artifice. A patena tem no reverso um agnus esmaltado e no anverso a figura de Jesus Christo, egualmente esmaltada, em attitude de subir ao céu, e á roda: DO VOBIS PACEM RELINCO VO PACEM MEAM.

CALICE DE S. TORQUATO

É assim denominado porque a tradição nos diz que appareceu na sepultura do glorioso martyr, junto do seu corpo que ainda se venera incorrupto a pequena distancia de Guimarães, e que o referido santo celebrava missa com elle!

É de prata dourada e esmaltada. «Altura $0^m,22$. Copa lisa e pyramidal. Nó hexagono, ornado de ramagens e esmaltes. Base tambem hexagona, dividida em gomos e com seis esmaltes nos angulos reintrantes. Uns e outros esmaltes representam bustos de santos. A patena tem no centro um esmalte que representa o Padre Eterno. Seculo XIII».

Muito semelhante a este ha outro que pertence á irmandade das almas, da freguezia de Santa Marinha da Costa, como logo se verá.

*

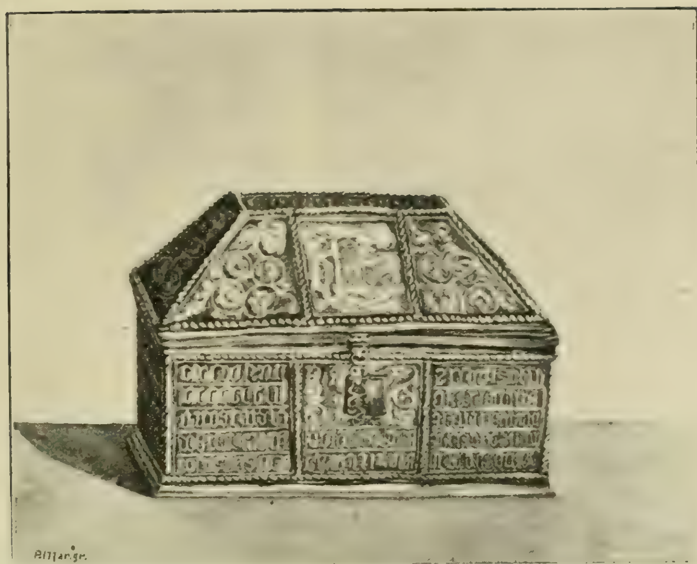
Um relicario de prata dourada em que se guarda o tornozello de S. Torquato. Na frente lê-se esta inscripção:

D DIOQ^O LOBO DA SILVR^A INDIGNO PRIOR
DESTA REAL COLEQIADA DE N SR^A
D^OLIVEIRA DEV ESTA COSTODIA ANNO 1664

Do lado opposto:

ESTA RELIQVIA HE DE S· TORCATO DISI
PVLO DE SAMTIAQO APOSTOLO CVIO
CORPO SE ACHOV INTEIRO +

Quando em 1637 se dirigiram á freguezia de S. Torquato o doutor Ruy Gomes Golias, mestre-eschola da Collegiada, e outros capitulares, com o fim louvavel de mandarem restaurar o tumulo do santo, aquelle mestre-eschola extrahiu parte do calcanhar direito do bemaventurado martyr, trazendo para a capella da sua casa da rua das Lamellas aquella veneranda reliquia. Surprehendido pela morte a 29 de março de 1649, tendo completado 20 annos do seu mestre-escholado que principiou a exercer em 7 de abril de 1629 por ter permutado com o seu antecessor a abbadia de Villa Nova de Sande, não pôde ordenar que depois do seu fallecimento a referida reliquia fosse entregue a quem mais cuidadosamente a venerasse. Decorridos 13 annos constára ao activissimo D. Prior d'esse tempo D. Diogo Lobo da Silveira, que existia essa reliquia em poder de Ignez de Guimarães, Catharina Golias, e Luiza de Guimarães, sobrinhas do fallecido Ruy Golias, e conseguiu que aquellas senhoras a cedessem sendo trasladada festivamente da *capella do Menino Jesus,* da casa das Lamellas (hoje Tribunal) para a egreja da Collegiada no dia 21 de dezembro de 1662. Assim se conservou durante 2 annos, findos os quaes o mesmo D. Prior lhe mandou fazer á sua custa o relicario alludido.



Cofre de reliquias

É de prata dourada e encerra numerosas reliquias encontradas em 1419 pelo D. Prior Luiz Vasques, dentro de uma caixa que estava no altar-mór. A tomar toda a frente e os lados, tem esta inscripção em caracteres gothicos ligados:

ERA DE MIL E CCCCLVII ANNOS EN DIA DE
S · MARIA DE MÇO LVIS VASQES POL DESTA
IGIA FEZ ABRIR HVA ARCA QESTA' EN O ALTAR
MOOR A QVAL NO SABIAN ABERTA DES MAMORIA
DOS OMES E FORON EN ELA ACHADAS ESTAS RE
LICAS PAR DA VESTEDVRA DE NOSO SENHOR
IHV XP E PTE DE HV BEO DE SATA MARIA
E DAS VESTEDVRAS DOS APOSTOLOS E MAR
TES E DE OVTRAS RELIQIAS DE SANTOS
E SANTAS OTRAS

Leitura: — Na era de 1457 annos, em dia de Santa Maria de março, Luiz Vasques, Prior d'esta egreja, fez abrir uma arca que está no altar-mór, a qual não sabiam aberta desde a memoria dos homens, e foram n'ella achadas estas reliquias: — parte da vestidura de Nosso Senhor Jesus Christo e parte de um véo de Santa

Maria e das vestiduras dos Apostolos e martyres e de outras reliquias de Santos e Santas outras.

Sobre a tampa lê-se:

AVTEM
IHUS

— Oito purificadores de prata que o conego Antonio de Sousa mandou fazer por conta da Fabrica no anno de 1665. O primeiro tem esta inscripção em toda a volta:

O CONEGO ANT.º D SOVSA MANDOV FASER
8 CASTISSA DESTE LOTE POR CONTA DA FABRICA

Nos restantes sete:

SOSA POR CONTA DA FABRICA · ANNO 1665

— Um jarro de prata e bacia do mesmo metal, com estes dizeres ao centro:

VT POTIAR PACIOR

— Um cofre de prata que encerra o craneo de S. Rodrigo, e no qual está gravado: ANO 1787.

Antes d'este houve outro cofre de marfim e arame dourado. como se diz no inventario de 1527: «Item outra arca de marfim chapeada de arame dourado, aonde está a cabeça de um santo que presta para mordeduras de cães damnados».

O conego prebendando Pedro de Mesquita deixou um livro manuscripto em que nos diz ter fallecido pelos annos de 1480 «um homem virtuoso» de Villa Cova, concelho de Felgueiras, e accrescenta que os devotos tiraram da sepultura a cabeça do morto «e a trouxeram a Guimarães a casa de um ourives chamado Pedro Alves, que morava na rua sapateira, nas casas da esquina da travessa que vae para a cadêa da correição, o qual foi avô do conego Manuel da Silva; e este tirou da cabeça os queixos debaixo, e encastoados em prata á sua custa os deu aos que a trouxeram, por lhe deixarem o resto da cabeça, o qual guardou em sua casa aonde os doentes (de mordeduras de cães hydrophobos) a hiam tocar, e recebiam saude; e por sua morte a mandou collocar na egreja de Nossa Senhora da Oliveira» [1].

*

Junto da lapide da sagração, a que já fiz referencia, appare-

[1] *Antiga Guimarães*, pag. 210.

ceu outra sem ornatos que mede $0^m,44$ em quadrado e que tem gravada esta inscripção:

ESTA CAPELA / MANDO
V FAZER AFONSO ANDRE
CONIGO / DESTA IGREEA
E ABADE DE SANGEES / A
LOVVOR DE SANTO ANDR
E / E FOI FEITA EN A ERA DE
MIL E QVATRO CENTOS
E COREENTA / E SETE····
OS / DEVS SE AMMERCEE··

Leitura: — Esta capella mandou fazer Affonso André, conego d'esta egreja e abbade de S. Gens, a louvor de Santo André; e foi feita na era de 1447 *annos*. Deus se amerceie *d'elle*.

Sem duvida esta lapide refere-se á capella de Santo André, no claustro, visto não constar que em tempo algum existisse alli outra da mesma invocação.

*

Á esquerda de quem entra para o referido claustro, pela rua de Nossa Senhora da Guia, vê-se um tumulo aberto em arco na parede interior, com estes dizeres sobre a tampa:

ESTE : HE : DE AFOM VIEIRA : E DE SVA : GERA

Leitura: — Este *(jazigo)* é de Affonso Vieira e de sua geração.

*

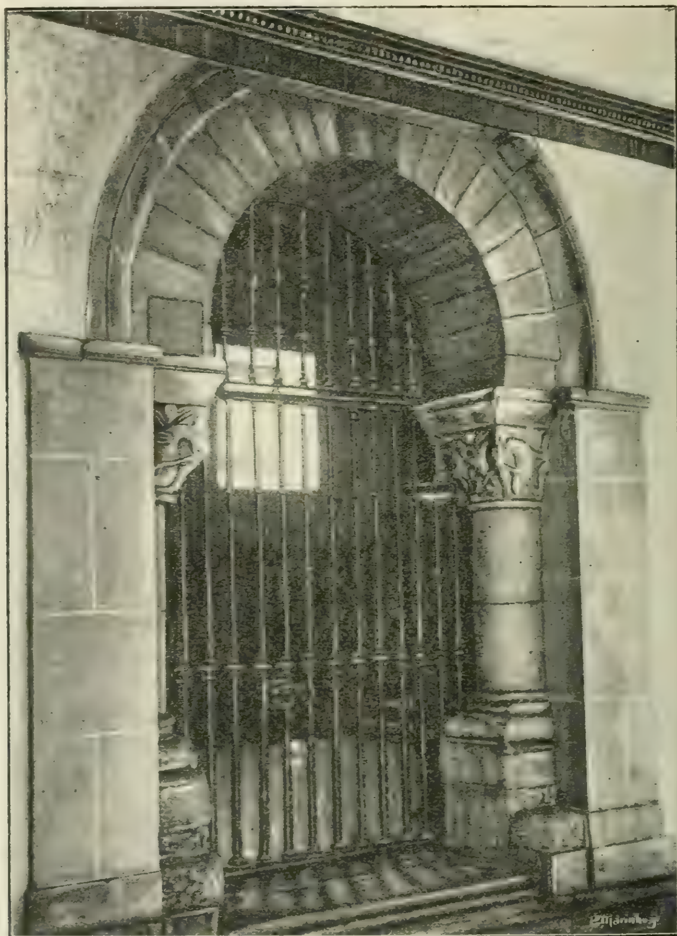
Á direita, e por sobre dois arcos egualmente com tumulos, está embebido na parede um brazão pintado a côres, tendo em volta este lettreiro gothico, em relevo, de leitura difficil:

ESTA : OBRA : E DE GIL : LOVRENCO :
CAVALEIRO : CRIADO DELREI : DOM UHA

Leitura: — Esta obra é de Gil Lourenço, cavalleiro creado de el-rei Dom João.

Foi este Gil Lourenço de Miranda, alcaide-mór de Miranda do Douro, que aos 4 d'agosto de 1430, instituiu o morgado de S. Miguel, em S. Clemente de Sande, com casas e torre entre as ruas *do Ferreiro* e *das Flores*, nascente e poente do campo da Misericordia, por isso que as referidas casas e torre ficavam ao centro, a defrontar com a egreja.

Caiu em ruinas aquelle grande edificio, e a sua pedra foi vendida em 17 de janeiro de 1656 pela quantia de 140:000 réis, para a construcção do hospital da Misericordia, hoje casa do despacho da mesma prestantissima instituição.



Capella do Capitulo

A porta d'esta capella antiquissima, situada ao fundo do claustro, é de architectura romano-byzantina.

Tem dos lados, duas grandes janellas do mesmo estylo tapadas a pedra e cal que vão em breve ser postas a descoberto.

*

A torre antiga foi demolida em 1515, dando principio á actual o doutor Pedro Esteves Cogominho, ouvidor das terras do Duque de Bragança, e sua esposa D. Izabel Pinheiro, filha de Tristão Gomes Pinheiro, que por ordem do Duque cercou Barcellos, os quaes apenas puderam fazer construir o primeiro terço em fórma de capella abobadada de pedra com dois tumulos ao centro encimados pelas suas estatuas jacentes em tamanho natural, trajando ricos vestidos da epocha, tudo primorosamente esculpturado em pedra de Ançã.

O doutor Pedro Esteves, que em 1448 fundou em Barcellos a Casa-solar dos Pinheiros, era avô da ex.^ma^ esposa do illustre genealogista sr. José de Azevedo e Menezes, da Casa do Vinhal.

A' cabeceira dos tumulos ergue-se um altar de granito fino onde se encontram gravadas as cruzes da sagração, e no qual se celebrava missa aos domingos e dias santificados, podendo o publico assistir a ella do largo fronteiro por uma das duas janellas rendilhadas que fornecem luz á capella. A abobada, os tumulos e as paredes interiores, tudo está de tal modo salitrado, que dentro de breves annos nada existirá distinguivel.

Por morte dos instituidores coube a administração d'esta capella a seu filho o dr. Diogo Pinheiro, D. Prior de Guimarães desde 1503, que lhe collocou na frente as armas da familia com esta inscripção gravada ao fundo em caracteres miudos e já bastante apagados:

ESTAS ARMAS MADOV AQVI POR
D. DIOGO PINHEIRO ADMI
NISTRADOR DESTA CAPELLA

O mesmo D. Diogo, que em 1513 concluiu a obra da construcção da torre, foi commendatario dos mosteiros de Carvoeiro, da Junqueira e de Castro de Avelans, Bispo do Funchal e Prelado do convento de Thomar onde falleceu em julho de 1514, sendo sepultado na egreja de Santa Maria dos Olivaes.

O sino de Nossa Senhora, que apenas se faz ouvir nos dias mais solemnes, foi alli collocado em 5 de dezembro de 1822, e peza 67 arrobas e 6 arrateis, na importancia de réis 645:000.

Entre as ameias da frente da torre construiu-se uma sineira elegante, sendo encarregado da obra o mestre pedreiro Manuel dos Santos, como o indica esta inscripção gravada no lado esquerdo:

MANO
EL DVS *(sic)*
SANTOS
O MESTRE

Collocaram alli o sino do relogio que foi feito em 1744, sendo vereadores Luiz Pimenta e Gonçalo Peixoto.

Ao lado direito, pendente d'um arco de ferro, está o sino das meias horas com estes dizeres em volta:

IHS MARIA JOSEPH
ANNO 1686
HE DA CAMARA DESTA VILLA GES

Esteve primitivamente no castello e dava signal para se fecharem á noite as portas da antiga villa.

A vereação emprestou-o á irmandade de S. Torquato, por occasião da trasladação do Santo, a qual teve logar no dia 4 de julho de 1852. Quebrou então, e a irmandade obrigou-se a mandar fundir este pela fôrma do quebrado, com todos os dizeres e ornatos.

O PADRÃO

Na faceta da frente da columna oitavada do cruzeiro gothico que se levanta sob a abobada do padrão de Nossa Senhora da Victoria, mandado construir no reinado de D. Affonso IV, em frente á porta principal da Collegiada, está embebida uma pequena lamina de bronze com esta inscripção gravada em caracteres gothicos miudos:

A AONRA ✝ D ✝ DEVS ✝ ED ✝
SCÃ ✝ MARIA ✝ EPOR ✝ ES
TA ✝ VILA ✝ MAIS ✝ ONRA
DA ✝ SEER ✝ E O POBOO ✝ F
EZ ✝ FAZER ✝ ESTA ✝ OBR
A ✝ PERESTEVEZ ✝ D ✝ GV
IMARAAES ✝ MERCADOR ✝
MORADOR ✝ EN ✝ LIXBOA
FILHO ✝ D ✝ STEVÃ ✝ GCI
A ✝ ED ✝ MTA ✝ PEZ ✝ NA ✝ E
✝ M ✝ CCC ✝ LXXX ✝ ANOS ✝
VIII ✝ DIAS ✝ D ✝ STENBRO
✝ MLAFEX ✝

Leitura:—A' honra de Deus e de Santa Maria, e por esta villa mais honrada ser e o povo, fez fazer esta obra Pedro Esteves, de Guimarães, mercador morador em Lisboa, filho de Estevão Garcia e de Martha Peres, na era de 1380 annos, aos 8 dias de setembro.

As lettras da orla inferior indicam certamente o nome do auctor da obra:

M. L. a fez.

Em quatro dos lados da columna estão gravadas umas abreviaturas que representam os nomes dos paes e filho a que a inscripção allude, e ainda de outro filho Gonçalo que foi encarregado de ir á Nor-

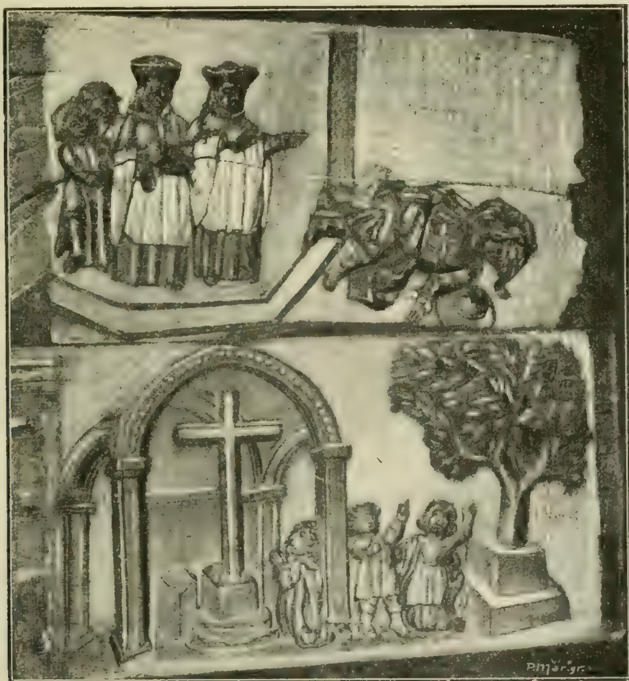
mandia comprar a cruz. Estão abreviados do seguinte modo:

G.^{o}—P^{o}—ST—MT

Leitura: —Gonçalo—Pero—Estevão—Martha.

Em volta da cruz encontram-se as estatuetas da Virgem, S. João Evangelista, S. Damazo, S. Torquato, Senhora do Rosario, o Apostolo S. Filippe e S. Gualter.

Num dos quatro arcos ogivaes d'este padrão fez-se de estuque, á altura dos capiteis das columnas, um pequeno oratorio envidraçado, com a imagem de Nossa Senhora da Victoria. Aos lados da referida imagem havia estas duas taboas com esculptura antiga, em relevo, que actualmente existem expostas no museu:



A primeira representa D. João I ajoelhado junto do padrão a agradecer á Virgem o vencimento da batalha de Aljubarrota; e a segunda o advogado Pedro de Oliva, que se propunha, como na

occasião dissera, destruir os privilegios do Cabido e dos seus caseiros, o qual caiu repentinamente «com a lingua fóra da bocca, a fala perdida e o rosto disforme» aos pés dos conegos Luiz Gonçalves e Abbade de Freitas, que o reprehenderam em publico. Este Pedro de Oliva morreu horas depois, sendo sepultado na egreja de S. Francisco. Ao cabo de 33 annos, quando o corpo de sua mulher baixava á mesma campa, appareceu o cadaver incorrupto, e foi então exposto ao exame do publico, encostando se á parede da egreja para de novo se lhe dar sepultura, juntamente com o de sua esposa.

O conego Gaspar Estaço encontrou em 1625, no archivo da Collegiada, um pergaminho que reproduziu do modo seguinte nas suas *Antiguidades*, cap. 41, pag. 156: «Señor. Affonso Peres taballiam na vossa villa de Guimarães faço saber a v. m. q̃ na era de M.CCC.LXXX annos, oito dias de setembro foi posta a cruz na alvaçaria de Guimarães, a a aduceu hi P.º Steves nosso natural, filho que foi de Stevo Garcia en outro têpo mercador de Guimarães, e a qual cruz G.º Steves irmam do ditto P.º Steves diz que foi vontade de Deus, que lhe deu a entender, que fosse a Normandia Anafrol, e que comprasse a ditta cruz, e a ducesse a este lugar de Guimarães hu está assentada a par da Oliveira, a qual oliveira quando esta cruz a par della assentaron era seca, e da quel dia a tres dias começou de reverdecer e deitar ramos, e eu A.º Peres taballiam esto escrevi».

O documento transcripto refere-se á inscripção e mostra-nos que a cruz foi levantada no dia 8 de setembro de 1342.

A palavra *Alvaçaria,* que os antigos e modernos historiadores da Collegiada não esclarecem, foi certamente mal copiada do pergaminho onde devia estar escripta com um *c* em logar de *v*=*Alcaçaria,* corrupção de *Alcaiçaria,* que os Arabes derivam de *Caiçar*, (Cesar), por crerem que este imperador foi quem primeiro mandou edificar no Oriente umas casas que por tal motivo assim se denominaram, e ás quaes deu a fórma dos claustros dos nossos conventos, com bastantes lojas para os mercadores se recolherem. Estas casas tinham, para maior segurança dos recolhidos, uma unica porta que estes fechavam á noite.

Pero Esteves era *mercador* natural de Guimarães; a actual rua da Rainha, n'outro tempo *dos mercadores*, termina a poucos passos da cruz; e el rei D. Manuel, em principios do seculo XVI, faria surgir das ruinas d'aquelle velho edificio a alpendrada que mandou construir em toda a volta do largo onde se ergue o Padrão e a vasta egreja Collegiada, como ainda se póde ver aos lados norte e sul, incluindo a casa do Senado, e como ha alguns annos egualmente se via na parte do poente.

Por tudo isto sou levado a crer que no seculo XIV havia no

largo fronteiro á egreja da Collegiada uma *Alcaçaria*, i. é. um edificio em que os commerciantes da villa se recolhiam.

Normandia anafrol, é tambem um problema onomastico que me obrigou a empregar bons esforços para poder propôr uma hypothese que se me affigura acceitavel. A' Normandia, uma das 36 provincias da antiga divisão administrativa de França, pertence a consideravel cidade de Honfleur (Huneflorium) que em principios do seculo presente contava 8:600 habitantes [1]. A verdadeira pronuncia d'este nome francez, pouco se approxima do *Anafrol*; porém vertida em portuguez pelo Affonso Peres, *taballiam*, e ainda por outros do seu tempo, dá sem duvida o *Anafrol* do pergaminho: e em tal caso ficaremos sabendo que a bella cruz do padrão foi feita na referida cidade de *Honfleur*, pertencente á alta *Normandia*. Este padrão foi considerado monumento nacional de 2.ª classe por decreto publicado no «Diario do Governo» n.º62, do anno de 1881.

Parte do lado norte d'este largo é occupado pelo curioso edificio da Camara, construido no seculo XVI sobre grandes arcos ogivaes chanfrados que offerecem livre transito para os lados da praça de S. Thiago.

No cunhal esquerdo tem uma inscripção lapidar como a da egreja de S. Miguel do Castello. de que já falei referente ao voto de el-rei D. João IV.

Em 21 de junho de 1877, collocou-se no alto da fachada a elegante estatua de granito representando Guimarães, apeada do então arruinado edificio da Alfandega que logo principiou a ser demolido para em seu logar se construirem as casas que hoje afformoseam a praça de D. Affonso Henriques.

*

A Insigne e Real Collegiada de Nossa Senhora da Oliveira. extincta como todas as do reino. foi reorganisada por carta regia de 8 de janeiro de 1891, depois da competente auctorisação dada ao governo pela carta de lei de 14 de setembro de 1890, creando-se junto d'ella um instituto de instrucção publica gratuita com a denominação, de *Pequeno Seminario de Nossa Senhora da Oliveira*. Em 20 de fevereiro do mesmo anno foi aberto concurso para provimento dos logares de 10 collegiaes (7 conegos e 3 beneficiados) e do Dom Prior (presidente) os quaes foram providos no mesmo anno. Este primeiro Dom Prior, sr. D. José d'Andrade Sequeira, falleceu em dezembro de 1894, sendo substituido pelo actual sr. conselheiro D. Manuel d'Albuquerque, apresentado por decreto de 20 de junho da 1895, o qual tomou posse no dia 28 de setembro do mesmo anno.

---

[1] Dictionnaire Geographique, par Vosgien, pag. 290.

Por Provisão de 12 de novembro de 1891 foram dados á Collegiada, pelo chorado Arcebispo D. Antonio José de Freitas Honorato, os novos estatutos datados de 30 de setembro, e approvados pelo governo em 30 de outubro. Pelo decreto, hoje com força de lei, de 18 de abril de 1895, foi reduzida a congrua do Dom Prior e supprimidos os dois logares de coadjutores officiosos.

O *Pequeno Seminario* foi organisado em Lyceu Nacional por decreto de 16 de setembro de 1896.

N'outro tempo esta Collegiada compunha-se do D. Prior, Chantre, Thesoureiro-Mor, Mestre-Eschola, Arcediago de Sobradello, Arcipreste, Arcediago de Villa Cova, 14 conegos prebendados, 8 meios prebendados e 12 padres coreiros.



Egreja de S. Pedro de Rates

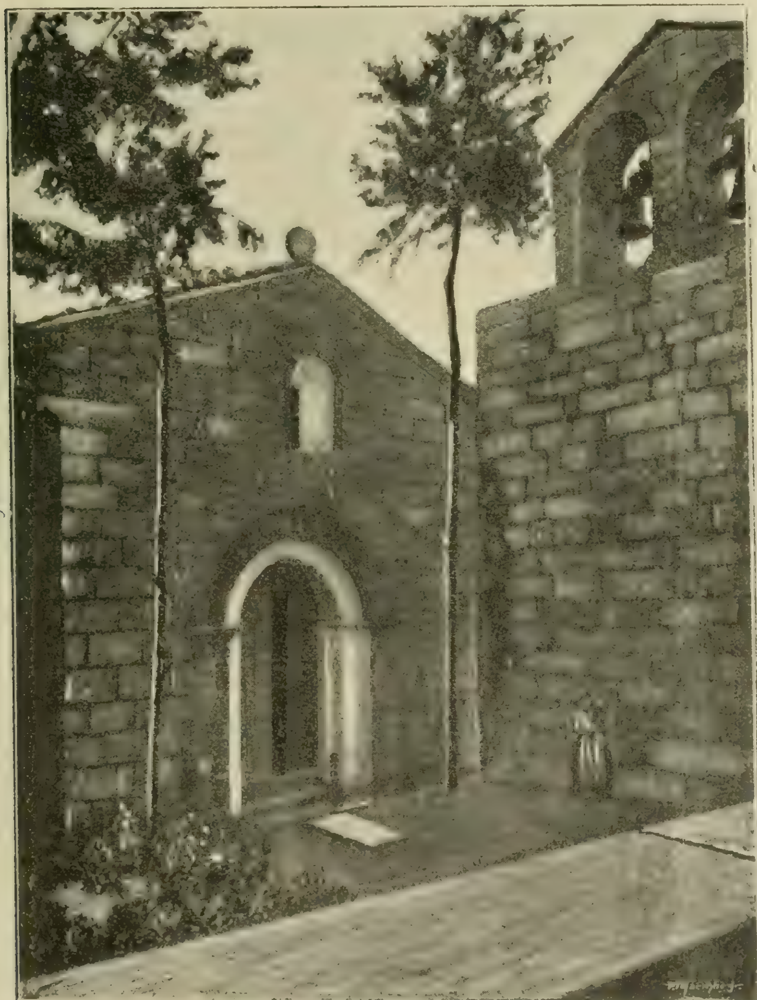
Não pertence ao concelho de Braga esta preciosa egreja, mas a sua historia está intimamente ligada á da nossa cathedral, por que se diz que S. Pedro de Rates foi o primeiro Bispo de Braga. Por isso D. fr. Balthazar Limpo ordenou em 1552 a trasladação dos venerandos restos, até então guardados na egreja de que dou gravura, para a Sé onde se se conservam em capella da mesma invocação.

Data do anno de 716 a fundação d'esta egreja. Destruida pelos Arabes foi em 1100 reconstruida a expensas da rainha D. Thereza que alli estabeleceu os monges da Caridade.

O actual edificio deve pertencer, em grande parte, aquella epocha por ser exemplar precioso da architectura romanica.

Em 1315, esta egreja, que, apezar de pequena, tem tres naves, pertenceu aos conegos Regrantes que tiveram alli o seu mosteiro.

No adro ainda se conservam algumas sepulturas cavadas em grandes pedras. Por proposta minha, foi classificada monumento nacional em 1897.



Egreja de Cerzedello (Guimarães)

A Ordem Militar dos Templarios teve origem na Palestina, e crê-se que a sua fundação data de 1119 por ser este o anno em que principiou com votos.

Em 1128 recebeu a Regra que lhe foi dada pelo Papa Honorio II. Ao cabo de quasi dois seculos de existencia terminou na França e, em virtude dos conhecidos Decretos Apostolicos, extinguiu se egualmente em Portugal no reinado de D. Diniz, sendo os seus bens encorporados na nova Ordem de Christo que o mesmo monarcha instituira.

A extincção da Ordem dos Templarios foi publicada por Clemente V na segunda sessão do XV Concilio Geral Viennense que teve logar no dia 3 de abril de 1312.

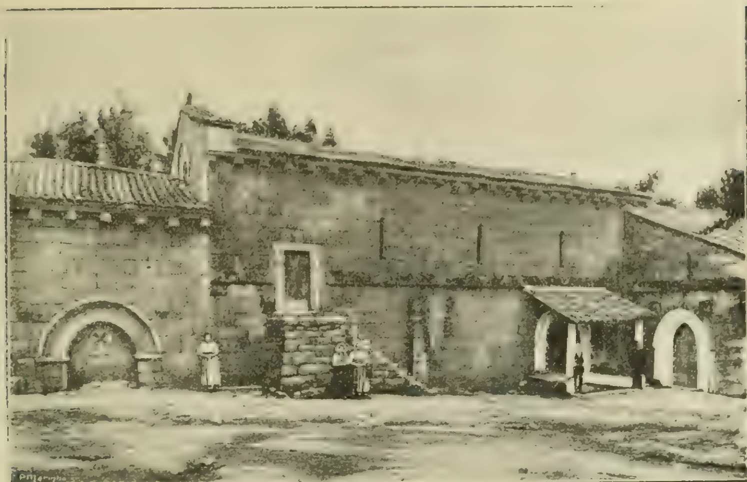
Os Templarios não haviam sido fieis ao juramento solemne com que prometteram perpetua fidelidade, sugeição, castidade, e obediencia a Jesus-Christo, ao Pontifice e ao Reverendo Mestre da Ordem. Aquelles que em Jerusalem pugnaram pela conquista da cidade e libertação do Santo Sepulchro, regressaram a Portugal com grandes conhecimentos das artes de Byzancio adquiridos na visita que fizeram aos monumentos da Grecia e principalmente da Asia. Desde logo a architectura romana tomou uma feição inteiramente nova, enriquecida pelos primores do estylo que ainda hoje podemos admirar-lhe. Urbano III, Gregorio IX e Clemente IV permittiram que a Ordem mandasse edificar egrejas nos logares conquistados aos infieis, declarando as isentas da Jurisdição Prelaticia e immediatas á santa Sé Apostolica.

A actual egreja parochial de Santa Christina de Cerzedello, no concelho de Guimarães, foi edificada pelos Templarios em meado do seculo XII. Esta vasta egreja, de uma nave e sem transepto, mede exteriormente 34 metros de comprido e $7^{m},78$ de largo. No remate da fachada pousa uma pequena pedra em fórma de palmatoria tendo gravada ao centro a cruz octogona da Ordem, a qual nas quatro extremidades corta para dentro em semicirculo.

A porta principal, com a archivolta bellamente ornamentada, está para o Occidente como era de uso antigo entre os povos catholicos e pagãos.

Estes entravam no templo ficando voltados ao Oriente em adoração ao sol nascente; e aquelles alludiam á posição de Jesus Christo quando expirou no Calvario.

A cimalha, em volta do edificio, é de molduras simples, ornada de perolas a espaços, e descança sobre grossos modilhões completamente lizos. Ao lado esquerdo da fachada ergue-se, em fórma de muralha forte, com dois campanarios no alto, o originalissimo torreão, genuina construcção da epocha. Não obstante ser coberta de madeira, tem a egreja contrafortes ou gigantes.



Lado sul da egreja de Cerzedello

Proximo da capella-mór ha duas portas lateraes, vendo-se a do lado sul coberta por pequeno alpendre com as respectivas columnas encostadas a dois tumulos de pedra onde provavelmente descançam um ecclesiastico e um guerreiro, visto haver no da esquerda uma espada gravada com um brazão ao lado, e o da direita estar collocado com a cabeceira para fóra.

Numa das pedras da parede exterior norte, proximo da porta lateral e junto do friso que outr'ora pertenceu á alpendrada, estão gravadas as lettras:

SES
N NN
D O

Não pertencem á primitiva obra estes poucos caracteres nem tampouco podemos admittir que fossem gravados de lado como estão. A segunda e terceira linhas poderiam ser tomadas como abreviaturas das primeiras palavras da divisa dos Templarios — *Non nobis domine* sed nomini tuo da gloriam.

Transpondo a porta principal da egreja o visitante entra numa galilé curiosa que mede 9,53 de comprido por 5,67 de largo, com dois tumulos abertos em arco na parede e o pavimento coberto de sepulturas com grandes espadas toscamente gravadas sobre as tampas. Numa d'estas existe um swastica de crusamentos duplos, terminando em curvas, emblema funerario dos tempos do paganismo. D'aqui passa-se ao corpo da egreja por um arco que mede na abertura apenas $1^{m},97$.

Todas as janellas inclusive a que fica sobre a porta principal, conservam ainda a fórma de setteiras.

O arco da capella-mór mede 3.68 na abertura e descança em duas grossas columnas com os capiteis antigos. Por proposta minha foi esta egreja considerada monumento nacional em dezembro de 1897.

EGREJA E HOSPITAL DE S. MARCOS (BRAGA)

(Vide gravura a pag. 133)

No largo dos Remedios, onde nos primordios do seculo XII havia uma pequena ermida e Albergaria adjunta com frente para leste, construiu-se em meado do seculo XVIII a actual egreja e ampliou-se o hospital que D. Diogo de Sousa reconstruira em 1508, unindo-lhe as gafarias de S. Lourenço, Santa Margarida, Lazaros (que estava onde hoja se vê a egreja parochial de S. José de S. Lazaro), a Albergaria da rua Nova de Sousa, e a Confraria de Roque Amador e do Corpo de Deus.

A construcção do primitivo hospital de S. Marcos foi iniciada pelo conego Diogo Gonçalves. O Arcebispo D. Fernando da Guerra, em seu testamento com data de 2 de setembro de 1467, deixou «*aos doentes do Hospital de S. Marcos outras dez Livras*».

N'este local existiu o convento dos Templarios, extincto, como todos os da Ordem, no anno de 1312. O Arcebispo de Braga D. Payo Mendes, conhecendo quão grandes eram os rendimentos da capella, deu no anno de 1118 a sua administração em Commenda a seu sobrinho D. Gualdim Paes, Mestre da Ordem em Portugal. Este D. Gualdim, filho de D. Payo Ramires e de D. Gontrode, nasceu em Amares, a 10 kilometros de Braga, no anno de 1118, sendo armado cavalleiro no campo de Ourique, por el-rei D. Affonso Henriques, seu amigo, a 25 de julho de 1139.

Numa apostilla do Concilio de Troya, celebrado a 14 de janeiro de 1128, mostra-se que em 19 de abril do referido anno, Braga possuia a Ordem do Templo. Diz a apostilla: «Et hanc Cartam fuit roborata in manu D. Raymundi Bernardi in Civitate Bracara; tali modo, & tali pacto: ut. si illud Castellum ante morte nostra dederimus, nullis de nostris inimicis in eo recipiant. Et si ibi intraverit, mittant eum forus: sic, qui nulla contraria inde nobis exeat». Este D. Raimundo Bernardo foi o II Mestre da Ordem.

Com data de 1152 existe em Thomar um documento no qual se declara que Eteuva Aires e seus filhos venderam «vobis Jerosolimitani Templi Militibus, Pelagio Gontimiris, & Martino Pelagii» uma Herdade que possuiam *in Civitate Bracara, circa illum vestrum puteum de Hospitali... Facta Carta II. K. Junii E.M.C.2X.* E ainda em junho de 1148 o Mestre Gualdim Paes



Egreja e Hospital de S. Marcos

se concordou com Godinho Godins ácerca da herdade de *Bauça Mala*, «sita na ribeira do Aliste, affirmando o Mestre Guaidim, que ella sempre fôra de *Domo Templi, quae est in Bracharensis Civitate*». O contendor termina d'este modo a doação: Ego Godinus Godinis hoc scriptum tibi Fratri Johani, qui praedictam Domum Templi custodis, & regis, propria manu roboro».

Era pois director e claviculario da Casa e Hospital de Braga o dito Frei João.

O Arcebispo D. João Ovelheiro confirmou em agosto de 1145 este Hospital fundado e dotado pelo seu predecessor D. Payo, em beneficio dos pobres, e doou-lhe metade dos dizimos de todas as rendas.

Em carta datada de 1146 permitte e confirma D. Affonso Henriques a doação, e ordena que as fazendas e herdades com que D. Payo dotára o Hospital, e as quaes depois da sua morte os bracarenses usurparam, sejam restituidas na integra.

A administração Camararia do Hospital terminou quando D. fr. Bartholomeu dos Martyres o entregou de vez á Misericordia.

As obras do actual edificio terminaram em 1780; e as da egreja, que já em 1805 prestava a sua capella-mór á celebração do culto, apenas se concluiram em 1836, tudo dirigido e executado por José Fernandes da Graça (o Landim). Foi auctor do desenho e planta d'este vasto edificio o illustre bracarense (capitão de engenheria) Carlos Amarante, parente do sr. dr. Carlos Braga. Sobre o parapeito que serve de remate á frontaria assentam as grandes estatuas de granito representando S. Simão, S. Bartholomeu, S. Thiago Menor, S. João Evangelista, Santo André, S. Pedro, S. Paulo, S. Thiago Maior, S. Thomé, S. Philippe, S. Mathias e S. Lucas. Ao centro da fachada da egreja, que pertence á architectura Composita, ha num nicho bem lavrado a estatua do orago com esta inscripção por baixo:

BEATUS JOANNES MARCUS CHRISTI ·
DOMINI DISCIPULOS ANAGRAMA JS · IN
MUNDO PIUS · EST MEDICUS · TUIS INCOLIS · BRACARA ·

A urna que encerra os ossos de S. João Marcos e que está em arco aberto na parede do lado da epistola, na capella-mór, é de marmore com embutidos de varias côres, tendo na frente as insignias prelaticias e os dizeres seguintes:

SACRA OSSA
DIVI JOANNIS MARCI

Ao centro da capella mór existe uma campa de marmore onde jaz o conego João de Meira da Silva Carrilho, que em 2 de outubro de 1682 instituiu capella e côro com 6 capellães na ante-

rior egreja do Hospital, denominada do Espirito Santo. Tem esta inscripção:

S.A D IOÃO D MERA CARR
ILHO CONEGO Q̃ FOI NA S.TA
SE E DSTA CIDE DE BRAGA CO
MISSARIO DO SÃTO OFF.O
E DA BVLLA DA CRVZADA
FALECEO EM 23 D JANRO
D. 1688. NESTE DIA TEM
OFF.O TODOS OS ANOS.

Ha tambem na varanda do Hospital uma grande lapide com esta inscripção:

ESTA CAZA PERA OS CONVALECENTES
COM TODA FABRICA Q̃ NELLA ESTÁ E ASIM
A CAZA PA A DSPENÇA. MANDRAO. FAZER TV
DA SVA CVSTA. PEDRO D AGVIAR. FAMILIAR
D S.TO OFICIO E SVA MER MARIA VIEIRA E ALEM
DISTO DRAÕ MAIS. SEIS. SENTOS MIL REIS
PA SE DREM A IVRO PA OS RENDMTOS SE DSPENDRE
NA FORMA DA SVA DOAÇAÕ TEM HVÃ MISA
CADA MES NESE ALTAR SEGVNDO D THZ.RO D MIÃ 4 VEZES 1646

ESTA PEDRA SUPRA ESTAVA NA CO-
MVALECENÇIA. ANTIGUA E FOI TRE
SLADADA A ESTE LUGAR NO ANNO
DE 1764.

A casa da *Convalecença,* como se lê no meu livro *Inscripções e Lettreiros*, pag. 108, foi fundada por Pedro Aguiar, sirgueiro, familiar do Santo Officio, morador no *Rexio do Castello,* por doação e contracto exarado nas notas do tabellião geral de Braga e seu termo, Matheus Gonçalves, aos 11 de fevereiro de 1643.

Sob a arcaria do claustro ha, sobre uma fonte, estes dizeres:

O ILLM.º SENHOR D. RODRIGO DE
MOVRA TELLES ARC.º PRIMAZ FEZ
MERCE DESTA AGOA AOS 25
DE MAIO 1723

A pouca distancia d'esta fonte conserva-se embebida na parede uma lapide romana funeraria que pertenceu á sepultura de Heleno, servo de Talavo, de 30 annos de edade. Diz assim:

HELENVS
TALAVI
SER
ANNORV
M.XXX
H.S.E

Ao lado d'esta existiu outra, egualmente funeraria, de Amaranto, filho de Senecião. Dizia:

AMARANTVS SENECIONIS
H.S.E

Foram ambas encontradas nas escavações feitas para se assentarem os alicerces do Hospital.

Quando mais tarde, em 1835, se abriram os alicerces para a nova enfermaria, appareceram tambem estas duas lapides que se acham embebidas na frente do edificio:

REBVRRVS CAMAL
AV...S...NVS
.........XXX

IOVI.O.M
PROSALVTE
TRIARI.MAG
LEG.IVR.C V
ET.PROCVLAE.VX
EIVS.AEMIL.CRES
CENS.COMES.V.S.L.M.

Encostada á parede exterior do lado esquerdo d'este vasto edificio vê-se a capella de S. Bento, construida a expensas dos devo-

tos por intervenção da Meza administradora da Misericordia que para este fim dirigiu ao Arcebispo D. José de Bragança uma petição em que se lê: «Diz o provedor e irmãos do serviço da meza da Misericordia, que varios devotos com suas offertas e esmollas, querem fazer um nixo á emitação das capellas dos Passos e nelles collocar a *pintura de S. Bento,* que existe na parede detras do Hospital para se louvar a imagem tão milagrosa; e como naquelle sitio de tras do Hospital ha um claro e nelle um cruzeiro antigo, querem neste mesmo sitio encostado ás paredes fazer o tal nixo ou capella, pondo o cruzeiro mais á ilharga, cinco ou seis palmos».

A capella construiu-se realmente e foi benzida por provisão do Arcebispo no anno de 1755. A obra de pedreiro importou em 256:396 réis que com a de carpinteiro, pintor, ferreiro e caiador prefez o total de 487:116. Importou em 34:315 a grade da porta, e em 4:800 a imagem de S. Bento que está num nicho sobre a mesma porta.

Que destino levaria o cruzeiro e a milagrosa *pintura de S. Bento?* E' certo que com esse descaminho não decresceu a devoção popular, pois o S. Bento moderno recebe annualmente milhares de ovos numa caixa de madeira que está dentro da capella com dois tubos de ferro que véem á grade recebel-os.

Utilissima devoção esta de offerecer ovos ao S. Bento do Hospital para se occorrer ás necessidades dos seus doentes!

Aos bons officios do meu presado amigo sr. Sebastião M. Antunes da Silva Monteiro, illustrado official da secretaria do Hospital, devo, alem d'outros obzequios, a seguinte nota dos ovos offerecidos a S. Bento durante os ultimos oito annos:

Anno economico	Numero de ovos
1891–92	8:544
1892–93	10:590
1893–94	10:490
1894–95	11:730
1895–96	14:254
1896–97	12:354
1897–98	12:368
1898–99	10:094

Com justificado motivo o povo, na sua phrase humoristica, vae chamando ao S. Bento do Hospital a melhor gallinha dos pobres!

Fica a poucos passos de distancia a quinta do Fojacal, onde em novembro de 1750 appareceu uma pequena talha lavrada contendo mais de mil moedas wisigothicas.

SYNCHRONISMOS DOS SECULOS XI E XII

Das Cruzadas e das Ordens Religiosas foram, com rasão, denominados estes seculos. Eram então frequentes as reuniões dos Concilios, e as suas resoluções contribuiram efficazmente para o bem estar geral.

Alguns sacerdotes, despresando a prohibição decretada no anno de 387, contrahiam matrimonio; e o concubinato chegou a attingir taes proporções que os meios de repressão mais energica eram muitas vezes de effeito negativo. Procurou-se a extincção d'esse escandalo na declaração terminante de não poderem ser admittidos a ordens sacras os filhos dos ecclesiasticos.

Os Bispos, reconhecendo a insufficiencia das *Treguas de Deus* para a consecução da paz, da moderação do vicio e do respeito aos actos do culto, ordenaram a suspensão das armas determinando «que desde a quarta-feira á tarde até segunda de manhã, em todas as semanas, ninguem atacasse o seu inimigo, nem exercitasse violencia ou hostilidade alguma, e que os que violassem este regulamento, sendo reputados como incursos na pena de morte, pagariam uma multa em commutação d'esta pena, ou seriam excommungados ou banidos».

No Concilio *Romanum,* celebrado a 18 de janeiro de 1059, foi coroado o Papa Nicolau II, fazendo a ceremonia o Arcebispo Hildebrando que poz sobre a cabeça do Papa uma corôa real com a inscripção seguinte no circulo inferior:

CORONA REGNI DE MANV DEI.

No immediato: DIADEMA IMPERII DE MANV PETRI.

Não nos diz a Historia que outro Papa fosse coroado anteriormente a este, podendo por isso acreditar-se que de todos fosse elle o primeiro.

A tiara é a insignia do poder temporal dos Papas iniciado com as doações territoriaes de Spoleto, Ravennas e Pentapola. Pio VI possuia quatro de que Bonaparte se apoderou. Annos depois Napoleão I offereceu a Pio VII algumas pedrarias para uma tiára nova.

Mr. Eugenio Muntz, depois de consultar inventarios e manda-

dos de pagamento existentes nos archivos secretos do Vaticano, diz-nos que a tiára foi a principio conica, depois tumescida pelo meio e, finalmente, quebrada no alto, onde poisava uma pedra preciosa formando um globo em que se erguia uma cruz. Modificou-se quando o papado se estabeleceu em Avignon, substituindo-lhe os motivos gothicos pelos romanos. As tres corôas sobrepostas foram-lhe applicadas sob o pontificado de Bento XII (1338-1342).

Gregorio VII (1073 85) reservou para os Pontifices de Roma o nome de Papa que todos os Bispos usavam.

No Concilio Barcinonense (1068) tratou-se da substituição do rito gothico pelo romano, ficando o assumpto para ser estudado no Concilio Burgense (em Castella-a-Velha) no anno de 1080, onde definitivamente el-rei D. Affonso VI ordenou a adopção do rito romano em toda a Hespanha.

Não sendo porém geralmente bem recebido este decreto, propoz-se a decisão por meio de um duello, pelejando um cavalleiro a favor do rito gothico e outro a favor do romano. Venceu o gothico; mas o rei fez prevalecer a sua vontade!!

Em 1072 decretou-se que todos os presbyteros ministrassem o baptismo em jejum, salvo em caso de necessidade, e prohibiu-se-lhes que conservassem por mais de 8 dias as particulas e a agua benta.

O uso de queijo e ovos na quaresma foi prohibido em 1085 pelo Concilio Quintiliburgense; e em 1090 inventou Pedro Eremita os rosarios. Não obstante, porém, conta a Chronica Seraphica que a matriarcha Santa Clara resava por pedrinhas.

Durante este seculo decorriam por vezes tumultuosos os Concilios, prendendo-se agora um Bispo, logo um Pontifice em plena assembleia, só porque era costume, na discussão de casos graves, dizer todas as verdades. Para pôr cobro a desmandos e irreverencias resolveu-se que as reliquias dos santos mais notaveis estivessem alli presentes, sendo processionalmente conduzidas e acompanhadas por innumeras pessoas cantando Psalmos, Hymnos e Ladainhas. O clero ás vezes não queria restituil-as e os donos dispunham-se a tomal-as de assalto quando regressavam do Concilio ás egrejas, travando-se por isso desordens sanguinolentas emquanto os clerigos e os monges as dividiam entre si, desapparecendo em seguida.

O motivo de muitos individuos do referido seculo procurarem obter de Deus perdão para os peccados e remedio para os soffrimentos physicos, vivendo em continua romaria ás sepulturas dos santos, era o desejo de fugirem ás responsabilidades sociaes da epocha e de se entregarem ao ocio e á curiosidade, pretextando uma piedade irrequieta e falsa, a proposito da primeira expedição dos Cruzados á Terra Santa.

Os cenobitas solitarios, arroteando matagaes incultos onde viviam, por assim dizer, entre féras, prestavam á sociedade altissimos beneficios temporaes, porque os seus humildes cenobios foram d'esse modo mais tarde convertidos em povoações importantes. Esta circumstancia é bem digna de ponderação para que se reconheça ao menos este importante serviço dos humildes religiosos.

Os leigos conscienciosos, usurpadores dos bens das egrejas, temiam tanto as penas que os Concilios comminavam contra elles, que se apressavam a restituil-os doando-os aos Mosteiros. Os Bispos não viam com bons olhos este systema de restituições, mas os monges, defendendo os interesses da communidade, oppozeram-se á opinião dos Bispos e conseguiram a approvação pontificia!

Por esse motivo os Mosteiros se reproduziam ricos embora a Ordem lhes designasse a profissão de pobreza.

No anno de 1050 o procurador do Mosteiro de Guimarães, fr. Fagildo, queria prender Sueiro Exemeniz por ser accusado de um homicidio e por se inculcar senhor dos homens de Matamá. Na sua defeza, Sueiro alegava que a villa *erat sua veritas* como já o havia sido dos seus Avós. fr. Fagildo teimava *quia erat veritas* da casa de Vimaranes. Por fim esta questão foi decidida em Jugueiros na presença de Gomizo Eitaz, grande numero de homens bons, *Senhores de Guimarães*, (clerigos e monges) e o juiz da localidade, em favor dos frades e freiras que habitavam *in Cimiterio Vimaranes.*

E' sabido que no presente seculo foi quasi geralmente abolida a vida claustral dos conegos estabelecida no seculo IX e que alguns Bispos a renovaram nas suas Cathedraes, embora com tão grande differença que podiam receber curatos e outros empregos ecclesiasticos.

Por isso D. João Pires, no seu testamento datado de 1230, deixou ao Cabido dos conegos da Collegiada de Guimarães um copo de prata *para seu filho beber por elle no refeitorio.*

O Papa Alexandre III, aconselhado por D. Affonso Henriques, ordenou em 1165 ao Arcebispo de Braga D. João Peculiar que determinasse em Provisão que os conegos da sua Sé não fossem mais de quarenta, que vivessem em communidade, e que não fossem bastardos, nem infames, nem soberbos. Alexandre IV, em 1265, prohibiu que na referida Sé houvesse mais de vinte e que os restantes fossem expulsos. Bento XIV, por Breve de 1746, concedeu ás dignidades e conegos de Braga o uso de solideo, inclusivamente nas missas. Egual concessão foi feita aos conegos da Collegiada de Guimarães.

O sigillo da confissão era insistentemente recommendado porque, com verdade ou sem ella, havia muito quem accusasse os

padres de não o saberem guardar. A celebração de missas foi reduzida a uma diariamente, excepto quando se exigissem para suffragio de qualquer defunto. Aos padres que por negligencia deixavam cair a hostia consagrada, impunham-se pesadas penitencias, e os réos de grandes crimes iam a Roma, com cartas dos seus Bispos, receber do Papa a penitencia devida.

Ainda n'este seculo se instituiu a commemoração dos fieis defuntos no dia seguinte ao da festa de todos os santos; e o canto da egreja foi grandemente aperfeiçoado pela invenção de Gui, monge de Arezzo na Toscana, que em 1026 descobriu o methodo das linhas da musica (escalas) e as claves (posições).

No Concilio *Ovetanum*, celebrado em 1115, adoptaram-se as mais energicas providencias e comminaram-se penas graves contra os que violavam os asylos sagrados e praticavam roubos nas egrejas.

A canonisação dos santos pertenceu exclusivamente aos Metropolitanos até ao seculo x em que os Pontifices reservaram para si esse direito. Porém alguns prelados não acataram a determinação pontificia e mantiveram-se no proposito de continuar a exercer aquelle antigo direito. O Arcebispo de Ruan, por exemplo, canonisou em 1153 S. Gotiero, Abbade de Pontoise, sendo este o ultimo abuso, pois Alexandre III os prohibiu terminantemente.

As Ordenações, a administração dos Sacramentos, a collação dos Beneficios e outras funcções espirituaes, que eram pagas pelos fieis, passaram a ser gratuitas, permittindo-se comtudo a esmola voluntaria pela celebração da missa, que n'este seculo xII era de um soldo, no seguinte de dois, e no principio do xIV de tres. No anno de 1520 celebravam-se nos Mosteiros missas *de tres em renge*, a canto e orgão, com assistencia da communidade, por 20 réis de esmola! As resadas 12 réis, e tres annos depois 18 réis. O Synodo celebrado em Coimbra no anno de 1566, elevou esta esmola a 30 réis. Em 1590, el-rei D. Manuel, por uma Provisão, que dirigiu á Misericordia de Coimbra, concedeu que fosse de 40 réis a esmola da missa resada; e depois d'isso as Constituições marcavam estas em 120 réis e as cantadas em 480.

Antigamente nem só ao incruento sacrificio se dava o nome de missa. Nos adros das egreja distribuiam-se esmolas pelos pobres para estes resarem por alma de um defunto, e a esta esmola chamou-se *missa dos pobres*. Em sufragio da alma do defunto soccorriam-se os Hospitaes, e essas esmolas denominavam-se *missas dos espritaaes*, etc.

No Concilio *Beneventanum*, celebrado em abril de 1117, o Papa Paschoal II excommungou o Arcebispo de Braga D. Mauricio Bourdim, seu Legado, por haver coroado em Roma o Imperador quando Sua Santidade se achava em Monte Cassino.

No *Nannetense,* em 1127, aboliu-se o velho costume de serem entregues para o Senhor todos os moveis do consorte fallecido; e no *Trecense,* a 13 de janeiro de 1128, presidido pelo Legado Matheus de Albano, foi resolvido que se désse aos Templarios a Regra e o habito branco, por se reconhecer essa necessidade durante os 10 annos que a Ordem já contava de existencia.

O uso dos Monitorios foi introdusido pelo Papa Alexandre III (1159–81).

N'este seculo desenvolveu-se o uso das antigas mortificações voluntarias, as disciplinas, os cilicios; e muitos dos fieis recommendavam que nos paroxismos da morte os estendessem numa cama de cinza ou lhes vestissem um habito de monge. O costume de juntar na communhão as duas especies, pão e vinho, foi terminando, havendo já nos fins do seculo quem não recebesse mais que uma, como agora.

Os Cruzados trouxeram á Europa a enfermidade da lepra cousiderada incuravel a qual, por esse motivo, era tratada numa habitação isolada chamada gafaria ou Ordem de S. Lazaro, porque este santo tambem foi leprozo. O terceiro Concilio geral de Latrão occupou-se da Ordenação dos Lazaretos concedendo-lhes egrejas particulares, padres e cemiterios.

Todos os individuos que attingiam o uso da rasão eram obrigados a confessar ao seu parocho os peccados commettidos durante um anno e a receberem, ao menos pela Paschoa, a Sagrada Eucharistia, depois de satisfeita a penitencia que lhes fosse imposta, a qual então consistia na peregrinação á Terra Santa; no combate aos infieis durante certo numero d'annos; em jejuar a pão e agua; em não vestir seda nem linho; em mendigar o alimento; em não cazar segunda vez; e.. em se postar, nos dias mais solemnes, á porta da egreja, em camiza, com um feixe de varas para com ellas ser fustigado pelo clero e pelo povo!

O impedimento de parentesco na celebração do matrimonio restringiu-se do 7.º ao 4.º grau, e condemnavam-se os que por esse tempo se effectuavam clandestinamente, ordenando-se que depois de justos fossem pelo cura publicados na egreja a fim de se descobrirem os impedimentos que por ventura houvesse. Esta medida que se tornou geral, já em alguns logares estava estabelecida. Havia no seculo VII uma classe de maridos denominados *conuçudos* (conhecidos como tal), que não eram canonicamente recebidos. Já existia o casamento como hoje se usa, havia o contracto matrimonial de que davam testemunho os parentes e visinhos na presença dos quaes era feito. Este systema prolongou-se até ao seculo XIV. Outro era um *matrimonio segundo o direito natural,* dependendo apenas da vontade dos contrahentes. Matrimonio e casamento eram duas cousas distinctas. O matrimonio da

mão esquerda era contrahido por uma pessoa de elevada posição social com uma mulher do povo.

Até ao fim do seculo xv continuou entre nós a usança dos *matrimonios clandestinos,* que el-rei D. Affonso IV procurára exterminar em 1352 com a sua carta sobre reformas ecclesiasticas, dirigida aos Bispos do reino, dizendo-lhes que «muitos clerigos se achavam casados», e ordenou que «todos os recebimentos fossem feitos pelo respectivo parocho, perante um tabellião da mesma freguezia, destinado para escrever em um livro todos os casamentos que alli se celebrarem, para se saber depois os que são ou deixam de ser casados, e a condição dos contrahentes».

Em 1499 conseguiu el-rei D. Manuel pôr termo ás inconveniencias dos casamentos clandestinos, promulgando em 14 de julho uma lei na qual determinava «que sem excepção de pessoa, todos se recebam publicamente, em face da egreja, e na fórma que os sagrados canones decretam. E casando-se escondidamente, por esse mesmo feito, assim o noivo como a noiva, percam todos os seus bens, metade para a camera real e metade para captivos. E todos os que a similhantes casamentos forem presentes ou testemunhas, percam tambem todos os seus bens, com a mesma applicação, e sejam degradados por dois annos para Ceuta. Mas d'estas penas serão isentos os que taes casamentos fizerem por prazer e consentimento dos pães e mães dos noivos, se os tiverem, porque n'esse caso, haverão sómente as pessoas do direito canonico» [1].

No Concilio Tridentino, convocado em 1545 pelo Papa Paulo III e terminado em 1563, foi julgado *impedimento derimente* o casamento celebrado clandestinamente; ainda assim el-rei D. João IV não pôde deixar de decretar, em 13 de novembro de 1651, o desherdamento dos filhos d'estes matrimonios. Tambem n'aquelle tempo Martim Paes, cavalleiro de S. Miguel de Lobrigos, «doou a sua mulher Maria Lourenço, certos bens em Santa Comba e em outras partes *per compra do vosso corpo,* concedeu-lhe a posse emquanto viva sómente, perdendo-os se casasse [2]. Esta doação era denominada *praetium virginitatis,* por ser feita depois da primeira noite do consorcio, quando o marido se julgava habilitado a conhecer de perto os merecimentos da noiva.

Soeiro Viegas, em 1190, fez a sua mulher D. Sancha Vermudes uma carta de arrhas, deixando-lhes muitas propriedades, *que só possuiria se não casasse.*

El-rei D. Affonso Henriques, na carta que endereçou a Celes-

---

[1] Ord. do Reino, livro 5, tit. 27-1514.
[2] Doc. de Salsedas.

tino II, offereceu a S. Pedro *quatro onças* de ouro, por si e seus successores, pagas annualmente. D'esta carta existe copia no archivo do Arcebispado, gav. das Not., n.º 2, e termina do seguinte modo: «Facta oblationis, Firmitudis K. Idus Decembris E.M.CLXXXI. Ego supradictus Adfonsus, Portugalensium Rex, qui hanc K. fieri jussi, libenti animo, coram idoneis testibus propria manu confirmo».

Durou este tributo até ao principio do seculo XIII. Hoje existe em todo o orbe catholico uma collecta voluntaria que se destina ao mesmo fim. O dinheiro de S. Pedro, que estava estabelecido em Arles, na Bohemia e na Polonia, era na Inglaterra uma contribuição expontanea dos numerosos fogos, paga para a Sé Apostolica.

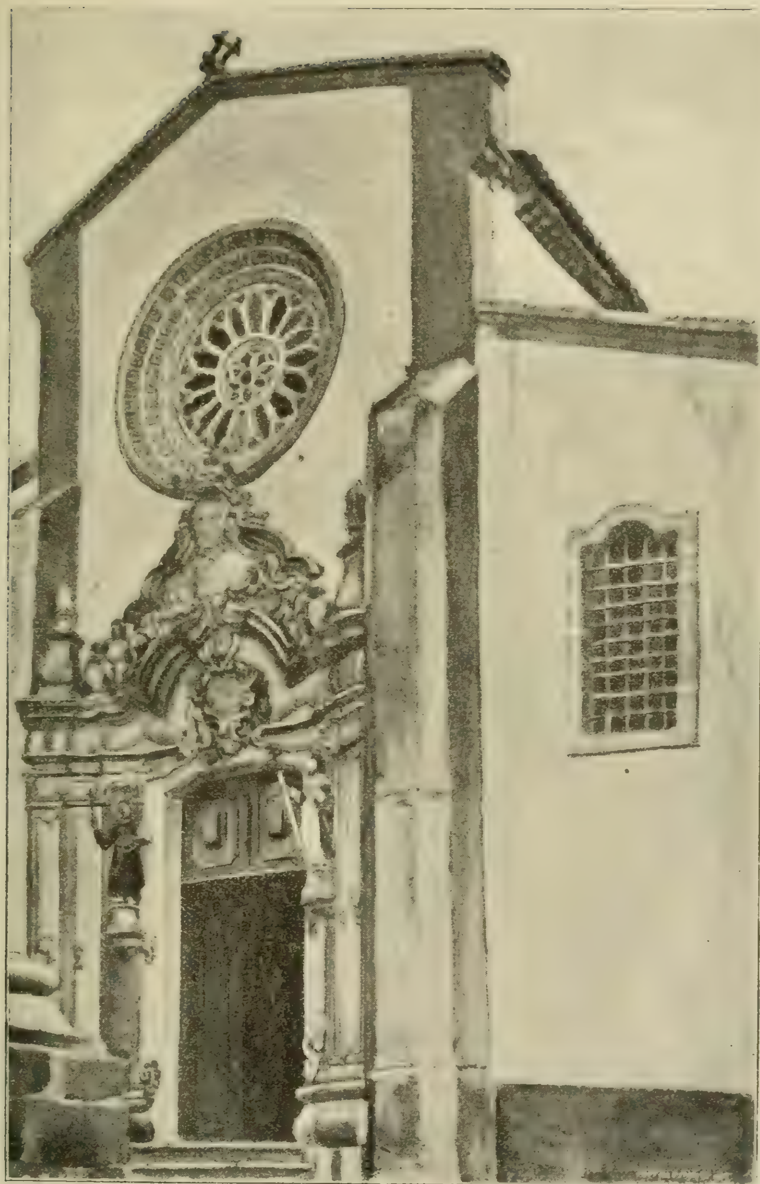
Terminou no tempo de Henrique VIII em vista do modo como applicavam a pena de excommunhão áquelles que deixavam de a pagar.

Durante este seculo, e muito especialmente no anno de 1155, havia nos Mosteiros um edificio denominado *Sanguilexia,* destinado á sangra dura dos monges, de harmonia com o que dispunham as Constituições de Pombeiro para que fossem sangrados de 2 em 2 mezes, e a fundação do Mosteiro do Tojal (Vizeu), para que as religiosas fossem sangradas de 6 em 6 mezes.

A profanação das egrejas, os roubos, a falta de ordem e o desprezo pelos serviços da lavoura, moveram o Concilio de Oviedo, celebrado em 1115, a determinar em favor da agricultura: «Que ninguem faça penhora em bois, quer sejam mansos, quer bravos: e quem o contrario fizer, seja maldito, e excommungado, e tenha 15 annos de penitencia publica».

Sendo os Arcebispos e o clero bracarense uma potencia nos primordios da monarchia, quiz D. Affonso Henriques obter as suas boas graças, concedendo-lhes em 27 de maio de 1128 alguns privilegios importantes, entre os quaes o de cunhar moeda, com o fim de serem applicados á fabrica da Sé os rendimentos da cunhagem d'ella: «Et sicut Avus meus Rex Alfonsus dedit adjutorium ad Ecclesiam S. Jacobi faciendam: simili modo do, atque concedo Sanctae Mariae Brach. Monetam, unde fabricetur Ecclesia... Insuper etiam dono, atque concedo in Curia mea totum illud, quod ad Clericale Officium pertinet, scilicet, Capellaniam, et Scribaniam, et caetera omnia; quae ad Pontificis curam pertinent».

D. Affonso II privou d'estes rendimentos a Sé de Braga; e o Pontifice Honorio III publicou um rescripto, com data de 23 de dezembro de 1221, ordenando aos Bispos de Astorga e Tuy que fizessem restituir á egreja bracarense, entre outras cousas, Cancellariam, Capellariam, e Monetam de que a despojára o rei. Tudo



Egreja de S. Domingos (Guimarães)

porém foi infructifero, porque a 26 de novembro de 1238, estando em Guimarães el-rei D. Sancho II, alli se concordou com o Arcebispo D. Silvestre Godinho e seu Cabido, renunciando estes ao direito que tinham *super Moneta, Capellania et Cancellaria Domini Regis,* mediante a doação que o monarcha então lhes fez das egrejas de Ponte do Lima e Touguinha, em Terras de Faria, livres e isentas de todo e qualquer direito real: e as suas villas e terras de Pedralva, Gouviães e Adauffe em terra de Panoias, as quaes mandou coutar *per lapides; sicut aliud Cautam de Regno, quod melius cautatum est.*

EGREJA DE S. DOMINGOS (GUIMARÃES)

(Vide gravura a pag. 145)

(Vide gravura a pag. 145)

Tendo os frades dominicanos iniciado em 1271, á entrada da actual rua da Rainha, a edificação do convento e egreja, concluiram toda a obra ao cabo de 8 annos. El-rei D. Diniz ordenou em 1323 que tudo fosse derrubado, visto achar-se junto da muralha e poder ser novamente atacada a villa pelas tropas de seu filho D. Affonso. Annos depois construiram, onde ainda agora se vê, a espaçosa egreja de tres naves em cinco arcos joanninos e o convento adjuncto, concorrendo grandemente para o adeantamento e conclusão da obra o Arcebispo de Braga D. Lourenço, João Affonso de Briteiros, um Bispo de Burgos e D. Maria de Berredo, mulher de Ruy Vaz Pereira. A capella-mór mede 18 metros de comprido por 5,72 de largo, e o corpo da egreja 29 metros por 16,30.

O corpo de São fr. Lourenço Mendes, mudado da parede do altar de S. Braz para o de S. Thomaz, foi encerrado num sarcophago de pedra com estes dizeres na frente:

HIC SEPA LAVRENTII MENDES SVNT OSSA BEATI

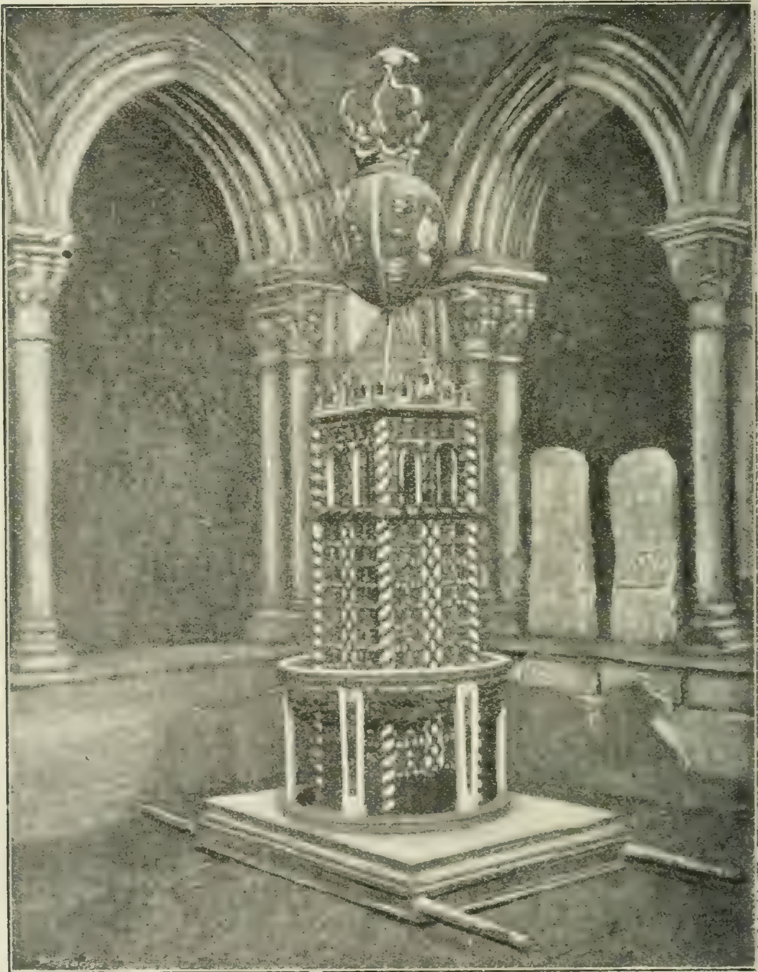
Em 1770, por voto de Rodrigo de Sousa da Silva Alcoforado, fez-se a porta principal que a gravura representa, *magnifica entrada d'este templo*, no dizer da inscripção, mas em perfeita desharmonia com o estylo da fachada, onde se admira um rosetão primoroso. A porta primitiva, cuja substituição de modo algum se justifica, deveria ser egual á da egreja de S. Francisco. No alto da actual tem a inscripção:

REGINÆ OPTIMÆ MAXIMÆ
SACRATISSIMI ROSARII
MAGNIFICO HVIVS TEMPLI LIMINE
VOTVM SOLVIT
D · RODERICVS DE SOVSA DA S.ª ALCOF.º
MDCCLXX

A rainha D. Maria II cedeu esta egreja á Ordem Terceira de S. Domingos, em 24 de janeiro de 1851. Á camara foi concedido o convento e cerca por lei de 27 de dezembro de 1870, e por consentimento d'esta, em 30 de julho de 1887, foi o convento concedido á Sociedade Martins Sarmento, que tomou posse d'elle pelas 6 horas da tarde de terça-feira 10 de julho de 1888, a qual sobre a curiosa arcada do claustro, que data do seculo XIV, fez reconstruir em 1889 a galeria que hoje serve de installação ao museu archeologico. Na extremidade norte collocaram uma pequena pedra com esta inscripção em caracteres gothicos:

A SOCIEDADE MARTINS SARMENTO MANDOV
RECONSTRVIR ESTA GALERIA SOBRE A ARCA-
DA DO ANTIGO CLAVSTRO DO EXTINCTO CON
VENTO DE S. DOMINGOS NO ANNO DE 1889

As inscripções lapidares romanas e as pedras ornamentadas do museu acham-se expostas sob a referida arcada de que aqui dou gravura em parte:



Arcada e andor



Egreja de S Francisco (Guimarães)

O curioso *andor das candeias*, que tambem aqui se representa, foi salvo por minha intervenção quando fundei no edificio da Ordem de S. Francisco um pequeno museu de archeologia christã. Encontrei-o, quasi de todo desfeito, no sotão do edificio dos Paços do Concelho, sendo desde logo offerecido á Sociedade Martins Sarmento.

Este andor era conduzido na procissão das marafonas ou dos pães bentos, que annualmente se effectuava a 10 de junho, em cumprimento de uma antiga promessa feita por occasião de grande calamidade. N'esta procissão, que sahia da egreja de Santa Clara recolhendo na Collegiada, tomavam parte a Camara e o Cabido. O andor ia adornado de vellas de cera, que prefaziam o pezo do rôlo com que se devia cercar a muralha da cidade.

Finda a festa eram benzidos os pequenissimos pães, repartindo-se por todas as auctoridades e lançando-se d'uma janella do edificio da Camara á multidão, que os apanhava.

Nos primeiros seculos da Egreja, o povo que assistia ao sacrificio incruento offertava ao sacerdote um ou mais pães, que, depois de benzidos, eram distribuidos por todos em signal de communhão.

Os que não offereciam pão entregavam dinheiro para a subsistencia do Padre e conservação da egreja, uma practica que justifica o actual costume dos pedidores nas missas. Os judeus tambem offereciam sacrificios a Deus depondo nas mãos do sacerdote o que queriam sacrificar. O pão e o vinho que no acto se consagra era egualmente offertado pelos fieis.

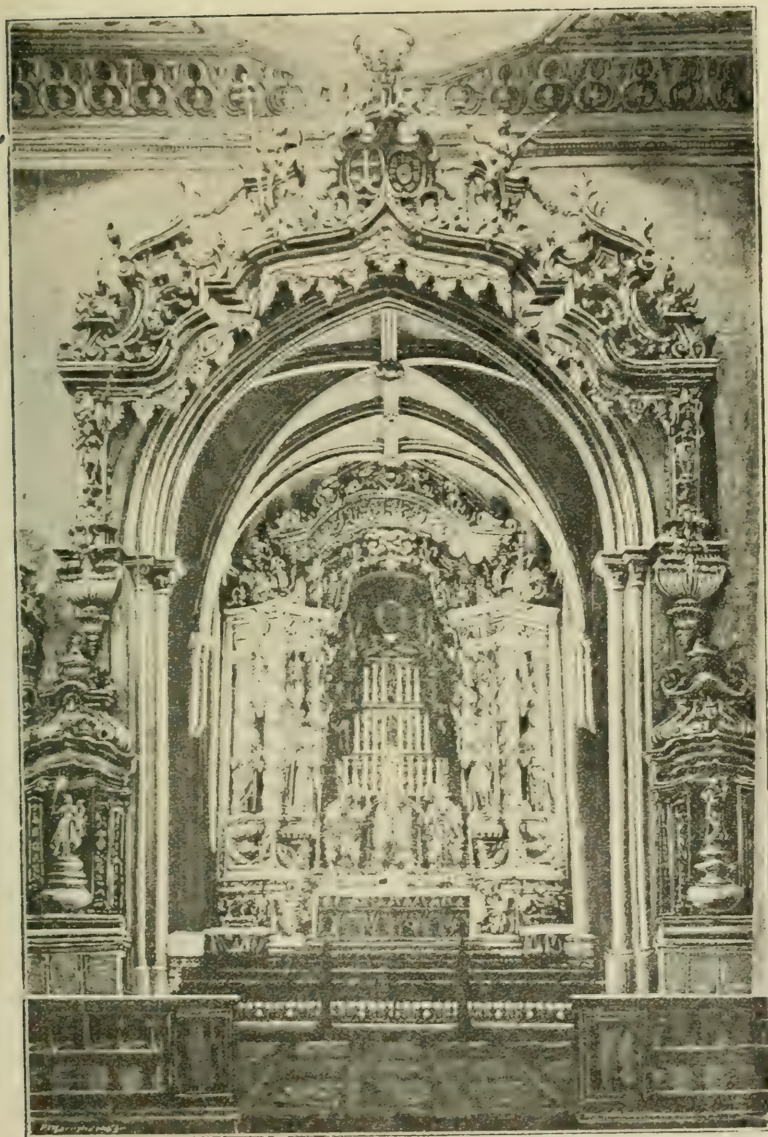
EGREJA DE S. FRANCISCO (GUIMARÃES)

(*Vide gravura a pag. 149*)

A construcção da actual egreja e respectivo convento de S. Francisco, foi auctorizada por el-rei D. João I, em carta que escreveu de Braga no dia 3 de novembro da era de 1438 (anno de 1400).

A primeira fundação do convento teve logar na Fonte Santa, em tempo de D. Affonso II: em 1290, reinando D. Diniz, veiu a Guimarães o Arcebispo D. fr. Tello e lançou solemnemente á terra a primeira pedra para a segunda construcção na actual rua de S. Damazo, sendo finalmente demolido, como o de S. Domingos, por ordem do mesmo monarcha na occasião da guerra com seu filho.

A egreja, de uma nave, mede no corpo 32^{m},40 por 12^{m},80 de largo, ou antes 16^{m},90, pois era esta a sua grande largura no tempo dos altares primitivos!



Capella-mór da egreja de S. Francisco

A capella-mor, toda azulejada e de abobada de pedra fina com elegantes nervuras, considerada uma das melhores do reino, mede 10m,30 por 7m,35. Tem 7 grandes janellas de estylo ogival radiado ou florido, das quaes apenas existem duas livres, mas despojadas dos caixilhos de pedra. Outras duas que communicavam com as capellas lateraes, estão cobertas com o magnifico azulejo, e as tres restantes com a tribuna composita de riquissima talha dourada e grossas columnas torcidas, entre as quaes existem em tamanho natural as imagens de Santo Antonio, S. Domingos, S. Francisco e S. Thomaz d'Aquino.

Ao fundo d'esta capella-mor, mesmo junto da abside, vê-se a tampa do tumulo da Duqueza de Bragança D. Constança de Noronha, com a sua estatua jacente, criminosamente abandonada. Foi ella a piedosa senhora, fallecida em cheiro de santidade, quem mandou construir a alludida capella-mór, onde então lhe deram sepultura condigna de que actualmente nem o logar se conhece! No referido tumulo havia a inscripção seguinte:

AFFONSI CONIVX DVCIS HOC CONSTANCA NORONHA
REGIA PROGENIES CONDITVR IN TVMVLO

Aos lados do arco veneram-se as imagens de Santa Cecilia e Santa Clara, e as capellas abobadadas de pedra consagradas ao Senhor Jesus e a Santa Anna.

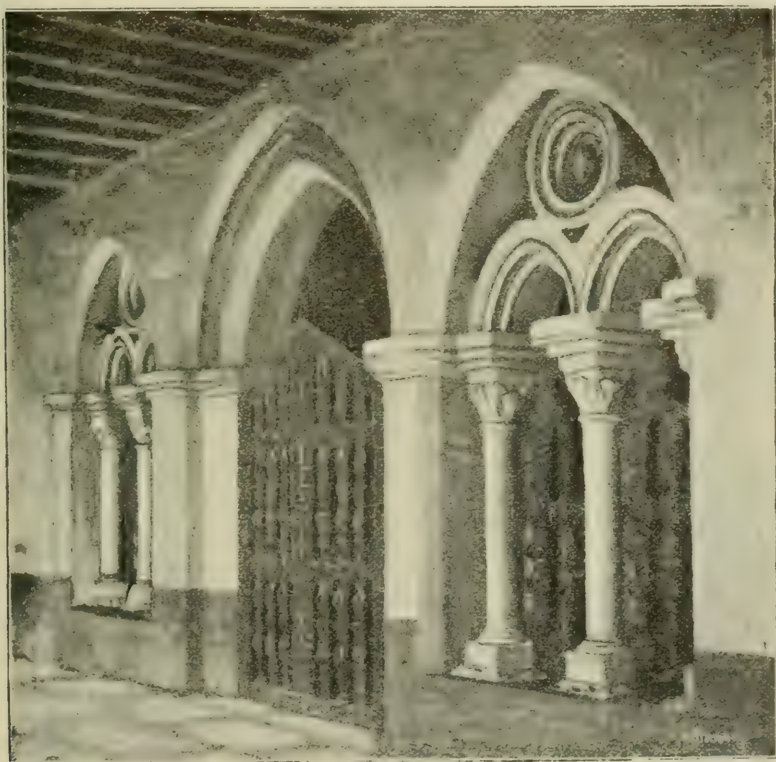
Nas extremidades do transepto, os altares de S. Gualter ou do Descendimento, e o do Senhor da Paciencia com um pequeno oratorio onde se admira a pequenissima imagem de S. Boaventura que o representa assentado á meza em que escreve e tendo a adornar o acanhadissimo recinto uma mobilia de execução esmerada. No corpo ha os altares collateraes de Santo Antonio, S. Francisco, S. José, Senhora da Conceição, Senhora do O', e Senhora do Soccorro com S. Matheus. A imagem de S. Francisco, tamanho natural, tem na peanha estes dizeres:

G. BERARDI
MODELLO SCOLPI
ROMA 1888

O côro é sustentado por um arco abatido, com gume, notavel pela sua elevação diminuta e consideravel distancia de uma á outra extremidade. A sacristia, com o tecto pintado e dourado, tem ao centro uma grande meza de marmore com embutidos a côres, e pendentes da parede dois primorosos quadros a oleo, em tela, representando a Familia Sagrada e Nossa Senhora do Leite. Legou-os á Ordem o commissario fr. Manuel Luiz da Conceição Guimarães. Pertencem á eschola romana (seculo XV) de que foi fundador Raphael Sanzio de Urbino e attribuem-se, com os melho-

res fundamentos, ao laureado pincel do pintor lusitano João Glamma Stroberle, fallecido com 84 annos de edade em Lisboa no anno de 1792. Pertencem egualmente a este auctor os quadros dos altares da Sé de Braga. No claustro, que se compõe de 44 columnas toscanas e d'egual numero d'ellas mais pequenas na varanda, existem profanadas duas capellas da invocação de S. Pedro e S. Paulo, e de S. João Baptista.

D'esta, que foi fundada no primeiro quartel do seculo XVI pelo doutor Gonçalo Dias de Carvalho e que serviu para o capitulo dos frades, dou a photogravura seguinte:



Os profanadores applicaram aos tres bellos arcos da frente grossas camadas de cal que desfiguraram a ornamentação dos capiteis.

Hoje serve de deposito de madeiras e ferros velhos, conservando-se milagrosamente as curiosas grades de madeira de castanho que vedam a porta e as janellas.

Sobre a portaria do extincto convento fundei em 1890 um pe-

queno museu, cuja inauguração se effectuou no domingo 3 de agosto do referido anno. Entre outros objectos de valor consegui reunir alli um grande quadro a oleo em madeira, representando um milagre de S. Francisco, outro egualmente grande representando a rainha D. Mafalda, fundadora do convento da Costa, outro em cobre representando o acto heroico de Judith, etc. Tambem alli se encontra a grade do milagre com estes dizeres:

ESTA HE A REDE Q ST.O ANT.O LANÇOU SOBRE O LADRAM
MANOEL DIAS, A 29 DE ABRIL DE 1710

Da primitiva fachada da egreja apenas resta intacta a porta principal, estylo joannino:



Porta principal da egreja de S. Francisco

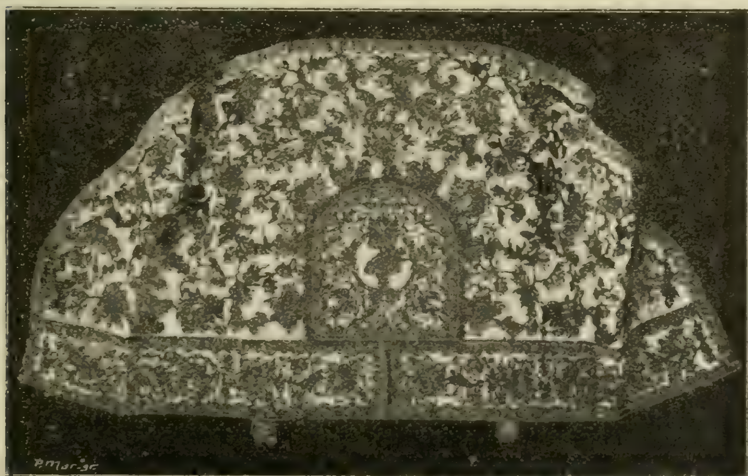
Os dois gigantes lateraes, que deviam ser chanfrados na extremidade superior, rematam em piramides de pedra, erro egual ao da cruz latina que o memoravel temporal de 31 de dezembro de 1897 houve por bem derrubar. Aproveitando este ensejo consegui, com o auxilio do illustre membro da Meza sr. M. M. Barbosa de Oliveira, auctorisação para delinear outra cruz apropriada, a qual foi feita pelo mestre pedreiro Ricardo Leite e collocada ás 6 horas da tarde do dia 27 de junho de 1898, dispendendo-se com esta obra a quantia de 20:000 réis.

A photogravura da egreja representa a pouca distancia, no logar primitivo, o cruzeiro quinhentista posto alli por mandado do padre Mestre fr. Antonio Fernandes, no anno de 1543 a demarcar o terreno que pertenceu aos frades e portanto a jurisdição da Ordem.

A Meza actual não se oppoz, como devia, á resolução da Camara Municipal que no mez de março d'este anno o removeu para junto da parede norte da egreja. O pedestal tem ao centro uma inscripção apagada que por esse motivo se reproduziu na frente por estas simples palavras:

O PADRE MEST
F. ANTO 1543

Em 1866, sendo secretario José Ferreira d'Abreu, foram comprados por 450:000 réis os paramentos de lhama e a seguinte riquissima capa bordada a matiz e ouro com pedras preciosas:



Um arco de volta inteira que se divisa na parede a que encosta o cruzeiro, fez parte da extincta capella de S. Gualter, para onde foram trasladados pelo D. Prior de Guimarães D. Fulgencio, filho do Duque de Bragança D. Jayme, os ossos do veneravel santo. Na sua sepultura, que o povo de Guimarães mandou fazer ao patrono da cidade e discipulo de S. Francisco, no anno de 1577, por voto quatro vezes renovado, gravou-se esta inscripção:

GVALTERI · TEGIT · HOC · VENERABILIS · OSSA · SEPVLCHRVM ·

Tinha no alto esta inscripção allusiva ao voto do povo, gravada numa padieira de pedra que felizmente ainda se conserva á porta da cosinha do extincto convento:

DIVO · GVALTHERO · D · F · D · VIMARAN · PATRONO · INS
TAVRATI · FESTI · VOTO · IIII · ANNO QVE · MDLXXVII · P · V · F · C ·

A' entrada do largo das Carvalhas, junto do arco que alli havia, representou-se, no dia 8 de abril de 1803 (sexta-feira Santa), o descimento da cruz, dispendendo-se com essa representação mais de doze contos de réis! O monte Calvario elevava-se bastantes metros acima do solo. Com estudantes organizou-se a guarda romana, e as principaes figuras eram representadas por padres e frades. O padre Bernardo Rôlla, representando S. João, manteve-se por espaço de 3 horas numa posição forçada com admiração dos muitos milhares de espectadores que se accumulavam no largo e pelos telhados em terraços expressamente construidos. Disse-se então que não havia em todo o reino memoria de tão pomposa commemoração religiosa.

Na grande praça que fica proximo d'esta egreja vê-se a estatua de D. Affonso Henriques, em bronze, com esta inscripção na frente do pedestal de marmore:

A D · AFFONSO
HENRIQVES
A CIDADE DE
GVIMARAES
MDCCCLXXXVII

Ao fundo da estatua lê se: «*1887 fundição de Massarellos, Porto*» — *A. S. dos Reis, esculp.*

Este monumento, embora o pedestal não corresponda á vastidão da praça, faz honra ao fallecido esculptor Antonio Soares dos Reis e ao architecto José Antonio Gaspar.

A estatua chegou a Guimarães ás 2 horas da madrugada de segunda-feira 19 de setembro de 1887, tirada por duas juntas de bois. Ás 3 horas da tarde de 20 de outubro do referido anno foi inaugurada na presença da familia real que depois da 1 hora da tarde havia chegado de Braga. O chorado monarcha D. Luiz I e o principe D. Carlos (hoje Rei) desceram do pavilhão que para o acto foi construido sob a direcão do scenographo portuense Guilherme Augusto Alves de Lima, e descerraram a estatua que estava coberta com a bandeira nacional. Quem primeiro photographou o monumento foi o sr. Leon Ardau, do Porto. A grade de ferro collocou-se a 6 de setembro de 1888.

A familia real tambem n'esse dia, ás 5 horas da tarde, lançou a primeira pedra para o edificio da eschola industrial, collocando-se-lhe numa cavidade um pequeno cofre de prata contendo moedas. A pedra tem esta inscripcão: — *S. M. el-rei D. Luiz I, no dia 20 de outubro de 1887, collocou a pedra fundamental da eschola industrial Francisco d'Hollanda.*

SYNCHRONISMOS DOS SECULOS XIII E XIV

No Canon XXI do IV Concilio Lateranense (duodecimo geral) celebrado em novembro de 1215, renova-se o decreto do seculo antecedente sobre a confissão sacramental, pela vez primeira ordenada geralmente, communhão na paschoa, etc., sob pena de serem expulsos da egreja e privados de sepultura ecclesiastica. Presume-se que esta medida tendesse a prevenir os fieis contra os erros dos Albigenses que se julgavam dispensados d'estes actos para obterem a remissão dos peccados, porque ainda 8 annos depois o Cardeal Conrado, Bispo do Porto e Legado em França, celebrou no dia 6 de julho o XXII Concilio Parisiense, ácerca da referida seita.

A lucta continuou terrivel, e o Legado João, Cardeal e Bispo de Sabina, celebra no anno de 1228, em Portugal, o Concilio *Lusitanum* que fulminou a pena de excommunhão contra quem impedisse as liberdades da egreja e dos seus ministros, o socego e a honra das religiosas clausuradas.

Os Cruzados e varios outros christãos guerreavam e matavam os Judeus confiscando por vezes os seus haveres: estes excessos foram porém rigorosamente prohibidos pelo Concilio Turonense

em 10 de junho de 1236 com um Estatuto de 14 artigos em que se principia por aconselhar aos fieis inteira humanidade «pois que a egreja os soffre, não querendo a morte do peccador, mas que se converta».

No XIII Concilio geral, primeiro *Lugdunense*, celebrado a 28 de junho, 5 e 17 de julho de 1245, o Papa Innocencio IV determinou que os Cardeaes usassem o barrete encarnado «como symbolo da diposição em que deviam estar de derramar o seu sangue pelos interesses da Egreja». Esta côr do barrete passou tambem a ser a dos seus vestidos, muito pouco tempo depois.

Gerardo de Malemort, Arcebispo de Bordeus, publicou no Concilio Burdigalense, que teve logar a 13 de abril de 1255, uma constituição composta de 30 artigos, ordenando um d'elles, o 5.º, que na communhão da paschoa se ministrasse aos meninos pão bento em logar da hostia consagrada.

O Sacramento da confirmação era antigamente ministrado ás creancinhas, como se deprehende do terceiro dos 17 Canones feitos em 1260, no Concilio *Arelatense*, presidido por Florentino Arcebispo de Arles, quando determina que esse Sacramento seja recebido em jejum, excepto *pelos meninos que ainda mammam*.

O artigo 4.º da constituição feita no Concilio Tarraconense em 1294, poz termo ao banquete que entre nós os parochianos costumavam pedir aos seus curas, o que estes faziam por praxe antiga com avultado dispendio.

A ordem Dominicana foi approvada por Honorio III em duas Bullas datadas de dezembro de 1216.

Foi Gregorio X (1271-76) quem primeiro ordenou que em seguida á morte do Papa os Cardeaes se conservassem fechados em conclave, não saindo sem terem feito a eleição do novo Pontifice. A respectiva Constituição determina que «quando a eleição não se concluisse nos tres primeiros dias, teriam os Cardeaes um só prato a hora de comida nos 5 dias seguintes, e que findo este termo se lhes daria sómente pão e agua emquanto não terminasse o acto eleitoral.» Com todo este rigor quiz Gregorio X prevenir intrigas e delongas; mas os seus successores, Innocencio e Hadriano V, fizeram todo o possivel por obstar á execução da lei, revogando-a por fim o notavel Pontifice portuguez João XXI.

Celestino V e Bonifacio VIII vendo que se renovavam os velhos inconvenientes, restabeleceu-a e ordenou que fosse observada ininterruptamente.

No anno de 1247 teve principio em Liége a festa do SS. Sacramento, sendo em 1264 ordenada a sua celebração em todo o mundo catholico, por Bulla de Urbano IV. Em 22 de maio de 1320 resolveu-se que fosse exposto e que sahisse processionalmente.

O Jubileu do Anno Santo foi instituido em 1300 por Bonifacio VIII. para ser celebrado no ultimo de cada seculo. Clemente VI determinou que a sua celebração tivesse logar aos 50 annos, e Paulo II aos 25, como ora é.

Egualmente n'este seculo XIII foi estabelecida a festa da Conceição de Maria, e crê-se que o seu começo tivesse logar na egreja de Nossa Senhora de Pariz. Em 1288 o Bispo da capital franceza, Reynaldo de Homblieres, legou á sua cathedral uma importante somma destinada ao alludido fim. De Viterbo expede Clemente IV uma Bulla datada de 1267 em que ordena ao Provincial dos Dominicos, em Hespanha, que encarregue dois frades de pesquizar os herejes em toda a sua Provincia, a que então pertenciam os conventos de Portugal, Castella e Navarra. A divisão d'esta Provincia em tres — Portugal, Hespanha e S. Thiago — foi mais tarde determinada pelo consideravel augmento que attingiu.

El-rei D. Fernando III (o santo) instituiu, em 1240, o piedoso costume de servir á meza 12 pobres na ceia que lhes dava em quinta-feira-maior depois do lava-pedes.

No XIV Concilio geral de Leão, celebrado desde 7 de maio a 17 de julho de 1274, e presidido pelo Papa Gregorio X, reconciliaram-se os gregos com os latinos submettendo-se ás leis da Egreja Romana e reconhecendo a Primazia Papal.

Começou n'este seculo o uso geral dos orgãos nas egrejas, tendo apparecido o primeiro no anno de 757, na egreja de S. Cornelio, em Compiègne.

A invenção é attribuida por uns a David e por outros ao imperador dos chins Hoang-Ti (2:601 annos ant. de J. C.)

Falleceu em maio de 1277, por effeito de desabar sobre elle o edificio dos Paços que acabava de fazer construir em Viterbo, o Pontifice portuguez de nação Pedro Hispano (João XXI) que nascera em Lisboa e fôra Arcediago de Vermoim, D. Prior de Guimarães e Arcebispo de Braga. Foi sepultado em S. Lourenço, gravando-se-lhe na sepultura este epitaphio: IOANNI LVSITANI XXI · PONTIFICATVS MAX · SVI MENSE VIII · MORITVR MCCLXXVII ·

O seculo immediato denominou-se *da artilheria* por então serem inventadas as armas de fogo a que pela vez primeira a Historia se refere no anno de 1342, quando Affonso IX as empregou com vantagem contra os Mouros no cerco de Algezira.

O segundo dos oito canones publicados no Concilio *Toletanum,* a 21 de novembro de 1324, determina que os clerigos sejam barbeados *ao menos uma vez cada mez!*

O Arcebispo de Braga D. Martinho, que em 1296 publicou uma Constituição desonerando do patrimonio com que os parochos exercitavam a Hospitalidade, todas as egrejas que não rendessem mais de 80 libras de dinheiro portuguez (1:328 réis!),

ordenou em 1304 que se pagasse *dizimo do pam* e do vinho, do linho, da ferram, da lãa, «e de todos os parimentos das ovelhas. Outro si das Dizimas pessoaes stabelecemos, e mandamos, que os Mercadores, que vendem os pannos de cóor, que soyam em outro tempo de dar huum maravidil de Leonezes: que dem hora 32 soldos de Portugal; cá achamos, que tanto monta no maravidil dos Leonezes d'outro tempo».

Os maravidis portuguezes valiam então 27 soldos, ou 27 réis brancos.

O desejo de accumular prebendas, honras, beneficios, levou muitos Bispos e Abbades á presença do Papa que adulavam, deixando abandonadas as Diocezes e os Mosteiros. As Ordens mendicantes aproveitaram algo com esta sêde de dinheiro e de prosapia, porque o fieis concorriam então mais que nunca aos seus templos affeiçoando-se aos religiosos e ás corporações de que estes faziam parte.

Quando Clemente V notou a vulgarisação das Commendas, arrependeu-se da facilidade com que as havia dado. Revogou-as Bento XII, mas nem por isso os seculares deixaram de possuir numerosas e ricas Abbadias que os Papas continuaram a conferir-lhes sob aquella denominação.

Redundou em desproveito da Egreja a frequencia de excommunhões e interdictos, n'este seculo, porque os excommungados, que eram aos milhares, principiaram a relaxar-se deixando de implorar a absolvição, e muita gente reagia contra a prohibição expressa de todo o trato com elles.

São sempre maus os excessos.

A abstinencia dos sabbados, que os seculares não guardavam, foi pela primeira vez determinada para todos os ecclesiasticos.

Diz-se que Santo Antonio de Lisboa instituiu para o tempo da Semana Santa a *Disciplina publica de sangue,* muito edificante, differente da barbara *Flagellação* que em 1260 instituiu em Peruza o Heremitão Rainier.

O mesmo Santo, estando em Tolosa, escreveu a Gil Annes, capellão de Santa Sancha, infanta, animando-o a supportar com coragem os seus trabalhos e afflicções que nunca apparecem desacompanhados:

«Nem vos esgaraviseis com a mansilla dos vossos Marteyros: bem mostram serem mesquinhos; pois quando fagam cilada, som de gram companha teudos».

Assignou a carta do seguinte modo: Fr. Antonio de la Vera Cruz.

O Papa Innocencio IV, em Bulla datada de 1254, determinou

que os Arcebispos de Braga, quando visitassem a sua Archidiocese, aperas recebessem de Procuração e Colheita um marco de prata (3:340 réis?)

Em carta circular dirigida por el-rei D. Affonso IV aos Bispos, em 23 de fevereiro de 1352, recommenda-se a creação de um livro para assentos de casamentos.

EGREJA DA MIZERICORDIA (BRAGA)

Está situada no alto da rua Nova de Sousa e encosta ao claustro de S. Geraldo, da Sé, com o qual tem communicação interior. A fachada, muito parecida com a da Mizericordia de Guimarães, é de riquissima esculptura. A porta de arco é de volta inteira; de cada lado tem duas grandes columnas compositas striadas, e sobre ellas outras mais pequenas que ladeiam nichos vasios. O frontão recebeu um accrescimo em 1891, substituindo-se por essa occasião a cruz que o encimava, pequena como todas as da epocha, prejudicando-se d'este modo o estylo architectonico d'aquelle bello edificio.

Na frente da porta principal havia uma varanda com escada para o poente, e sob ella a imagem de S. Geraldo e uma fonte que d'elle tomou o nome. Nos primordios do seculo XVIII desfez-se a escada e retirou-se a imagem, ficando a fonte sob os degraus da frente. Esta fonte, cuja porta se conserva aberta quando a agua potavel da cidade é insufficiente, denomina-se *da Prêta*.

Fundada na capella de Jesus ou de Nossa Senhora da Piedade, do claustro da Sé, a santa instituição de fr. Miguel de Contreiras, da Ordem da Trindade, fallecido a 29 de janeiro de 1505, [1] foi annos depois mudada para a extincta capella de Santa Anna; no anno de 1560, tendo precedido accordão da meza em data de 2 de janeiro de 1558, sendo seu Provedor Balthazar Paes, e por consentimento da camara municipal e do Arcebispo por sua provisão de 12 de março do mesmo anno, deu-se principio á actual egreja no local em que havia umas moradas de casas de Branca d'Azevedo, viuva de Diogo Lopes Homem, e outras da Mitra, as quaes D. Diogo de Sousa lhe offerecera, pela cedencia da capella de Jesus.

A obra de pedreiro terminou em 1562, data que se vê gravada no alto do frontespicio; porém só ao cabo de 9 annos, em 22 de maio de 1571, é que a *confraria* occupou definitivamente a egreja, effectuando-se a transferencia com uma procissão solemne em

[1] Em Alvará datado de 26 de abril de 1627, ordenou-se a todas as Mizericordias a execução do Accordão de 15 de setembro de 1576 que determinou a pintura do retrato de fr. Miguel na ***bandeira*** da Mizericordia com as iniciaes F. M. I. (Frei Miguel Instituidor).

que se encorporou o Arcebispo D. fr. Bartholomeu dos Martyres.

A primitiva tribuna d'esta formosa egreja é toda de granito fino, pintado e dourado. Está hoje vedada por outra de madeira de riquissima talha. O frontal do altar-mór é primorosamente esculpturado em madeira, representando em alto relevo o milagre dos pães. Do lado da Epistola tem o altar do Sacramento.

Esta egreja foi solemnemente benzida na quinta-feira 5 de dezembro de 1895, por terminarem pouco antes as grandes obras de pintura e douramento que a tornaram digna da visita de apreciadores exigentes. Do douramento foi encarregado o sr. José da Cunha, e da pintura decorativa das paredes e tecto o sr. Domingos A. Teixeira Fanzeres que se revelou, como sempre, artista de muito merito.

EGREJA DA MIZERICORDIA (GUIMARÃES)

A edificação d'esta egreja, com frente para o largo do mesmo nome, deve-se á iniciativa de Pedro de Oliveira, cavalleiro de S. Thiago, que lhe deu principio no anno de 1588. Foi para alli trasladada em 1606 a irmandade que se havia fundado, annos antes, na capella de S. Braz, dos claustros da Collegiada.

A fachada, elegantissima, semelhante á da egreja da Mizericordia de Braga, pertence á ordem corinthia, e tem no alto uma imagem de Nossa Senhora da Mizericordia com estes dizeres sobre o nicho:

ESTOTE MIZERICORDES

No corpo da egreja, que mede 22,70 por 9,80, ha os altares do Senhor da Pedra Fria, S. Bento, instituido pelo dr. João Carneiro de Moraes, Senhor da Canna Verde, Senhora das Dores e Senhora da Paz, fundado por Francisco José Mendes que o dotou com missa quotidiana. Ao centro existe esta inscripção gravada em campa raza:

AQVI JAZ JO
ZE LOPES DA
CUNHA VELHO
O MAIOR BEM
FEITOR DESTA
SANTA CAZA
DESDE A SUA
INSTITUIÇÃO
ATHE ODIA DO
SEO FALECIM.TO
Q FOI AOS 13
DE JAN.RO D' 1817
P.A MEMORIA
DA SUA CARI.DE
A ILL.MA MEZA
DESSE TEMPO
MANDOU LAV.R
ESTA INSCRIP.S
E Q NESTA SEP.EA
SE NÃO INTER
RASSE MAIS AL.CM

A capella-mór mede 9,90 de comprido por 9 de largo.
A *bandeira* da irmandade tem d'um lado estes dizeres:

UNDE HOC MIHI UT VENIAT
MATER DOMINI MEI AD ME?

De onde me vem isto, que a mãe do meu Senhor venha a mim?
Do outro lado F. M. I. (Frei Miguel Instituidor).

O tecto da egreja foi de madeira apainelado. Hoje é todo coberto de estuque com trez figuras em relevo representando as virtudes theologaes —Fé, Esperança e Caridade.

A escadaria de pedra que dá passagem para a casa do despacho e côro da egreja, foi construida em 1640. Por baixo teve uma fonte publica.

A parte restante d'este edificio que alinha com a antiga rua da Arrochella, foi construida, como fica dito a pag. 122, com a pedra da torre e pardieiros do Morgado dos Mirandas, vendida á Mizericordia por 140:000 réis no dia 17 de janeiro de 1657.

Esta venda foi feita por Filippe Pereira do Lago e seu filho Manuel Machado de Miranda, descendentes de Gil Lourenço e a mulher d'aquelle, Joanna Gonçalves, os quaes, aos 4 de agosto de 1430, instituiram o referido Morgado no largo fronteiro á egreja da Mizericordia.

Os dois primorosos retratos a oleo, existentes na alludida casa do despacho, foram pintados pelo insigne Roquemont, filho do Principe allemão Frederico d'Hesse Darmstadt, o qual esteve hospedado em casa do conde da Azenha, e representam Vicente Pimenta de Lemos Sousa Menezes, fallecido no dia 1.º de fevereiro de 1834, e o capitão Francisco da Silva Guimarães Pinto.

A *confraria* foi, no seu principio, administrada por homens de elevada representação social, como o D. Prior de Guimarães, D. Fulgencio, filho de D. Jayme, quarto Duque de Bragança; D. Antonio de Lima, alcaide-mór de Guimarães, e outros muitos.

Sendo a *confraria* denominada *irmandade* desde o anno de 1585, teve por primeiro Provedor Antonio Pereira da Silva, fidalgo da casa real e cavalleiro da Ordem de Christo. Nos dois annos immediatos foi este cargo desempenhado por Francisco Ribeiro de Carvalho, commendador de Unhão, sendo escrivão Pedro de Oliveira iniciador das obras da egreja.

Em 1661 foi Provedor o activissimo D. Prior D. Diogo Lobo da Silveira.

Na torre, que fica ao lado esquerdo da capella-mór, collocou-se em principios de abril de 1899 um novo sino que, por incumbencia do então thesoureiro Alfredo Bellino, meu estimado irmão, mandei fundir em Braga na fabrica dos srs. José Maria Rebello da

Silva & C.ª. Este sino, que pesa 484k,704, mede 0,92 de altura por 0,99 de diametro no bordo, e tem sob a imagem da Virgem os dizeres seguintes:

ESTOTE MIZERICORDES
+XP · V+XP · R+XP IP+
A MEZA DE 1898-1899
ME FVNDERE FECIT
ANNO DOMINI MDCCCXCIX

Leitura — «Sede mizericordiosos. Christo vence, Christo reina, Christo impera.»

A meza de 1898-99 me fez fundir. Anno de 1899 do Senhor.»

No bordo tem a antiga marca da fabrica:

JOANNES FERREIRA
LIMA ME FECIT
BRACARAE

SYNCHRONISMOS DO SECULO XV

E' bem certo o que Viollet-Le-Duc disse da architectura, considerando-a entre todas as artes como a de mais affinidades «com os instinctos, com as idéas, com os interesses, com os progressos e com as necessidades dos povos».

A influencia racionalista nas construcções que a theologia inspirava, principiou a revelar-se pelo cinzel do artista do seculo XIII. O grande S. Bernardo quiz já então evitar o desenvolvimento da ornamentação immoral na esculptura, mas, no seu tempo, o espirito da epocha não cedeu, e a satyra no seculo XIV ganhou folego fomentada pela vingança dos que mais deviam combatel a.

Du Breul refere-se ao desforço do clero de Notre-Dame contra o advogado de Philippe de Valois, Pedro de Luignet, que em 1329 attentou contra a jurisdição temporal ecclesiastica, sendo immediatamente excommungado e posto em figura horrenda ao canto da tribuna para apagarem sobre o seu rosto as vellas da egreja!

Na arte, como na oratoria sagrada, tambem o materialismo do seculo XV se revela frisantemente.

Na ornamentação das egrejas, a esculptura em pedra e madeira, representa os frades e os prégadores com a cabeça de quadrupedes; cabeças de mulheres com chifres de carneiro, raposas com o habito franciscano prégando do pulpito ás gallinhas que de cabeça erguida e bico aberto as escutam; suinos organistas, lobos foleiros, etc.

E' de sobra conhecida a descripção da esculptura que a um canto da nave de Strasburgo representava ou representa ainda um asno de casula desempenhando o acto mais elevado do ministerio sacerdotal, e servindo-lhe de diaconos varios outros animaes. Em toda a parte a architectura d'essa epocha revela mais ou menos as scenas immoraes que a caracterisam. Em Braga temos, como exemplar precioso, a gargula do lado esquerdo das costas da capella-mór da Sé, e em Guimarães a do lado direito da frente da torre da Collegiada, duas construcções coevas que na ornamentação recordam as nossas conquistas e o arrojo das descobertas maritimas.

A mythologia tem egualmente um logar importante na architectura christã desde o seculo XIV até ao XVIII. Primeiramente os Gryphos, animaes fabulosos que servem de suporte á cruz, depois os Centauros e os Faunos como os que encimam o portico da capella de N.ª S.ª da Conceição ou Senhor Morto, em Braga, e os que se encontram sob os orgãos de muitas egrejas como a Sé de Braga, egrejas de Santa Rosa de Lima e S. Domingos de Guimarães, etc. As Misulas são egualmente frequentes na talha das egrejas.

Na antiga egreja de Santa Rosa de Lima, actualmente séde da parochia de S. Sebastião de Guimarães, ha mais no orgão o celebre *Macacão*, figura de homem que annualmente, á passagem da ronda da Lapinha, canta movendo os labios e os braços e empunhando uma solfa e uma batuta!

Data dos fins do seculo XV (anno de 1498) a instituição das Mizericordias pela piedosissima rainha D. Leonor de Lencastre, viuva d'el-rei D. João II, effectuando-a a instancias de fr. Miguel de Contreiras.

Este facto sobresahe a todos os outros que este seculo das innovações produziu no campo da caridade christã.

Por decreto de 31 de março de 1492 foram desterrados da Hespanha todos os Judeus que não quizeram o baptismo. O nosso rei D. João II concedeu 6 mezes de residencia aos que aqui se acolheram, obrigando-os ao pagamento de um cruzado por cabeça.

Por occasião da festa da Paschoa havia o extravagante costume de castigar os clerigos preguiçosos, apanhando-os na cama e obrigando-os a atravessar nus as ruas até darem entrada na egreja, onde eram postos sobre o altar e banhados com agua benta! Este espectaculo selvagem manteve-se longo tempo, prescrevendo-o os Concilios Nanetense, em 1431, e Andegavense em 1448.

A ignorancia dos ecclesiasticos era em grau tão elevado, que

poucos conheciam rudimentarmente o latim. Por isso em Castella-a-Velha e Madrid foram celebrados, no anno de 1473, dois Concilios para se resolver o que mais conviria á illustração do clero, então d'uma disciplina relaxada a ponto dos Procuradores de muitos Concelhos representarem contra essa relaxação nas Cortes de 1425, convocadas em Braga por el-rei D. João I.

Alguns prasos d'este tempo referem-se á distribuição do pão cosido aos pobres, no dia dos fieis defuntos, dizendo: «Pagaredes o dito fôro em cada hum anno em dia de pão por Deus». .

A Camara Municipal do Porto, determinou em 1491: «que os Mesteiraes (officiaes mecanicos) da cidade não fizessem obra alguma desde o sabbado ao sol posto, até á segunda-feira, sol sahido».

N'este seculo celebrava-se em Braga a procissão de *Corpus-Christi* com corrida de touros na vespera, cavalhadas, etc. Um dos dois juizes da cidade conduzia a bandeira, que era em fórma de pendão com uma pintura ao centro representando a Virgem.

O S. Jorge, que desde o reinado de D. João I tem n'esta procissão um logar distincto, era seguido dos doze Apostolos, quatro Patriarchas, alguns anjos e numerosos andores.

Levava mais o *carro das hervas* offerecido pelos hortelões de Maximinos; as dançadeiras, a mourisca, as mascaradas. Em 1566 o Concilio Provincial bracarense determinou que se modificassem as exhibições profanas. A camara offerecia um jantar com o qual dispendia a verba de 15$000 réis.

No tempo de D. Rodrigo de Moura Telles, os lavradores das freguezias de Navarra, Crespos, S. Lucrecia, S. Paio da Ponte do Porto e Adaufe, vinham annualmente á cidade varrer as ruas e as praças que no dia immediato (do Corpus-Christi), eram tapetadas de hervas cheirosas—juncos e espadanas—offerecidas desde tempos immemoriaes por lavradores das freguezias de Semelhe, Gondizalves, Frossos, S. Jeronymo, S. Martinho, recebendo cada um 40 réis. A procissão levava na frente o *boi bento,* com as pontas enfeitadas de fitas multicores e grandes folhos ao pescoço. Este boi era offerecido pelos marchantes e conduzido por um lavrador de Nogueira. Na frente os clarins tocados por pretos; atraz do carro das hervas quatro gigantes, sempre levados por quatro homens da visinha freguezia de Esporões, a cada um dos quaes eram entregues 480 réis, e junto d'elles um anão, chamado pae dos gigantes, tambem da mesma freguezia, saltando continuamente. Um gallego conduzia a *Serpe* mettido dentro d'ella. Seguia-se o grande dragão preso por uma fita e conduzido pela *Dama do Drago;* a seguir um individuo a cavallo representando o S. Jorge cercado do seu *estado.* A guarda de honra do Drago e da Serpe era feita pelos ferreiros que empunhavam espadas ferrugentas. O andor de



Braga — Capella de N. S. da Conceição, da egreja de S. João do Souto

S. Christovão com um pinheiro enfeitado pelos procuradores da comarca, o qual servia de bordão ao santo. A conducção d'este andor pertencia, por privilegio, ás vezes judicialmente questionado, a oito moradores da visinha freguezia de Ferreiros, com opas vermelhas, cada um dos quaes percebia 240 réis.

D. José de Bragança (1741-56), modificou tudo isto, mas o seu successor D. Gaspar (1758-89) permittiu que os parochos acompanhassem de estola e auctorizou as velhas danças no couce da procissão.

Em Guimarães tambem até 1797 esta procissão era organizada com grande numero de andores, irmandades e confrarias. Depois todas as classes trabalhadoras, o commercio, as artes, a industria, se encorporavam com as suas bandeiras e uma banda de musica. Nas danças faziam-se ouvir violas, rabecas e harpas; e os marchantes da villa tambem eram obrigados a fornecer os touros para as corridas no campo do Toural.

A' semelhança do que se praticava em Braga, tambem annualmente, desde a memoravel batalha de Ceuta em que o heroismo vimaranense não trepidou em occupar e defender o posto abandonado pelos barcellenses, as ruas e praças de Guimarães eram varridas nas vesperas das festas mais notaveis, incluindo a do Corpus-Christi, mas... por dois vereadores de Barcellos, até que o Duque D. Jayme incorporou no termo de Guimarães as duas freguezias barcellenses — S. Miguel de Cunha e S. Paio de Ruilhe — para que dois dos seus moradores déssem cumprimento ao antigo costume imposto por el-rei D. João I.

Em 23 de junho de 1744 deu-se por expiada a pena.

EGREJA PAROCHIAL DE S. JOÃO DO SOUTO (BRAGA)

(Vide gravura a pag. 167)

Está situada na rua do mesmo nome, contigua á capella de Nossa Senhora da Conceição ou do Senhor Morto, como vulgarmente se denomina. A construcção actual data do tempo do Arcebispo D. Gaspar de Bragança (1758-89). Como fosse necessario accrescentar a egreja até facear com a capella adjuncta, ficando dentro o arco rendilhado que defronta com o grupo do enterro, celebrou-se uma escriptura de contracto entre a Junta de parochia e o administrador do Morgado dos Coimbras, a fim de tambem ser vedada a entrada para a sala do archivo, substituindo-a por uma pequena porta que se rasgou a meia altura da torre-capella da Conceição. A elegante escadaria que lhe dá accesso pelo lado da rua de S. João, data da construcção da capella de Santo An-

tonio Esquecido, encostada ao lado posterior da mesma torre-capella. Esta imagem de Santo Antonio, esculpturada em alabastro e pertencente ao numero das que exteriormente volteiam a torre, mede 1,10 de altura. A muita veneração dos fieis deu logar á retirada da imagem, do seu logar para junto do grupo do Senhor Morto, emquanto o doutor Provisor Francisco de Torres mandava proceder á construcção da capella.

Ainda hoje se vê bem conservada a escada orbicular com 41 degraus livres desde a entrada que se inutilisou com o referido accrescimo.

E' de forma quadrangular a capella da Conceição e foi fundada em 1515 pelo doutor João de Coimbra, provisor do Arcebispado em tempo de D. Diogo de Sousa, como se lê n'esta inscripção que se acha embebida na parede interior da *sala do archivo:*

ESTA.CAPELA.MADOU.FAS.O DOCTOR IOM DE CO
INBRA.PUISO E STE.ARCBPDO E ADOTOU.REQUIRONIAI
GIA.E.TPODO PAPA.CLEMETE.7.E DELREI.DO.IOM.3.E DO
ARCBPDO.DO.Dº D.SOUSA.TODO.SEIA.EM LOUVOR
D.NOSO.SHOR E DE.SUA.MADRE NOSA.SHRA.1525.

O fundador consagrou-a á Mãe de Deus em 1528 e instituiu n'ella Morgado aos 16 de fevereiro de 1530, dotando-a com bens de raiz, auctorisado por el-rei D. João III aos 12 de março de 1527. São de primorosa esculptura as estatuetas de alabastro que exteriormente adornam o edificio, um Centauro, um Fauno, S. Paulo Heremita e S. Antão Abbade com um magestoso leão em descanço, tudo sobre a abobada do portico que apresenta no friso um corvo e aos lados estes dizeres:

CORVVS PAVLVSPRIMVS HEREMITA

Sobre este friso havia ao centro uma columna encimada por um corvo de pedra com cabeça de ferro e um pão no bico.

Caíu ha bastantes annos despedaçando-se tudo.

Esta capella é tambem denominada do Senhor Morto, por se venerar grandemente, ao lado da Epistola uma imagem de Christo no sepulchro, tamanho natural, primorosamente esculptu-

rada em pedra como o figurado que a rodeia. D'esse formoso grupo dou aqui a seguinte photogravura:



As imagens do altar são de granito fino, como toda a ornamentação interior, inclusive a abobada com suas nervuras que tem no fecho o escudo dos Coimbras.

A cupula d'esta capella, toda coberta de telha vidrada como a dos zimborios da egreja da Sé e da capella do Paço Archiepiscopal, tem uma grimpa de ferro, bastante curiosa, de que faz parte uma esphera, a lua e o sol com um dos raios em fórma de bandeira e n'ella as armas dos Coimbras, e a cruz, encimada por uma pomba, com um grande circulo de estrellas.

O palacete pertencente ao instituidor do Morgado, ainda hoje se vê em frente, com duas janellas de grande riqueza esculptural, das quaes o referido instituidor e sua familia podiam, por permissão especialissima, assistir ás missas celebradas na capella, não obstante haver entre um e outro edificio a rua de S. João!

*

Todos os historiadores, entre os quaes especialisarei o Padre Luiz Cardoso *(Diccionario Geographico)*, dizem que a primitiva egreja de S. João do Souto foi construida a expensas do Arcebispo D. Diogo de Sousa (1505-32). Contestei todas estas opiniões, no meu livro *Inscripções e Lettreiros*, pag. 47 e segg., citando documentos ineditos, authenticos, de que possuo copias por mim extrahidas dos orignaes, para pela primeira vez provar que D. Diogo apenas reedificou uma ermida que nos principios do seculo XII doaram ao Cabido para se estabelecer n'ella a parochia de S. João, muito antes instalada na Sé.

A doação foi feita pelos fundadores Pedro Aurifice (ourives) e por sua mulher Gelvira Midis, ao Arcebispo D. João Peculiar, no anno de 1131.

EGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DOS REMEDIOS E PIEDADE (BRAGA)

Tendo o Arcebispo D. Diogo de Sousa nomeado em 1523 seu coadjutor, com o titulo de Bispo de Dume, o religioso da Ordem Terceira Franciscana da Andaluzia, D. fr. André de Torquemada, este deu principio á fundação da egreja e convento dos Remedios em 1544, concluindo-se toda a obra cinco annos depois.

Foi o primeiro convento que se fundou em Braga, e teve por isso preferencia a sua egreja para serem sepultadas n'ella todas as pessoas nobres.

O proprio fundador, que falleceu em Braga no dia 2 de agosto de 1552, alli ficou sepultado em campa raza, de mistura com as muitas brazonadas.

A Abbadessa D. Francisca dos Seraphins encarregou da construcção da egreja o architecto vimaranense Antonio Pinto de

Sousa, por escriptura de 29 de fevereiro de 1724, concluindo-se a curiosa fachada com suas 6 estatuas e columnas corinthias torcidas, em 1725, um anno antes de toda a obra de pedraria. Tem sobre a porta este lettreiro em caracteres elegantes:

ANNO · DOMINI · MDCCXXV ·

As freiras eram franciscanas do instituto da Annunciada de Santa Ursula, de Salamanca. A cerca do convento, que toma todas as trazeiras das casas da rua de S. Marcos, foi ampliada em 1741 com a compra de alguns quintaes e casas do doutor Eusebio do Val Façanha, á entrada da rua das Aguas, onde ainda se conserva o mirante com o brazão do Arcebispo D. José de Bragança, collocado na esquina esquerda do edificio por ordem das freiras, em attenção aos serviços que lhes prestára o Prelado, obtendo de el-rei, no anno de 1751, um subsidio da renda do real d'agua para se construir o muro de vedação da cerca á margem da rua da Palmatoria. Conservam-se embebidas n'este muro, por ordem do referido Arcebispo, duas lapides romanas bastante salitradas, uma das quaes, por ter vestigios de uma *patera,* com a fórma de palmatoria, deu o nome á rua que hoje se acha vedada. Foram encontradas a 14 palmos de profundidade. A primeira, que além da *patera* representa outros emblemas da escravidão como a amphora ou o *pileus,* um feixe de varas e um machado, diz o seguinte:

AGATHOPODI
T · SATRI
ZETHVS
CONSERVVS

A outra d'um soldado natural de Pax Iulia:

M · ANTONIVS · MF
GAL · AVGVSTINVS
PACE · MILES · LEG
VII · GEM · FEL ·
Ↄ MAMILI
LVCANI · AN
XLV AER · XIIX
H · S · E
SEMPRONIVS
GRAECINVS
HERES · F · C ·

Sobre a antiga porta principal do convento existem esculpturadas em marmore as armas da Ordem Franciscana com estes dizeres no campo:

ARMA MILICIÆ NOSTRÆ

EGREJA DO SEMINARIO CONCILIAR

Está situada no largo de S. Paulo. Promoveu a sua construcção o Arcebispo D. fr. Bartholomeu dos Martyres que a destinava, com o edificio adjuncto, á fundação de um convento dominico a cuja Ordem elle Prelado pertencia. Por isso aos lados da capella mór tem gravadas na parede as armas portuguezas e dominicas, com estes dizeres por baixo:

IHS
VIRGA TVA ET BACVLVS TVVS

Na vossa vara e no vosso baculo está toda a minha consolação, disse o Propheta-rei. «Virga tua, et Baculus tuus ipsame consolata sunt».

Aproximava-se do seu termo a obra quando em 1560 passaram por Braga, com destino a Coimbra, alguns padres jesuitas que o Arcebispo obsequiou, pondo á sua disposição o convento para pernoitarem n'elle. A hospedagem não lhes desagradou, e o Arcebispo levou a sua generosidade mais longe offerecendo-lhes o convento e egreja mediante contracto feito com S. Francisco de Borja, commissario geral da Companhia, aos 30 de agosto do referido anno. O Cabido reprovou o procedimento do Prelado; e quando, seis annos depois, foi celebrado em Braga o Concilio Provincial, protestou contra o voto que o presidente-Arcebispo tivesse a seu respeito, porque o considerava suspeito, visto ter dado aos padres da Companhia os estudos da cidade com as egrejas a elles unidas e a ermida de S. Paulo, que já não existe, e ainda por que o Arcebispo fizera novo Aljube e n'elle uma casa sem janella e quasi sem luz, a qual se denominava: *casa para os conegos*. A lucta foi renhida, ficando vencedor o Arcebispo; e os filhos de Santo Ignacio, que desde maio de 1540 (reinando D. João III) introduziram em Portugal a sua Ordem, alli se conservaram até que a lei de 3 de setembro de 1759 os expulsou do reino, 14 annos antes da dissolução decretada pelo Papa Clemente XIV.

Partiram d'esta cidade na madrugada do dia 31.

Desde 17 de julho de 1769 a 11 de novembro de 1784 foi o convento occupado pelas freiras Franciscanas de Monsão e Valença, que a rainha D. Maria I fez por fim distribuir pelos conventos da Conceição e Remedios, para em seu logar ficarem 10 religiosas Ursulinas que fizeram a sua entrada no dia 20 de janeiro do anno immediato. No dia 14 de outubro de 1880 foi solemne-

mente transferido para esta casa o Seminario de S. Pedro que então era no antigo campo da Vinha e tinha sobre a porta do edificio esta inscripção hoje existente na alamêda das Carvalheiras:

D.FR.BARTHOLOMÆ A MARTYRIB. ARCHP. BRAC.HISPANIÆ.PRIMAS.ORDI
NIS.PRÆDIC: EX DECRETO.CONCILII TRI.SVB PAPA PIO IIII ANO DNI.1563.
VLTo CELEBRATI.SEMINARIV.HOC EX QVO.BONIS.TVM MORIB.TVM DIS
CIPLINIS.INFORMATI.SACERDOTES.PAR.IECIIS.PRÆFVTVRI.PRONE
RENTVR.EX ÆDIFICARI.IVSSIT IDQVE.DIVO.PETRo APOSTOLo
DICATVM.VOLVIT.ANNO.SALVTIS.NOSTRÆ.1572.

N'este edificio tambem foram alojadas em janeiro de 1704 as freiras de Monsão, passando por isso os seminaristas, para a casa do Passadiço, na rua de S. João, e annos depois para as casas 119 e immediata, na rua Nova de Sousa e esquina da rua da Mizericordia.

Em 21 de julho de 1769 foi superiormente ordenado á vereação bracarense que recolhesse e fechasse com tres chaves, no seu archivo, *todos os papeis que se achassem no cartorio do Collegio dos Jesuitas.*

Não consta porém que esses papeis fossem alli recolhidos e muito menos que existam em qualquer outra parte.

Em 21 de dezembro do mesmo anno foi este edificio, do actual Seminario Conciliar, concedido á camara para estabelecer n'elle a alfandega emquanto durassem as obras da reedificação dos alpendres da rua da Fonte da Carcova, hoje dos Capellistas, existentes nas trazeiras da casa que ha dois annos se construiu e que ora é occupada pela Associação Catholica.

A aula de physica do Seminario está estabelecida na extincta sacristia do tempo dos Jesuitas, sem prejuiso da pintura do tecto com arabescos e emblemas, e em volta d'estes os seguintes dizeres allusivos:

HOC TECTVM EST CÆLVM : SVNT SIGNA EMBLEMATA :
PHŒBVS LOYOLA : HIC VITÆ SOL TIBI SIGNA DABIT

S · IGNATII SEPVLCRVM STELLIS ILLVSTRATVR ·
SOLIS IN OCCASV COLLVGENT SIDERA

SIC POST MORTEM VISVS EST CŒLVM ADIRE
CVRRVS ET EQVI IGNEI RAPVERVNT ELIAM

—

S. IGN · NON PATITVR DE PINGI
MAIOR QVAM PINGI DICI VE QVEAT

—

S. IG · EXCLAMATIO : SORDET TERRA CVM CŒLVM
ASPICIO PRÆ CŒLO NVLLA VENVSTAS SOLO EST ·

—

S. IG · LVDENDO HOMINEM AE DEVM LVCRATVR
LVCRATVR VTERQVE ·

—

S. IGN · A CALVMNIIS CLARIOR
SOLEM NVLLA SAGITTA ET ERIT ·

—

S. IGNATII CONVITIATOR CREMATVR
DVM PREMIT OPPRIMITVR

—

S. IG · BACVLO AB IGIT DAEMONES
HAC VMBRAS IN TARTARA MITTIT ·

—

S. IG · VT AD CONFESSIONEM DVCAT SACERDOTE
EI CONFITETVR ELECTITVR VT CAPIAT ·

—

S. IG · AD LABORANDVM GRATIS SOCIETATEM
OBLIGAT ABSQVE OLEO ILLVMINAT ·

—

S. IG · SOCIETATI DIGNITATES INTERDIXIT
NEMO QVIDEM SAPIENS REGIA SCEPTRA PETIT

—

S. IGN · MITTIT IN INDIAM S. F · XAVERIVM
VADE..... AGE NATE····

—

S. IGN · ZELVS ANIMARVM IGNEM
VENI MITTERE IN TERRAM ·

—

S. IG · EVINCVLIS MAIORE TERVORE CONSIGNATVR
ALTIVS HINC VOX INTER CLVSA SONAT ·

—

...AD FIRMANDAM SOCIETATEM NOV··· DLEGIT
.......PROPTER DECEM ·

—

S. IG · SOCIETATI · NON SVVM, SED IESV NOMEN
IMPONIT · NON NOBIS DOMINE, SED NOMINI
TVO DA GLORIAM.

S. IGNATII STINA: AD MAIOREM DEI GLORIAM
HAEC CVN OSVRA MIHI.

—

S. IG · PRO ANIMARVM SALVTE IN VINCVLA
CONSICITVR DANT VINCLA DE COREM ·

—

S. IG · AQVIS ME—SUS TVRREM IN
IVVENTE AMOREM EXTINGVIT ·
VNDA DEDIT ERAM AS ET DEDIT IGNIS AQVAS

—

S. IG MATVRVS · · · · MVLTVM IN LITERIS
PRO TE EGIT SERIS PROFICIT ANNIS ·

—

S. IG · VVLTVS CÆLESTI LVCE RADIAT
QVIT MIRVM ET · · · · AT IGNIS ·

—

S. IGN · HÆRESIS PRO TE LIGATOR
SOLO IGNAE TRIVMPHAT

—

S. IG · ECCLESIAE SVSIDIVM
EGO F · · · O EI MVRVS IGNIS

—

S. IG · ROMAE REGENS TOTVM ORBEM ILLVMINAT
STANS EIXVS CIRCVIT ORBEM ·

O orgão. construido sob a direcção do organeiro bracarense sr. Augusto Joaquim Claro e com o auxilio do rev. padre Kempf, inaugurou-se no dia 25 de junho de 1898. Tem dois teclados de pedal e dois de mão, para dois organistas, 29 jogos e 2:038 tubos de madeira e de metal.

O organista fica voltado para a capella-mór; e o orgão, que se considera o primeiro do paiz, é pneumatico e compõe-se de 211 folles, 6 dos quaes movidos por motor a gaz.

*

Ao centro do largo de S. Thiago, em frente do Seminario, existe um chafariz em fórma de obelisco encimado pela cruz primacial, construido em 1745. Desde 1623 esteve esta fonte na extremidade poente do referido largo, á entrada da rua dos Pellames.

EGREJA DE SANTA CLARA (GUIMARÃES)

Esta egreja está situada a meio da rua de Santa Maria e pertence ao Seminario que em 8 de outubro de 1893 se installou no edificio contiguo, extincto convento de Santa Clara. E' fundação do conego mestre-eschola Balthazar de Andrade que lhe lançou a primeira pedra no anno de 1548. [1]

A entrada das religiosas no convento effectuou-se em 1562, no dia da Santa matriarca, mas a actual fachada do edificio, de trabalhosa esculptura, construiu-se em 1741.

Ha no corpo da egreja tres altares: — Gruta de Lourdes, Senhor dos Passos e Coração de Jesus.

O convento e a egreja foram cedidos á Insigne e Real Collegiada, por decreto de 19 de agosto de 1893, para o Seminario creado pela carta regia de 8 de janeiro de 1891, reorganizadora da mesma Collegiada.

No dia 8 de dezembro do referido anno de 1891 teve logar a abertura do Seminario, com internato, no palacio dos D. Priores e aulas na casa n.º 20 da antiga rua Escura. A 27 de agosto de 1893 tiveram principio as obras no arruinado convento, onde a 8 de outubro immediato se effectuou a installação do internato e aulas. E' datado de 16 de setembro de 1896 o decreto que organizou o Seminario em Lyceu Nacional.

SYNCHRONISMOS DO SECULO XVI

O frade Augustiniano allemão Martinho Luthero, natural de Eisleben (Thuringia), nomeado em 1508 professor de dialectica na Universidade de Witemberg, fundou em 1517, quando contava 25 annos de edade, a egreja protestante que aconselhava aos christãos o estudo e a interpretação das Sagradas Escripturas. Tomou esta resolução por se revoltar contra as indulgencias que Leão X estabeleceu para occorrer ás grandissimas sommas que dispendia com a construcção da egreja de S. Pedro, em que Miguel Angelo revelou notavel talento na arte do desenho.

A primeira sessão do Sacrosanto Ecumenico e Geral Concilio Tridentino, celebrou-se a 13 de dezembro de 1545. Ordenou-se então que os Prelados residissem nas suas egrejas «como melhor meio de emendar os costumes depravados do clero.»

---

[1] Oliveira Guimarães, *Convento de Santa Clara.*

O cap. VII da sessão XXI dá faculdade de «converter as egrejas pobres ou destruidas em usos profanos, decentes, levantando ahi uma cruz.» No cap. VII da sessão XXII (17 de setembro de 1562): «O sacerdote deve lançar agua no calice quando offerece, porque no Apocalypse de S. João, os povos são comparados ás aguas e d'este modo fica representada a união dos fieis.»

A denunciação dos contrahentes do Matrimonio principiou a ser feita logo que foi resolvida a 11 de novembro de 1563.

N'este seculo principiou o registo parochial de baptismos. Em Lisboa já se achava estabelecido pelas Constituições de 25 de agosto de 1536, anteriormente á convocação do Concilio Tridentino que na sua sessão XXIV — *De reformatione matrimonii, cap. I,* impoz aos parochos a obrigação de possuirem um livro em que escrevessem os nomes dos conjuges e das testemunhas, e os nomes dos padrinhos do baptismo para se conhecer o parentesco espiritual. No VIII seculo não era ainda commum o baptismo por infusão; mas o parentesco espiritual que d'este Sacramento resulta, era observado com o maximo rigor, o que hoje mal póde ter logar em virtude da facilidade com que muitas pessoas se prestam ao encargo, contando dezenas de afilhados vivos.

Eguaes encargos pertenciam aos padrinhos e madrinhas que se davam a quem recebesse o Sacramento da Confirmação.

Começou com a egreja o uso de padrinhos no baptismo para se evitar que os paes, tão expostos ao martyrio, deixassem ao desamparo os filhinhos. Então as *fontes baptismaes* tinham degraus de pedra, pois ficavam inferiores ao pavimento. Por elles ainda no seculo XIV desciam os catechumenos, para serem solemnemente baptisados no sabbado de alleluia. Tambem as creancinhas, nascidas de paes christãos, eram baptisadas pela Paschoa do anno em que nascessem ou do seguinte, prolongando-se esta ceremonia, quando o numero de baptisados fosse grande, desde a terceira Dominga da quaresma até á sexta-feira anterior a Dominga *in albis*.

A sahida da egreja para o baptisterio ou fonte, que era um edificio contiguo, effectuava-se processionalmente, encorporando-se n'ella o clero e muito povo, e atravessava sempre o claustro ou o cemiterio (Gallilé), procedendo se em seguida ao *escrutinio*. Este acto practicava-se annualmente, ainda mesmo não havendo catechumenos, sendo hoje entre nós representado pela benção da *fonte baptismal* no sabbado de alleluia.

Em 1596 decidiu-se «que cada pia de baptisar pagasse de Synodatico 800 réis, todas as vezes que se fizesse Synodo.»

No anno de 1590 instituiu Gregorio XIV a Bulla da Santa Cruzada «para a propagação do Evangelho nas terras de infieis, erigir e ornar egrejas, educar e manter missionarios.»

Até ao seculo XIII os sellos tiveram o nome de Bullas por se

parecerem na configuração com as bôlhas d'agua *(Bullae)*. Só depois foi dado este nome aos diplomas Pontificios que tinham sello pendente feito de ouro *(Bullas aureas)*, ou de prata *(Bullas argenteas)*, como se usavam anteriormente ao christianismo.

As Bullas vulgares, usadas pelos Papas depois de Constantino conceder a paz á egreja, pertencia o sello de chumbo ou cera. O de chumbo apparece nas de S. Gregorio Magno, S. Leão I e S. Silvestre com o nome impresso. Parece que Clemente VI apenas lhes consentia, em logar das cabeças de S. Pedro e S. Paulo, as cinco rozas do brazão de familia.

N'este seculo XVI advertiu-se ao povo «que as imagens não teem em si virtude alguma, que lhes seja propria, e que só se expõem nas egrejas para excitarem no espirito a lembrança de Jesus Christo e dos Santos, a fim de se moverem a imital-os por este meio; que se dê a Deus um culto de adoração e perfeita devoção, e aos Santos um culto de honra e simples veneração, por serem amigos de Deus».

Não obstante porém esta advertencia (sempre a herança do velho paganismo!) numerosissimos individuos observam a religião christã do modo mais accommodado ás suas conveniencias, sem aquelle espirito de caridade que a sã doutrina de Jesus Christo aconselha. Salva-os a intenção, que é boa, pois tambem por cá temos frequentes casos como o que se deu com o historiador inglez Hume que, por ser considerado heterodoxo, não foi promptamente soccorrido por uma mulher de Edimburgo que o viu cair d'uma ponte provisoria sobre um montão de lôdo. E só lhe prestou auxilio depois de o obrigar a resar em voz alta o credo!

Adoram-se as imagens sagradas como o paganismo adorava os idolos, julgando-se que existe dentro d'ellas o ser que representam; prégam-se alfinetes nos habitos dos defuntos; lançam-se punhados de terra nas sepulturas e adornam-se estas com flôres e luzes; esconjuram-se graves doenças procurando á meia noite as pontes construidas pelos mouros e, apoz umas benzilhices em que entra o nome de Jesus e da Virgem, lançam-se ao rio tres punhados de sal e meio alqueire de painço para que o diabo fique longo tempo a contar as sementes emquanto o doente foge a toda a pressa para casa, e acredita-se na existencia de almas penadas que vém aconselhar a divisão do seu espolio e umas restituições engendradas, *pro domo sua*, por impostores emeritos.

Ha mesmo individuos illustrados que n'estas questões de fé manteem e defendem o que aprenderam na infancia ou seguem o que em geral se adopta. Com difficuldade se lhes fará crêr, por exemplo, que é erronea a interpretação geralmente dada ás seguintes passagens do Evangelho: «Faze o bem com a mão direita, de modo que não o veja a esquerda».

«Acautelae-vos de fazer as vossas acções boas perante os homens a fim de serdes vistos por elles».

Deste modo, quantos não vão a deshoras, com receio de serem vistos, enchugar lagrimas amargas e reanimar corações desalentados pelos horrores da miseria! Recebem, é certo, o premio consolador do bem que fazem, mas auxiliam involuntariamente a impostura de muitos que se dizem esmoleres como elles, e prejudicam assim os pobresinhos.

O grande Santo Agostinho diz: «Se temes espectadores, não terás imitadores».

Apregoemos, pois, as nossas boas acções, para que o exemplo fructifique, e occulte-se apenas a intenção como o Evangelho aconselha.

«Veja o mundo as vossas obras boas, afim de dar gloria ao Pae do céu».

EGREJA DO POPULO (BRAGA)

Está situada ao poente do referido *campo da Vinha*. A sua construcção deve-se ás divergencias havidas entre o Arcebispo D. fr. Agostinho de Jesus e o Cabido de Braga que não lhe consentiu a fundação de uma capella na Cathedral para seu jazigo.

Por isso escolheu a *Vinha de Santa Eufemia*, actual campo de D. Luiz I, onde no anno antecedente fundára o convento do Salvador, e alli fez construir a egreja e convento da Ordem de Santo Agostinho, lançando-lhe a primeira pedra no dia 3 de julho de 1596. A primitiva fachada da egreja, d'um gosto simples e sem torres, erguia-se onde agora encosta o anteparo. A torre de então vê-se ainda nas costas da egreja, faltando-lhe a elegante cupula que uma faisca destruiu.

A actual fachada, muito elegante e com duas torres, é composta das Ordens architectonicas Toscana e Jonica, e foi levantada a 6 metros de distancia da primitiva, no anno de 1730, empregando-se na sua construcção a pedra que sobrou da obra do augmento do Seminario, que para esse fim obtivera provisão regia e auctorização para demolir a torre de Santo Antonio que era uma das portas da muralha da cidade.

A egreja fecha toda em abobada de pedra e tem no corpo 6 altares collateraes em amplas capellas. Ao lado direito do anteparo venera-se uma formosa imagem de Christo na Agonia, tamanho natural, e ao lado esquerdo Nossa Senhora da Correia.

Na capella-mór, lado do Evangelho, está mettido em arco aberto na parede o tumulo do fundador, feito por ordem do go-

verno em 1628, ficando-lhe fronteiro o do seu successor D. fr. Aleixo de Menezes.

O extenso convento, que mede 5814 metros quadrados, é quartel militar de infanteria n.º 8, desde 27 de fevereiro de 1841. Na grande cerca, actualmente propriedade particular, ainda se podem ver, em estado de abandono, as sete capellinhas ligadas por uma escadaria de pedra, nas quaes se representa a *via-sacra* em grandes imagens de barro.

Ao centro da sacristia da egreja ha uma meza de marmore escuro que assenta sobre uma pedra sepulchral onde se lê:

AQVI JAZ D · FR · ANT.º
DOS ST.ºˢ BISPO DE
NICOMEDIA RELIGI
OSO DE ST.º AG.º

Da parede pendem 5 quadros em relevo, dourados, representando milagres de Santo Antonio.

A estes pertenciam os 11 que hoje existem coloridos na capella da Praça Municipal.

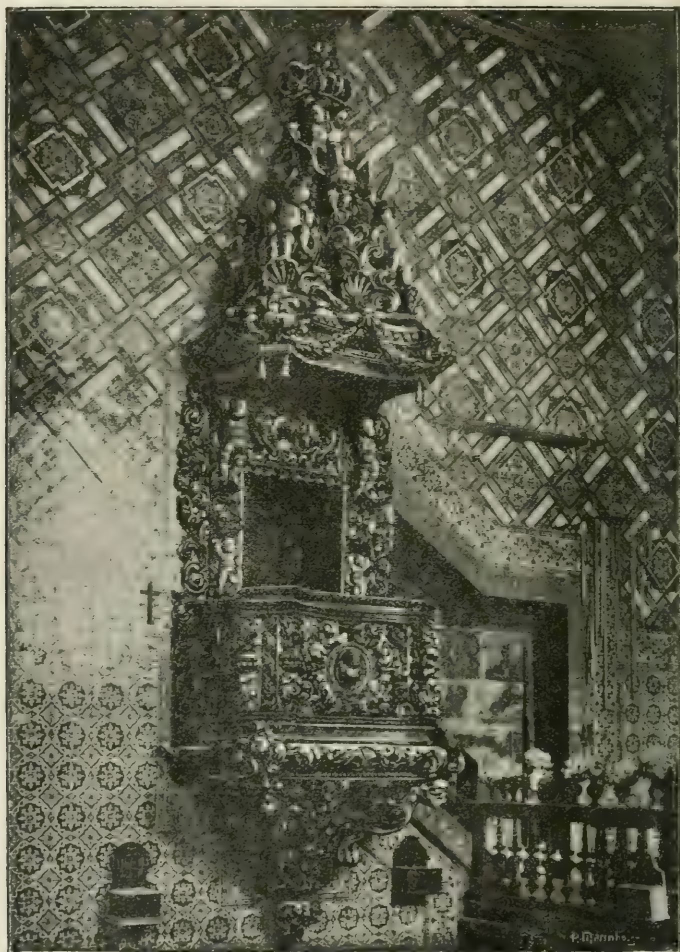
A irmandade da SS. Trindade foi para aqui trasladada da Sé no dia 24 de agosto de 1868. Na antiga rua das Conegas, que lhe fica proxima, fundou o Arcebispo D. João Peculiar, em 1140, um convento de freiras Augustinianas (conegas). Hoje apenas nos resta o nome que d'ellas ficou á rua.

EGREJA DO SALVADOR (BRAGA)

O Arcebispo D. fr. Agostinho de Jesus (1587-1609) vendo o antigo *campo da Vinha* transformado em vastissimo largo da cidade, por effeito da troca e emprasamento que se effectuou aos 3 de dezembro de 1508 entre o Alcaide-Mór de Braga, Affonso da Costa, seu proprietario, e o Arcebispo D. Diogo de Sousa que lhe cedeu diversos fóros e outras propriedades sitas na Veiga de Penso, mandou construir no referido local um mosteiro denominado do Salvador para ser habitado pelas religiosas benedictinas do convento de *Victorino das Donas,* (Ponte do Lima). A primeira pedra da egreja foi lançada á terra em 1595.

O convento era apenas a parte que corre ao poente da egreja. Em 1734 construiu-se o novo dormitorio e casa para os capellães, entre a capella-mór e o actual edificio do collegio Inglez, comprando para este fim as religiosas duas moradas de casas com quintaes que n'aquelle sitio havia.

O tecto do corpo da egreja é todo apainellado com 40 magnificos quadros representando a vida de Jesus e da Virgem. A talha da tribuna e do pulpito, que data de 1736, é de grande merecimento, bem como o azulejo que decora as paredes interiores, representado na seguinte gravura do pulpito:



O portico, voltado ao sul, é puramente Jonico, muito elegante, com suas columnas de caneluras e duas imagens de pedra representando Santa Escholastica e S. Bento. No alto ha um ni-

cho com a imagem do Salvador e por baixo a inscripção seguinte:

SALVA NOS SALVATOR MVNDI
DE VICTORINO AVGVSTINVS TRANSTVLIT OLIM. 1602
STRVXIT AB ALMEYDA DOMNA MARIA MODO. 1616.

Falleceu no dia 7 de fevereiro de 1893 a ultima freira professa D. Thereza Maxima do Espirito Santo, sendo sepultada na campa n.º 382 do cemiterio publico. Todo o edificio passou então para a posse da Fazenda Nacional que depois o cedeu ao Asylo de Mendicidade, actual possuidor.

N'este campo, quasi ao principio da rua do Carmo, ha um elegante chafariz construido em 1721.

No mesmo sitio da casa da esquina, pertencente á familia do fallecido dr. Antonio Vieira d'Araujo, tiveram os frades benedictinos de Tibães o seu Hospicio.

Tambem alli esteve a capella de Nossa Senhora do Amparo.

EGREJA DO CARMO (BRAGA)

Esta egreja está situada no principio da rua do mesmo nome. A obra da construcção teve principio no dia 4 de maio de 1654, logo depois de os religiosos largarem ao Cabido o campo do Carvalhido, em S. Martinho de Dume, e o campo da Deveza, em Urjaes, pela cedencia do campo de Santa Eufemia, na rua do Carvalhal, assim como de umas casas terreas para se edificar o convento.

No dia 22 de outubro de 1655 os religiosos trasladaram-se processionalmente para este seu novo convento, d'umas casas do largo das Carvalheiras, (agora matadouro Municipal), nas quaes no 1.º de fevereiro de 1635 tinha sido fundado pelo seu primeiro prelado fr. José do Espirito Santo, natural de Braga, o primitivo convento.

A egreja tem quatro altares collateraes em arcos, que se communicam interiormente, mais dois aos lados do arco cruzeiro, e a capella do Sacramento com porta para a capella-relicario onde se admiram mais de mil reliquias de santos, distribuidas pelas quatro paredes interiores, e entre ellas apreciaveis trabalhos de pintura em pergaminho, em vidro, em cobre, desenhos a matiz e pequenas esculpturas de santos. Esta capella que Pio VII indulgenciou, foi grandemente venerada pelos frades. Tem ao centro

uma sepultura de marmore que encerra os restos mortaes do 1.º conde de Vinhaes.

Os venerandos restos do milagroso *fradinho* guardam-se em campa raza, de marmore, junto da capella-mór. Tem esta inscripção a referida campa sobre que arde uma luz permanente, não obstante a prohibição do Arcebispo em 17 de dezembro de 1866:

AQVI JAZ
O R.MO FR · JOÃO
D'ASCENÇÃO NEIVA
RELEGIOSO CARMELITA
DESCALÇO
NASCEV A 26 D'OVTVBRO DE
1787
FALECEV A 16 DE MARÇO DE
1861

E' construida de marmore a curiosa escada suspensa que conduz ao pulpito.

EGREJA DE S. DAMAZO (GUIMARÃES)

Está situada á entrada da rua do mesmo nome em terreno que foi de Diogo de Miranda d'Azevedo e que a irmandade das Chagas comprou em 1625.

Construiu-se por disposição testamentaria do Abbade de Santa Comba de Regilde, rev. Lucas Rebello, que em 9 de junho de 1609 instituiu sua universal herdeira a irmandade das Chagas e Cordão de S. Francisco. A fachada, com uma torre á direita, é de gosto bastante simples; mas interiormente esta egreja recommenda-se pela riqueza da talha dos quatro altares collateraes e da tribuna, onde se venera a pequena imagem de N.ª S.ª da Penha de França que outr'ora teve capella propria no largo do Carmo (hoje de Martins Sarmento) e da qual ainda existe, a fazer parte do muro da quinta do Bringel, uma janella crucifera interessante.

Lucas Rebello tambem dispoz que se construisse unido á egreja o hospital que lá se vê, para serem recolhidos nelle ecclesiasticos pobres e os seculares indigentes da freguezia de Santa Comba. Durou esta obra muitos annos e parece que se refere ao começo da capella-mór a data gravada no primeiro degrau do altar: ANNO DOMINI — M.DC.XXXVI.

Em pequeno arco aberto na parede interior do lado direito da capella-mór, está o sarcophago de granito em que se guardam as

cinzas do benemerito fundador. Mede $1^m,05$ de comprido por $1^m,20$ de alto, e tem na frente esta inscripção:

RE-BELLVS LVCAS ABBAS QVI REXERAT OLIM
REGILDAE TEMPLV, CONDITVS HOCCE JACET
IPSE SIBI TVMVLV DAMASO QVOQ CONSTRVXIT
AEDEM.
IACTITE VT NATOS PATRIA TANTA DVOS.
IAM QVOD PASTOR OVE CAELESTI SEDE LOCAVIT
PASTOREM TEMPLO GRATA REPONIT OVIS.
RENOVADA
NO ANNO DE 1825

Junto da sacristia construiu se a expensas do commendador Manuel José Teixeira uma pequena capella de S. Sebastião, benzida no dia 20 de janeiro de 1896. Venera-se n'ella uma nova imagem do glorioso martyr, tamanho natural, primorosamente esculpturada em madeira.

Ao lado direito da porta principal havia uma cruz de pedra com o Christo pintado a oleo e resguardada por uma caixa de madeira. Foi ha annos apeada a despeito da grande veneração dos visinhos que todas as noites lhe accendiam uma luzinha d'azeite.

EGREJA DOS CAPUCHOS (GUIMARÃES)

No dia 2 de janeiro de 1663 o D. Prior de Guimarães D. Diogo Lobo da Silveira lançou á terra junto do altar-mór a primeira pedra d'esta egreja e convento dos frades capuchos da Piedade, tudo construido a expensas dos devotos e da contribuição de 7 réis que os frades foram auctorizados a cobrar por cada arratel de lombo que em Guimarães se vendesse. Uma provisão real tambem lhes concedeu para a obra toda a pedra dos Paços do Conde D. Henrique!!!

Esta concessão ainda hoje, volvidos mais de dois seculos, faz córar de vergonha quem ama as glorias da patria.

Na sessão camararia de 31 de janeiro de 1666, o povo de Guimarães protestou contra esta concessão absurda e estupida, mas os vandalos levavam já bastante adeantada a obra destruidora, e lá foram para a alvenaria d'um convento aquellas muitas paginas de pedra pertencentes ao livro mais precioso da historia nacional!

Dois annos depois, a 29 de julho de 1668, os frades entraram solemnemente n'este novo convento.

Ao centro da capella-mór da egreja ha uma lapide funeraria ellíptica com esta inscripção:

AQVI JAZ FREI
LVIZ DO PORTO
OV DAS CHAGAS
FALESCIDO A 21 DE
JAN. DE 1797 E
TRESLADADO PA
RA ESTE LVGAR
A 13 DE JVLHO
DE 1806

Tem aos lados da tribuna Composita as imagens de S. Francisco e Santo Antonio, e junto do arco os altares da Virgem das Dores e do Coração de Jesus.

No claustro ha grandes quadros representando a vida e milagres de Santo Antonio. Um d'estes, sem duvida o mais digno de attenção, mostra o thaumaturgo portuguez no inferno a colher de João de Moreno uma tira de papel (um recibo!) com estes dizeres curiosos:

RECEBI
DESSE MEV
FEITOR TV
DO Q.^TO LHE PE
DEM MEVS ER
D.^OS E POR VERDA
DE PACCEI ES
TE E ME ASIG
NO. INFERNO
7 DE MAIO
1363
JOÃO DE MORENO

A irmandade da Mizericordia comprou á Fazenda Nacional este convento e egreja por 1:600$000 réis, em 13 de julho de 1842, e installou alli o seu hospital recebendo nelle os primeiros doentes em julho do anno immediato.

As grandes obras a que se procede, iniciaram-se com o lançamento da primeira pedra pelo D. Prior de Guimarães D. José Francisco de Paula d'Almeida, no dia 1 de julho de 1861.

EGREJA E CONVENTO DAS CAPUCHINHAS (GUIMARÃES)

A pequena distancia da egreja dos Santos Passos, no campo do Gallego, que foi pertença de Francisco de Sousa da Silva, iniciou o commissario da Ordem Seraphica, fr. Francisco do Salvador, a construcção da actual egreja e convento da Madre de Deus, no anno de 1681, concluindo-se toda a obra anteriormente ao dia 4 de abril de 1683, dia em que as religiosas do recolhimento da rua do *Valle de Donas,* alli fizeram a sua entrada solemne, regidas por Catharina das Chagas, que a 13 de maio de 1694 foi sepultada em Carauz (Pamplona).

Decorridos 22 annos, o Arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles, que obtivera de Clemente XI um Breve, nomeou primeira abbadessa sua irmã D. Luiza Maria da Conceição.

A egreja é bastante soturna e humida. No altar que fica ao lado esquerdo do arco, são muito veneradas as imagens da familia sagrada, esculpturadas em Lisboa e offerecidas pelo vimaranense padre Luiz Antonio da Costa Pêgo, capelião de D. João V, sendo collocadas no logar que ora occupam a 25 de julho de 1748.

EGREJA E CONVENTO DO CARMO (GUIMARÃES)

A edificação d'esta egreja e convento, na rua de Santa Maria, com frente para o largo de Martins Sarmento, teve principio no dia 26 de março de 1685, e crê-se que a expensas do mercador Francisco Antunes em honra de Santa Thereza.

As recolhidas eram carmelitas calçadas e o convento foi posteriormente denominado de S. José, tendo ainda sobre a porta um nicho com a sua estatua em pedra. O Arcebispo D. José de Bragança mandou construir a capella-mór. Por fallecimento da ultima freira professa, em 1854, o governo cedeu a egreja á irmandade do Carmo, hoje Ordem Terceira, e por decreto de 30 de maio de 1860, cedeu o convento para n'elle ser fundado o Asylo de Santa Estephania, que se inaugurou ao cabo de 3 annos.

As grades de madeira dourada que vedam a capella-mór, as duas mesas que estão aos lados do altar, e a tribuna, que foi da egreja da Costa, merecem a attenção dos peritos.

Em frente d'esta egreja ergue-se o antigo chafariz do Toural que tem a data de 1583. E' de elegante esculptura, perfeitamente igual ao do campo do Salvador, em Braga.

EGREJA PAROCHIAL DE S. VICTOR (BRAGA)

Está situada em plano superior, á margem esquerda da rua do mesmo nome, e foi construida em 1686, a expensas do Arcebispo D. Luiz de Sousa, como o indicam as suas armas, e as duas inscripções lapidares embebidas aos lados da porta principal:

D. LVDOVICVS A
SOVSA ARCHIEPIS
COPVS AC DÑS BRA
CHARENSIS HISPA
NIARVM PRIMAS RE
GLÆ MAIESTATIS AS
TATVS CONSILIIS

TEMPLVM HOC VE
TERI FERE COLLA
BENTE A FVNDAMEN
TĩS EREXIT ET DI
VO VICTORI DICA
VIT ANNO INCARNA
TIONIS DOMINI · 1686

A architectura da fachada pertence á ordem Jonica.

Nas paredes da anterior egreja appareceu uma lapide sepulchral romana que se empregou na construccão da actual, onde deve estar coberta de cal, ao lado norte. Diz a inscripção:

IVLIVS PILIDES
ORESTES
H · S · E

(Julius Pilides Orestes, hic situs est).

A origem d'esta egreja matriz é antiquissima.

O clerigo Vasco Mendes doou a S. Martinho de Dume, em 565, a sua *quinta de S. Victouro,* impondo-lhe a obrigação de crear alli um mosteiro com capellães. A egreja foi depois reedificada em 1031 por um padre Nuno Forjaz. Em 1096 o seu padroeiro Nuno Soares doou o mosteiro ao Arcebispo S. Geraldo. D. Payo Mendes (1118-37), reedificou e sagrou a egreja, tomando o titulo de *Abbade de S. Victor,* transmittido a todos os successores por confirmação do Papa Eugenio III, como se lê na respectiva Bulla existente no Archivo da Mitra: — *Ecclesiam Sancti Victoris cum Villa sua*—datada de 1148.

EGREJA DOS CONGREGADOS (BRAGA)

No lado sul do campo de Santa Anna ergue-se magestosa esta egreja de construcção arrojada como nenhuma outra de Braga.

Em 13 de fevereiro de 1686, cento e onze annos depois de S. Filippe Nery instituir em Roma a Congregação do Oratorio, o Arcebispo D. Luiz de Sousa concedeu ao padre José do Valle, (pouco depois fallecido e substituido pelo companheiro rev. Manuel de Vasconcellos) licença para fundar em Braga uma filial da Congregação de Lisboa. Este comprou então no campo de Santa Anna uma morada de casas e quintal, principiando por um pequeno hospicio onde em breve foram admittidos mais de vinte padres, sendo por isso necessario comprar, junto d'aquella, outras moradas de casas e terrenos onde finalmente foi lançada pelo Arcebispo a primeira pedra para a egreja a 16 de outubro de 1689.

O papa Alexandre VIII concedeu a confirmação em 13 de setembro de 1690 e isentou-a da jurisdicção parochial, obtendo elles de D. João V o regio beneplacito.

A porta principal, á distancia de 117 palmos e meio da extincta capella de Santa Anna [1], teve principio em 1739; e em maio de 1765 concluiu-se toda a fachada. Nos annos de 1783-84 fez-se o retabulo da capella-mór e foi estucada a egreja.

Aos lados do arco e a toda a sua altura, tem quatro grandes nichos com estatuas de granito representando David, Abraham, Jacob e Isaac.

Os primitivos altares collateraes são oito.

Ha porém mais dois nas portas que ficam aos lados do anteparo.

Sobre uma porta interior da sacristia ha um bello quadro em tella, representando o *Agnus Dei*, obra de muito merecimento.

Indicou-m'o o sr. José Maria d'Albergaria Guerra, muito digno chefe dos serviços telegrapho-postaes do Districto de Braga.

A egreja pertence á irmandade de Nossa Senhora das Dores, cuja imagem foi alli collocada no dia 18 de janeiro de 1761, tendo sido esculpturada pelo padre Martinho Pereira, nascido aqui em Braga, no anno de 1723 e fallecido a 7 de agosto de 1795.

Diz se que por falta de recursos pecuniarios não pôde ser construida a torre do lado esquerdo.

E' inacreditavel que para a conclusão de um edificio grandioso, como este, não se pudesse então e não se possa ainda hoje conseguir do publico bracarense a verba indispensavel.

O edificio do convento e cêrca pertencem, por lei de 13 de julho de 1841 e 2 de dezembro de 1844, á bibliotheca publica, (organisada com os livros de muitos conventos e inaugurada em 1857), e ao lyceu, que desde 1840 funccionava no Seminario de S. Pedro, tomando posse a 11 de julho de 1845, e abrindo pela primeira vez as aulas no dia 15 de outubro.

---

[1] Esta capella principiou a ser demolida no dia 6 de agosto de 1769.

Desde o violento incendio do Paço Archiepiscopal, em 1866, todas as repartições publicas passaram para o edificio dos Congregados e alli se conservaram até que se adquiriu o palacete dos Falcões, no campo de S. Thiago, onde se acha installado o Governo Civil, Repartição de Fazenda Districtal, Policia Civil, Commissão Districtal e a Agencia do Banco de Portugal.

*

Sobre um milliario do campo das Carvalheiras vê-se esta inscripção:

SACELLVM.HOC.SIMVL.ET.PLATEAM.IN.QVA.ARBORES.
VETERESQVE.VINEAE.ANTEA.ERANT.FECIT.DIDACVS.DE.
SOVSA.ARCHIEPISCOPVS.ATQ.DOMINVS.BRACAREN.
HISPANIARV.PMĀS.IDQ.MONVMĒTA.ROMANORV̄.QVAE
STARE.VIDES.DISPERSI.REPERTA.OB.BRACARAE.AVGVS
TAE.MEMORIA.ERIGI.IMPERAVIT.ANNO.DNI.1506

Refere-se á construcção da extincta capella de Santa Anna que D. Diogo de Sousa fez construir e junto da qual reuniu varios milliarios romanos.

Tambem D. Rodrigo de Moura Telles, em 1725, fez remover para alli outras lapides que D. Rodrigo da Cunha conservára nos jardins do Paço.

EGREJA DE S. FRANCISCO (BRAGA)

A Ordem Terceira da Penitencia foi aqui fundada por fr. Francisco do Salvador, Commissario do convento dos Menores Regulares de Guimarães, no anno de 1669, sendo seu primeiro Juiz o padre João de Oliveira Carrilho e installando-se na capella de S. Francisco das Chagas, na Sé, que era o terceiro altar da

nave do Evangelho, hoje dedicado a Nossa Senhora do Loreto. Ao cabo de 5 annos mudou-se para a capella do Espirito Santo do Hospital de S. Marcos, e em 7 de maio de 1690 deu principio á sua egreja na extremidade da rua da Fonte da Carcova (Capellistas), onde lhe foram doadas duas moradas de casas.

Dispendeu 94$000 réis na compra de mais tres moradas contiguas que demolira, e em 1712 foi benzida a egreja pelo Deão D. Francisco Pereira da Silva, da nobre casa dos Biscainhos, o qual sendo Abbade titular da freguezia de S. Eulalia de Tenões, chamou a si a administração do Sanctuario do Bom Jesus do Monte quando notou que a devoção augmentava e com ella os rendimentos.

A torre, que teve principio com a capella-mór em 1722, concluiu-se em 1733, dispendendo se com uma e outra 1:270$000 réis.

Aos lados da porta principal tem estas inscripções:

TEMPLO DA SAGRADA
ORDEM TERCEIRA DA
PENITENCIA Q INSTI
TVIO O SERAFICO P · S ·
FRANCISCO PRINCIPI
ADO A 7 DE MAYO 1690

FEITO Á CVSTA DOS FI
LHOS SECVLARES DA
MESMA ORDEM AIVDA
DOS DA PIEDADE DOS
FIEIS Q CONCORRERAO
COM SVAS ESMOLAS ·

A fachada remata com a estatua da Virgem da Conceição esculpturada em granito.

EGREJA DE S. VICENTE (BRAGA)

No alto da rua do mesmo nome, em ponto elevado, reconstruiu-se pela segunda vez esta egreja no anno de 1691. A fachada de esculptura trabalhosa, remata com a estatua de S. Vicente, em granito, dentro de um nicho encimado pela cruz pontifical. Na parede interior da sacristia estão embebidas tres preciosas inscripções lapidares, alludindo a mais pequena ás indulgencias da Sé Lateranense concedidas á capella de S. Vicente.

A do lado esquerdo diz que a wisigothica, de que me occupo a pag. 25, appareceu nos alicerces da antiga egreja, quando em 1565 foi reconstruida.

A egreja tem exteriormente aos lados da porta principal estas duas inscripções:

MEMBRO DA SACROSANTA
IGREIA LATERANENSE
DE CVIOS PRIVILEGIOS
GOZA COM OBRIGAÇAM
DE DVAS LIBRAS DE CERA
PAGAS EM ROMA CADA
ANNO DESDE A ERA DE
1598

AQVI SE GANHAM COPI
OSAS INDVLGENCIAS VI
SITANDO ESTA CAPELLA
DEDICADA A S · VICENTE
NA ERA DO SENHOR DCLVI ·
REEDIFICADA EM MDLXV ·
E TERCEIRA VEZ FVNDADA
1691

A irmandade de Santo Homem Bom, creada para venerar a imagem que esteve no oratorio da *Porta Nova*, uniu-se á de S. Vicente no anno de 1783.

EGREJA DE SANTA CRUZ (BRAGA)

(Vide grav. a pag. 193.)

Dos cruzeiros que o Arcebispo D. Diogo de Sousa fez distribuir pelos differentes largos da cidade, ficou um entre as ruas de S. Marcos, Anjo, e largo dos Remedios, denominado *cruz de S. Marcos,* ao qual o mestre eschola padre Jeronymo Portillo creou certa devoção de que se originou a fundação da confraria do *Bom Jesus da vera cruz*, no anno de 1581, instalando-se provisoriamente, por obsequio, na velhissima capella de S. Marcos que então existia onde hoje está a egreja e hospital da mesma invocação. Foram instituidores, além do padre Portillo, os seus alumnos Pedro da Grã Botelho, Francisco Gomes, Antonio Martins Tinoco, João Dias Leite e outros.

Em 1592 foram alterados os estatutos e cinco vezes reformados — em 1630, 1664, 1702, 1720 e 1762.

No anno de 1617, como consta do livro 1.º das Memorias, resolveu-se a edificação da egreja «aonde se hão de gastar mais de dois mil crusados», comprando se para esse fim algumas casas na rua do Anjo, para que a obra pudesse occupar parte do espaço denominado *Castello Rodrigo*, onde então ainda havia restos d'uma torre da muralha romana de que se encontram vestigios na quinta do Avellar.

Oito annos depois, em 1625, o Arcebispo D. Affonso Furtado de Mendonça procedeu á benção do terreno, dando se immediatamente principio á obra que, por decorrer morosissima, fôra impulsionada pelo referido Arcebispo com a licença que concedeuaos officiaes de pedreiro para cortarem a pedra nas tardes dos dias santos de guarda.

D. Sebastião de Mattos de Noronha (1636-41) ordenou a remoção do cruzeiro para as proximidades da capella de Santa Justa e ponte dos Pellames, onde ainda hoje se vê com uma cavidade no globo que encima a fragil columna e que primitivamente teve uma pedra com o escudo de D. Diogo de Sousa.



Egreja de Santa Cruz (Braga)

A obra da egreja ficou concluida de pedreiro em 1653, dispendendo-se mais de 50:000 cruzados, excepto as torres que em 1693 o mestre de pedraria Manuel Fernandes da Silva foi convidado a ultimar. A 28 de abril de 1725 foi adjudicada a Francisco Machado, mestre entalhador, a obra do retabulo das capellas.

A egreja principiou cedo a dar signaes de ruina, sendo necessario, em 16 de novembro de 1731, convidar o mesmo Manuel Fernandes da Silva, que dirigia as obras reaes de Mafra, para a reparar em parte. Porém depois de lhe ter dado principio destelhando a e demolindo parte das paredes, deixou-a exposta aos temporaes, toda interiormente occupada com escoras e madeira solta, os altares desfeitos, sendo por tudo isto necessario conservar guardas durante algumas noites n'aquelle recinto, até que a confraria representasse a el-rei pedindo-lhe para «mandar que o sargento mór não impessa que o dito mestre com seus officiaes que tambem se acharem libertados das reaes obras de Mafra, possa continuar no dito reparo».

A construcção d'esta egreja foi adjudicada ao mestre Francisco Vaz, dirigindo-a Geraldo Alvares, o licenceado João Dias Leite e o dr. Pedro de Coimbra d'Andrade. Encarregou-se da construcção do pateo, que custou 160$000 réis, o mestre Antonio d'Oliveira. No dia 9 de maio de 1861 chegaram a Braga os 10 sinos afinados, fundidos em Lisboa.

Douraram-se dois altares em 1754. Ao cabo de 13 annos (1767) foram encarregados de fazer o retabulo da capella-mor, pela quantia de 1:610$000 réis, Manuel da Silva e Manuel Carneiro da Costa, da rua de Santo André.

A irmandade foi elevada á cathegoria de real em 11 de outuflro de 1822. O commendador Fernando d'Oliveira Guimarães legou-lhe, em 19 de janeiro de 1852, duas moradas de casas para o hospital que se inaugurou a 13 de setembro do anno immediato.

Em novembro de 1890 teve começo a sua restauração, que se concluiu em dezembro de 1893.

A fachada, riquissima de esculptura, com emblemas da paixão de Christo, é composta das ordens architectonicas Dorica e Jonica e tem gravados os dizeres seguintes:

ANNO	MDCCXXXVI
IPSE LIGNVM TVNC NOTAVIT	REGNAVIT A LIGNO DE
ANNO	MDCXXXXII

VEXILLA REGIS · PRODEVNT
FVLGET · CRVCIS · MYSTERIUM

ECCE ASCENDIMVS	TRADETVR AD CRV
JEROSOLYMAM	CIFIGENDVM

ET FILIVS HOMINIS

EGREJA DA PENHA DE FRANÇA (BRAGA)

No campo de Santa Anna, lado sul, o benemerito Pedro de Aguiar e sua mulher, instituidores da extincta Convalescença do hospital de S. Marcos, e do côro na egreja de Nossa Senhora a Branca, fundaram em 31 de maio de 1652 o Recolhimento de Beatas da Penha de França, destinado a 7 recolhidas, nomeando sua primeira Regente Anna de Santa Maria, natural de Guimarães.

D. Rodrigo de Moura Telles ampliou em 1720 o Recolhimento, e fez construir a egreja, que ainda existe, com a tribuna de bella talha dourada e as paredes interiormente azulejadas, celebrando n'ella a primeira missa a 18 de dezembro do anno immediato.

Dispendeu com toda a obra 22:000$000 réis.

O pulpito é, como se vê, de primorosa esculptura. *(Vide grav. a pag. 196).*

Por fallecimento da ultima recolhida foi tudo cedido pelo governo ao Asylo de infancia desvalida de D. Pedro V, em 12 de maio de 1879, demolindo-se então o Recolhimento para em seu logar ser construido o actual edificio.

Havia n'este Recolhimento um rabecão notavel, com estes dizeres gravados: — SARCOPHAGVS ME FECIT — 1611 — GENOVA —, o qual foi vendido em hasta publica por 1$200 réis.

Do Porto veiu logo a Braga Mr. Joseph Debrun que o obteve do comprador por 45$000 réis. Acha-se no museu de Paris que fez acquisição d'elle por mais de trezentos mil réis!!!

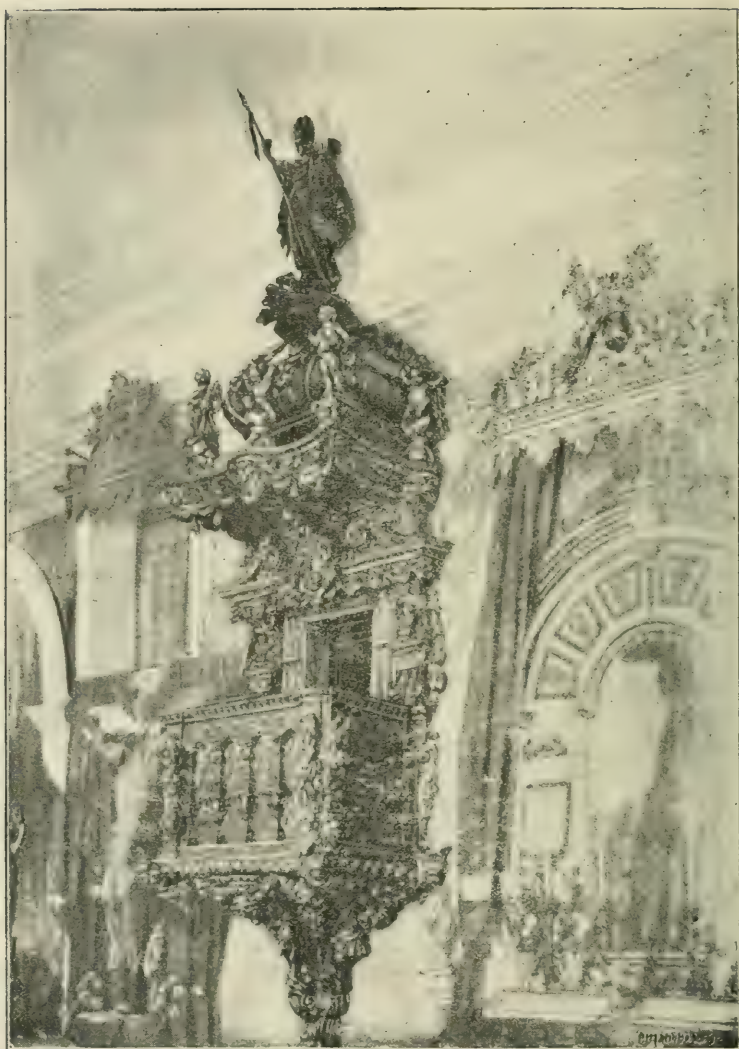
Na extremidade poente da alameda fronteira vê-se a estatua que o conego José Narciso da Costa Rebello e seu irmão o Barão da Gramosa dedicaram ao chorado monarcha D, Pedro V, collocando-se em 7 de março e inaugurando se em 31 de julho de 1870.

Esta casa da Gramosa está situada onde os Religiosos da Provincia da Soledade (S. Fructuoso) fundaram no seculo XVII o seu Hospicio. O Abbade de Fonte Boa, D. Jeronymo José da CostaRebello (o Canavêta), mais tarde Bispo do Porto, comprou em hasta publica o edficio, deixando-o por sua morte áquelle Barão da Gramosa.

Tambem no campo de Santa Anna, os conegos seculares de S. João Evangelista (Loyos), do convento de Villar de Frades, fundaram em meado do seculo XVI o seu Hospicio, vendendo-se em hasta publica o edificio ao sr. João Feio Soares d'Azevedo.

EGREJA PAROCHIAL DE MAXIMINOS (BRAGA)

Está situada no Monte de Penas, proximo do local em que existiu uma das portas acastelladas e onde no tempo dos romanos



Pulpito da Egreja da Penha de França

a companhia dos cidadãos fez á sua custa a casa da sociedade, como nos diz a inscripção que no primeiro quartel do seculo passado appareceu alli encostada:

SODALICIVM · VRBANORVM
D S · F · C

(Sodalitium Urbanorum de suo fieri curaverunt).

E' esta uma das mais antigas parochias da cidade.

No tempo do Abbade Manuel José Leite, secretario do Arcebispo D. Gaspar de Bragança, demoliu-se a primitiva egreja, que estava um pouco afastada da actual, intitulada de Nossa Senhora da Conceição, cuja imagem é venerada em nicho aberto na fachada. O Arcebispo D. José de Bragança obteve da Confraria a desistencia d'esta egreja e respectivas rendas para a fundação de um convento de Ursulinas n'aquelle sitio, sendo essa desistencia confirmada pela Sé Apostolica. A morte porém veiu impedir a execução do plano.

Das inscripções lapidares que se encontram a capear o extenso muro do adro, dou a seguinte, como a de maior importancia:

A inscripção do muro **A inscripção da sacristia**

A segunda, d'estas duas, existe na parede interior da sacristia. E' toda pintada a azul e tem as lettras douradas em signal de apreço.

A sua leitura é como segue: — Memoria de Bulla perpetua de indulgencias concedidas pelo Papa Paulo V e confirmadas por Clemente VIII no anno de 1604; e tem indulgencia plenaria na hora da morte. Anno de 1722.

EGREJA E RECOLHIMENTO DA TAMANCA (BRAGA)

Esta denominação proveiu-lhe das duas mulheres que deram origem ao Recolhimento na cangosta da Palha e que para aqui vieram calçadas de tamancas. Expulsas pelos padres congregados fundaram novo Recolhimento em S. Victor, onde agora estão, sendo-lhes impedida pelo Arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles a continuação da obra. Ao fallecimento d'este Prelado, em 1728, obtiveram licença do Cabido para a construcção da egreja; mas tendo-lhe collocado as armas dominicanas, foram immediatamente intimadas por dois conegos para as tirarem d'alli. Eram os effeitos da rigorosa observancia d'um curioso compromisso.

O mirante foi construido em 1755, e a actual egreja é obra do Vigario Capitular, D. fr. Aleixo de Miranda Henriques, da Ordem de S. Domingos, o qual comprou a Lopo Antonio de Vasconcellos Abreu e Lima todo o terreno do largo que lhe fica em frente.

EGREJA DA CONCEIÇÃO (BRAGA)

Foi iniciada a construcção da actual egreja em 1725, concluindo-se 3 annos depois, como se lê no alto da porta principal:

17 DE AGOSTO DO ANNO DE 1728

Tem, além do altar-mór, tres collateraes, contando o da Gruta de Lourdes.

Quando o conego dr. Geraldo Gomes fundou nas casas da sua habitação o convento de freiras da Conceição, o primeiro d'esta Ordem fundado em Portugal, sendo lhe lançada a primeira pedra em 1625, e concluida toda a obra 4 annos depois, construiu-se a respectiva egreja na extremidade sul, sendo sepultados n'ella o fundador e seu irmão o dr. Francisco Gomes e a primeira Abbadessa D. Martha de Santa Anna.

Esta egreja, que ha muito estava inutilizada, foi demolida para em seu logar se construir o novo edificio das officinas de tecelagem do Collegio de Regeneração, creado em 1879 e installado n'este velho convento em dezembro de 1863. No anno de 1893 ainda existia a porta principal com esta inscripção:

BRACHARAE HŒC VIRGO EST EIVS SVNT TEMPLA
GERALDO ILLA SVO SVMPTVS CONTVLIT ILLA ANIMOS

No muro contiguo á portaria está embebida esta lapide:

A DOMINA TVRRIVM · FAC
TVM · ET EST MIRABILE
ET · SIC NON EST · IN TOTA
SANCTIOR VRBE LOCVS ·

ESTÃDO PRESETE E ROMA
O DOVTOR GERALDO GO
MES NATVRAL DESTA CIDA
DE NO ANNO D 1588 O PA
PA XISTO QVINTO D BOA
MEMORIA LHE DEV A CO
NESIA NESTA SEE QVE SER
VIO PESSOALMENTE 60
ANNOS E TODOS OS REN
DIMENTOS DELLA APLI
COV A ESTA OBRA FALLE
CEO NO ANNO D 1648 D ABR ·

Junto d'este mosteiro, no sitio de Urjães (Gazeta de Lisboa n.º 26, anno de 1719), descobriram-se quatro estatuas de prata de 6 palmos de alto!, sendo uma de mulher, outra de um Fauno e duas de Centauros, elmos de prata lavrados, e mais de trinta laminas de prata com debuxes de caçadores. Foi tudo comprado por varias pessoas, entre as quaes figuram o Arcebispo D. José de Bragança e o conego Falcão.

Um dos dormitorios das religiosas foi devorado por violento incendio á 1 hora da noite de 5 de janeiro de 1761, sendo uma d'ellas victimada. As demais fugiram para a casa dos Falcões e d'alli para os Remedios, levando as pratas da egreja e conduzindo a Eucharistia para a egreja de S. Thiago.

Proximo do convento appareceu numas excavações feitas em 1840, uma lapide romana funeraria com esta inscripção:

IVNIA
M · L
VRBANA
H · S · E

«Junia Urbana, liberta de Marcos, aqui está sepultada.»

Na quinta do Avellar ainda se pode ver um grande lanço da muralha romana. Havia alli uma das portas acastelladas, em forma de torre, que foi demolida no primeiro quartel do seculo XVIII.

EGREJA E CONVENTO DE SANTA ROSA DE LIMA (GUIMARÃES)

Está situada na antiga rua do mesmo nome, hoje de S. Sebastião, por ter sido para alli transferida a séde da parochia em 1893, como logo se verá.

A construcção da actual egreja terminou em 1734.

O desenho do retabulo do altar-mór, que em 1741 foi executado por 650$000 réis, deve-se ao mestre entalhador José d'Affonseca Lima, da cidade do Porto.

Incluindo o antigo côro das freiras, que hoje faz parte da egreja, esta mede de comprimento interiormente 37,10 por 7 de largura, e tem do lado do Evangelho o altar do Senhor Jesus e do da Epistola o de Santo Antonio. Collocaram proximo da porta a antiga imagem de Christo na cruz, que as freiras veneravam ao fundo do côro de baixo. A construcção do convento iniciou-se com a compra d'algumas casas e quintaes, por meio d'esmolas.

Por escriptura publica de 3 de fevereiro de 1680, a confraria da Senhora da Graça, que administrava a antiga Albergaria de S. Roque, cedeu ás freiras o hospital, hortas e capella para augmento do convento, com obrigação de continuarem a recolher por tres dias os pobres passageiros numa casa que actualmente é occupada pelo parocho, e junto da qual está o mirante principiado a construir em 31 de março de 1727.

A irmandade de Santo Antonio, que estava erecta na egreja de S. Francisco, installou-se n'esta de Santa Rosa de Lima na 5.ª feira 22 de dezembro de 1887.

Na sexta feira 9 de março de 1888 falleceu a ultima freira professa, soror Joaquina Carolina, natural de Font'Arcada, concelho da Povoa de Lanhoso.

Contava 72 annos de edade e 56 de professa. Ficou então extincto o convento, dando logo entrada no Ministerio da Fazenda os seus haveres em titulos da divida publica, na importancia de 18:700$000.

Dois annos depois, em 24 de maio de 1890, cedeu o governo á Camara de Guimarães o convento e a cerca. A egreja passou a ser a séde da parochia de S. Sebastião, effectuando-se processionalmente a transferencia pelas 5 horas da tarde de domingo 25 de setembro de 1892. Desde logo a Camara procurou fazer desapparecer a velha egreja construida em 1570 por ordem do D. Prior e Cabido da Collegiada, na extremidade Oeste do Campo de

S. Francisco, hoje praça de D. Affonso Henriques, auxiliando esta remoção com 1:000$000 que concedeu em 27 de outubro de 1887.

Para que fique memoria do local, dou a medição do terreno occupado por esta egreja e respectivo adro: — Media 48,30 de comprimento por 33,20 de largura. Desde o adro á esquina da mercearia Andrade, alto da rua de Caldeirôa, havia 9, 30 de largura; e desde a porta principal da casa do sr. Antonio Ribeiro da Costa Salgado á parte do adro com que defrontava, 10,05.

No dia 31 de agosto de 1892 o sr. Manuel Pinheiro Caldas Guimarães arrematou por 246$000 réis a tribuna, sanefas da capella-mór e o altar do Senhor Jesus.

A torre foi arrematada no dia 14 de setembro do referido anno pelo sr. Joaquim Mendes da Silva Cerqueira que deu por ella 100$100 réis, para ser levantada ao lado direito da egreja de Creixomil, onde póde ser vista. Os trabalhos da demolição da egreja começaram no sabbado 1 de outubro com a descida dos sinos. As ossadas foram removidas do adro no dia 3, e no seguinte arremataram-se por 11:300 réis as quatro sanefas dos altares collateraes.

Em 2 de novembro arremataram-se por 60:500 a sala do despacho, as sacristias de S. José, Senhor Jesus e Sacramento, sendo esta reconstruida ao lado direito da egreja de S. Damazo com a sua janella de quatro semi-circulos.

A torre começou a ser apeada na quinta-feira 17 de novembro, seguindo-se a egreja, cuja pedra e entulhos se applicaram ao enchimento da entrada da nova avenida sobre a antiga rua de Relho, ao alteamento da rua da Caldeirôa, no logar do Arquinho, e ao concerto do caminho da Costa entre os logares de Fato e Rio, concerto aproveitado para a estrada de macadam que presentemente se conclue até á egreja parochial de Santa Marinha. O cruzeiro que estava encostado á torre foi removido para o claustro da Sociedade Martins Sarmento.

BASILICA DE S. PEDRO (GUIMARÃES)

Está situada no largo do Toural e teve principio em 1737. A 29 de novembro de 1750 foi para aqui transferida do claustro de S. Francisco, onde esteve por espaço de 17 annos, a irmandade de S. Pedro fundada na capella da mesma invocação que existe no claustro da Collegiada, crendo-se que fosse esta a primeira d'este titulo em Portugal. Extincta em 1768, foi restabelecida em 1787

pelo rev. José Amaro da Silva que sobre a sua campa, ao centro da egreja, tem a inscripção seguinte:

AQVI JAZ
ORD. JOSE
AMARO DA
S.ª RESTAV
RADOR E
BEMFEIT.R
DESTA IR
MAND.e DE
S. PEDRO,
FALECIDO
A 27 DE
DEZEMBR.O
DE 1826

Por Breve de Bento XIV datado de 26 de março de 1751, foi esta egreja, ainda então incompleta, elevada á cathegoria de Basilica. As obras paralisaram em 1824 recomeçando ao cabo de 57 annos no mez de março e faltando-lhe ainda hoje a torre do lado esquerdo.

A architectura da fachada, cujo desenho foi offerecido pela Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, não prima pela elegancia e bom gosto. Ao centro do frontão sobre que assenta a cruz pontifical, tem as armas de S. Pedro e um livro aberto em que se lê:

TU ES
PETRUS.
MATH. XVI

UBI PETRUS
IBI ECLESIA.
S. AVG.

Palavras de Jesus Christo a S. Pedro: Tu es Petrus, et super hanc petram aedificabo Ecclesiam meam, et portae inferi non praevalebunt adversus eam.

Na sacristia existem dois pequenos quadros de altissimo merecimento, pintura a oleo representando as cabeças dos apostolos S. Pedro e S. Paulo.

Os Francezes, tendo entrado em Guimarães no dia 23 de março de 1809, occuparam a 13 de maio esta egreja e a sacristia com numerosos cavallos, encheram de palha e milho os altares e commetteram outras profanações roubando toda a prata, que não era pouca.

EGREJA PAROCHIAL DE S. LAZARO (BRAGA)

Está situada ao fundo da rua das Aguas, no local da antiga ermida de S. Lazaro. Tomou a invocação de S. José em homenagem ao santo do nome do Arcebispo D. José de Bragança filho bastardo de D. Pedro II e de D. Francisca Clara da Silva, o qual instituiu a parochia no anno de 1747, dividindo assim a de S. Victor que era demasiadamente grande.

A actual egreja, de architectura simplissima, foi construida a expensas do Arcebispo D. fr. Caetano Brandão. Tem a poucos passos um apreciavel cruzeiro de que me occuparei no logar competente dando d'elle photogravura.

O celebre monumento antigo, vulgarmente denominado *Idolo dos Granjinhos,* fica num quintal muito proximo, ao lado esquerdo da egreja.

A egual distancia, na rua das Aguas, está instalado o Asylo de entrevados, cuja fundação teve logar no anno de 1852.

EGREJA PAROCHIAL DE SANTA MARINHA DA COSTA (GUIMARÃES)



A construcção d'esta egreja com os respectivos pateos fronteiros teve principio no tempo do Prior fr. José de Castro, eleito em 25 de setembro de 1748, sendo toda a obra justa por 15:500 cruzados, como nos diz o fallecido padre Caldas na sua obra *Guimarães,* vol. II, pag. 171.

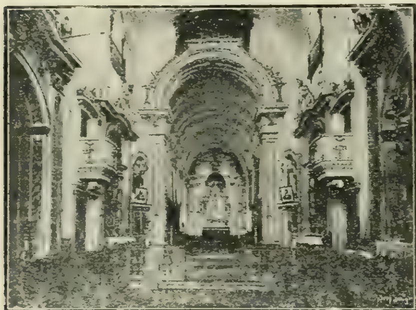
Até o anno de 1528 pertenceu este convento aos conegos regrantes de Santo Agostinho, para quem a rainha D. Mafalda, mulher de D. Affonso Henriques, o fez edificar.

A isto faz referencia um grande quadro em madeira com o retrato da fundadora, offerecido pelo sr. Visconde de Sendello, possuidor de parte do convento, ao museu da Ordem de S. Francisco. O quadro tem na parte inferior estes dizeres:

HOC PIA CAENOBIVM AEDIFICAT MAFALDA PRIORIS
ALFONSI CONIVX: LYSIA FIRMA MANET
NAM CHRISTO ADVERSOS ALFONSVS CONCVTITENSE
SED MAFALDA PIÃ RELLIGIONE QVATIT. 1735.

A fachada da egreja é de trabalhosa esculptura e remata com um nicho onde se vê, em granito, a estatua de Santa Marinha martyr.

Interiormente é esta egreja muito airosa e acha se em optimo estado de conservação, graças aos desvellos do actual parocho rev. Hermano Amandio.



Interior da egreja da Costa

A ladear a porta principal, e já dentro do alinhamento das torres, tem mais dois nichos com as estatuas de S. Jeronymo e de Santa Paula, como no altar-mór onde se veneram duas imagens dos mesmos santos esculpturadas em madeira, muitissimo recommendaveis pelo primor da execução.



Fachada do convento da Costa

Alinha com a frente da egreja o magestoso convento que teve principio em meado do seculo XVII.

Pertence á irmandade das Almas, erecta n'esta egreja, o preciosissimo calice de prata dourada (seculo XII) que aqui se representa.



Calice de D. Dulce (seculo XII)

Sendo em 1834 extinctos todos os conventos, os frades Jeronymos entregaram este calice á irmandade das Almas em pagamento de uma divida.

O fallecido Arcebispo D. Antonio Honorato não o enviou á exposição de Lisboa, em 1888, receiando que levasse descaminho.

Mede 0,17 de altura, 0,52 de circumferencia no bordo da copa, e 0,48 em volta da base onde tem esta inscripção:

✝ E ⁝ M ⁝ CC ⁝ XX ⁝ V ⁝ REX ⁝ SANCI ⁝ ET REGINA ⁝
DVLCIA ⁝ OFFERVNT ⁝ CALICEM ⁝ ISTVM ⁝ SCE ⁝ MARINE ⁝ DE ⁝ COSTA ⁝

Foi, como aqui se lê, offerecido por el-rei D. Sancho e pela rainha D. Dulce, a Santa Marinha da Costa, na era de 1225 (anno de 1187).

Foi ultimamente depositado no pequeno museu da Collegiada, bem como outro do seculo XVI, pertencente á mesma irmandade, representado na grav. a pag. 206.

Sob a protecção de el-rei D. João III fundou-se n'este convento um estabelecimento scientifico com fóros e regalias de Universidade, como diz o talentoso padre Antonio Hermano, para o estudo de humanidades, Phylosophia e Theologia, sendo os lentes aucto-

risados a conferir os graus de licenciados, bachareis e mestres em Artes. Instruiram-se e educaram-se n'ella os infantes D. Duarte e D. Antonio, filho do infante D. Luiz.



Calice da Costa (seculo XVI)

Em 1889, quando ainda Guimarães não possuia um unico estabelecimento de ensino secundario, alguns padres benemeritos fundaram n'este arruinado convento um Collegio denominado de S. Damazo, o illustre Pontifiee vimaranense. A cidade, pouco habituada a beneficios grandes, recebeu com indifferença o feliz melhoramento, porque duvidava do exito que alfim se obteve!

O auctor d'estas linhas (permitta-se-lhe a immodestia) promoveu-lhe então, com outro seu amigo, uma festa inaugural brilhante, apenas custeada pelos dois.

Este Collegio foi installado á pressa, num breve intervallo de ferias de verão. O inicial corpo docente e discente destacou-se do Collegio de Santa Quiteria do visinho concelho de Felgueiras. Constituiram-se em Direcção os padres seculares, seus fundadores, Antonio Hermano Mendes de Carvalho, Firmino Antonio da Silva Bravo, e Domingos Dias de Faria, abrindo-se o Collegio no dia 6 de outubro do referido anno de 1889 com aulas para os cursos secundarios dos lyceus e seminarios.

Teve de principio logo uma frequencia vistosa e animadora: eram 75 alumnos internos e 25 externos.

Nos annos seguintes o numero de estudantes augmentou até cerca de 200 internos.

Essa notavel prosperidade, deveu-a o estabelecimento ao exito singular obtido nos exames no lyceu de Braga. Um anno os Directores até julgaram conveniente *inventar* as reprovações para que ao publico não parecesse inverosimil o quadro sem sombras das numerosissimas approvações e distincções!

Nos ultimos annos, por influencia da reforma de instrucção secundaria de 1894, a população escholar algo tem diminuido, todavia tem mantido a auspiciosa cifra de 100 collegiaes.

O edificio é grandioso e o local superrimamente salubre. Visinho de Guimarães, ligava-o todavia á cidade um caminho peor que um calvario; mas hoje graças acs esforços de alguns vimaranenses e da Direcção do Collegio, serve-o uma bella estrada de macadam que principiou a ser construida no dia 1.º de março de 1898.

EGREJA DE NOSSA SENHORA DA LAPA (BRAGA)

No largo do mesmo nome, onde alguns missionarios acompanhados do padre Angelo de Sequeira, collocaram em 1757 um quadro de Nossa Senhora da Lapa, construiu-se a expensas dos fieis esta egreja, lançando-lhe a primeira pedra, a 9 de novembro de 1761, o Reitor do Seminario Conciliar e Chanceller-mór do Arcebispo, o rev. Antonio Barbosa de Goes, com assistencia de vinte ecclesiasticos e por mandado do Arcebispo D. Gaspar de Bragança. Ao cabo de seis annos concluiu-se a obra da capella, sendo benzida a 7 de setembro de 1767 e celebrando-se n'ella a primeira missa no dia immediato. A obra dos altares collateraes terminou em 1781 e a do altar-mór em 1792, tudo subsidiado pela irmandade de S. Thomaz d'Aquino que no dia 8 de novembro de 1774 fôra para alli trasladada da capella dos reis, no claustro da Sé. Por escriptura de 16 de junho de 1805 uniu-se-lhe a irmandade de S. Pedro que, segundo se crê, foi erecta em 1556 na capella de S. Pedro de Rates, na Sé.

A arcada, que d'um e outro lado alinha com a fachada da egreja, teve ao centro da construcção exterior a bella estatua de Braga, tudo feito a expensas do Arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles, no anno de 1716. Tambem então se construiram nas extremidades as duas casas redondas, denominadas *caramanchões*, que a camara emprazou.

Quando a egreja da Lapa principiou a ser construida em 5 novembro de 1761, tendo ainda por campanario uma das torres do castello da cidade, passou a estatua para a extremidade norte e

d'alli para o arco da rua nova de Sousa, onde actualmente se encontra.

Em janeiro de 1718 o referido Prelado deu principio á construcção do Aljube, que fica nas costas da egreja, e contiguo á antiga muralha do castello da cidade, dispendendo com esta obra 4:400:000 réis.

Quando em 1853 foi demolida a *porta do Souto,* que encostava ao castello, appareceu nos alicerces um cofre contendo moedas do reinado de D. Diniz.

O pelourinho, que se achava no largo hoje do *Barão de S. Martinho,* e na base do qual se lia — ANNO DE 1585 — foi removido pela camara no dia 12 de dezembro de 1844 para o antigo campo dos Touros, onde se conservou até 18 de julho de 1853, dia em que foi inutilisado para em seu logar ser construido o actual chafariz.

O edificio do theatro de S. Geraldo, que fica no largo da Lapa, teve começo em 27 de setembro de 1855.

No dia 8 de junho de 1860 foi inaugurado pela actriz Emilia das Neves.

EGREJA E CONVENTO DE SANTA THEREZA (BRAGA)

No alto da rua das Oliveiras, em uma casas compradas a Pedro Fernandes, iniciou-se no dia 18 de maio de 1763 a construcção da actual egreja de Santa Thereza, concluindo-se em 1766. Toda a pedra empregada n'esta obra foi cortada no largo que lhe fica em frente, onde ainda ha vestigios de penedia. A 14 de junho de 1767 o conego Francisco de Mendonça benzeu solemnemente esta egreja e no dia immediato cantou-se alli a primeira missa a que assistiu o Arcebispo D. Gaspar de Bragança.

O pequeno convento ainda hoje é habitado por uma freira professa.

EGREJA DOS SANTOS PASSOS E VISTA DA SERRA DA PENHA (GUIMARÃES)



Na extremidade sul do antigo campo da Feira e no mesmo local onde o vimaranense Duarte Sodré mandou construir uma capella de Nossa Senhora da Consolação com alpendrada em volta, instituindo-se-lhe uma irmandade de estudantes com seus estatutos approvados em 9 de dezembro de 1594, iniciou-se em 1769 a construcção da actual egreja, cujo corpo foi benzido a 16 de outubro de 1785.

Encarregou-se da planta o bracarense André Ribeiro Soares da Silva.

No dia 11 de dezembro de 1787, a reliquia de S. Fortunato, que ainda hoje se venera, foi collocada na egreja em urna especial, desenvolvendo-se de tal modo a devoção dos fieis, que, por esse motivo, a conclusão da obra não se fez esperar muito. As torres, elegantissimas, tiveram principio no dia 28 de maio de 1862 e terminou a obra em 1873 sendo Pedro Ferreira o auctor da respectiva planta. A torre do lado direito principiou a ser construida com a quantia de réis 600$000, producto de tres espectaculos de prestidigitação desempenhados pelo offerente sr. Sebastião Augusto de Magalhães Brandão, que por esse motivo tem o seu retrato na galeria dos bemfeitores. Em 1798 concluiu-se a capella-mór, empregando-se na sua edificação a pedra da torre da freiria e a do lanço de muralha que lhe ficava contiguo.

O carrilhão de sinos afinados estreou-se no dia 28 de maio de 1875.

Venera-se n'esta egreja a imagem do Senhor dos Passos, que annualmente é conduzida em magestosa procissão no domingo de Lazaro. Foi feita sendo Juiz da irmandade Manuel da Cunha Maranhas.

No dia 15 de março de 1861, duas das mais novas coristas do proximo convento das Capuchinhas, dispondo-se, como de costume, a preparar a imagem para a alludida procissão, encontraram-lhe o rosto tão humedecido, que chegou a molhar a toalha a que o limparam e a qual o povo desfez em numerosas reliquias. Este caso era a repetição do que se havia dado 56 annos antes.

A tunica do Christo e os demais paramentos de velludo roxo, ricamente bordados a oiro fino, fazem a admiração de todas as pessoas que de longe concorrem á procissão.

A irmandade dos Santos Passos comprou aos herdeiros de Manuel de Magalhães d'Araujo Pimentel uma morada de casas, e ainda outras com campo junto, pertencentes á Condessa de Basto, para a fundação do Asylo de Mendicidade, solemnemente inaugurado a 4 de fevereiro de 1877, e d'um Collegio de meninas com internato.

A obra do alargamento do campo da Feira para a parte d'este Asylo custou 780$000 réis e foi arrematada no dia 10 de setembro de 1890 pelo empreiteiro sr. José Rodrigues, de Vizella.

EGREJA DE NOSSA SENHORA A BRANCA (BRAGA)

Está situada no largo do mesmo nome.

A parte superior da fachada foi construida durante o pontificado de D. Gaspar de Bragança. A inferior pertence á architectura dorica.

Sobre o arco da porta principal tem as armas de D. Diogo de Sousa.

No alto do oratorio da Virgem acha-se gravada a seguinte inscripção:

NIVE
DEAIBABVNTR *(sic)*
IN SELMON
MONS DEL
MONS IN QVO
BENEPLACITVM
EST DEO
HABITARE IN EO
ANNO D· 1771·

No espaço que esta egreja occupa houve antigamente uma capella denominada de Nossa Senhora da Carreira, na qual estava

instituida a irmandade de Nossa Senhora das Neves, como refere o Arcebispo D. João Martins de Soalhães, no seu testamento feito em 1319, presentemente guardado no real archivo da Torre do Tombo. Tambem no seu testamento o Arcebispo D. João Affonso de Brito diz: «....*e 60 Livras para reFazimento da ermida dé Nossa Senhora das Neves A Branca a par de S. Victouro.*»

Essa velha capellinha foi reedificada a expensas de D. Diogo de Sousa (1505-32) por occasião de mandar construir todo aquelle largo e o vasto campo de Santa Anna.

Pedro d'Aguiar e sua mulher Maria Vieira instituiram n'esta egreja côro de 5 capellães com obrigação de missa quotidiana por suas almas.

Estão ambos sepultados na capella do Nascimento, lado do Evangelho. O côro, o retabulo e um alpendre que teve, foram feitos desde 1627 a 1635. Acham-se exteriormente encostadas a esta egreja as 14 cruzes de pedra que se erguiam ao longo dos campos de Santa Anna e da Vinha.

EGREJA PAROCHIAL DE S. PAIO (GUIMARÃES)

No largo do mesmo nome onde desde o primeiro quartel do seculo XIII existiu a terceira e ultima egreja parochial do *burgo*, construiu-se desde 1789 a 96 a actual egreja com a torre ao centro da fachada. As oito cruzes da sagração a que se refere o saudoso padre Caldas podem ter sido aproveitadas da primitiva egreja. Ha d'isto numerosos exemplos.

No largo que lhe fica em frente existiu um elegante cruzeiro, com a imagem de Christo esculpturada em granito fino, apeado no dia 18 de fevereiro de 1879 por ordem da illustre vereação que logo o fez levantar no cemiterio municipal da Athouguia. Pouco depois vendeu-o para a freguesia de Polvoreira, onde se conserva proximo da egreja parochial muito venerado por aquelle povo.

Ao lado d'esta egreja de S. Paio existe o Asylo de invalidos administrado pela meza da Mizericordia. Foi inaugurado em 1844, para receber 26 individuos dos dois sexos.

Na frente do edificio tem os dizeres seguintes:

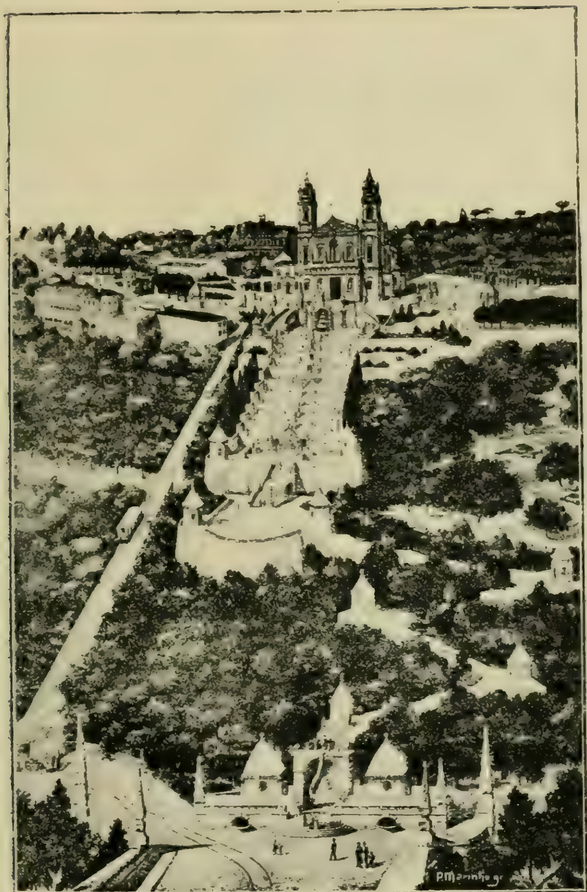
ASILO
DE
INVALIDOS



Sanctuario do Bom Jesus do Monte (Braga)

Quem ha que não conheça, ao menos por tradição, a feiticeira estancia do Bom Jesus de Braga, onde nacionaes e extrangeiros se extasiam na contemplação da natureza e da arte que alli se dão as mãos?

A escadaria antiga e a moderna, a que minudentemente se refere o sr. Azevedo Coutinho no seu livro publicado ha um anno sob o titulo — *Bom Jesus do Monte*, o lago, as grutas, os jardins, as estatuas, o figurado das novas capellas e a magestosa egreja, tudo prende a attenção do visitante. Uma simples cruz levantada ha seculos entre as asperezas d'aquelle Monte Espinho, deu origem á formosissima egreja e ao embellezamento do local que de ha muito se considera o mais attrahente do Minho!

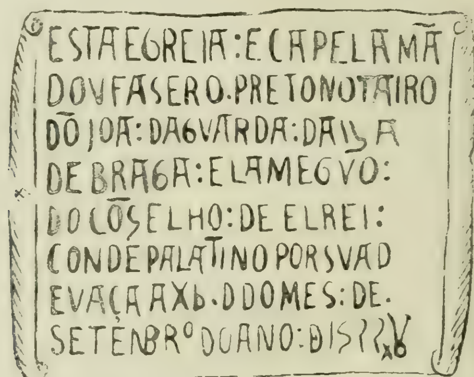


Vista geral do Bom Jesus

A tradição da cruz é de todo o ponto acceitavel. O que ainda se ignora é o anno em que foi construida a primitiva ermida. Já no meu livro *Inscripções e Lettreiros*, pag. 156, anno de 1895, mostrei que a lapide gravada em 1839 e collocada no muro do primeiro patim é inexacta quando attribue ao anno de 1474 o governo do Arcebispo D. Jorge da Costa II, que teve logar na ausencia de seu irmão o Cardeal de Alpedrinha desde 1488 a 1501. Por isso com razão o sr. Azevedo Coutinho corrige aquella data dando lhe mais 20 annos. Em que se fundou porém o auctor da

referida inscripção para attribuir a D. Jorge a construcção da primitiva capella, se as suas armas encontradas nas escavações podiam ter sido applicadas a qualquer melhoramento effectuado a expensas do Prelado, e se 22 annos depois o Deão D. João da Guarda *mandou fazer* a egreja e capella?

A esta construcção ou reedificação se refere a lapide seguinte existente no patim do lado opposto e de cuja authenticidade não é licito duvidar:



Leitura: — Esta egreja e capella mandou fazer o Protonotario Apostolico Dom João da Guarda, Deão das Sés de Braga e Lamego, do conselho de el-rei, conde Palatino, por sua devoção, a 16 dias do mez de setembro do anno de 1522.



Escadaria antiga do Sanctuario

A actual egreja, com fachada composta das tres Ordens architectonicas — Dorica, Jonica e Composita, foi desenhada por Carlos Amarante. Principiou a ser construida no dia 1.º de junho de 1784 e concluiu a 20 de setembro de 1811.

Ao lado direito da porta principal existe esta lapide referente ás indulgencias concedidas pelos Papas Pio VI e Pio IX:

S.S. P. PIUS VI
OMNIBUS CHRISTI FIDELIBUS ECCLOESIAM HANC DEVOTE VISITANTIBUS IN PERPETUUM
CONCESSIT: - INDULGENTIAM PLENARIAM IN DOMINICIS PALMARUM, RESURRECTIONIS, ET
PENTECOSTES, IN FESTIS ASCENSIONIS D. N. J. C., INVENTIONIS ET EXALTATIONIS S. CRUCIS,
CONCEPTIONIS, NATIVITATIS, ANNUNTIATIONIS, PURIFICATIONIS, ET ASSUMPTIONIS B. M. V.
A' I VESPERIS USQUE AD OCCASUM SOLIS DIERUM HUIUS MODI, PARITERQUE IN QUALIBET FE
RIA VI QUADRAGESSIMAE, ET SEMEL IN ANNO QUOCUMQUE DIE: - ITEM OMNES ET SINGU-
LAS INDULGENTIAS STATIONUM VIÆ CRUCIS VISITANTIBUS CAPELLAS HUIUS SANCTUARII.
S.S. D. N. PIUS P. P. IX
DIE 11 JULII MDCCCLVIII CONCESSIT AD DECENNIUM HANC ECCLŒSIAM VISIT.: - INDULGEN
TIA PLENARIAM IN FESTIS NATIVITATIS, EPIPHANIÆ, ET ASCENSIONIS D. N. I. C., S. IACOBI MAIORIS
ET DIE ANNIVERSARIO DEDICATIONIS IPSIUS ECCLÆSIÆ A' I. VESPERIS USQUE AD OCCASUM SOLI
DIERUM HUIUS MODI: INSUPER VII ANNOS, TOTIDEMQUE QUADRAGENAS QUALIBET ANNI FERIA
VI. OMNIA SUB CONDITIONIBUS IN INDULTIS EXPRESSIS

Ao lado esquerdo tem esta da consagração da egreja pelo Arcebispo D. José Joaquim d'Azevedo e Moura, a Jesus Christo crucificado, com as respectivas indulgencias:

A. D. MDCCCLVII. DIE VERO X. MENSIS AUGUSTI EXCELLENTISSIMUS AC REVE-
RENDISSIMUS D. D. IOSEPHUS JOACHINUS DE AZEVEDO E MOURA, ARCHIEPISCOPUS
ET DOMINATOR BRACARÆ AUGUSTÆ, HISPANIARUM PRIMAS, HANC ECCLESIAM IN
HONOREM D. N. IESU CHRISTI CRUCIFIXI CONSECRAVIT. ATQUE IN EJUS ALTARI MAIO
RI HAS RELIQUIAS INCLUSIT: EX LIGNO SS. CRUCIS, DE COLUMNA FLAGELLATIONIS
EIUSDEM D. N., EX VELO B. V. MARIÆ, EX PALLIO SANCTI JOSEPHI SPONSI EIUSDEM
B. V., ET EX OSSIBUS SS. APOSTOLORUM PETRI, PAULI, ANDREÆ IACOBI MAIORIS THMÆ
IACOBI MINORIS, BARTHOLOMÆI, MATHÆI, SIMONIS, THADÆI, MATHIÆ, ET BAR
NABÆ. XL ITEM DIES SINGULIS CHRISTI FIDELIBUS ECCLESIAM IPSAM DEVOTE VISI
TANTIBUS IN DIE ANNIVERSARIO HUIUS CONSECRATIONIS, QUI DOMINICA SECUNDA AUG.
QUOTANNIS CELEBRABITUR, DE VERA INDULGENTIA IN FORMA ECCLESIÆ CONSUETA, CONCESSIT

Na fachada ha ainda outras inscripções, uma das quaes, commemorativa da grandiosa festa do primeiro centenario, realisada no dia 1 de junho de 1884. Em 29 de julho de 1757 ordenou-se a abertura da calçada do Lanhoso que em 16 de maio do anno immediato ainda não tinha attingido a conclusão. Todas as obras

que D. Rodrigo de Moura Telles effectuou na estancia do Bom Jesus, importaram em mais de vinte e quatro contos de réis.

A nova estrada de macadam principiou a ser construida, e simultaneamente o jardim do campo de Santa Anna, em 1854. A 23 de março de 1859 deu-se principio á estrada que parte do arco até ao Sanctuario, e em 1874 inaugurou-se a linha americana.

No dia 14 de outubro de 1853 collocaram-se na egreja os orgãos que pertenceram á do convento de Bouro.

O elevador foi inaugurado em 25 de março de 1882.

No dia 8 de março de 1897 inaugurou-se com grande solemnidade a obra de reconstrucção da escadaria dos Cinco Sentidos. sendo adjudicada por 5:800$000 réis ao mestre pedreiro bracarense Guilherme José Pereira.

EGREJA PAROCHIAL DA CIVIDADE (BRAGA)

E' de origem antiquissima esta egreja situada no local mais importante da Bracara romana. A construcção actual é modesta e a decoração interior pouco recommendavel. Tem ao lado esquerdo a capella das Santissimas Chagas, vedada por grade de ferro, e construida em 1597. Foi instituida pelo dr. Pedro da Grãa, fidalgo da casa real, commendatario e administrador vitalicio do mosteiro benedictino de Santa Maria do Carvoeiro. O instituidor jaz em sarcophago de pedra dentro d'um arco aberto na parede do lado da Epistola, com o seguinte epitaphio:

S.^A DE P^O DA GRÃA COMEN
DATARIO D MOSTEIR DE
CARV^OEIR. O Q^AL MÃDO
FAZER ESTA CAPELLA COM
OBRGCÃO D MISSAS POR SVA
ALMA E DO IL^MO SÕR BPO
DOM BERNARD. FA
LECEO AOS 19. DE FE
VEREIRO. DE 1602.

No altar tem esta capella um primo-

roso quadro a oleo, representando Christo na cruz, e estes dizeres ao fundo:

HAVRIETIS AQVAS IN GAVDIO
DE FONTIB'SALVATOR(*is*)

EGREJA DE NOSSA SENHORA DO SÁMEIRO (BRAGA)

A dois kilometros do Sanctuario do Bom Jesus, na parte superior do Monte Espinho, passeava em setembro de 1861 o padre Martinho Antonio Pereira acompanhado d'outro individuo seu amigo a quem expôz a ideia de se promover a erecção de um monumento n'aquelle sitio, em honra da immaculada Conceição, memorando assim a definição dogmatica por Pio IX em 8 de dezembro de 1854.

A 11 de maio do anno immediato nomeou-se uma commissão que a 28 de julho de 1863 obteve de D. Flaviana Claudina Rebello da Silva a cedencia de 40 metros quadrados de terreno para a erecção do monumento, assentando-se a primeira pedra a 14 de junho do referido anno. A 12 de outubro de 1864 tiveram principio as obras, e a estatua da Virgem, esculpturada pelo estatuario portuense Emygdio Carlos Amatucci, com 14 palmos de alto e pelo preço de 1:300$000 réis, foi collocada ás 7 horas da tarde de 12 de agosto de 1869, e derrubada por uma faisca electrica a 9 de janeiro de 1883. Não tardou a ser substituida pela actual que tem na base estes dizeres:

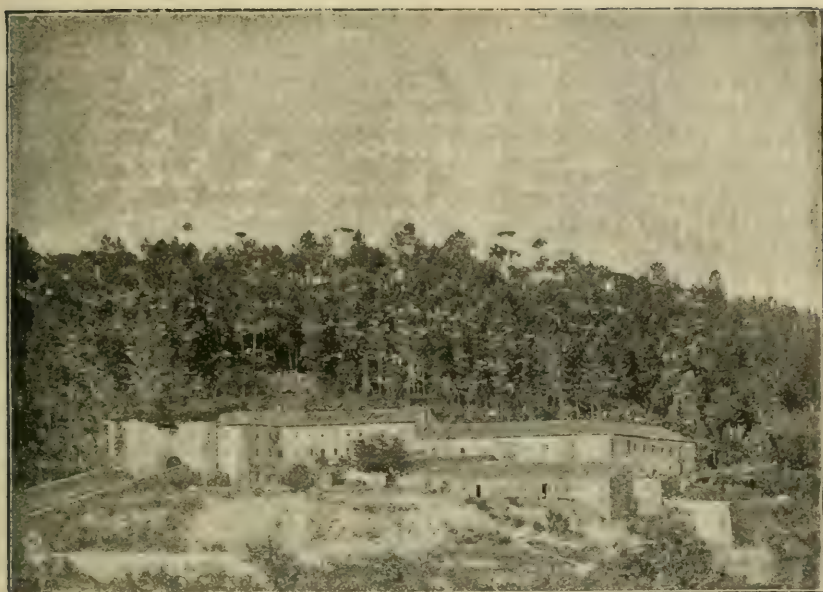
FEITA A EXPENSAS
DO BEMFEITOR
JOÃO ANTVNES GVIMARAES

A' distancia de 28 metros fica a modesta capella que mede 30 metros de comprido por 19 de largo, sendo lançada a primeira pedra no dia 31 de agosto de 1873.

Vae bastante adiantada a construcção d'uma formosa egreja que ha de substituil-a em breve.

A encantadora imagem da Virgem da Conceição que se venera no alto da tribuna, foi esculpturada em Roma por Eugenio Maccagnani, no anno de 1876 e benzida por Pio IX, como se lê na peanha:

O SS. PADRE PAPA PIO IX
BENZEU ESTA IMAGEM
NO DIA 22 DE DEZEMBRO DE 1876



Egreja e convento de Montariol (Braga)

Num dos locaes mais aprazíveis dos suburbios de Braga, o Monte Calvelo que com o Castro Maximo, (Monte de Castro) contiguo, dividiu no seculo IX o territorio de Braga e Dume (Doação de el-rei D. Affonso o Casto, era de 878), os religiosos da Companhia de Jesus adquiriram por compra em 1562 uma grande aria de terreno de cultura e n'elle fizeram construir uma casa abobadada de pedra, para recreio seu e feriado dos estudantes do Collegio (hoje Seminario de S. Pedro e S. Paulo) que tambem lhes pertencia.

O nome de Montariol, certamente originado de *Areal,* nome do logar que lhe fica nas fraldas, é tão antigo que já assim o designa uma escriptura do *Livro Fidei* datada da era 1111 (anno de 1073).

O padre Contador de Argote, que escreveu a sua *Hist. Eccl. de Braga* no ultimo quartel do seculo XVII, diz a este respeito: «... que chamão de Montariol, e se dá este nome ao tal sitio ha mais de duzentos annos».

O Arcebispo de Braga D. Martinho Geraldes, natural da freguezia de Semelhe, INSTITUIU EM 1243 O MORGADO DE MONTARIOL.

Os padres da Companhia possuiram esta casa e quinta até á

expulsão determinada pelo Marquez de Pombal, sendo então vendida pelo estado ao pae do Visconde de Montariol, passando d'este a seu filho o sr. Visconde de Negrellos.

No anno de 1890 veiu á praça por ordem do Banco de Credito Predial, de Lisboa, a quem estava hypothecada. Foi n'esta epocha precisamente que o provincial dos Franciscanos visitou a quinta e achando-a optimamente situada para ser transformada num convento da sua Ordem, aconselhado por muitas pessoas de Braga, tractou da sua acquisição, o que se effectuou em Lisboa, fazendo alli a escriptura no dia 8 de agosto de 1890. A primeira missa que os religiosos franciscanos celebraram no seu novo convento teve logar no dia 16 do mesmo mez e anno, e no dia 18 chegou a esta casa o virtuoso velhinho fr. Joaquim da Purificação que falleceu no dia 20 de outubro de 1899, sendo elle o primeiro Superior.

As obras da magestosa egreja começaram no dia 5 de maio de 1891 e, ás 11 horas da manhã de 27 de setembro do referido anno, foi benzida a primeira pedra pelo chorado Arcebispo sr. D. Antonio José de Freitas Honorato, acolytado pelos conegos Francisco José Ribeiro de Vieira e Brito (hoje Bispo de Angra) e Moreira Guimarães (Arcipreste de Braga), e pelo Desembargador João Nepomuceno Pimenta, fazendo de mestre de ceremonias o rev. sr. João Vicente da Costa e Cunha, Abbade da Sé. A este acto assistiu como auctoridade o conselheiro Jeronymo Pimentel, Governador Civil do Districto.

A fachada está concluida, restando-lhe apenas as duas torres. A parte nova do convento é a de dois andares que a gravura representa encostada á egreja.



Egreja de S. Torquato (Guimarães,

(Copia da planta geral da obra em execução)

Nas proximidades de Guimarães, á distancia de pouco mais de legua e quarto (6:309 metros de estrada de macadam, visinhal n.° 1, construida em 1872-73), venera-se na egreja da sua invocação o corpo incorrupto de S. Torquato que, segundo se crê, foi martyrisado por Muça, capitão Arabe, a 26 de fevereiro de 719, nesta freguezia a que o santo deu o nome.

Na *Mon. Lusit*, lê-se que S. Torquato nasceu na Cinania (Citania) e que foi alli primeiro Bispo, sendo martyrisado a cacete e á pedrada pelos moradores da serra de Vieira que prestavam culto á idolatria; e que estes desde muitos seculos vinham annualmente, por voto, cingidos por cordas e descalços, visitar a sepultura do Santo. Jorge Cardoso, no seu *Agiologio Lusitano*, diz que o referido voto foi commutado pelo Arcebispo de Braga D. fr. Bartholomeu dos Martyres em certa quantia de cera.

No sitio onde a preciosa reliquia appareceu sob um montão de pedras por indicação de «luzentes chammas no meio de entrelaçados matos», como em 1692 nos diz o padre Torquato d'Azevedo *(Ant. Guim., pag. 422)*, construiu-se uma capellinha tosca, e junto da parede exterior do lado esquerdo collocou-se uma pia de pedra onde cae a milagrosa agua nascida na primitiva sepultura do Santo. Os frades benedictinos do convento proximo levaram, tempo depois, para a sua egreja o estimavel thesouro e alli o conservaram encerrado em tumulo de pedra branca, de Ançã ou marmore.

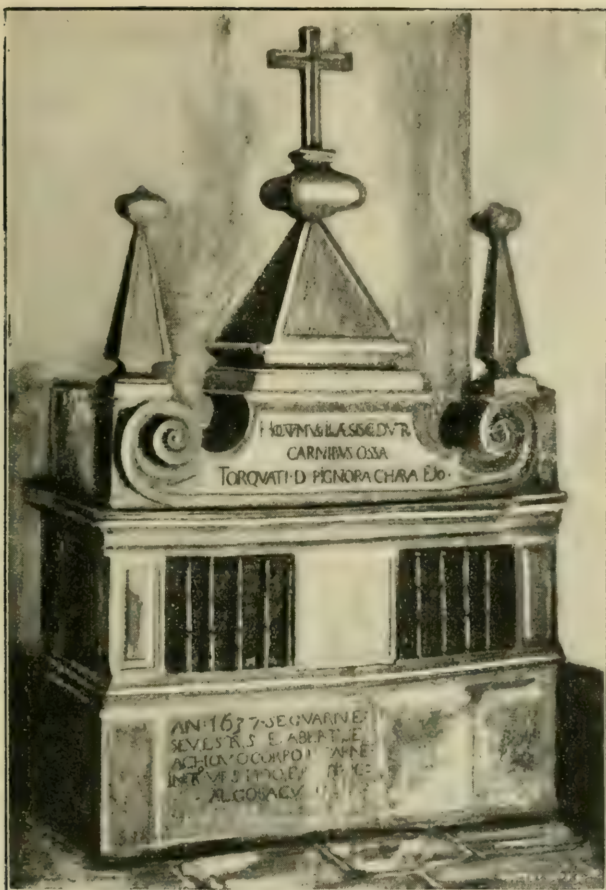
O padre Antonio Carvalho *(Chorogr., liv. 2, cap. 8)* fala-nos da abertura do tumulo em 1512. O precioso manuscripto de Silva Thadim, fallecido antiquario bracarense, conta que no anno de 1579, o Arcebispo D. fr. Agostinho de Jesus (Castro), acompanhado de numerosos bracarenses, partiu em direcção á egreja de S. Torquato para ordenar a abertura do tumulo. O povo porém oppoz-se dizendo que o Arcebispo tentava levar o Santo para Braga, e o Prelado teve que retirar-se a toda a pressa para evitar tumultos de que nem elle proprio sairia illeso.

O mesmo succedeu em 1637 ao Arcebispo D. Sebastião de Mattos de Noronha.

Foi então que o tumulo se reforçou, a expensas dos parochianos, com paredes novas e grossas grades de ferro, como actualmente se encontra, gravando-se-lhe na frente, em caracteres ligados, esta inscripção:

HOC TUMULO ILLESIS CONDUNTUR
CARNIBUS OSSA TORQUATI D · PIGNORA CHARA

ANNO DE 1637
SE GUARNECEU ESTA SEPULTURA
E ABRIU-SE E ACHOU-SE
O CORPO E CARNE INTEIRO,
VESTIDO DE PONTIFICAL, COM BACULO ·



O tumulo antigo

Esta obra, principiada a 14 de julho do referido anno, dias depois da visita prelaticia, concluiu-se a 18 (tal era a pressa!), como consta da *Memoria* inserta no livro dos usos (Estatuto velho), escripta pelo vigario de S. Torquato o licenciado Jeronymo Coelho, da qual existe copia no archivo da Collegiada de Guimarães. No dia da conclusão assistiram á abertura do tumulo, entre grandissimo concurso de povo, o dr. Rui Gomes Golias, mestre-eschola da Collegiada, que arrancou o tornozello ao Santo, varios conegos, Diogo de Barros notario Apostolico, etc. Por todos os assistentes foi visto incorrupto «mirrado o rosto, virado para a banda esquerda,

com olhos, nariz, bocca, barba e orelhas» e ao lado um pau de tres a quatro palmos de comprido. *(Vidé grav. a pag. 225).*

Os falsos *Chronicões* de Juliano Peres, padre Higuera e Flavio Dextro, originaram entre os escriptores João de Barros, Gaspar Estaço, padre Carvalho da Costa, Silva Thadim, D. Nicolau de Santa Maria, D. Thomaz da Encarnação, padre Torquato d'Azevedo, fr. Bernardo de Brito, Jorge Cardoso, D. Rodrigo da Cunha, Vaseu, padres Bollandistas (antuerpianos) fr. Henrique Florez e outros, desencontradissimas opiniões á cerca d'este Santo, muito especialmente da sua authenticidade como Bispo de Acci (Guadix em Granada), da Citania de Briteiros, ou de Braga.

O dr. João de Barros, na sua geographia, chega a suppor que este vocabulo S. Torquato seja corrupção de S. Donato!·

O Arcebispo D. fr. Agostinho de Jesus, na carta historica *Ad limina* que enviou ao Papa, diz «que se acreditava» que este S. Torquato fosse discipulo de S. Thiago.

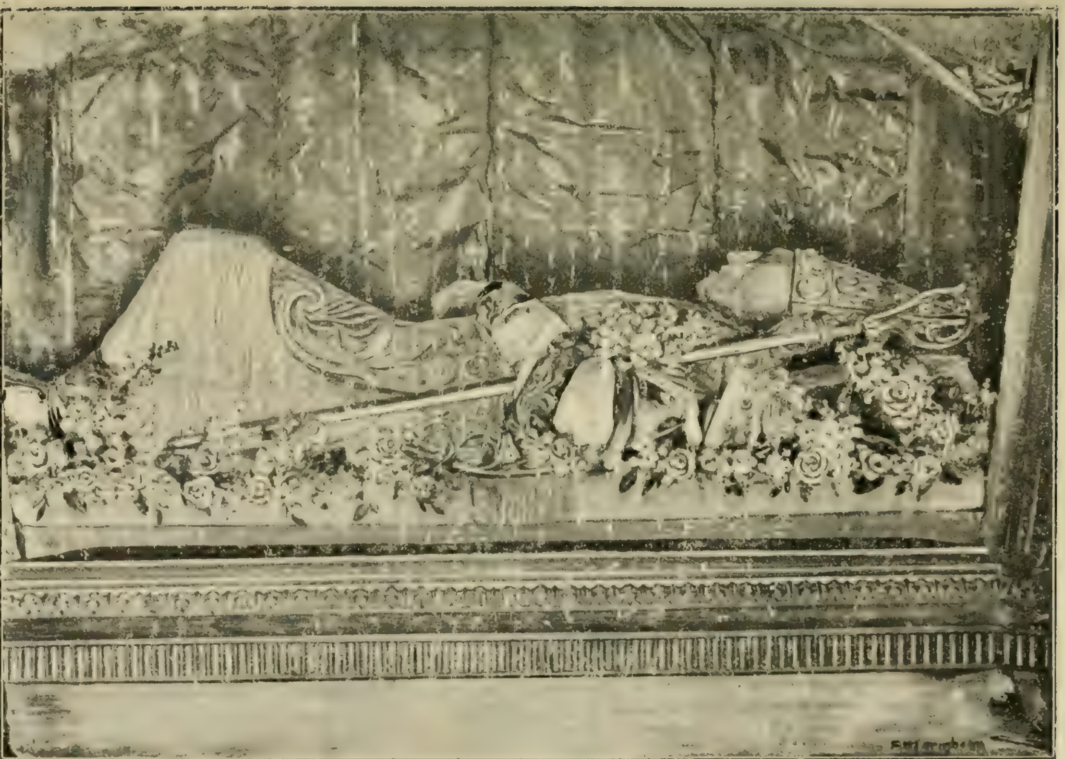
Esta contenda considera-se porém terminada, mormente desde que o Arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles deu publicidade a um folheto de Santos, incluindo nelle este Felix Torquato a que prescreveu *rito* e *lições* em 29 de janeiro de 1718.

Está hoje averiguado que S. Torquato Bispo de Guadix existe no convento de Cella-Nova e que o Citaniense não tem a seu favor provas sufficientemente seguras, crendo-se portanto que este, de que me occupo, seja o Bispo bracarense Felix Torquato ou Torquato Felix, como d'um e d'outro modo se lê no *Breviario*, o qual na serie tem o numero 15, principiando o seu governo no anno de 693, depois de haver sido nomeado Arcipreste de Toledo, Bispo de Iria e por ultimo do Porto.

Por ordem do Arcebispo D. fr. Caetano Brandão abriu-se pela ultima vez o tumulo, que ainda hoje se conserva dentro da capella de Santa Catharina, lado do Evangelho, examinando minuciosamente o cadaver o medico vimaranense Miguel Rebello de Bastos que o julgou perfeito. No dia 30 de junho de 1805, compareceu na freguezia o Arcebispo e dirigindo-se á alludida capellinha revestiu de pontifical o Santo que acto continuo foi exposto á veneração dos fieis, durante 15 dias, na egeja parochial.

Os povos d'aquellas immediações, desconfiando sempre do Cabido de Guimarães, esperavam com anciedade que terminasse o praso concedido para immediatamente penetrarem de noite na egreja e reconduzirem o Santo para a capella contigua, fechando-a com a grade de ferro que ainda agora conserva.

Pensou-se desde logo na edificação de uma egreja, para a qual apresentou a planta o architecto vimaranense Luiz Ignacio de Barros Lima, e a 7 de março de 1825 tiveram principio estas obras no local denominado — *Penedos de Maria do Monte Maio,* em



Corpo incorrupto de S. Torquato

terreno cedido por varios proprietarios e por el-rei D. João VI que tambem auctorisou a demarcação effectuada em 9 de abril do referido anno pelo Corregedor de Guimarães José Antonio de Almeida, com o comprimento de 194 varas e a largura de 88, conforme o que se lê na inscripção lapidar da capella-mór, lado da Epistola:

TEVE PRINCIPIO ESTE TEM
PLO NO DIA–7–DE MARÇO *(de 1825)* ·
EM–9–D'ABRIL DE–1825–O CORREGEDOR DE
GVIMARAES EMPOSSOV A MEZA DO TE
RRENO PERTENCENTE AO SANTO E*(m virtude)*
DA REGIA PROVISAO DE *(29)* DE *(novembro de 1824 · Mede)*
DE NORTE A SVL–194–VARAS E DE
NASCENTE A POENTE–*(88 varas)* ·

A inscripção vae completada em italico na parte que o salitre destruiu. Do lado opposto ha outra referente á irmandade do Santo. Diz assim:

EESTA IRMANDADE DE S · TORQVA
TO ESTÁ ERECTA E CONFIRMADOS
OS SEVS ESTATVTOS POR ELREI O SENHOR
DOM JOÃO–6.º–QVANDO REGENTE, EM RESO
LVÇÃO DE–21–D'OVTVBRO DE 1806 · NA MES
MA PROVISÃO SE VE: QVE EM–1693–JA
HAVIA ESTATVTO E CONFRA
RIA DE S · TORQVATO

Aos lados do altar existem outras duas lapides onde, por assim dizer, está compendiada a historia do notavel sanctuario.

A primeira, lado do Evangelho, diz:

✝

FOI MARTYRIZADO O GLORI
OSO S · TORQVATO A–26–DE
FEVEREIRO DE–719–LOGO DE
POIS FOI TRASLADADO PARA
O MOSTEIRO VELHO · NO DIA
–30–DE JVNHO DE–1805–FOI EX
POSTO A' PUBLICA VENERAÇÃO
PELO EX.mo SENHOR DOM FR ·
CAETANO BRANDAO ARCEBIS
PO PRIMAZ NO DIA–4–DE JV
LHO DE–1852–FOI TRASLADA
DO PARA ESTE TEMPLO PELO
EMINENTISSIMO SENHOR
CARDEAL DOM PEDRO PAVLO DE
FIGVEIREDO DA CVNHA E MEL
LO ARCEBISPO DE BRAGA ·

A segunda, lado da espistola:

✝
ESTE TEMPLO ESTA' ISENTO
DA JVRISDIÇAO PAROCHEAL POR
SENTENÇA PASSADA EM JVL
GADO, DADA PELO CORREGE
DOR DE GVIMARAES EM—11—D'
ABRIL DE—1811—E CONFIRMADA
NA RELAÇAO DO PORTO NO
DIA—8—D'AGOSTO DE—1812 ·
ESTE DOCVMENTO ESTA'
ARCHIVADO NESTE TEM-
PLO E REGISTADO NA NO-
TA N.º—311—FOLHAS—112—DO
TABALLIAO—JOAO TEIXEIRA
D'ARAVJO, EM GVIMARAES ·

Principiaram pois em 7 de março de 1825 os trabalhos da construcção do primeiro templo, de que apenas se concluiu a capella-mór onde desde 4 de julho de 1852 se acha exposta á veneração publica, sob elegante baldaquino de castanho, a preciosa reliquia do corpo inteiro de S. Torquato. A primeira pedra foi lançada sobre os alicerces no dia 20 de junho do referido anno, terminando em 1846 a obra de pedreiro que importou em 8:171$550 réis. Oito annos depois, em 1854, fez-se o referido baldaquino, ainda hoje em *osso*, com o qual se dispendeu a quantia de 2:350$665 réis.

Esta capella-mor, que em 1855 ficou de todo acabada e da qual, além do baldaquino, apenas aproveitam os alicerces para a do novo templo em construcção, custou 13:223$047 réis. Nesta verba não se incluem os 140$000 réis do para-raios collocado em 1887.

A casa da irmandade, para residencia do capellão e guarda de alfaias, concluiu-se em 1870 por 4:592$560 réis. A torre provisoria construida em 1852 pela quantia de 182$600 réis, recebeu em 1877 quatorze sinos afinados (faltam 4 para o carrilhão), importando todos em 5:136$000 réis. Cada um tem em volta estes dizeres:

IRMANDADE DE S· TORQVATO SVBVRBIOS DE GVIMARAES
MANOEL ANTONIO DA SILVA FILHOS ·
LISBOA ANNO DE 1877 ·

O relogio foi collocado em 1880 e custou 313:475 réis.

*

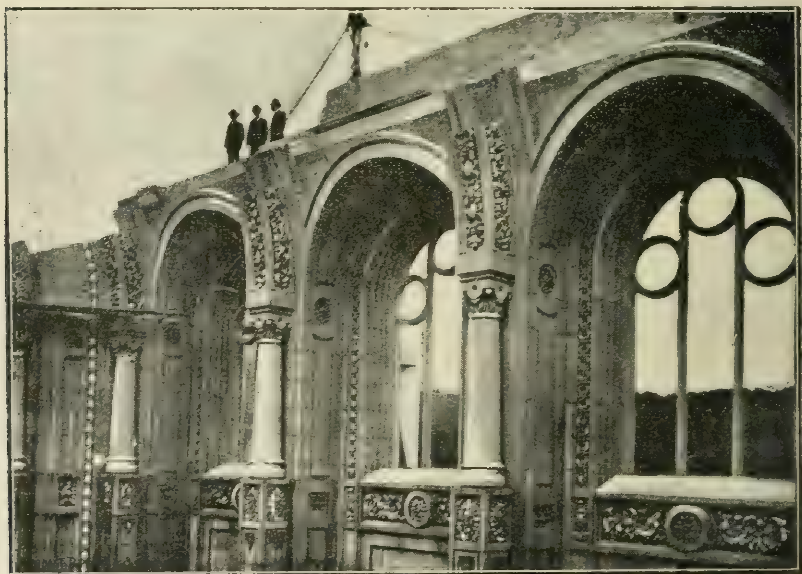
Depois de concluida a capella-mór existente, pensou a meza da irmandade na substituição do projecto ou planta geral da egreja por outra que a excedesse muito em elegancia e riqueza architectonica. Foi a lembrança bem acceita e a approvação recaiu n'esta de que aqui dou gravura, a qual foi desenhada em Gotha pelo architecto allemão L. Bohnfledt, no dia 2 de abril de 1868.

Em 1857 principiaram a assentar os alicerces no mesmo traçado que existia para a continuação da primeira egreja a que pertencia a actual capella-mór, ficando concluidos em 1871 com o importante dispendio de 17:861:375 réis!

Gastou-se á farta o dinheiro e não se pensou então na sumptuosidade da obra que já hoje, pela riqueza de ornamentação delicada e profusa, e pela elegancia do estylo architectonico romanico-bysantino, com excepção das torres em que predomina a renascença, é objecto da admiração dos peritos. Este monumento de arte ficava mais magestoso se lhe ampliassem o espaço interior que no corpo mede $36^{m},20$ por $10^{m},60$ e no transepto $34^{m},90$.

A capella-mór deve ficar com as dimensões da actual que interiormente mede $17^{m},60$ por $7^{m},80$.

Agora que alguns arcos da nave se approximam do fecho, começa a ser notada a pouca largura interior.



Parte interior da nave em construcção

Apezar do grande numero de operarios que diariamente se empregam nesta obra, é de presumir que os individuos que ora nascem não assistam á sua conclusão, salvo se o rendimento an-

nual das esmolas, que já ascende a mais de sete contos de réis, encontrar auxilio decidido nos favorecidos da sorte.

A presente gravura mostra o adeantamento da obra da fachada:



Egreja de S. Torquato (parte construida)

Com os dois grandes anjos de pedra que em 1892 foram collocados sobre o portico dispendeu-se 1:499:000 réis. Sustentam nas mãos uma fita larga com esta interrogação gravada em caracteres gothicos:

GLORIANTES AD QVIT VALEBIMVS?

As estatuas de S. Damazo e S. Geraldo foram collocadas em 1899. Designou-as, a pedido da meza de 1895-1896, o dignissimo D. Prior de Guimarães sr. conselheiro dr. Manuel d'Albuquerque, com approvação dos drs. Manuel Moreira Junior, Arcipreste, e Manuel de Jesus Pimenta, vice-reitor do Seminario-Lyceu.

A primeira empreitada d'este novo templo (lado esquerdo do transepto até a altura das portas) foi adjudicada no mesmo anno da conclusão dos alicerces (1871) a Francisco Thomaz Martins da Motta e Antonio José Pereira, da cidade de Braga, por 7:800 réis cada metro cubico de cantaria.

A segunda (paredes lateraes e torres até proximo do primeiro patamar da escada) foi adjudicada aos mesmos por diversos preços no dia 12 de março do anno immediato. A terceira (lado direito do transepto até á altura das portas), foi entregue ao mesmo Antonio José Pereira no dia 2 de novembro de 1873 por 12:000 réis cada metro cubico. A quarta (continuação da segunda) foi egualmente entregue ao Pereira por 15:000 reis o metro cubico. A quinta e ultima (cornija do pedestal em toda a extensão da obra) foi adjudicada a Antonio Salgado, de Guimarães, em 29 de outubro de 1876, por 13:500 réis cada metro cubico.

Desde então, continuaram as obras por administração da irmandade e sob a direcção do fallecido conductor de 1.ª classe de Obras Publicas, sr. Cesario Augusto Pinto até ao anno de 1895, em que foi substituido pelo notavel architecto portuense sr. José Marques da Silva, a quem a primitiva planta deve alterações de importancia capital para as bellezas que se admiram na execução do trabalho de esculptura. Em 20 de abril de 1897, a meza resolveu convidar o mesmo illustre architecto a visitar mensalmente as obras; e em assembleia geral de 29 de junho de 1899 entregou-lhe definitivamente a direcção.

— São duas as romarias que annualmente se realisam em honra de S. Torquato: a primeira, denominada *pequena*, tem logar no segundo domingo de maio; e a segunda no primeiro domingo de julho. Esta considera-se a maior do Minho pela extraordinaria concorrencia de romeiros nos tres dias.

EGREJA E CONVENTO DE TIBÃES

A Chorographia do padre Carvalho diz-nos que o rei suevo Theodomiro, a instancias do seu capellão-mór S. Martinho, Bispo de Dume, fundara em 562 este notavel convento Benedictino, cujo Abbade era o Geral de toda a Ordem em Portugal, dedicando-o a S. Martinho Turonense; que o successor Miro ordenou a plantação d'uma grande mata junto do convento, com arvores do Alemtejo que, por não serem de folha caduca, se presume fossem sobreiros; que D. Urraca, filha de D. Affonso VI, doára metade do Mosteiro á Sé de Tuy, reedificando-o em 1080; que D. Payo Guterres da Silva o ampliára, etc. Da pedra que se crê ter apparecido com inscripção referente á fundação, não temos um testemunho seguro, nem mesmo consta que exista a sua copia; porém existe desde ha pouco, para prova da reedificação no seculo XI, um capitel d'essa epocha, descoberto pelo actual possuidor do convento, o meu illustre consocio da Associação dos Archeologos, sr. commendador José Antonio Vieira Marques, que se dignou offerecer-m'o, bem como outro composito e outro ainda pertencente ao seculo XIV, todos encontrados na alvenaria do antigo claustro do Tronco, destruido pelo incendio do dia 11 de julho de 1894.

E' da mesma procedencia uma fonte de preciosa esculptura, estylo renascença italiana, em que se lê a data de 1657. O sr. Vieira Marques aproveitou-a embebendo-a na parede interior do edificio.

O capitel do seculo XI, encontrado na alvenaria do seculo XVII, não nos deixa a menor duvida sobre a existencia do convento ha 900 annos, *plus minus*.

Alem d'este testemunho temos na residencia parochial um quadro que se refere do seguinte modo ao Couto feito ao Mosteiro pelo conde D. Henrique e a rainha D. Theresa, em 24 de março de 1110:

«In nomine Patris & Filii & Spiritus Sancti: Ego Comes D. Henricus, & uxor mea Infanta D. Tarasia, Adfonsi Regis filia, placuit nobis, ut faceremus, sicut & facimus Cautum, & Terminum ad Monasterium S. Martini de Tibianes, & facimus illum Cautum, et Terminum pro amore Domini nostri Jesu Christi & ut mercedem inde habeamus ante Deum Omnipotentem in diem Judicii, & ut Servi Domini qui ibi habitant, vel habitaverint, in Missis, & in Psalmis, etiam in toto opere, quod ad Deum pertinet, nostram semper memoriam habeant, & provobis Petro Plaiz, & Menendo Plaiz & Pelagio Plaiz, qui nobis semper cum fide, & veritate servitium fecestis, et facitis. Et facimus per terminum, qui nobis placet, & rectus est, per terminum quomodo dividit Palatim cum Vilarinho, & per montem Maiorem, quod est super Ulgóso; & inde vadit per montem de

Abeleiró, qui est super Ulgóso; & inde, per petram Taramelada, quae est prope de fonte de genti; & inde per terminum de Semelli; & inde quomodo dividit Parada cum Semelli; & inde quomodo dividit Parada cum Forósos; & inde per Cernádo; & inde per Gandarella; et inde, ad illum fontem de Sancto Petro de Merelim; & inde ad Castrum Malum; & inde, per illam carreriam antiquam; & exit in Mocoronni; & inde per medium flumen de Cadavo; & concludit in illa foze de Gesmondi.

Et omnia Regalia nostra, quae continentur infra terminos prenotatos, idest Palatim; & illam varzenam de Cerradello, quae jacet sub villa Merlim in littore Catavi, damus, atque concedimus Sancto Martino de Tibianes, & Fratribus ibi commorantibus, pro remedio animarum nostrarum. Et istam terminationem Monasterii Sancto Martini de Tibianes, quam facimus, nos ita super nominati ita facimus. Et ita Regalia super nominata damus, & concedimus, ut de hodie die, vel tempore sedeat ipse terminus, sive Cautus de jure nostro abrafus, in vestro jure, atque dominio, ad illud Monasterium traditus. Et si quis homo, tam potens, quam impotens, vel Rex etiam, qui hujus terrae imperium obtinuerit, ab hac die in antea, hoc factum nostrum infringere voluerit; in primis sit excomunicatus, & anathematisatus, & cum Juda Domini traditore habeat partecipio & Pareat post partem prefacti Cenobii, aut cui ejus vocem tenuerit, XII. mille libras auri; & hoc factum nostrum ratum semper, & firmum permaneat. Factum Cautum simul, & terminum. VII. Kalendas Aprilis. Era M C.XVIII. Ego Comes Henricus, una cum uxore mea Infanta Domna Tarasia, nostris manibus confirmamus, & robor ✝ ✝ amus. Nunus Tibianensis Cenobii Dei gratia Abbas, quod vidi ɔfr. Petrus Vimaranensis Clerici Comitis HT.

Pro testes. — Petrus, Plagius, Gondisalvus, Godinus. Bernardus Toletanae sedis Archiepiscopus, & S. R. Eccl. Legatus, qui hujus operis adjuctor bonus & actor extiti sub Dei gratia, & legatione comissa, hoc munus ratum semper, firmum manere praecipio, praecipiendo confirmo. Menendo Venegas continens Castelu S. Crucis ɔfr. Gomice Nunis contiñ. S. Christophori ɔfr Egas Monis contin. S. Martini ɔfr. Egas Gondisindis contin. Bayam ɔfr. Plagius Soaris contin. Amayam ɔfr. Fafila Lusi contin. Laginoso. Egas Palais contin. Burio. Gomes Venegas contin. Penelam ɔfr».

*

E' toda abobadada de pedra a magnifica egreja com as suas capellas collateraes e rica talha dourada.

O orgão tem estes dizeres na frente:

«Sendo D. Abb.^{e} Gal da Congreg.^{am}
O R.^{mo} P. M. D.^{or} Fr. José Joaquim
de Sta Thereza.
Fez este orgão no anno de 1785
D. Francisco Antonio Solha vice
Consul de Hespanha por
S. Mag. Cath.»

A dividir as cadeiras do côro que se fez em 1667, sendo Geral Fr. Bento da Gloria, ha bustos de santos a que se refere, por or-

dem numerica, o Index seguinte em dois quadros que por curiosidade copio:

N. P. S. BENTO foi o primeiro inventor do Rosario da Virgem. Accrescentou no officio Divino o *Deus in adjutorium;* ordenou que no principio das horas se diga a *Gloria Patri* e nas matinas o hymno *Te-Deum laudamus.*

N. P. S. GREGORIO MAGNO inventou o cantochão Gregoriano; accrescentou *Ora pro nobis Deum* na antifona *Regina Caeli;* compôs a maior parte das ceremonias da missa; instituiu a adoração da cruz na sexta-feira da paixão; o lava pedes na quinta-feira; a ceremonia da cinza na primeira quarta-feira da Quaresma, etc.

VRBANO II. inventou o Officio menor de Nossa Senhora.

VRBANO III. Instituiu a festa do *Corpus Christi.*

S.TA IVLIANA a quem primeiro foi revelada a dita festa.

O CARDEAL CVIDO ordenou que quando se levantasse a hostia na missa se tocasse uma campainha e que tambem a fossem tangendo deante do Senhor quando o levão aos enfermos.

S. ODDO ABB. Ordenou o Officio de S. Martinho.

S. LEÃO IV. inventou a Octava da festa da Assumpção da Virgem.

S. ANSELMO Arcebispo Cantuariense foi o inventor da festa da Purissima Conceição.

INNOCENCIO IV Ordenou a festa da Natividade.

PAVLO DIACONO compôs o hymno do Baptista. O nosso Guido Aretino achou as 6 sylabas; ut Ré, Mi, Fa, Sol, La, sobre as quaes se compoz o dito hymno.

S. ILDEFONSO foi o inventor da festa da Expectação.

EVGENIO III. inventou a festa da Annunciação.

GREGORIO IX ordenou o costume de tocarem o sino ás Ave-Marias nas egrejas, depois do pôr do sol.

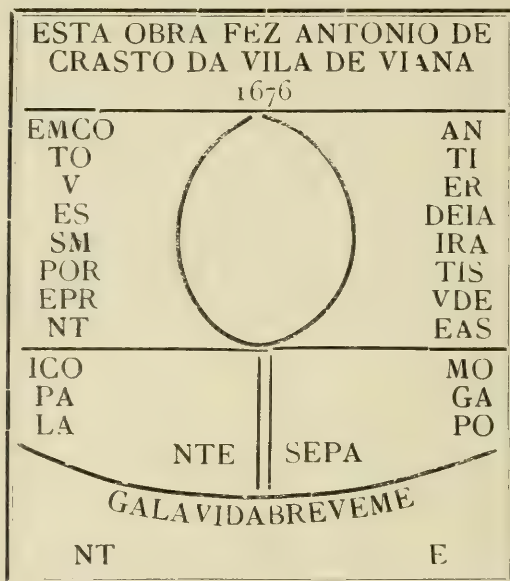
GREGORIO IV compôs o Officio e ordenou a festa de todos os Santos, ordenando que se solemnisasse em o 1.º de novembro.

S. ODILIO ABBADE inventou a devoção das almas dos fieis defunctos que se costuma fazer em o primeiro dia depois da festa de todos os Santos.

S. OVIDO ABBAD foi quem inventou a mão do canto das seis sylabas com que se aprende e compõe a musica.

No Archivo da Mitra guarda-se um Rescripto do Concilio de Constança (anno de 1417) o qual ordena ao Abbade de Tibães que faça restituir os bens que andavam alheados da Mesa Archiepiscopal.

No livro 7.º, fl. 39 v. e 40, do municipio bracarense existe uma concordata celebrada entre a camara e o convento de Tibães para a reparação da ponte de Prado, sobre o Cavado. Provavelmente resultou d'essa concordata a construcção da ponte actual, sobre as guardas da qual existem as armas do referido convento com esta exquisita mas conceituosa inscripção de leitura difficil:



Leitura: — Esta obra fez Antonio de Crasto, da villa de Vianna, *no anno* de 1676.

Emquanto tiveres, deias *(dá)*. Mira *(olha)* por ti, sê prudente. Asi *(assim)* como se paga la ponte se paga la vida brevemente.

Pende da parede do pateo d'este convento um grande quadro a oleo, de alto merecimento, representando as individualidades mais notaveis em santidade e talentos, pertencentes á Ordem benedictina. Tem á margem, em toda a volta, os pavilhões dos paizes onde a mesma Ordem possuiu conventos.

CRUZ DE S. GONÇALO

Tem esta denominação porque se diz ter assistido ao baptismo de S. Gonçalo, nascido em Tagilde, concelho de Guimarães.

A'cerca d'esta cruz lê-se na *Revista de Guimarães*, vol. XI pag. 29: «Remonta evidentemente aos seculos XIII ou XIV. E' de prata sobreposta em madeira, ostentando em alto relevo ornamentações de folhas de vide e terminando as hastes em forma de flor de liz; na frente, no transepto tem as lettras IHS, e quasi nas extremidades medalhões sobrepostos com gravuras em alto relevo que representam: no alto da cruz uma figura masculina nimbada sustentando um livro (?) nas mãos; no do braço direito um pelicano; no do esquerdo a imagem da Virgem (?); no do fundo um anjo com um papel de musica nas mãos; na parte posterior tem outros quatro medalhões, não sobrepostos com os symbolos dos evangelistas; no do alto da cruz a aguia; no do braço direito o anjo; no do esquerdo o leão; no fundo o boi d'azas.



Na exposição d'ourivesaria feita em 1883 no *Palacio de Crystal,* do Porto, esteve exposta esta cruz, sendo apreciada como justamente merecia».

Esteve tambem na exposição de arte sacra-ornamental de Lisboa em 1895 por occasião do centenario Antonino. O sr. Joaquim de Vasconcellos escreveu no *Commercio do Porto* n.º 181 de 1 de agosto de 1895: «Na mesma sala 4.ª... está perdida, quasi occulta, uma joia de elevado preço — a cruz de prata attribuida a S. Gonçalo d'Amarante. A depositaria d'esta joia é a egreja de Tagilde, perto de Vizella... Pertence ao estylo romanico de transição: os argumentos em que se funda a attribuição, em-

bora não sejam absolutamente seguros, merecem sério e detido exame».

Em correspondencia de Vizella para o mesmo jornal n.º 173 de 7 de julho de 1880, diz o fallecido Manuel Maria Rodrigues: «a cruz de Tagilde ambicionada pelos frades d'Amarante que offereceram outra de prata e 400:000 réis».



CALICE DE S. SALVADOR DE BRITEIROS

E' de cobre, excepto a copa que não póde deixar de ser de prata dourada.

Este curioso calice mede de altura $0^{m},30$ e tem na copa 0,08 de diametro. O nó, bastante desenvolvido, é bem lavrado como a base que se divide em seis gomos com emblemas, e em dois d'elles as palavras: BRITEIROS e BRAVO, designando a primeira a freguezia a que pertence e a segunda provavelmente o sobrenome do offerente.

CAPELLAS [1]

CAPELLA DE S. LOURENÇO DA ORDEM

Nos suburbios de Braga, a pequena distancia da egreja de S. Fructuoso, existe a capella de S. Lourenço da Ordem, notavel pela tradição de ter sido sagrada, de pertencer aos Templarios, no tempo em que tinha contigua uma Gafaria, de servir para os conegos alli resarem em côro quando grassavam na cidade epidemias, pelos preciosos azulejos que interiormente conserva, e pela porta principal gothica a denunciar, a sua muita antiguidade. No lado direito da sua fachada vê-se embebida uma grande pedra com esculptura representativa da anterior frontaria da Sé com as suas duas torres acastelladas e entre ellas a imagem da Virgem que tem estes dizeres na peanha:

A M^A. DASSCE DE BR^A.

CAPELLA DE SANTA MARTHA DAS CORTIÇAS (BRAGA)

No alto do monte d'este nome, onde se conservam abundantes vestigios de habitação luso-romana, construiu o Arcebispo D. Diogo de Sousa uma capella da invocação de Santa Martha, da qual ainda existe o arco interior com o brazão prelaticio.

Os frades do extincto convento da Falperra não levavam a bem que o parocho de Esporões recolhesse as numerosos esmolas que os fieis deixavam na referida capella, e construiram na vertente do monte, junto do caminho dos romeiros, outra da mesma invocação de Santa Martha que o povo denomina *do leão,* por ter ao lado um leão de pedra a jorrar agua pela bocca. Esta romaria é grandemente concorrida e os pedidores das duas capellas divertem n'aquelle dia o povo com interminavel aranzel para

---

[1] Os nomes de capella e capellão provém do costume dos reis de França levarem nas suas expedições a capa de S. Martinho juntamente com outras reliquias, alguns Bispos e ecclesiasticos que celebravam missa ao ar livre como se fora na egreja. O uso das *capellas domesticas* é attribuido a Constantino que fez construir uma no seu palacio.

A lei de 1860 extinguiu as capellas vinculares.

que se acredite que uma das imagens é mais milagreira que a outra.

A pequena distancia d'esta ultima capella, e ao seu lado esquerdo, ha um grande penedo, bastante gasto na parte inferior, com estes dizeres em caracteres elegantes: GRANDIA MALA MEIA.

E' provavel que os frades venerassem alli alguma imagem de Santa Maria Magdalena a chorar os seus grandes males.

CAPELLA DE SANTA MARIA MAGDALENA

No referido monte da Falperra, logar antigamente denominado da *Portella de Espinho,* pouco distante da capellinha de Santa Martha do Leão, construiu-se no seculo XV uma ermida em que principiou a ser muito venerada a imagem de Santa Maria Magdalena, fundando-se-lhe em 1635 uma confraria que pouco depois dava principio á construcção da actual capella elegantemente esculpturada.

No dia 22 de julho de 1738 foi para alli trasladada a imagem que então se esculpturou em granito e que por occasião de grandes calamidades era devotamente conduzida para a cidade. Parece que a maior penitencia consistia na incommoda conducção. Esse antigo costume persiste ainda, mas a imagem é outra e de madeira.

Nas *Antiguidades d'Entre Douro e Minho* refere-se que os parochianos da proxima freguezia de Santa Christina de Longos eram obrigados a dar annualmente ao seu abbade, no dia da festa da peccadora de Magdala, *tres figos lampãos e uma cabaça d'agua.* A designação de *lampãos,* como o indicam os prophetas *Jeremias e Micheas*, aquelle elogiando os figos que viu num cesto á porta do templo, e este dizendo: *Precoces ficus desideravit anima mea*, indicam os temporãos.

CAPELLA E CONVENTO DO VARATOJO

Esta capella fica entre as de Santa Maria Magdalena e Santa Martha do Leão. O convento, que era modestissimo, e que foi construido a expensas dos bemfeitores, distinguindo-se n'este numero Domingos Fernandes Lata, está sendo substituido por um edificio elegante e vasto, graças á dedicação do Juiz da irmandade, o sr. Manuel Simões Braga.

A primeira pedra do extincto convento que abrigou 13 frades

professos e que teve quatro portas exteriores sobre duas das quaes havia os dizeres: — SOLIDÃO, SILENCIO E PAZ — CASA DE DEVS, PORTA DO CEO, foi lançada no dia 24 de agosto de 1828 pelo Vigario Geral Manuel José Leite Pereira, Abbade de Maximinos, fallecido a 7 de março de 1830. Na egreja conserva-se, para memoria, uma cadeira em que se assentou o sr. D. Miguel de Bragança quando alli foi de visita.

CAPELLA DE SANTO ADRIÃO DA CORRICA (BRAGA)

Na margem direita da antiga estrada de Guimarães, aguas vertentes do monte do Picoto, construiu-se em 1576 esta capella que tem porta de arco e alpendre, como todas as da epocha.

Sobre a porta lê-se:

ANT S OBF *(sic)*
INHO A M
ANDOV F
1576

Leitura:—Antonio Sobrinho (?) a mandou fazer no anno de 1576.

CAPELLA DE S. LAZARO (GUIMARÃES)

E' de construcção singelissima esta capella. Está situada no logar dos Pombaes, entrada da rua de D. João I.

Data do anno de 1600, como nos diz o seguinte lettreiro gravado sobre a porta:

ESTA IGREIA SE FEZ NO ANO DE 1600.

Teve contigua a Gafaria dos Lazaros administrada pela Camara Municipal e, desde 1681, pela meza administradora da Misericordia.

Fica-lhe quasi em frente o padrão coberto de abobada de granito, commemorativo da romaria que D. João I fez a Nossa Senhora da Oliveira em acção de graças pela tomada de Ceuta. Desde 20 de março de 1863 e 29 de agosto do anno immediato, effectuou-se a sua mudança do centro da rua, á distancia de 2^m,30, onde marcava o sitio em que o monarcha se descalçou para devotamente se dirigir á Collegiada.

O cruzeiro, que é todo de marmore branco, muito elegante, compõe-se de uma columna alta e o Christo, bem esculpturado, em cruz florida.

CAPELLA DE SANTA LUZIA (GUIMARÃES)

Está situada na rua do mesmo nome e foi construida no anno do 1600. A porta principal é de arco e tem na frente um alpendre sobre columnas toscas de granito, cobrindo um pulpito singello, egualmente de granito, que se encosta ao lado direito.

E' administrada pelo Cabido que no dia da romaria annual manda alli celebrar missa cantada com sermão em troca das muitas esmolas que então recolhe. Venera-se nesta capella a pequena imagem de S. Bento que esteve numa das portas da cidade.

CAPELLA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO (GUIMARÃES)

Um pouco distante da ponte de Santa Luzia, antiga estrada de Braga, alveja por entre frondoso arvoredo, em logar vistoso, esta formosa capella com seu alpendre, construida em meado do seculo XVII. E' possivel que antes d'esta houvesse no mesmo local outra muito antiga, pelo menos do tempo do cruzeiro que se ergue no largo fronteiro e que tem a data de 1580.

A capella é interiormente azulejada e o tecto apainellado representando a vida de Nossa Senhora.

A' novena que annualmente se faz nesta capella assistem, desde tempos immemoriaes, os estudantes da cidade promotores dos festejos escholasticos em honra de S. Nicolau, os quaes partem para alli ás 4 horas da manhã rufando em tambores e regressam á cidade com o mesmo enthusiasmo da partida.

CAPELLA DA MADRE DE DEUS (GUIMARÃES)

Na margem direita da estrada que conduz a S. Torquato existe esta capella fundada em principios do seculo XVI pelo conego Gonçalo Annes. A actual construcção data do seculo passado. Tem uma irmandade que annualmente realisa a festividade e romaria no domingo do Bom Pastor.

CAPELLA DE NOSSA SENHORA DA LUZ (GUIMARÃES)

Esta capella com seu alpendre sobre a porta, e pulpito de pedra, está situada num pequeno monte, a pouca distancia do cemiterio publico. A sua construcção data do primeiro quartel do seculo XVII. Effectua-se alli a 2 de fevereiro uma romaria numerosamente concorrida de povo da cidade.

CAPELLA DE S. JOÃO DA PONTE (BRAGA)

E' assim denominada por estar proximo das pontes velha e nova de *Guimarães*, entre as quaes annualmente se representa com o maximo brilhantismo o baptismo de Jesus pelo propheta judaico, que na vida pastoril gastou a mocidade abrigando-se numa *Antra*, como nos diz Gavanto *(Thes. Sacr.):*

«Antra deserti teneris sub annis,
Civium, turmas fugiens, petisti,
Ne levi posses maculare vitam
Crimine linguae.»

E' acanhada e de architectura singella, tendo á entrada um al-pendre sustentado por seis columnas toscanas. Na verga da porta lê-se: ANNO DE 1616, o que indica uma reconstrucção da anterior fundada no mesmo local a expensas do Arcebispo D. Diogo de Sousa (1505-32), e na qual se instituiu uma irmandade para occorrer ás despezas dos festejos baptistinos, cuja fama data de tempos afastadissimos, sem duvida muito anteriores ao reinado de D. João I em que, por determinação real, todos os Municipios foram obrigados a realisar com pompa estes festejos. De longes terras accodem a Braga centenares de romeiros, embora nas suas visinhanças deixem as festas que se realisam em honra do mesmo Santo que é o mais popular da longa lista do *Flos-Sanctorum*.

Em toda a parte estas folganças mantêem um caracter sacro-profano que não póde deixar de provir das velhas festas pagans. As cantigas bregeiras do nosso povo em honra do Baptista, as cavalhadas e montarias que em tempos afastadissimos os bracarenses annualmente faziam nos arredores da cidade, na vespera da festa do Precursor, tudo robustece a minha supposição.

Um documento inedito do seculo XVII, citado por Camillo

Castelio Branco na *Gazeta Litteraria* do Porto, n.º 7, diz-nos que ainda naquelle tempo os cavalleiros bracarences lançavam pórcos na *coutada dos Arcebispos*, sendo um d'elles de côr preta, creado durante todo o anno á custa d'um dos dois mordomos para esse fim nomeados. Rompia a madrugada do S. João e os nobres dirigiam-se ao alto do Picôto onde recebiam as orvalhadas e soltavam o porco preto para o perseguirem até á margem esquerda do rio E'ste[1], aonde o *martyr* pachiderme encontrava sobre a ponte velha um grupo de moleiros que forcejavam por lhe impedir a passagem.

Se o porco, entre os dois fogos, se decidia pela travessia do rio, vencia a *moleirada* que tomava conta d'elle, para o dividir irmãmente; e em caso contrario, isto é, conseguindo atravessar a ponte, era comido pelos perseguidores victoriosos.

Depois d'isto dirigiam-se os cavalleiros á alamêda das Carvalheiras e alli recebiam d'outro mordomo de S. João os vistosos cestinhos de fructa, que tomavam toda a meza de pedra em que ainda hoje se lê o seguinte dividido pelos quatro lados: BRACARA AVGVSTA FIDELIS ET ANTIQVA, e lá os levavam alegremente ás pessoas da sua estima[2]. A' corrida do porco preto e ás cavalhadas, seguiu-se provavelmente a festa semi-pagan do *candeleiro*, promovida pela Confraria de S. João na madrugada de 24 de junho e extincta pelo Arcebispo D. Affonso Furtado de Mendonça (1618–1626,) em nome da moralidade publica.

No livro 6.º dos Accordãos da Confraria, anno de 1543, propõe-se a reducção das despezas do *candeleiro* para que apenas se gastassem *seis mil réis* e *vinte e duas libras de cera;* e que no beberete ou consoada na madrugada de S. João não se gastasse mais de *tres mil réis*.

Succedeu a tudo isto a procissão do *Rei David* que ainda hoje se observa muito modificada, sem andores, a contento dos povos das freguezias ruraes que se acotovelam para assistirem á dança do barbado Rei David com a sua comitiva, pastores, cantoria do *anjo da nuvem* com o S. Joãosinho num nicho de verdura a dar beijamão e a comer doces!

Desde o anno de 1893 que as commissões promotoras dos festejos baptistinos alteram o secular sistema de concentrar em volta da capellinha as festas da vespera e do dia, promovendo desde então vistosas illuminações, certamens musicaes, orpheons, rifas, quadros dissolventes, fontes luminosas, etc., no jardim do campo

---

1 No dia 30 de junho de 1779 morreram 32 pessoas afogadas pela enchente d'este pequeno rio.

2 Estes dizeres estiveram gravados no plano da meza até que a Camara de 1625 os fez mudar para os lados.

de Santa Anna, onde concorrem milhares de pessoas que com o producto das entradas cobrem as despezas todas.

*

O baptismo adoptado por S. João destinava-se unicamente a purificar os que o recebiam. As maiores auctoridades da egreja dizem que não remittia peccados porque lhe faltava a graça santificante. Por isso os Efezios, que já eram baptisados, receberam muito depois o verdadeiro baptismo que Jesus Christo instituira dizendo aos seus onze Apostolos: *Euntes ergo docete omnes gentes, baptisantes eos in nomine Patris, et Filii, et Spiritus Sancti.*

Póde supprir a falta do baptismo *pela agua*, o baptismo *pelo fogo* e *pelo desejo.*

A desproporcionada imagem de S. Christovão que se venera na capella da Ponte e que figura na scena do baptismo, collocando-a ao centro do rio em attitude de fazer a travessia, é muito procurada por quem tem *fastio;* e em tempos que já vão longe o Municipio concedia certos privilegios aos lavradores da visinha freguezia de Ferreiros que a conduziam em andor na procissão do *Corpus Christi.*

*

Parte do local de S. João da Ponte a estrada de macadam que liga as duas cidades — Braga e Guimarães.

A' distancia de menos de 2 kilometros existiram dois pinheiros mansos, muito copados, de proporções gigantescas, sendo ha bastantes annos derrubado o da margem esquerda e conservando-se o da direita até que em novembro de 1895 a proprietaria snr.ª D. Maria Couto, da rua do Carvalhal, sem o minimo respeito por essa vida tão longa, o vendeu por 31$500 réis.

Os seus braços frondosissimos produziram 19 carros de lenha que se venderam *in situ* pela quantia de 18$000 réis. A serragem custou 37$000 réis e grande parte da sua madeira foi vendida ao sr. Antonio Fernandes Lopes que a empregou na casa que então mandou construir na rua dos Capellistas, actualmente arrendada á Associação Catholica.

O desapparecimento do *pinheiro da Gregoria,* que deu o nome ao logar e que muita gente de longes terras conhecia, foi geralmente lamentado. No mesmo sitio plantou-se em janeiro do anno immediato outro que já hoje mede uns 2 metros de altura.

CAPELLA DE SANTA JUSTA (BRAGA)

Está situada proximo da Ponte dos Pellames, ao fundo da rua do mesmo n me. Foi construida a expensas de Gracia Mart ns, viuva de Rodrigo Ennes (o Peru), no anno de 1618, como se lê na seguinte inscripção da porta principal:

ESTA.CAP.ELA.MANDOV FAZER GRACIA.MZ
MOLHR.QVE.FIC.OV.DR.º.ENES.O PERV.1618.A

Pertenceu ao *Morgado* de Torneiros. Está nella erecta uma irmandade das Almas indulgenciada pelo Papa Gregorio XVI. Ao fundo da sacristia ve-se uma cruz com a imagem de Christo em pintura, sob a invocação do Senhor do Soccorro. Esteve em tempo num oratorio de madeira que ainda hoje existe na fachada da casa n.º 41 da mesma rua.

CAPELLA DE SANTO ANTONIO (BRAGA)

Está situada ao nascente do antigo campo dos Touros, actualmente praça Municipal, e teve a sua origem numa capella de Nossa Senhora de Nasareth construida em 1546, a expensas do Arcebispo D. Manuel de Sousa, junto da porta da muralha da cidade, que tinha no alto um nicho com a imagem do thaumaturgo portuguez, muito da veneração do povo que subia ao alto da muralha por uma escada de pedra. Esta servidão foi inutilisada por ordem do Arcebispo D. fr. Bartholomeu dos Martyres em 1572, quando no antigo campo da Vinha fundou o Seminario de S. Pedro, abrindo então sobre a muralha uma passagem com o fim de o visitar diariamente. D'essa capellinha da Virgem de Nazareth existem apenas as costas, uma pequena janella, um arco simples e a pia da agua benta.

D. fr. Agostinho de Jesus (1587-1609), projectando o alargamento do Paço, obra realisada por D. José de Bragança (1641-56) e destruida por violento incendio ás 11 horas da noite de 15 de abril de 1866, mandou murar o espaço destinado áquelle fim, ficando do lado de dentro a alludida capellinha. D. Rodrigo da Cunha (1627-35) ordenou a sua demolição e a reedificação onde ainda hoje se vê, collocando-lhe sobre a janella a primitiva padieira da porta, em que está gravada esta inscripção:

ANNO · XXV · IMPERII · DIVI · JOANNIS · III · LVSITAN
REGIS · D · EMANVEL · DE · SOVSA · ARCHIEPS · BRACH
HISPAN · PRIMAS · EIVS DE REGIS · FACTVRA · HOC ·
SACELLV · POSVIT · IN HONORE · MARIE · VIRGINIS ·

Além do altar-mór tem mais dois—o de S. Roque e o da Virgem da Piedade. Na sacristia podem ser vistos 11 curiosos quadros de madeira com figurado em relevo representando os milagres de Santo Antonio.

Proximo d'esta capella, o rev. Domingos Pires, Abbade reservatario de S. João da Balança, fundou em 1588 o Recolhimento das Beatas de Santo Antonio, destinando o a 6 mulheres donzellas ou viuvas. Por effeito da demolição do edificio passaram essas recolhidas para uma loja da antiga casa do Raio, hoje pertença do Hospital de S. Marcos.

CAPELLA DE NOSSA SENHORA DA CONSOLAÇÃO

Nas freguezias de Dadim e Nogueiró (unidas), suburbios da cidade de Braga, construiu-se no ultimo quartel do seculo XVI uma capellinha em honra de Nossa Senhora da Consolação. Assenta, a poucos metros do portico do Bom Jesus, numa pequena elevação que os romanos fortificaram, como se deprehende dos vestigios que os cortes do terreno apresentam, como por exemplo uma mó manuaria, ceramica e um pezo de fuso que pode ser visto no meu pequeno museu estabelecido numa loja do Paço Archiepiscopal.

Por Bulla datada do 1.º de maio de 1617 auctorisou Paulo V a fundação d'uma confraria a que concedeu muitas indulgencias.

No campanario tem um formoso sino denominado *Vacca da Consolação*, que muitas vezes convidou o povo de Braga á lucta em favor dos guerrilheiros Miguelistas, que alli estacionaram em 1846, sob o commando do celebre Padre Casimiro.

Este sino foi fundido em 1802 na fabrica bracarense de João Ferreira Lima.



Gruta — Ermida de Nossa Senhora da Penha (Guimarães)

Sobranceira á cidade de Guimarães ergue-se magestosa a serra de Santa Catharina, com 61^m,98 de altitude sobre o nivel do mar, assim denominada por possuir, desde tempos remotos, no ponto mais culminante, uma capellinha da mesma invocação, com um pulpito curioso, portatil, em fórma de calice, muito apreciado quando esteve exposto no museu da Ordem Terceira de S. Francisco.

Entre elevados penedos que, pela sua disposição curiosa, formam ampla gruta ermida, venera-se a imagem de Nossa Senhora do Carmo, denominada da Penha, em altar proprio, com mais dois lateraes e ainda um pulpito e uma sacristia!

Sobre esta gruta concluiu-se a 18 de julho de 1881, a capella relicario, que a gravura supra representa.

Ao seu lado esquerdo vê-se uma torre acastellada, de cujas ameias se descobre um horisonte vastissimo.

Esta obra concluiu-se no sabbado 13 de outubro de 1888, com

a collocação dos 4 sinos afinados que a classe dos curtidores mandou fundir pela quantia de 422:000 réis na fabrica portuense do sr. Alexandre Antonio Leão, os quaes chegaram á estação de Guimarães no comboio das 10 horas da manhã de sabbado 1 de setembro do referido anno.

Pezam 546 kilos assim distribuidos:—Dó — 206; Ré — 15c,500 grammas; Mi — 104,800 grammas; Fá — 84,700 grammas.

Além das moedas e jornaes d'aquelle tempo, tambem ficou sob a primeira pedra da torre uma chapa de metal amarello com os nomes dos membros da meza d'aquelle anno, da qual fazia parte o auctor d'estas linhas, então presidente da primeira commissão promotora de melhoramentos no local.

Essa commissão, composta de 55 individuos, organisou se a 29 de agosto de 1886, trabalhando dedicadamente durante os dois primeiros annos em que levou a effeito a obra da escadaria dos passos, construcção de muros, terraplenagem e arborisação do largo e encanamento da agua a 13 de junho de 1887. Os seus nomes, que teem jus á gratidão geral, constam da *Aurora da Penha,* numero unico publicado em 29 de agosto do referido anno de 1887.

A 17 de julho de 1881 organisou-se a commissão promotora do monumento que se erigiu a Pio IX no ponto mais elevado, sendo-lhe lançada a primeira pedra pelo Arcebispo D. João Chrisostomo d'Amorim Pessoa, á 1 hora da tarde de 18 de junho de 1882. A inauguração solemne do monumento teve logar a 8 de setembro de 1893. A's 10 horas da manhã d'este dia foi benzida pelo Arcipreste a capella-relicario.

E' octogonal o pedestal, medindo 10 metros d'alto por 5 de largo. As saliencias do cornijamento são desenvolvidas a ponto de no projecto se lhe destinar uma varanda com accesso por escada interior.

A primorosa estatua, de 5 metros de altura é, como a da Virgem de Lourdes que lhe fica proximo, esculpturada em marmore de Carrara, e ambas no valor de 5:000:000, foram offerecidas pelo benemerito Fernando de Castro Abreu Magalhães, servindo de intermediario o enthusiasta dos melhoramentos da Penha sr. Francisco Joaquim da Costa Magalhães.

A estatua representa Pio IX a abençoar, tendo na mão esquerda a Bulla em que proclamou a immaculada Conceição da Virgem. No cofre collocado sob a primeira pedra do templo em construcção ficou uma lamina com os dizeres seguintes

«Anno de 1895. Reinado de D. Carlos Primeiro e Pontificado de Leão XIII. Sanctuario da Immacaulda Conceição erecto pela cidade de Guimarães e catholicos portuguezes. Primeira pedra

lançada a 8 de setembro pelo D. Prior de Guimarães D. Manuel d'Albuquerque».

Em 1898, a Commissão de melhoramentos teve a feliz lembrança de fazer levantar a planta geral do parque, mas... as grandes obras projectadas não permittem que se effectuem cedo.

CAPELLA DE GUADELUPE (BRAGA)

Ao lado da rua de Santa Margarida, num dos locaes mais elevados e mais vistosos da cidade, denominado Monte do Reducto, hoje transformado em alameda de recreio, havia em tempos afastados uma capella de Santa Margarida, a qual se demoliu para em seu logar ser construida no anno de 1747 a que hoje existe em fórma de cruz grega, dedicada á Virgem Mãe de Deus, e para cuja obra contribuiu com 100:000 réis o generoso Arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles. Tem sobre a porta estes dizeres:

PROTEGAM
VRBEM ISTAM
1747

A palavra Guadelupe significa em Arabe *Rio do Seio*, — Uad-el-ubb; mas provavelmente a invocação d'esta imagem provém da Guadaloupe, *(Aquae-Lupiae)*, Hespanha, onde foi fundado o notavel convento dos Jeronymos.

CAPELLA DO CEMITERIO (BRAGA)

E' de architectura singella e foi construida em 1870. Na tribuna de madeira liza, toda pintada a branco, ha apenas uma imagem de Christo crucificado.

O cemiterio foi benzido pelo Arcebispo D. José Joaquim d'Azevedo e Moura no dia 1 de julho de 1870 e estreiou-se no dia immediato com o cadaver de Francisco Soares, casado, da freguezia de Lanhas, fallecido no hospital de S. Marcos.

CAPELLA DE SANTA TECLA (BRAGA)

No logar d'este nome, em sitio elevado, foi construida a capella de Santa Tecla (vulgo Santa Trega), com a estatua da Santa no alto, esculpturada em granito.
Sobre a verga da porta lê-se:

A' CUSTA
DE JOSE PINHEIRO LEITE
ANNO 1729

CAPELLA DO SENHOR DAS ANCIAS (BRAGA)

Está situada ao lado sul da rua da Boa Vista e foi construida a expensas dos devotos, como se lê no friso da fachada:

ANNO 1735
ESTA CAPELLA FOI FEITA A' CUSTA DOS DEUOTOS

No alto da tribuna tem uma formosa esculptura em madeira representando Christo na cruz.
A capella é administrada por uma Confraria.

CAPELLA DE NOSSA SENHORA DA BOA-MORTE (GUIMARÃES)

Esta capella, de proporções acanhadas, mas toda interiormente azulejada e com uma bella imagem de Nossa Senhora da Boa-morte, sobre o altar, foi fundada por Antonio Dias Pimenta e mulher Maria Peixoto, instituidores do vinculo com a capella da Porciuncula, em S. Francisco, junto das suas casas que ainda existem no alto da rua de Santa Maria. E' hoje pertença de José Alves Pereira de Magalhães Moura, de Basto.
O conego Hyeronimo da Costa Pimenta vinculou-lhe as missas do Natal.
Todos os domingos iam alli os padres da Curaria celebrar missa e responso.
Os religiosos do convento de S. Francisco tambem eram obrigados a celebrar alli 4 missas com cruz alçada, sendo a primeira no dia 25 de março, a segunda em 3 de maio, a terceira em 13 de agosto e a quarta no dia 8 de dezembro.

CAPELLA DO SENHOR JESUS (GUIMARÃES)

Junto á sua casa das Lamellas (hoje Tribunal, Administração do Concelho e Repartição de Fazenda) o dr. Ruy Gomes Golias, mestre-eschola da Collegiada, fundou esta capella instituindo morgado em seu sobrinho. Com ella vinculou os bens a esposa d'este, D. Maria dos Guimarães.

D'aqui sáe annualmente, para a procissão do Corpus-Christi, a imagem de S. Jorge.

CAPELLA DE NOSSA SENHORA DO PILAR (BRAGA)

No logar de Infias, freguezia de S. Victor, está situada esta capella que pertenceu ao Bispo d'Elvas D. Diogo da Silva a quem succedeu na posse sua irmã D. Nathalia da Silva que por sua vez a deixou á irmandade de Santa Cruz.

Na data (1687) em que foi collocada a inscripção sobre a porta principal fez d'ella acquisição por compra á mesma irmandade João Borges Pereira Pacheco, fidalgo da casa real e cavalleiro professo na Ordem de Christo. Mandando-a restaurar, requereu ao Arcebispo o necessario consentimento para de novo a benzer e n'ella celebrar os officios divinos, o que o Prelado para logo permittiu.

Pendente da parede sul vê-se um quadro a oleo representando o martyrio d'um padre jesuita, irmão de D. Anna Borges Pacheco avó do referido João Borges, o qual tem estes dizeres: — *O Padre Francisco Pacheco, filho de Garcia Lopes Pacheco e de Maria Borges de Mesquita da Villa de Ponte de Lima, provincial da Companhia de Jesus em Japão onde foi martyrisado queimado vivo com Francisco Valente em Mangassa a 21 de julho de 1628.*

O comprador da capella jaz em tumulo de pedra, ao lado da Epistola, com estes dizeres em caracteres elegantes:

SEPVLTVRA DE JOAM BORGES PEREY-
RA PACHECO FIDALGO DA CAZA DE
SVA MAGESTADE CAVALEYRO
PROFESSO NA ORDEM DE CHRISTO
ANNO DE 1687

CAPELLA DE NOSSA SENHORA DA ABBADIA (BRAGA)

Foi construida em 1738 onde actualmente se encontra no largo do Barão de S. Martinho, encostada a uma das torres do castello da cidade. Sobre o arco envidraçado tem a seguinte inscripção:

ASSVMPTA
EST MARIA IN
CÆLVM GAV
DENT ANGELI·
ANNO 1738

A capella anterior tinha sido construida por D. Diogo de Sousa, sobre tres arcos, lateraes e fronteiro, vedados por grades de ferro. Media 15 palmos de comprido por 12 de largo.

O pelourinho, que datava de 1568, principiou a ser removido d'aqui para o campo dos Touros, onde pouco se demorou, no dia 13 de novembro de 1844.

CAPELLA DE S. GONÇALO (BRAGA)

Está situado á esquina da rua do mesmo nome, com entrada pelo campo de Santa Anna, e foi fundada sob a invocação de S. Bartholomeu pelo Arcebispo D. Jorge da Costa (1448-1501), que lhe collocou sobre a porta o seu brazão com estes dizeres em volta:

O PMTS DAS ESPAN· GIORGE DA COSTA.
ARCEBPO E SOR. DE BRAGA A MADOV.
FAZ· ESTA EGIA. ANO DE 1.5.

IVSTVM DEDVCET DOMINVS
PER VIAS RECTAS

Leitura: — O Primaz das Hespanhas D. George da Costa, Arcebispo e senhor de Braga, mandou fazer esta egreja no anno de 1500.

No cap. 10 do *Livro da Sabedoria* lê-se *deduxit* e não *deducet*.

Este brazão e legenda foi trasladado por Duarte Mendes de Vasconcellos para o muro da sua casa das carvalheiras, onde actualmente se vê, por occasião da reedificação da capella e fundação do *Recolhimento das Convertidas,* contiguo, pelo Arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles em 1722, auctorisado por Breve Pontificio de Clemente XI, com data de 14 de agosto do referido anno. O fundador destinou-o a 12 mulheres arrependidas que receberiam, cada uma. diriamente 20 réis e meio alqueire de pão por semana.

A regente vencia 40 réis. Para edificar o Recolhimento comprou D. Rodrigo, em 1720, duas moradas de casas, dispendendo ao todo 2:800$000 réis.

O escudo que o Cardeal de Alpedrinha D. Jorge da Costa adoptou, representa a roda de Santa Catharina, e dizem que em reconhecimento dos muitos beneficios que a Infanta D. Catharina lhe prestou, pois conseguiu accumular os cargos de Cardeal dos Santos Martyres Marcello e Pedro, Bispo Albanense, Bispo Tusculano. Bispo Portuense e de Santa Rufina, Bispo de Vizeu, Arcebispo de Braga e de Lisboa, Deão de Braga, Lisboa, Porto, Lamego, Guarda, Vizeu, Silves, Burgos, e Chantre do mesmo; possuiu oito Abbadias da Ordem benedictina, dez dos conegos regrantes de Santo Agostinho, seis da Ordem de S. Bernardo; em Roma o rendosissimo beneficio de Santa Maria Trans Tiberim; em Veneza uma Abbadia e a Villa de Arpanica com todas as rendas; em Navarra e outras localidades, numerosas honrarias ecclesiasticas!!

Seu sobrinho D. Pedro da Costa, Bispo do Porto, de Leão e Osma, dividiu o escudo, escrevendo ao lado da roda:

Sy esta rueda Ezequiel viera
Com su prosapia remota,
Y su valor conociera,
Mui cierto está que dixera
Spiritus vitae erat in rota

E do lado das seis costas de prata:

Sy Adan viera las costillas
Deste escudo, que aqui veis,
Y sus grandes maravillas,
Dixera por mas subillas
Hoc os ex ossibus meis.

CAPELLA E RECOLHIMENTO DA CARIDADE (BRAGA)

E' da invocação de S. João da Matta e está situada na rua do Carmo onde Antonio Pinto, esculptor, da rua do Chãos de Baixo, fundára o Recolhimento n'umas casas que para esse fim comprou na rua do Carvalhal. As obras da pequena capella terminaram em 1768, benzendo-a em 21 de janeiro do anno immediato, o padre José de Araujo Costa, Prior da Apulia, e celebrando-se n'ella a primeira missa a 23 do referido mez. O doutor Manuel da Silveira, fidalgo da casa real, offereceu em 1785 ás recolhidas uma grande casa contigua para augmento do Recolhimento. As religiosas usam habito de Trinas, e têem por fim ensinar meninas pobres a escrever, ler, costurar e fiar.

CAPELLA DO PAÇO ARCHIEPISCOPAL (BRAGA)

E' obra do Arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles que dispendeu com a sua construcção a quantia de 2:000:000 réis e mais 1:600:000 com a torre e sinos. Tem a fórma da cruz grega. O edificio do Paço que a envolve, era acanhadissimo. Augmentou-o pela primeira vez o Arcebispo D. Fernando da Guerra (1418-67). D. Manuel de Sousa (1544-49) obteve a cedencia de umas casas onde construiu a parte do nascente que alinha com a rua do Souto, instituindo ao rez do chão o Auditorio e Relação do Arcebispado, como se lê na inscripção que existe sobre a porta:

ILLUSTRANDAE URBIS · CAUSA · SIT · VE UNDE PETANTUR
IURA · NEC · INSTABILI DENTUR · UT ANTE LOCO
SOUSA · PATER DNS QUE URBIS MAGNUS Q SACERDOS
IUSTITIAE · EMANUEL NUBILE STRUXIT · OPUS ·

«Para engrandecer a cidade e saber-se o logar certo onde se devia ir buscar o Tribunal da Justiça (que antes era incerto) mandou o grande Prelado, pae, e senhor d'esta cidade, D. Manuel de Sousa, elevar e erigir este edificio».

A parte do poente, sobre 14 grossas columnas, foi construida por ordem de D. fr. Agostinho de Jesus, no anno de 1593, como o indica a inscripção que tem ao centro:

ANNO · DOMINI · MD ·
XCIII · SVB · D. F · AVG ·
DE JESV · HISPANIA
RVM PRIMATE

D. Rodrigo da Cunha (1627-35) e D. Rodrigo de Moura Telles (em 1709), fizeram o restante. Foi este ultimo quem mandou gravar na verga da porta principal este texto de Cicero (*De officiis, lib. I*), que D. fr. Bartholomeu dos Martyres havia pronunciado quando no dia 4 de outubro de 1559 transpunha aquelles humbraes:

O DOMVS ANTIQVA!
QVAM DISPARI DOMINO
DOMINARIS!

O formoso chafariz do largo fronteiro é rematado pela figura da *Fama* que sustenta na mão esquerda uma esphera armilar. Compõe-se de duas taças, uma d'ellas circumdada por uma muralha com seis torres e sustentada por um grupo de meninos. Esta obra tambem foi feita a expensas de D. Rodrigo de Moura Telles importando em réis 1:000:000. Na parte inferior da arvore lê-se: D. ROD · MAVR · TELL · FECIT · ANNO · 1723.

Desde 1 de novembro de 1832 a 1 de junho do anno immediato, esteve hospedado no Paço Archiepiscopal o Senhor D. Miguel de Bragança e suas irmãs as infantas D. Izabel Maria e D. Maria da Assumpção.

CAPELLA DE NOSSA SENHORA DA TORRE (BRAGA)

No tempo em que os jesuitas occupavam o actual edificio do Seminario Conciliar, foi collocada em simplice oratorio, na frente da *torre forte* que mede 2,60 de espessura nas paredes, a imagem da Virgem, desde logo com a invocação da morada. Esta imagem foi para alli conduzida da freguezia de Santa Maria de Freiriz, por um Abbade da familia bracarense dos Barretos. Principiou então a ser muito venerada, cantando-lhe os devotos todos os sabbados a *Magnificat* e a *Salve Regina*, e conduzindo-a em procissões de penitencia. A devoção porém subiu de ponto por occasião do terremoto do 1.º de novembro de 1755. Além de muitas outras devoções fundaram-lhe a irmandade e instituiram-lhe a festa no 1.º domingo de maio de cada anno, o terço e ladainha no 1.º de novembro com procissão na qual ainda é conduzida a imagem em volta dos muros da cidade.

Em abril do anno immediato (1756) teve principio a obra da construcção da actual capella, custeada pelas esmolas dos fieis, terminando em 1758.

CAPELLA DAS ALMAS (BRAGA)

Está situada junto do novo edificio do Hospital de S. Marcos, ao lado da capella de S. Bento. Construiu-se no anno de 1817. Venera-se n'ella uma cruz com pintura que representa Christo sob a invocação do *Senhor dos Desprezos*, titulo que provém do desprezo que lhe haviam dado num logar immundo da antiga rua dos Cegos.

CAPELLA DE S. VICTOR VELHO (BRAGA)

Foi construida em 1876 e teve origem num oratorio que D. fr. Agostinho de Jesus mandou erigir, o qual representava em pintura a degolação de S. Victor sobre a pedra que appareceu manchada de sangue, quando se procurava dar principio á reedificação da ponte das Goladas. Esta pedra foi logo vedada por grade de madeira, em virtude de se suppor que sobre ella tivesse sido degolado o santo.

CAPELLA DOS TERCEIROS DOMINICOS (GUIMARÃES)

No anno de 1743 construiu-se esta capella em frente da egreja de S. Domingos. Tem quatro altares consagrados ao Coração de Maria, a Santo Affonso, á Virgem das Dores e a Santa Barbara.

A fachada é extremamente elegante. Tem no alto, esculpturada em granito, uma grande estatua de Santa Catharina de Senna.

A alinhar com o cunhal direito está o hospital, que principiou a ser construido no dia 4 de outubro de 1836, sendo solemnemente inaugurado a 26 de maio de 1840, embora incompleto como está. Em 30 de maio de 1854 fundou-se no referido edificio o Asylo de entrevados para 6 irmãos.

CAPELLA DOS TERCEIROS FRANCISCANOS (GUIMARÃES)

Esta formosa capella, que fica a defrontar com a vasta egreja de S Francisco, foi edificada a expensas da Ordem no anno de 1750. No alto da fachada, que é toda azulejada, tem a estatua de Santa Isabel rainha de Portugal, em granito.

Esta capella foi restaurada, benzendo-se no dia 30 de julho de 1880.

No altar do lado direito venera-se uma imagem de Nossa Senhora das Dores, tamanho natural, primorosamente esculpturada por Soares dos Reis em madeira de oliveira, para cumprimento d'um voto feito pelo sr. Antonio de Mattos Chaves.

A esculptura, que é de vestir, sahiu das mãos do artista representando a Virgem com uma camisa decotada, tão perfeita como qualquer estatua profana que n'aquelle estado se destinasse a logar publico.

No altar do lado opposto venera-se a imagem do coração de Maria esculptura em Roma pelo auctor da magnifica imagem de S. Francisco. Tem estes dizeres na peanha:

G · BERARDI | MODELLÒ
ROMA 1882 | SCOLPI

Na campa n.º 8 d'esta capella foi sepultado em 21 de outubro de 1826 o notavel poeta e medico dr. João Evangelista de Moraes Sarmento, nascido no Porto a 26 de dezembro de 1773 e, desde 1808, residente em Guimarães onde falleceu com 52 annos de edade na madrugada de 20 de outubro.

Alinha com o cunhal esquerdo o magnifio hospital da Ordem inaugurado em 31 de julho de 1815, tendo então apenas as primeiras seis janellas da fachada. Era ministro da corporação o sr. Gaspar Leite de Azevedo. Para se calcular a simplicidade d'esse edificio basta saber-se que se dispendeu com toda a obra a quantia de 5:000$000 réis.

No 1.º de março de 1839 resolveu a mesa construir novas instalações e accrescentar a fachada com as tres janellas do lado da rua de S. Francisco, gastando 8:000$000 réis.

Para esse fim compraram onze moradas de casas e o usofructo d'outra, por 9:892:150 réis. Com a obra geral, que durou desde 1853 até 15 de abril de 1872, dispenderam-se 33:827$280 réis. Finalmente juntando a estas verbas o producto da subscripção annual aberta em julho do referido anno e a importancia das obras que á sua custa mandou fazer o ministro Christovão José Fernandes da Silva (o Cidade), temos ao todo um dispendio de 75:719$430 réis.

O asylo de entrevados, destinado aos irmãos da Ordem, foi fundado no dia 4 de outubro de 1858. Antonio Joaquim de Carvalho fez-lhe o donativo de 2:000$000 e legou-lhe mais 18:000$000 para que o numero de entrevados se elevasse a doze.

CAPELLA DE NOSSA SENHORA DA GUIA (GUIMARÃES)

Esta capella principiou a ser construida em 1788 depois que n'aquelle sitio se demoliu a torre da muralha da cidade. Nessa torre esteve primitivamente a capellinha com sua confraria.

Por se conhecer que a conclusão da obra obstruia a passagem, parou no arco cruzeiro e assim foi benzida no dia 15 de agosto de 1793.

CAPELLA DO EXTINCTO CEMITERIO (GUIMARÃES)

Foi construida no anno de 1824. Tem ao fundo um grande crucifixo e em volta seis imagens em tamanho quasi natural, representando a Via-Sacra. A proxima venda do terreno do cemiterio, em que terminaram os enterramentos no dia 11 de maio de 1879, dará logar á sua demolição.

CAPELLA DE S. SEBASTIÃO (BRAGA)

Está situada na alameda das Carvalheiras, cujos paredões, escadarias, etc., foram construidos desde 1838 a 1839 pelo mestre pedreiro Domingos Fernandes, da antiga rua da Conega.

O Arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles mandou reedificar a capella desde 26 de outubro de 1715 a 18 de janeiro de 1717, dispendendo com a obra 2:200:000 réis. No mesmo local havia restos d'outra mais antiga que D. Diogo de Sousa mandára ladrilhar fazendo-lhe um alpendre com columnas novas. A porta que então ficava voltada para o occidente, como se prova com a inscripção sepulchral do dr. conego João Affonso de Beja, fallecido a 15 de agosto de 1585, foi aberta ao nascente, collocando-se-lhe no alto o brazão de D. Rodrigo e um pouco mais acima a primorosa esculptura de S. Sebastião em granito.

Junto do altar da esquerda ha um rolo de cera com 1527 varas, medida que abrange o circuito da antiga muralha da cidade. Accende se aos domingos e dias santificados durante a celebração das missas.

Em volta da capella, no espaço fronteiro e nos dois quarteirões seguintes, existem desde agosto de 1759 algumas inscripções romanas milliarias, votivas e sepulchraes, pertencendo as primeiras

aos imperadores Tiberio, Claudio, Nerva, Hadriano, Caracalla, Elagabalo, Maximino, Caro, Carino, Diocleciano, Maximiano, Galerio, Constancio, Magnencio, Valentiniano e Valente e Constantino II.

Esta ultima foi collocada por minha ordem, sobre uma columna, em março de 1898, com permissão da Camara.

Outra diz o seguinte: «T. CAELICVS TRIPES FRONTO ET M. ET LVCIVS. TITI PRONEPOTES CAELICI FRONTONIS, RENOVARVNT».

Parece que se refere á restauração de um *sacellum* consagrado a qualquer deus pagão.

Outra, muito gasta do tempo, é uma dedicação dos CIVES ROMANI QVI NEGOTIANTVR BRACARAVGVSTAE a C *(aius)* CALERONIVS, que se suppõe legado provincial.

Outra em que apenas se póde ler: ...LAECIA, a qual foi por minha ordem extrahida do passeio norte da rua da Cruz de Pedra em agosto de 1898.

Outra sepulchral que diz: ATON GOMVNI–LXXV · H · S · E ·

Ainda outra: FAVSTVS–IVLIAE SEVERAE–S · AN · XIX · H · S · E ·

Ha muito boas razões para se acreditar que esteve n'este local das Carvalheiras o edificio da *Chancellaria Romana* que, no dizer de Plinio (Hist. Nat. l. 3.º, cap. 3.º, pag. 26), era a principal da Galliza, com a jurisdicção de 24 cidades e 275:000 habitantes.

Quando em 1620 se procedeu á demolição d'um muro, proximo da referida capella, appareceu, a pequena profundidade do solo, uma estatua de bronze dourado representando MERCVRIO, o deus da eloquencia, do commercio e dos ladrões. [1]

A imagem de Nossa Senhora da Ajuda, que alli é venerada, esteve num oratorio da porta de Maximinos, onde já tinha irmandade, até que em 3 de novembro de 1826 foi trasladada, por se dar principio á demolição da torre.

D'esse monumento resta o escudo de el-rei D. Fernando, embebido no primeiro paredão das Carvalheiras, ao lado do de D. João I que pertenceu á torre de S. Francisco.

O edificio onde ora está estabelecido o *Hotel do Igo,* foi Hospicio dos Conegos Regrantes de Santo Agostinho (Cruzios). Sobre o portal encimado por uma cruz, ainda hoje se vê um *Agnus Dei* com estes dizeres em volta:

EXORDIVM SVMPSIT ORDO CANONICVS
IN MONTE SION ·
VIDI SVPRA MONTEM SION AGNVM
STANTEM

---

1 Memorial del Marquez de Montebello—anno de 1642.

CAPELLA DOS ORPHÃOS DE S. CAETANO (BRAGA)

No logar da Madre de Deus, um pouco além da egreja parochial de Maximinos, está situado o Collegio dos Orphãos de S. Caetano, instituido pelo Arcebispo D. fr. Caetano Brandão nas casas que ora pertencem ao proprietario da *pharmacia dos Orphãos,* com frente para o campo de D. Luiz I e praça Municipal.

Em 1861 foi esta casa declarada impropria para os fins da instituição; e em 1880, depois de se obter uma planta de que foi auctor o architecto Sardinha, deu-se principio á obra d'um novo edificio na quinta das Carvalheiras, dispendendo-se com os alicerces doze contos de réis e o tempo de 5 annos para logo se abandonar o terreno e toda a obra!

Comprada em praça a casa e quinta dos Falcões (na Madre de Deus), foram para alli os Orphãos, projectando se então as grandes obras orçadas em quarenta contos de réis, e iniciadas em maio de 1898. Marcou-se o espaço indispensavel para residirem 450 alumnos, pois mede de comprimento o edificio 131 metros por 63 de largo, a principiar no portal.

Paralisaram as obras por falta de recursos, não obstante haver deixado a esta sympathica instituição mais de 110 contos de réis o sr. Joaquim José Ferreira Veiga, nascido em Braga a 13 de fevereiro de 1798 e fallecido em Lisboa a 27 de junho de 1846.

Ao centro do edificio construiu-se a capella com a frente para noroeste, sendo auctor do projecto o notavel architecto Stamin. E' este edificio um bello exemplar da architectura latino-byzantina, fim da epocha, bem mais digno de figurar na frente do que nas costas do Collegio, onde passa a linha ferrea entre campos de cultura!

O rosetão é bastante desenvolvido, e no remate da fachada tem a cruz primacial em substituição da grega. Com um pequeno dispendio podia ser concluida a porta principal de arco perfeito.

Interiormente ha bastante rigor architectonico, se exceptuarmos o arco de marmore liso na tribuna a contrastar com o granito!

São de primorosa esculptura as imagens de Nossa Senhora Auxiliadora e de S. José, provenientes de Barcelona.

CAPELLA DE S. MIGUEL O ANJO (BRAGA)

E' de architectura simplissima e está situada na rua do Avelino, onde se reedificou depois que a vereação de 1841 promoveu a sua demolição junto da porta de Maximinos, fronteira á Sé, no

mesmo local em que tinha sido fundada no anno de 1591 por um devoto rico, do qual não consta o nome, na sua propria casa de habitação.

Em 1743 installaram-se n'esta capella as confrarias de S. Lourenço e de Nossa Senhora da Purificação.

No anno immediato uniu-se-lhes a confraria de Nossa Senhora do O; em 1751 a de Nossa Senhora da Graça; em 1765 a de Nossa Senhora do Amor; em 1772 a de S. José no Presepe; em 1781 a de Nossa Senhora da Paz, e em 1785 a das Almas de S. Nicolau.

Desde que el-rei D. Filippe, em abril de 1611, prohibiu por Provisão que os Arcebispos continuassem a fazer a sua entrada *a cavallo debaixo do pallio,* por achar pouco decente essa pratica, os Prelados bracarenses revestiam-se de vestes sagradas, n'esta capella e d'aqui partiam para a Sé que fica em frente do local. Tambem n'esta capella, se fazia a reposição dos *santos oleos* benzidos em Diocese extranha.

Hoje os Prelados fazem a sua entrada na cidade depois de se revestirem na egreja do Populo.

CAPELLA E RECOLHIMENTO DO ANJO (GUIMARÃES)

Desconhece-se a verdadeira origem d'esta capella e Recolhimento, sabendo-se apenas que existia no anno de 1600. A actual capella, muito pobre de ornatos, foi benzida em 1748.

As beatas, da Ordem Franciscana com véo branco e capa côr de cinza, são hoje admittidas pela auctoridade administrativa.

Vê-se encostado ao Recolhimento um cruzeiro alto que para alli foi removido do largo fronteiro. Tem esta inscripção na base:

SENHOR
DO BOM SU
SESO POSE
EM MAIO
DE 1790

Diz-se que por occasião da mudança cahiu sobre um operario matando-o instantaneamente.

Na frente d'este Recolhimento existe o Albergue de Nossa Senhora do Serviço, destinado a recolher oito velhas pobres, a cada uma das quaes se dá um quarto para dormir, forno e cosinha commum. A porta de arco, encimada por uma cruz, faz pensar numa capella que dizem ter existido alli.

CAPELLA DE S. CHRISPIM (GUIMARÃES)

Está situada na rua da Rainha junto do Albergue dos pobres passageiros e no mesmo local da primitiva fundada em 1315 pelos mestres sapateiros João Bahião e Pero Bahião. A actual reedificação teve principio em 1849, concluindo-se pelo frontespicio, que é elegante, no anno de 1852. O compromisso foi reformado em 1661.

Esta capella, que no altar-mór tem as imagens de S. Chrispim, S. Chrispiniano e S. Miguel, e junto do arco os altares de Nossa Senhora das Neves e de Nossa Senhora do Rosario, mede de comprimento 12,40 por 6,65 de largo.

O Albergue recolhe nove mulheres velhas que têem annualmente á sua disposição cinco carros de lenha; recebe por 3 dias passageiros pobres, e na vespera do Natal dá a todos os necessitados que se apresentem, uma ceia de bacalhau com batatas, pão e vinho! Santissima instituição esta que tantas lagrimas de commoção faz assomar aos olhos dos favorecidos da sorte!

Os fundadores da primitiva capella e *confraria de S. Miguel do Hospital,* instituiram um responso e vigilia sobre a sua sepultura na egreja de S. Paio, isto na tarde de quarta-feira de cinza, de cada anno, e ordenaram: acabado o acto «farão os ditos confrades pôr uma meza na dita egreja e todos assentados a ella com muita quietação e farão uma consoada e gastarão n'ella aquillo que lhe bem parecer, e os que estiverem em odio o Juiz do dito Hospital os fará amigos, e comerão, e beberão por um copo, etc.»

A celebre comesaina de pão de ló e vinho maduro em frente da sepultura, foi ha mais de 20 annos convertida num rosario (80 réis) para cada confrade.

CAPELLA DO CEMITERIO DA ATHOUGUIA (GUIMARÃES)

A Camara Municipal de Guimarães, na sua sessão de 14 de janeiro de 1870, escolheu o local para o actual cemiterio que foi solemnemente benzido ás 12 horas da manhã de 11 de maio de 1879. Pensou se logo na construcção da respectiva capella que deveria ser apropriada e nunca demasiadamente dispendiosa como a actual que custou ao Municipio 17:995$935 réis!

E' de architectura ogival ou gothica, elegante e rica como poucas se encontrarão nos demais cemiterios do reino. Ao fundo tem a forma absidal e um altar isolado com a imagem de Christo

na agonia, tamanho quasi natural. Em cada um dos dois altares lateráes ha uma cruz apenas.

Teve esta obra começo em 1882 e teminou em 1888.

CAPELLA DO SENHOR DE CAMPELLOS

A pouco mais de 2 kilometros de Guimarães, em um local aprazivel, proximo da ponte romana que atravessa o rio Ave na freguezia de S. João e onde appareceu ha annos uma moeda de ouro do imperador Honorio, vê-se esta capella que provavelmente data do anno de 1743, como se deprehende da seguinte inscripção gravada no pedestal de granito grosso sobre que assenta o elegante cruzeiro com imagem de Christo regularmente esculpturada:

M · F · HIM.º DI
AS DE CASTRO CPL ·
D · P · Q · 174 ꝏ

Leitura: — Me fez Jeronymo dias de Castro Campello. Deus perdoar lhe queira. 1743.

Desde tempos muito afastados que annualmente alli tinha logar uma romaria em honra d'esta imagem. Porém a sua veneração augmentou desde que em 7 de maio de 1890, aquelle logar deserto principiou a ser povoado em virtude da construcção do edificio da Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães, fundada no referido dia.

Em Guimarães foi ha annos demolida a capella de S. Thiago, na praça do mesmo nome onde, segundo alguns auctores, o Apostolo collocára a imagem da Virgem numa gruta *junto do templo da deusa Isis, no simulacro de Ceres*. Fr. Bernardo de Braga affirma que junto da torre demolida em 1559 viu o seguinte letreiro:

IN HOC SIMVLACRO CÆRES JACOBVS FILIVS ZEBEDÆI
GERMANVS JOANIS IMAGINEM SANTÆ MARIÆ III SÆOIS X

ORATORIOS

EM GUIMARÃES

Oratorio do Senhor dos Afflictos. — Está situado na rua dos Terceiros, com frente para o antigo largo das Carvalhas, e foi fundado em 1867 com o producto de uma subscripção aberta por Jeronymo José d'Abreu e sua mulher. A cruz e o Christo são de marmore branco.

Oratorio do Senhor da Agonia. — Construiu-se na rua do Picoto e venera-se n'elle uma pequena imagem de Christo esculpturada em madeira.

Oratorio da mesma invocação. — Foi aberto na parede da casa que tem os numeros de policia 48 a 54 na rua Nova de Santo Antonio.

Oratorio do Senhor do Amparo. — Está entre as casas n.º 34 e 35 do antigo campo do Salvador. Tem ao lado um pequeno cruzeiro com esta inscripção na base:

P^E. NOSO
(sic) ANE MA
RIA P · AE
TENSAO
ANNO 1779

Leitura: — Padre Nosso, Ave Maria por a intensão. Anno de 1779.

Um pouco acima, no logar da Arcella, houve junto da capella de Santo Antonio uma Gafaria.

Oratorio de Santo Antonio. — A poucos passos da egreja dos Capuchos, no muro da cerca dos extinctos frades d'aquella Ordem, que o fundaram. Fica lhe em frente um cruzeiro lavrado.

Oratorio do Senhor da Esperança da boa sentença. — Na rua de Villa-Flôr. A esculptura do Christo é bastante correcta. Na

base da cruz de granito, pintada a azul, tem esta inscripção em caracteres doirados:

SR DA
ESPERA
NSA DA B
OMA SE
NTENSA
ANNO 1754

A inscripção indica a invocação da imagem, differente da que lhe attribue o saudoso padre Caldas.

Oratorio do Senhor do Bom Fim. — No logar da Cruz de Pedra, extremidade da rua da Alegria, está este oratorio aberto numa das casas d'aquella rua com frente para a *Meia Laranja.*

Oratorio do Senhor Bom Jesus. — Na rua da Caldeirôa junto de uma fonte.

E' tradição que na casa de onde sáe a agua nasceu o Papa S. Damazo.

Oratorio do Senhor dos Desamparados. — Na rua Nova do Commercio. Tem exteriormente esta inscripção:

ESTA · DEVAÇÃO · MANDARÃO · FAZER · OS MORADORES ·
DESTA · RVA · ANNO · DE · 1712 ·

Oratorio do Senhor da Liberação. — No alto da rua de Camões. E' uma imagem de Christo na cruz bem esculpturada em madeira.

Oratorio do Senhor da Piedade. — Na rua de Villa Verde. Foi seu fundador em 1866 Christovão José Fernandes da Silva (o Cidade).

Oratorio do Senhor da Piedade. — A' margem esquerda da nova estrada da Costa. Antes da abertura d'esta estrada estava ao lado opposto num recanto do caminho velho. As imagens de Christo, da Virgem e de S. João são de esculptura rasoavel.

Oratorio do Senhor dos Remedios. — No largo do Trovador. Foi construido de pedra em 1875 e substituidas por esculpturas as pinturas de Christo, da Virgem e de S. João.

No muro que lhe fica superior esteve o antigo Pelourinho.

Oratorio do Senhor dos Passos. — Proximo da capella de Santa Luzia, entrada da travessa do Picoto, venera-se em oratorio de pedra envidraçado, a imagem de Christo com a cruz ás costas.

Oratorio de Nossa Senhora de Bethlem. — Numa janella da antiga egreja de Santa Roza, hoje séde da parochia de S. Sebastião. Tem caixilho de ferro envidraçado e luz de azeite permanente.

Esta formosa imagem, que conta numerosas afilhadas, foi por uma d'ellas (D. Leonor Lucinda d'Oliveira Cardoso) aproveitada da extincta egreja de S. Sebastião e exposta, a expensas suas, onde agora se venera.

A irmandade dos Santos Passos mandou construir os sete oratorios da Via-Sacra que se acham distribuidos pela cidade. O figurado é todo de madeira em tamanho natural.

EM BRAGA

Oratorio do Senhor da Boa Morte. — Está situado a meio da rua de Payo Manta (vulgó Pae Amante). E' de madeira envidraçado. A imagem de Christo na cruz, que alli é venerada, recommenda-se pela correcção esculptural.

Oratorio do Senhor dos Desamparados. — No largo das Latinhas, proximo á nascente d'aguas sulphurosas denominadas dos Gallos, existe um oratorio envidraçado em que se venera uma pintura de Christo em madeira sob a invocação do Senhor dos Desamparados.

Oratorio do Senhor do Bom Principio. — Quasi a meio da rua dos Pellames, venera-se esta imagem em oratorio envidraçado.

Oratorio do Senhor da Guia. — Na freguezia de S. Pedro de Maximinos, um pouco abaixo da fabrica do gaz, ha um oratorio envidraçado em que se venera uma formosa imagem do Senhor da Guia.

Oratorio do Senhor do Bom Fim. — Está situado ao lado esquerdo da antiga estrada de Guimarães, um pouco áquem da capella de Santo Adrião da Corrica. A imagem é de madeira. Foi collocada alli no dia 3 de julho de 1888.

Oratorio do Senhor da Afflicção. — Está encostado ao lado di-

reito da egreja parochial de S. Lazaro, com uma vidraça na frente. Venera-se alli uma pintura de Christo em madeira sob o titulo de Senhor da Afflicção.

Oratorio de Nossa Senhora de Nazareth. — No alto do arco da Porta Nova, sobre que assenta a estatua de Braga, ha um oratorio envidraçado em que se venera a imagem de Nossa Senhora de Nazareth, tambem de granito mas pintada. E' muito festejada a expensas dos moradores da rua Nova de Souza, no dia 8 de setembro de cada anno.

O referido arco da Porta Nova foi construido no anno de 1716, dispendendo-se com esta obra um conto de réis. Para este fim a Camara obteve de el-rei o subsidio de 16:000 cruzados, das sobras do rendimento das cizas.

Oratorio da rua de Nossa Senhora do Leite.—Na esquina da casa n.º 1, que defronta com o rocio detraz da Sé, ha uma cruz de madeira com um quadro representando o Rosto do Senhor, habilmente pintado em dezembro de 1870 pelo pintor-esculptor hespanhol Luiz Vermell, que viveu durante algum tempo em Braga. Ao lado esquerdo do quadro tem estes dizeres em cursivo: — Braga — Dezembro — 1870; e ao lado direito: — Original de Luiz Vermell (o peregrino Español). O trabalho revela a competencia do auctor. O olhar de Christo acompanha quem o fitar de frente ou de qualquer dos lados com egual doçura de expressão.

Os visinhos construiram-lhe um oratorio de madeira e todas as noites lhe põem luz de azeite.

O quadro tem sido distribuido em pequenas photographias pelos devotos que são muitos.

Antes d'esta pintura do Rosto do Senhor havia outra menos correcta que foi d'alli retirada.

A cruz collocou-se n'aquelle sitio para implorar as orações dos fieis em favor das numerosas victimas do encontro que alli se deu entre a divisão cabralista commandada pelo general José de Barros e Abreu Sousa Alvim (1.º Barão e depois Conde do Casal) e as forças legitimistas, commandadas pelo general Macdonell, ao meio dia de 20 de dezembro de 1846. Pelos chapeus de palha com fitas vermelhas que os guerrilheiros miguelistas usavam, notou-se que eram d'estes quasi todos os cadaveres que juncavam a rua. O meu informador sr. Antonio da Graça Faria, curioso de antiguidades que assistiu a essas tristes scenas, diz-me que se lembra de vêr correr o sangue das victimas de mistura com a chuva miudinha. Os fieis que saiam da missa do meio dia fugiam para suas casas horrorisados, e muitos foram assassinados no Campo dos Remedios quando saiam da egreja de Santa Cruz.

Era o desforço desenfreado da cavallaria e infanteria cabralista que haviam sido heroicamente dizimadas e vencidas quando por vezes tentaram entrar pela rua dos Pellames.

Oratorio do Senhor Jesus das Almas. — Está encostado á egreja da Ordem Franciscana, com frente para a rua dos Capellistas, e é todo de pedra vedado por uma grade de ferro. A imagem do Senhor Jesus das Almas, em tamanho quasi natural, é de primorosa esculptura e pintura. Os visinhos promovem-lhe annualmente uma esplendida festividade. Do lado de dentro, á esquerda, tem embebida na parede uma lapide com esta inscripção:

CAPELLA DO SENHOR
JESUS DAS ALMAS, QUE MAN
DOU FAZER MANOEL AN
T.º FERR.ª NEGO.TE DESTA
CID.E NO ANNO DE 1831 ·

Oratorio do Senhor do Bomfim. — E' de madeira envidraçado e acha-se encostado á casa n.º 32 da rua de Santa Cruz. Tem dentro uma cruz de madeira com pintura de Christo.

Oratorio do Senhor da Boa Vista. — Está situado no alto da rua de S. Sebastião, proximo da capella das Carvalheiras, e venera-se n'elle uma formosa imagem de Christo Agonisante. Os visinhos devotos promovem-lhe annualmente luzida festividade.

Oratorio do Senhor das Injurias. — Ao fundo da rua das Palhotas ha um oratorio envidraçado onde se venera uma formosa imagem de Christo na cruz sob a invocação de Senhor das Injurias, muito festejada em certo dia do anno.

NICHOS

EM BRAGA

Nicho aberto na frontaria da casa n.os 57 a 59, da rua das Aguas. Tem uma esculptura de S. João e na parte inferior:

ANNO — S. JOÃO — 1702

Na frontaria da casa n.º 56 da rua da Cruz de Pedra, a imagem de S. Bento, pintura em madeira.

Nicho aberto na frontaria da casa n.os 12 a 14, da referida rua.

Na rua de S. Sebastião, frontaria da casa n.º 30, uma pintura representando Nossa Senhora do Rosario.

Na rua de S. Antonio das Travessas, frontaria da casa de D. Henriqueta Barbosa, duas imagens do thaumaturgo portuguez.

No largo de S. Paulo, esquina da casa n.º 19, uma bella estatua de granito representando S. Miguel o Anjo. Tem a servir-lhe de docel uma grande concha egualmente de granito.

Na rua de S. Marcos, frontaria da casa n.os 34 e 36, uma imagem de Santo Antonio.

Na rua das Aguas, esquina do convento dos Remedios, um quadro com o Rosto do Senhor, muito da veneração dos visinhos.

Na mesma rua, frontaria da casa n.os 166 a 168, uma pequena imagem da Virgem da Piedade.

Ao lado da porta do Sol, da Sé, uma cruz de madeira com pintura de Christo, sob a invocação do Senhor da Felicidade.
Esta cruz esteve na mesma parede, um pouco mais acima, onde ainda existem os ganchos que a prendiam.

Na rua de S. Marcos, frontaria da casa n.os 94 e 96, um quadro representando a imagem da Virgem com o menino Jesus.

Na mesma rua, esquina do convento dos Remedios, um quadro com o Rosto do Senhor.

Na rua de S. Domingos, frontaria da casa n.º 43, uma cruz com pintura representando Christo.

Na rua do Raio, frontaria da casa n.º 9, uma pintura da Virgem, com luz de azeite permanente.

Na rua de S. Barnabé, frontaria da casa n.º 2, uma pequena imagem do Santo de que a rua tomou o nome.

A mais de meio da rua da Boa-Vista, lado sul, ha uma fonte com um grande nicho e a imagem de S. Thiago dentro d'elle. Os visinhos promovem-lhe annualmente uma grande festa.

A fonte, e provavelmente a imagem, devem-se á generosidade do Arcebispo D. Diogo de Sousa, segundo se deprehende do letreiro que está gravado sob o nicho:

D · SOVSA ARCHIEP
ANNO SALVTIS 1531

Na rua do Anjo, frontaria da casa n.ºs 82 a 84, dois nichos bem lavrados.

Na rua de S. Marcos, frontaria da casa n.º 1, um nicho com peanha saliente na qual se lê:

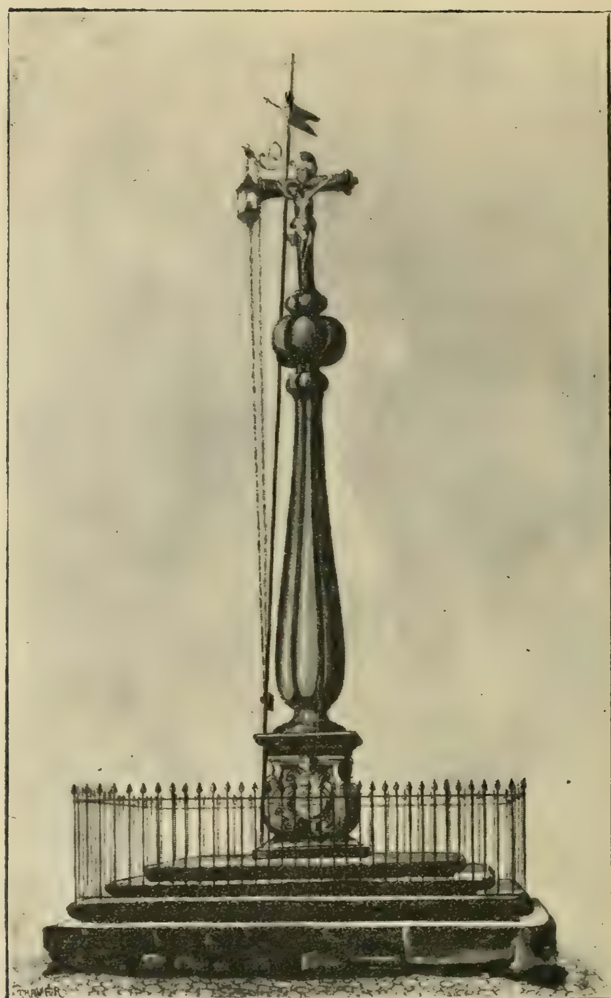
ANNO — S · PEDRO — 1642

No largo de Infias, frontaria da casa n.º 10, um nicho bem lavrado.

Na rua de S. Victor, frontaria da casa n.º 65, um nicho.

Na rua Nova de Sousa, frontaria da casa n.º 109, um nicho com communicação interior.

No campo de Sant'Anna, frontaria da casa n.ºs 19 e 21, um nicho bem lavrado.



CRUZEIROS

Já no tempo dos egypcios, carthaginezes, assyrios, persas, hebreus e gregos, a cruz era applicada aos supplicios de malfeitores, introduzindo-a Tarquinio Soberbo em Roma para a execução das sentenças de pena ultima; e subsistiu este costume até que o imperador Constantino Magno, em attenção ao supplicio de

Christo, a fez venerar como symbolo que é da redempção humana[1]. Desde então o labaro santo principiou a apparecer hasteado, como pregão de paz e amor, perdão, conforto e esperança, na cuspide dos montes, nas povoações sertanejas e nas cidades e villas, sobre a corôa dos monarchas, junto das encruzilhadas e sobre as pontes, como na villa de Ponte do Lima e n'outra localidade portugueza, onde ainda se vê, levantada sobre o talha-mar, uma cruz elegante com esta inscripção que, por interessante, decorei:

CRVX IN PONTE · QVIT EST? AMBO SVNT ·
CREDITE PONTES:
ISTA VIAM CŒLI · FLVMINIS ILLE PARAT ·

«Uma cruz numa ponte que quer dizer? Podeis crer que são duas pontes: por uma se vae ao céo, por outra se passa o rio».

A cruz tambem se ergue á cabeceira da campa e nos logares onde alguem perde a vida.

No norte de Portugal é ainda frequente a pratica dos montinhos de pedras junto de uma cruz no local onde o individuo morreu de desastre ou violencia. Formam-se resando, por cada pedrinha que se colloca junto da cruz, um padre-nosso, e chamalhes o povo *Fieis de Deus*.

Proximo da capella da Madre de Deus *de fora*, sobre a parede da margem direita do caminho que vae da capella da Conceição e egreja de Azurey (suburbios de Guimarães) ergue-se uma pequena cruz de ferro com os seguintes dizeres: — FRANCISCO JOAQUIM CARDOSO P · N · A · M ·

O infeliz Francisco morreu alli sob um carro de matto que se voltou. Em torno á cruz amontoam-se numerosas pedrinhas que os fieis vão collocando, quando passam, resando então, por alma do finado, o *padre-nosso* e a *ave-Maria* que a cruz implora.

Os povos celtas sepultavam nas *mamoas* (monticulos de terra isolados) os seus homens mais notaveis; e formavam estes monticulos com pedras miudas sobre a sepultura dos individuos pobres.

Os romanos tambem dedicavam a Mercurio estes monticulos

---

[1] Um dos instrumentos do deicidio, o rotulo de madeira que se collocou no alto da cruz, media 10 polegadas de comprido por 6 de largo.

Escreveram n'elle, da direita para a esquerda, como usavam os judeus, em hebraico, grego e latim, esta inscripção: MVROEDVI XEK SVNERAZAN SVSEI.

A fórma da cruz de Christo, dois paus atravessados em angulo recto, é egypcia. O vocabulo, derivado do latim *crus*, significa tronco de arvore abaixo da bifurcação; assim as primeiras cruzes a que os condemnados eram presos como o foi S. Sebastião.

(montes gaudios) nas encruzilhadas, com umas estatuas de pedra *(Mercuriaes)* que apenas tinham cabeça. Consideravam Mercurio deus dos caminhos e acreditavam que as almas dos mortos eram por elle levadas aos infernos e de lá trazidas quando lhe appetecesse. Por isso os gregos o denominavam *psuxagogos* (conductor das almas) e *nekropompos* (acompanhador dos mortos).

Em todas as povoações se erguia, n'outros tempos, a cruz, mais ou menos rica de arte, a avivar a origem da religião christã e o martyrio de Jesus no Golgotha!

Hoje as vereações portuguezas pensam na remoção dos cruzeiros como quem procura prover a uma necessidade urgente. Não lhes aproveita, como catholicos, a licção dos inglezes protestantes que respeitam os seus antigos cruzeiros como o de *Salisbury*, de *Winchester* e outros a que dão o nome de *Marketcrosses* por se acharem nos locaes das feiras! Essa guerra de exterminio, entre nós, por principio algum se justifica. Dos poucos cruzeiros que havia em Guimarães, se exceptuarmos os dos padrões de Nossa Senhora da Victoria e de D. João I, foram-se os melhores como o da irmandade do rosario *(cruzeiro do Fiado)*, do anno de 1650, cuja columna fragmentada existe no museu da Sociedade Martins Sarmento, e o do largo de S. Paio, que foi apeado a 18 de fevereiro de 1879.

Existem ainda:

Cruzeiro de Santa Cruz, no largo fronteiro á capella da mesma invocação. Foi mandado fazer em 1640 pelo conego Arrochella.

Cruzeiro do Campo da Feira. — E' uma simples cruz de pedra com uma pintura de Christo a oleo. Tem mais duas dos lados e trez na frente.

Cruzeiro dos Capuchos. — E' uma grande cruz sem columna, com seus lavores, que se ergue em frente á egreja dos extinctos frades Capuchos.

Cruzeiro das Capuchinhas. — Fica em frente á egreja d'este pequeno convento e tem a data de 1775.

Cruzeiro da cruz de pedra. — Fica no alto da rua da Alegria sob uma cobertura sustentada por quatro grossas columnas. A cruz é de pedra, e o Christo, na agonia, pintado em madeira. Provirá d'esta cruz o nome do local?

Cruzeiro da Senhora da Guia. — E' dedicado á Virgem da

Piedade. Esteve primitivamente junto da casa onde nasceu Martins Sarmento. D'alli foi removido para proximo do *Passo*, onde se acha encostado. Na frente da cruz está a Virgem com o Christo mòrto nos braços, e outras figuras em volta, dizendo-se que representa um frade a que se apresenta de joelhos com as costas para a rua.

Creou-se a este respeito uma lenda engraçadissima que o sr. conde de Margaride descreve com extraordinaria elegancia a pag. 28. e segg. do numero especial da *Revista de Guimarães*, publicado em honra de Martins Sarmento.

Cruzeiro de S. Francisco. — A columna pertence á ordem composita. Foi mandado fazer no seculo XVI pelo padre mestre fr. Antonio Fernandes, cóllocando-se então á entrada do largo das Carvalhas a demarcar a jurisdição da Ordem. A camara removeu-o em maio do anno corrente encostando-o á parede da egreja!

EM BRAGA

Cruzeiro do campo de Santa Anna. — Sobre a elegante columna bem lavrada, pertencente á ordem composita, eleva-se a cruz primacial. Essa columna, com pedestal ornamentado, assenta em 7 degraus ao nascente do campo de Santa Anna onde foi collocada por ordem do Arcebispo D. Diogo de Sousa, no primeiro quartel do seculo XVI.

Cruzeiro da praça do conde de S. Joaquim. — E' egual ao do campo de Santa Anna e foi mandado fazer pelo Arcebispo D. Affonso Furtado de Mendonça no anno de 1621. *(Vidé grav. a pag. 274).*

A casa proxima, pertencente á illustre familia Brandão Pereira, occupa o espaço da habitação de Lucio Caio Atilio, governador da Lusitania e Galliza, no tempo dos romanos, e sua mulher Calcia, na qual nasceram as suas nove filhas gemeas e santas, Liberata, Quiteria, Martinha, Eufemia, Genébra, Germana, Basilissa, Victoria e Marciana.

Cruzeiro da rua dos Pellames. — Ao fundo d'esta rua, que o cardeal-infante D. Henrique mandou abrir sendo Arcebispo de Braga, existe um cruzeiro que primitivamente esteve entre as ruas do Anjo e de S. Marcos, dando origem á egreja de Santa Cruz.

Foi mandado fazer por D. Diogo de Sousa.



Cruzeiro da praça do conde de S. Joaquim

Cruzeiro de S. Lazaro. — Está quasi contiguo á egreja d'esta invocação e foi feito em 1635.

Tem uma imagem de Christo morto, e a columna é dividida em gomos salientes que se desenvolvem bastante na parte inferior como se póde vêr da gravura que abre este capitulo.

Na base lê-se esta inscripção:

SENHOR
DAS NESSE
CIDADES
REFORMADO A'
CVSTA DOS DEVOTOS
NO ANNO DE
1884

Inteiramente egual a este, e quiçá do mesmo auctor, existiu outro no largo fronteiro á egreja de S. Paio da cidade de Guima-

rães. A camara, porém, desconhecendo o valor d'elle, vendeu-o e acha-se agora na freguezia suburbana de Polvoreira.

Cruzeiro do Senhor da Saude. — Mandou-o fazer o Arcebispo D. Diogo de Sousa collocando-se por sua ordem junto da porta da Sé. Mais tarde removeu-se para as proximidades da capella de S. Miguel o Anjo, hoje tambem removida, e d'alli para o campo das Carvalheiras, applicando-se-lhe uma cobertura metalica suspensa por quatro columnas. A invocação provém do oratorio onde esteve, na casa de saude construida de madeira no local de S. João da Ponte, por ordem de D. fr. Bartholomeu dos Martyres, para tratamento de empestados no anno de 1570.

No capitel da preciosa columna tem, ao lado do escudo de D. Diogo de Sousa as lettras LOHI.

Ainda hoje se vê na extremidade sul da ponte velha outro cruzeiro mais simples, feito a expensas da camara em memoria dos serviços prestados por D. fr. Bartholomeu dos Martyres. Na base tem, quasi de todo apagada, a inscripção seguinte:

SENDO ARCEBPO DE
BRAGA DO. F. BERTOLA
MEV DOS MARTIRES
OVVE PESTE NESTACI
DADE O ANO DE 1570 E
OS EMPEDIDOS FORA TR
AZIDOS A ESTA DEVEZA

Cruzeiro do Senhor das Ancias, em Infias, um pouco afastado da egreja de S. Vicente. Foi para alli removido do local onde as ruas dos Chãos e do Carvalhal se communicam.

A cobertura descança sobre tres columnas corinthias.

Cruzeiro do Senhor da Boa Luz. — E' uma cruz tosca que se venera proximo do palacete Cunha Reis, entrada da rua da Cruz de Pedra. Na frente é vestida de madeira com uma pintura de Christo crucificado. Esta cruz assenta sobre um grande capitel corinthio, cuja proveniencia se ignora, e tem luz de azeite permanente. Terá origem nesta *cruz de pedra* o velho nome da rua?

Cruzeiro das Palhotas. — Ao centro da rua d'este nome ergue-se um cruzeiro com uma imagem de Christo agonisante muito venerada e festejada annualmente pelos moradores d'aquelles sitios.

Tem uma cobertura que descança sobre quatro columnas jonicas.

Em 14 de setembro de 1868 foi apeado o elegante cruzeiro do largo de S. Francisco.

Dos campos da Vinha e de Santa Anna foram removidas em julho de 1857 as 14 cruzes da Via-Sacra que estavam levantadas ao longo d'aquelles largos, obtendo a Camara consentimento da Confraria de Nossa Senhora a Branca para serem collocadas no adro da sua egreja. Os visinhos distribuiram entre si a veneração das referidas cruzes para cada um as illuminar e enfeitar de flores no dia 3 de maio em que a egreja celebra a festa da Invenção da Santa Cruz, por ser n'este dia descoberta por Santa Helena, mãe do imperador Constantino, junto do monte Calvario onde estava soterrada com duas mais, provavelmente as do bom e mau ladrão, sendo necessario para a estremar, diz Theodoreto, reclamar a intervenção do milagre. Collocado um cadaver sobre cada uma das tres, foi a de Jesus reconhecida porque immediatamente o morto resuscitou quando o extenderam sobre ella.

A festa da Exaltação da Santa Cruz data do anno de 642 em que o imperador Heraclius conduziu aos hombros, até ao monte Calvario, a verdadeira cruz do Redemptor, a qual quatorze annos antes fôra d'alli retirada pelo rei da Persia Khosroés II, vencedor de Jerusalem durante o imperio de Phocas.

*

Além das numerosas imagens de Santo Antonio que particularmente se veneram nos estabelecimentos commerciaes e industriaes, com especialidade nas mercearias e nas tabernas, para que os donos sejam felizes nos seus negocios, ha por quasi todas as ruas das cidades e pelos caminhos publicos das freguezias ruraes umas *alminhas*, especie de nichos cavados em pedras que se encostam ás paredes e que teem dentro uma pintura representando o Purgatorio. N'essa pintura quasi sempre apparece um Pontifice, um Bispo e um Monarcha de mistura com a gente do povo, allusão á fragilidade humana e á rectidão da Divina Justiça. E' o testemunho mais frisante da crença na bemaventurança, destino das almas purificadas, e no Inferno, cuja eternidade de penas Origenes foi o primeiro a negar.

ORAGOS DAS FREGUEZIAS DE GUIMARÃES

Santa Maria de ..
- Oliveira (cidade)
- Airão
- Arosa
- Athaes *(atanes)*
- Corvite
- Gemeos
- Guardizella
- V.ª N.ª das Infantas
- Infias
- Mathamá
- V.ª N.ª de Sande
- Silvares
- Souto

O Salvador de ...
- Balazar
- Briteiros
- Donim
- Gandarella
- Pinheiro
- Tagilde
- Mosteiros do Souto

S. João de........
- Airão
- Brito
- Caldas
- Castellões
- Gondar
- Pencello
- Ponte

S. Pedro de......
- Azurem
- Gominhães
- Polvoreira

S. Thiago de .....
- Candoso
- Lordello
- Ronfe

S. Miguel de.....
- Castello (cidade)
- Caldas
- Cerzedo *(zersedo)*
- Creix-mil *(crexemir)*
- Gonça
- Paraizo

S. Martinho de ..
- Landoso
- Conde

S. Martinho de...
- Gondomar
- Leitões
- Sande

S. Paio de ....
- Figueiredo
- Cidade
- Vizella
- Moreira de Conegos *(moraria)*

S. Sebastião......–Cidade

S. Lourenço de ..
- Calvos
- Sande
- Selho

Santa Eulalia de
- Fermentões
- Nespereira *(nesperaria)*
- entieiros

S. Mamede de ....
- Aldão
- Vermil

S. Christovão de
- Abação
- Selho

Santo Estevão de
- Briteiros
- Urgezes

S. Vicente de....
- Mascotellos
- Oleiros

S. Thomé de .....
- Abação
- Caldellas

S. Claudio de....–Barco

S.ta Christina de
- Cerzedello
- Longos

Santa Marinha da–Costa

S. Cosme da......
- Lobeira *(luparia)*

S. Romão de......
- Mezão-Frio
- Rendufe *(randulfi)*

Santa Eufemia de–Prazins
Santo Thyrso de–Prazins
S. Clemente de ..–Sande
S. Jorge de..... –Selho
S. Cypriano de...–Taboadello
S. Torquato
S. Faustino de...–Vizella
Santa Leocadia de–Briteiros

Abação: *(avezani)* — *Abi* e *çam* significa em Arabe *Pae assignalado.*

Airão: — Dava se antigamente este nome aos ramos de pedras preciosas com que as mulheres enfeitavam o cabello e ao penacho dos chapeus ou capacetes dos homens.

Aldão: *(aldiani)*—Nasceu n'esta freguezia o notavel jurisconsulto D. Agostinho Barbosa que falleceu Bispo de Ughento.

Azurei: — Ha uma planta rosacea chamada *Azereiro*, *(cerasus lusitanica)* e outra graminea *Azevêm*, para forragem. Ha proximo d'esta egreja parochial o velho solar dos Peixotos com uma torre de aprimorada construcção.

Balazar: — Pinho Leal quer que seja corrupção de *Valle d'Azar*.

Brito: — D. Soeiro de Brito fundou alli, no reinado de D. Affonso V, um mosteiro da Ordem de S. Bento.

Briteiros: *(villa britteiros)* — Consta que a egreja de Santa Leocadia de Briteiros foi cathedral dos Bispos d'aquella Diocese, extincta por effeito da invazão dos Arabes. Fóra da porta ainda se vê um tumulo que dizem ser de Wamba, religioso benedictino pertencente á familia do celebre rei Godo successor de Flavio Recesvindo.

Fermentões: — Fóra-montãos ou Fóra-montões.

Sande: — (S. Martinho) Foi mosteiro benedictino que teve por Abbade Receswinto, poeta e orador, fallecido no dia 3 de março de 668. Em 660 assistiu com o seu collega Wamba, de Briteiros, ao X.º Concilio de Toledo.

Em maio de 1748 appareceu aqui sob um penedo uma talha contendo 360 moedas de prata de D. João I.

A egreja de Santa Maria de Villa Nova de Sande teve mosteiro de conegos Regrantes.

Paraizo: — Denominou-se de *S. Miguel do Inferno*, até que D. fr. Bartholomeu dos Martyres lhe mudou o nome. Ainda hoje alli ha o logar do Inferno.

Santa Maria de Silvares e Santa Maria de Athães, freguezias celebres pela grande derrota que numa e n'outra soffreram os castelhanos.

Villa Nova das Infantas deveria antes chamar-se dos Infantes, pois foi dada em 1253 ao mosteiro de Santo Thyrso, por D. Martinho e D. Urraca, filhos de D. Sancho I.

Souto: — (S.ta Maria) D. Gomes de Maceira fundou-lhe em 1200 um mosteiro de conegos Regrantes.

Souto: — (S. Salvador). D. Paio Guterres da Cunha fundou-lhe em 1080 um mosteiro de frades Cruzios.

Tagilde: *(atanagildi)* — Foi fundada em 560 por Atanagildo, rei Godo. No casal do Paço, d'esta freguezia, nasceu em 1200 S. Gonçalo da Amarante.

Caldas: — (S. Miguel) D. Affonso V de Leão e sua mãe a rainha Geloira estiveram aqui no anno de 1014, confirmando as escripturas e privilegios que os frades do mosteiro de D. Mumadona levaram áquella freguezia. (Vid. Estaço).

Longos: — (S.ta Christina). Sob uma lage appareceram aqui, em maio de 1738, duas talhas cheias de moedas romanas dos imperadores Diocleciano, Maximiano, Maximino, Constantino, Constancio e outros. Adquiriu-as o illustre vimaranense Thadeu Luiz Antonio Lopes de Carvalho.

ORAGOS DAS FREGUEZIAS DE BRAGA

Orago	Freguezia
Santa Maria de	Sé (cidade)
	Adaufe *(ataulfu)*
	Avelleda
	Ferreiros
	Lamaçães
	Lamas
	Mire de Tibães
	Palmeira
	Panoias
	Sequeira
	Sobreposta
O Salvador de	Arentim
	Figueirêdo
	Nogueiró
	Pedralva
	Tebosa
	Trandeiras
S. José de	S. Lazaro (cidade)
S. João de	Souto (cidade)
	Nogueira
	Semelhe
Santa Anna de	Vimieiro
S. Pedro de	Maximinos (cidade)
	Escudeiros
	E'ste
	Lomar
	Merelim
	Oliveira
S. Thiago de	Cividade (cidade)
	Esporões
S. Thiago de	Fraião
	Priscos
S. Miguel de	Cabreiros
	Cunha
	Frossos
	Gualtar
	Guizande
	Morreira
S. Martinho de	Espinho
	Dume
S. Paio de	Arcos
	Merelim
	Pouzada
	Parada
	Ruilhe
S. Victor	Cidade
S. Lourenço de	Celleirós
	Navarra
Santa Eulalia de	Crespos
	Tenões
S. Mamede de	Este
Santo André de	Gondizalves
Santo Adrião de	Padim da Graça
S. Julião de	Passos
Santo Estevão de	Penso
S. Vicente de	Penso
S. Jeronymo de	Real
Santa Lucrecia	
S. Bartholomeu de	Tadim e Fradellos
Santa Cicilia de	Villaça

Adaufe: — Nuno Odoris e sua mulher Adozinda Viscoi fundaram-lhe em 1070 um mosteiro benedictino.

Avelleda: — No tempo de Vespasiano havia na Germania uma prophetiza e druidiza celebre chamada *Velleda*.

Dume: — Em 566 fundou aqui Theodomiro, rei Suevo, um convento benedictino, que S. Martinho dirigiu até 580 em que falleceu.

Na actual egreja, construida em 1737, conserva-se o tumulo de marmore em que S. Martinho esteve até que no anno de 1606 trasladaram os venerandos restos para a Cathedral de Braga.

N'esta freguezia viveram os romanos. Nas ruinas da antiga egreja appareceram lapides votivas e funerarias d'aquelle grande povo, e ainda hoje por aquelles sitios abunda a telha de rebordo e os fragmentos de columnas e capiteis antigos.

Esporões: — Asperões. Em frente á nova escadaria da egreja conserva-se a *Capella da Caridade*, feita em 1638, a expensas de dois benemeritos que tambem á distancia de quatro metros para a frente fizeram construir uma pequena casa em que fundaram um celleiro com o fim altamente sympathico de emprestarem aos lavradores d'aquelles sitios o milho para as sementeiras, ficando estes obrigados a entregal-o no S. Miguel com mais um quarto em cada alqueire.

Na padieira da porta d'este pequeno edificio ainda se lê:

AQVI SE RECOLHERA'
O PÃO DA CHARIDADE
Q ENTANTO DVRARA'
Q.TO DVRAR AVERDADE.
A POBRES O EMPRESTARÃO
P. FAZER OS SERVIÇOS.
NO S. MIGEL O TRARÃO
LIMPO SECO E SEM VICIOS
....

A VIRGEM LHES FAZ A GRAÇA
TERNA MAI DE PECADORES.
E QVE NÃO AJA TRAPAÇA
DESSES FIEIS LAVRADORES.
E SE AVERDADE FALTOV
O QVE SE VE CLARAMETE
A CHARIDADE PASSOV
....
....

A capella tem na frente um alpendre sobre duas columnas toscanas, e no alto da porta estes dizeres:

ET VNDE HOC MIHI VT VENIAT
MATER DNI MEI ADME L.VO 1.º C.

LOVVADO SEIA O SANCTISSIMO
SACRAMENTO DO ALTAR E TAMBE
A IMMACVLADA CONCEIÇÃO DA VIR
GEM NOSSA SRA CONCEBIDA
SEM PECCADO ORIGINAL AVE M.ª

Fraião: — Entre os Godos era nome proprio de homem.

Lomar: — Tambem nome proprio entre os Arabes — *Al-Omar*.

Palmeira: — O couto de Palmeira foi dado aos Arcebispos de Braga em troca da rua Nova que possuiam em Lisboa (Pinho Leal, Dicc.)

Pedralva: — Por estes sitios a pedra é bastante branca. O nome da freguezia virá de *Pedra alva*? Em 26 de novembro de 1238, el-rei D. Sancho II deu este couto ao Arcebispo D. Silvestre Godinho.

Cividade: — Proximo d'esta egreja parochial urbana appareceram, em julho de 1744, quasi 300 moedas de ouro, romanas, de Nero, Galba, Vitelio, Vespasiano, Tito, Domiciano, Nerva, Trajano, Hadriano, Antonino Pio, Marco Aurelio, Lucio Vero, Faustina e Plautino. Um inglez comprou 200, e as restantes levaram descaminho.

Appareceram mais, em 13 de julho de 1892, duas talhas cheias d'estas moedas romanas soterradas na antiga rua do Coelho, que então desappareceu com a abertura da rua Nova d'el-Rei.

Num desaterro da rua de S. Thiago, proximo da torre da egreja, poz-se a descoberto em agosto findo um curioso mosaico romano bastante extenso de que reuni alguns fragmentos no meu pequeno museu.

FINIS
PRIDIÉ KALENDAS JANVARII
ANNO Á NATIVITATE DOMINI
MILESIMO NONGENTESIMO

INDICE

DAS MATERIAS CONTIDAS N'ESTE VOLUME

RESPEITANTE A BRAGA

Pag.

CAPELLAS

RESPEITANTE A GUIMARÃES

CAPELLAS

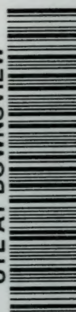
INDICE DAS GRAVURAS


LIBRARY
25
1970
UNIVERSITY OF TORONTO

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

BRIEF
DPB
0001357


UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 09 07 19 08 011 7